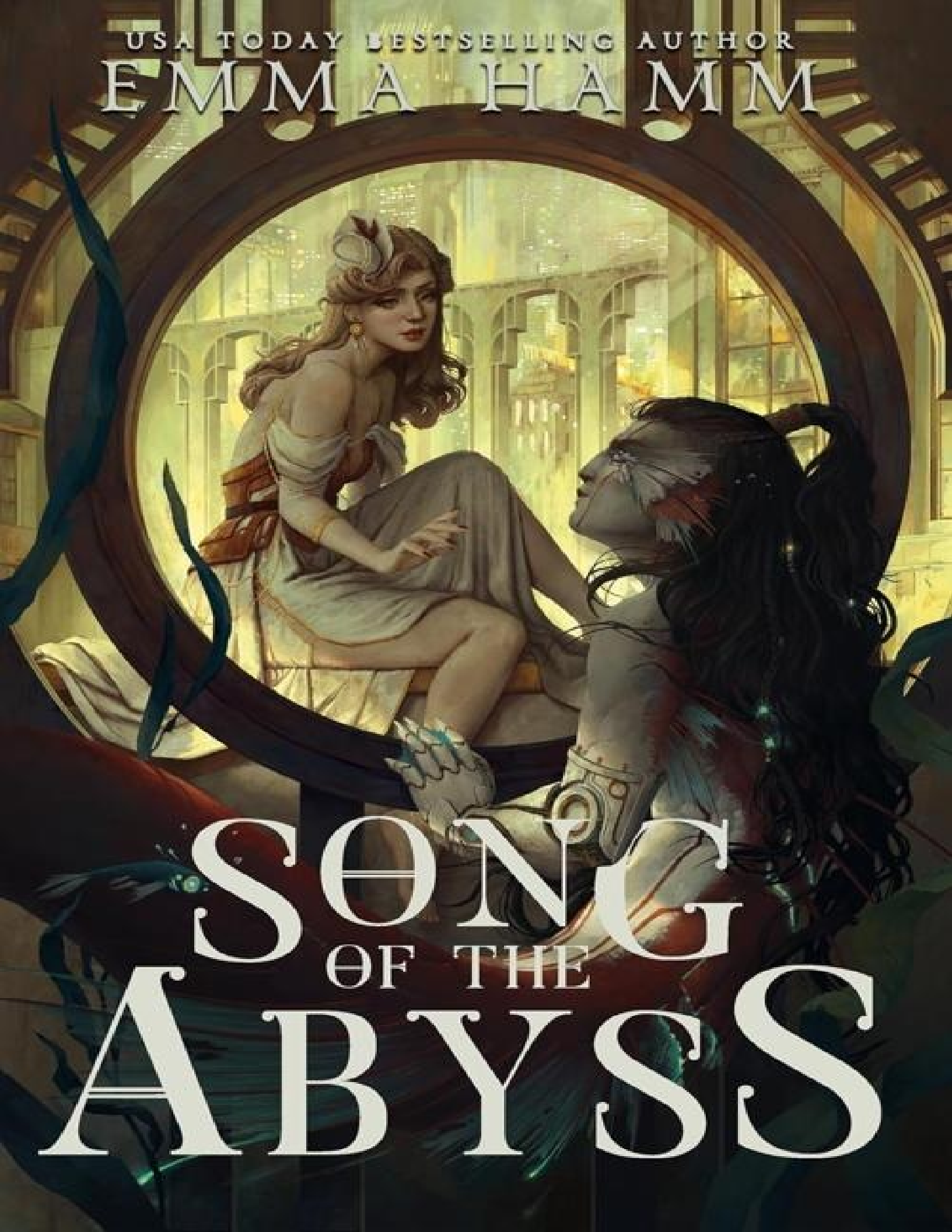
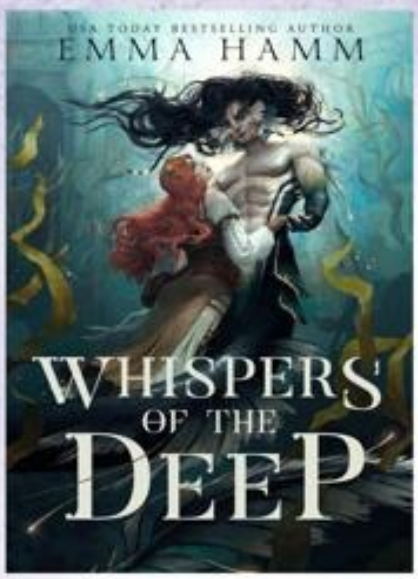
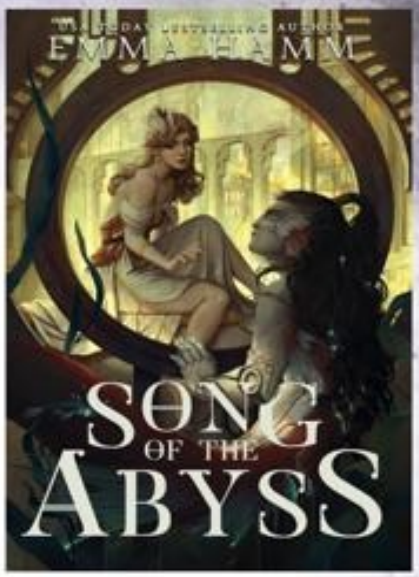

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
EMMA HAMM
SONG OF THE ABYSS

DEEP WATERS

ORDEM DE LEITURA









SINOPSE

Como um pássaro em uma gaiola, Anya passou toda a sua vida como a filha perfeita do General. Ele estala os dedos e ela pula. Ele lhe diz para sorrir, e ela brilha como se fosse feita do próprio sol. Mas, por trás de todos esses jogos e brilhos, ela está trabalhando para destruir seu pai e salvar a cidade que ama.

Quando um ondino entra sorrateiramente em sua cidade, com a intenção de sequestrá-la, ela deixa que ele a leve.

Daios é atormentado pelas decisões de seu passado. As almas o assombram, as lembranças seguem cada movimento seu e tudo o que ele sabe é que talvez roubar essa mulher o absolva de seus pecados. Se ele puder leva-la ao seu povo, então eles poderão destruir a cidade onde seu ódio nasceu. Ele tem certeza de que isso será fácil. Mas então ele vê a filha do General e sabe que nada mais será como antes.

Quebrado e danificado, ele tem certeza de que nenhuma fêmea jamais o amará. Ele não deveria nem tentar encorajar os instintos de acasalamento que o dominam no momento em que a vê.

Mas quando ele percebe que ela é igual a ele, diferente de seu povo e na periferia do que os outros consideram “normal” ele sabe que está perdido. Mesmo que isso signifique que ele tenha que arriscar tudo para ficar com ela.

PREFACIO

No primeiro livro, eu fiz um prefácio dizendo às pessoas para deixarem a ciência de lado. Mais uma vez, repito isso. Não há ciência neste livro de monstro, então, por favor, sente-se e aproveite o absurdo.

Agora que isso está resolvido.

Quero agradecer especialmente aos leitores que foram gentis o suficiente para folhear este livro por mim. Foi um prazer absoluto que vocês vissem através dos olhos de Anya e garantir que eu representasse a comunidade de deficientes auditivos de uma forma respeitosa e precisa.

Esta história não seria o que é sem todas vocês. Vocês são rainhas absolutas, e eu adoro muito todas vocês.

1

DAIOS

O leviatã o chamou.

O kraken sabia seu nome.

As profundezas do mar eram parte dele e Daios era parte disso. Mas em algum momento, recentemente, ele perdeu essa conexão. Ele a sentiu estalar e cortar em um momento selvagem de liberdade onde ele pensou que estava salvando os outros. Agora, o mar o deixou sozinho.

E Daios nunca esteve tão sozinho assim antes.

Ele se debateu. Arremessado e rejeitado pelas correntes que antes sempre o empurravam pelo mar com velocidade sobrenatural. Ele era o filho favorito, o maior de seu grupo de filhotes, e aquele que deveria honrar a todos. Embora ele nunca fosse um líder - sua raiva sempre foi quente demais para isso - ele seria a onda que se interpunha entre eles e todo perigo.

Esse era seu propósito. No entanto, ele havia falhado com eles. Ele havia levado seu povo à morte certa, e ele não conseguia esquecer isso.

— Sua mente está conosco, irmão? — Maketes gritou, o brilho amarelo de sua barbatana atravessando a água à sua direita. — Você sabe que precisamos de todos vocês aqui para isso.

Maketes tinha sido o único irmão a ficar perto dele depois de... tudo isso. Mesmo que ele provavelmente não devesse ter ficado. Maketes tinha sido aquele que ainda via algo valioso na forma sangrenta e quebrada que Daios tinha ficado. Mesmo quando ele estava enfurecido. Mesmo quando ele tinha prometido destruir a única coisa que seu irmão de sangue tinha achado querida.

Essas memórias ameaçavam dominá-lo. Ele já havia sofrido com

elas crescendo em sua mente várias vezes antes, e agora ele sabia dos sinais de alerta antes que isso acontecesse.

Seus corações se moveram em seu corpo, um se movendo para sua garganta e o outro caindo abaixo de seu estômago. Ambos batiam tão forte que era difícil pensar além do bater que nunca parecia terminar. Era tudo em que ele conseguia se concentrar. Tudo em que ele conseguia pensar.

E então as memórias vieram.

— Estamos aqui para encontrar a garota, lembra? — A voz de Maketes filtrou-se através das palpitações e respirações irregulares. — Estamos aqui para encontrar a filha do General. Ela nos contou como a garota se parece e onde ela costuma ficar na cidade.

Ele se lembrava.

Como ele poderia esquecer? Era a única tarefa que lhe tinham confiado desde que ele tinha... desde que tudo tinha acontecido.

Mais uma vez, seus corações trovejaram, atravessando sua mente e forçando-o a pensar nos achromos novamente. Os humanos, como Mira os chamava. Eles eram criaturas que não tinham lugar neste oceano e os monstros contra os quais ele lutou desde que não passava de um garoto. Eles desmantelaram este oceano, envenenaram-no, espalharam-se e multiplicaram-se em número até que ele nem tinha certeza se poderiam ser derrotados.

Eles vieram até seu povo com armas tão poderosas que nem mesmo as profundezas abaixo conseguiram lutar contra eles. Ele deveria saber. Ele as viu em primeira mão.

Sua cabeça começou a girar. Sua visão se distorceu para o lado e ele não conseguia mais ver onde estava. Havia... algo à sua frente. Algo para o qual ele provavelmente precisava se preparar. Eles estavam perto da cidade, não estavam?

Alfa, Mira a havia chamado. E a companheira humana de seu irmão

saberia. A cidade dourada de luz onde apenas os mais importantes de sua espécie viviam. Esta era a cidade na qual ele precisava se infiltrar, e ele era o único louco o suficiente para fazê-lo.

O único que eles puderam dispensar.

Ele estendeu a mão para uma pedra na sua frente, pretendendo se apoiar nela por apenas alguns momentos. As correntes estavam repentinamente selvagens ao redor de seu corpo, jogando-o para todos os lados, e tudo o que ele queria era um momento de paz por apenas um segundo.

Ele tentou alcançar a pedra e errou. Porque não havia mais um braço ali. Ele havia sido tirado dele assim como todas as vidas das pessoas que ele havia liderado.

Tudo se deformou ao redor dele. A pedra se moveu, balançando como se não fosse mais sólida. Ele mal conseguia sentir o toque frio do oceano em sua pele. Estava tudo errado. E então ele ouviu. O barulho alto e estrondoso de tiros sendo disparados contra ele. Ele tentou se virar para sair do caminho, mas isso só voltou sua atenção para os pesadelos que o seguiam.

Ele podia ver pedaços de seu próprio povo flutuando à distância. Um corpo mole, o torso afundando mais rápido que a cauda, tão gracioso que era quase tão bonito quanto de partir o coração.

Então um clarão de luz, e havia mais deles. Sangue encharcando a água, enchendo suas guelras com aquele gosto metálico. E ele tinha vergonha de admitir que quase gostou do gosto. Ele sempre gostou. Daios era um guerreiro. Ele lutou a vida inteira e o gosto de sangue na água sempre o fazia lutar mais, mas esse era o sangue do seu povo.

Culpa dele.

Todos aqueles corpos, flutuando ali, para nunca mais nadar ou respirar. Eles eram culpa dele. Ele tinha feito isso.

E de repente ele pôde sentir a dor no braço novamente. A picada da

água salgada queimando o coto inútil que o marcou como *outro* pelo resto da vida. Ele não era digno de ser o escudo deles.

Ele não era digno de ser nada.

Um peso atingiu seu lado, empurrando-o contra a pedra e prendendo-o. Por um momento, Daios pensou que tinha sido atacado novamente. Ele lutou de volta. Sua cauda se contorcendo enrolou-se em torno de quem ousou tocá-lo, puxando o outro para mais perto e apertando com força suficiente para que ele ouvisse o chiado de dor de quem fosse tolo o suficiente para pensar que ele era fraco. Mesmo naquele momento, ele não era fraco.

Ele era um guerreiro poderoso e mataria todos que estivessem em seu caminho. Porque tudo o que ele conseguia ver eram corpos flutuando à distância.

E foi culpa dele. Ele era o pesadelo que tinha chegado ao seu povo e prometia esperança. Mas tudo o que ele tinha dado a eles era a morte.

— Daios. — O chiado veio de dentro de seu aperto. — Você está se perdendo de novo.

Perdendo? Ele não estava perdendo nada além das pessoas que confiaram nele para mantê-las seguras. E seu braço. Por todos os deuses do oceano, ele ainda conseguia senti-lo. Ainda parecia que ele podia flexionar os dedos e alcançar algo, mas não conseguia. Não estava lá.

Apertando mais forte, ele congelou quando quem quer que estivesse sob o aperto de sua cauda bateu contra suas escamas.

— Daios. Temos que sair do caminho ou os achromos vão nos ver.

Tudo voltou ao foco. De repente, ele pôde ver onde estavam novamente. O oceano se clareou de luzes piscantes e gritos que vinham apenas de sua mente. Eles não estavam em Beta, onde ele havia perdido tantos de seus entes queridos. Eles estavam na frente de Alfa e ele os havia colocado em outra situação comprometedora.

Olhando para baixo em seu peito arfante, ele podia ver que tinha

enrolado sua cauda em torno de Maketes. Luzes vermelhas piscavam para cima e para baixo em suas escamas, por todo o caminho de sua enorme nadadeira até seu peito. Luzes de alerta para nada chegar perto dele. Seu irmão estava completamente enrolado em sua cauda, chocantemente, mas Daios esqueceu que seu irmão de barbatanas amarelas era muito menor.

Maketes bateu contra seu lado novamente, suas garras arranhando inofensivamente as escamas muito maiores de Daios.

— Me solte.

Ele fez.

Daios não sabia o que dizer, no entanto. Ele nunca foi bom com palavras, e um pedido de desculpas ficou preso em sua língua porque não parecia ser o suficiente. Ele atacou seu amigo mais próximo, sem razão, porque perdeu o conhecimento de onde eles estavam. O que ele deveria dizer em uma situação como essa?

Então, em vez de falar, ele apenas grunhiu. Um som profundo, mas que ele esperava que retratasse que ele não estava em seu perfeito juízo. Que ele não teria feito isso se tivesse percebido onde eles estavam.

Maketes disparou para longe dele, sua cauda piscando algumas vezes em agitação. Até mesmo suas guelras se alargaram em volta de suas costelas, provavelmente para obter mais ar em seu corpo depois de ser espremido com tanta força.

— Ridículo, — Maketes murmurou. — Eles me colocaram com ele para cuidar dele, mas como eu vou lutar contra isso?

— Você não vai — respondeu Daios.

— Exatamente. Você perde a cabeça como tem feito tantas vezes, e o que eu devo fazer?

Ele encarou o irmão nos olhos, vendo a preocupação e o medo naqueles grandes orbes, mas sabia que não havia uma boa resposta.

— Fique fora do meu caminho.

— Isso não é uma opção. E se você decidir deixar o oceano vermelho com o sangue deles? E se você for morto? — Maketes alisou as mãos pelas guelras das costelas, tentando empurrá-las para baixo e falhando miseravelmente. — Você quer perder seu outro braço? É assim que você perde seu outro braço. Então mantenha sua cabeça no lugar, pare de pensar no que quer que esteja pensando e vamos ficar juntos, ok?

Ele não tinha tanta certeza de que conseguiriam fazer isso. Porque no momento em que ele tirava sua atenção de Maketes, mais tinha certeza de que isso não seria fácil.

Alfa se espalhou diante deles como uma bolha gigante. Mira havia explicado a eles o que deveriam esperar ver, mas ele nunca pensou que seria assim. Beta eram torres de edifícios, projetando-se e alcançando o oceano. Alfa tinha um escudo próprio.

A cidade dourada. Cada torre e edifício dentro daquele escudo era dourado. Ele brilhava com luzes internas, brilhando como um pequeno mundo mantido seguro com uma cúpula de vidro colocada sobre ele. Mesmo dessa distância, ele podia ver a vegetação. Árvores, Mira disse, embora ela nunca tivesse visto uma. Havia algum tipo de luz extravagante que permitia que plantas crescessem dentro dela. Pontos de pessoas se moviam livremente pelas ruas, tudo em uma cúpula enorme em vez dos corredores finos e escondidos que tinham visto em Beta.

E em todos os lugares ao redor da cidade era plano. Completamente e totalmente plano. Destruído por máquinas há muito tempo, arrasado até o chão, de modo que não havia como nadar perto das paredes de vidro sem ser visto. Ele estreitou o olhar, concentrando sua atenção nos pequenos pilares espalhados por aquela paisagem achatada. Enquanto observava, um cardume de peixes começou a se aproximar da cúpula. Um desses pilares ganhou vida, uma luz dentro dele se reunindo antes de disparar em direção às criaturas nadadoras.

Eles evaporaram em uma nuvem de sangue.

Maketes soltou um assobio baixo.

— Não vai ser fácil entrar nisso.

— Vai ser fácil o bastante. — Daios se acomodou na areia, achatando seu corpo e sua cauda contra a borda antes que o chão se achatasse. Estreitando os olhos, ele esperou.

E esperou.

Tempo suficiente para que Maketes dramaticamente virasse de costas e olhasse para cima deles.

— Fácil o bastante, você diz? Parece que estamos aqui há uma eternidade.

— Estamos aqui há apenas alguns momentos.

— Estamos aqui há horas e horas e tudo o que você está fazendo é ficar olhando. Como você não se move por tanto tempo?

Daios respirou fundo e se acalmou.

— Você se lembra de como você disse que viajar comigo é difícil?

Virando a cabeça para olhar na direção de Daios, Maketes respondeu:

— Sim.

— É difícil fazer *isso* com você. Agora, se você puder focar sua atenção em encontrar o padrão entre esses pilares, então podemos chegar a algum lugar. Caso contrário, volte e informe a Arges que estou aqui.

— Eu não deveria deixar você sozinho.

Claro que não. Porque todos estavam com medo de que ele de repente acreditasse que era mais poderoso do que era e tentasse atacar Alfa sozinho. Como se ele fosse tão tolo. Ele era um guerreiro com muita bravura, isso ele admitiria, mas ele não estava prestes a fazer algo que o mataria.

— Vá embora — ele rosnou.

— Tem certeza de que não vai…

Um rosnado baixo e estrondoso irrompeu de seu peito. As guelras achataram-se em sua forma, ele olhou para seu amigo até que Maketes levantou suas mãos palmadas pedindo paz.

— Certo — disse Maketes. — Vou deixar você em paz. Só não vá explodindo naquela cidade sem que ninguém saiba para onde você está indo ou como chegou lá, ok? Vou deixar os outros saberem que estamos aqui e que estamos descobrindo.

Seu irmão desapareceu em um redemoinho de ouro brilhante, quase igualando-se à cidade em si, antes de nadar para longe. Mas então Daios pôde se concentrar na tarefa em questão.

Apesar de não confiarem nele, Daios era um guerreiro experiente. Ele sabia como esperar. Como ter paciência. Tais coisas eram impossíveis para Maketes sequer considerar, porque seu irmão sempre fora o trapaceiro. Ele encontrava alegria em todas as partes da vida, e nunca pensou em quão difícil poderia ser se ele estivesse errado.

Daios ficou deitado na areia, imóvel, por dias. Demorou um pouco para qualquer outro peixe testar os pilares, mas quando o fizeram, ele pôde ver quanto tempo levou para carregar as armas. Havia um caminho através dele. Ele sabia que havia. Ele só tinha que ser paciente o suficiente para vê-lo.

Nenhum guerreiro verdadeiro contaria os dias ou sequer pensaria em se preocupar com quanto tempo ele estava ali. Ele agarrou alguns dos peixes que nadavam por ele para se alimentar, até mesmo uma enguia que deslizava perto o suficiente. Sorver a enguia elétrica lhe deu uma carga de eletricidade que desceu por seus lados e correu pelas guelras carmesim nas laterais de seu pescoço.

Então ele viu.

Tudo se encaixou. O padrão que o levaria à destruição desta cidade e de todos os que viviam nela.

Com uma explosão repentina de movimento, ele se empurrou para

fora da areia e disparou em direção aos pilares. Houve apenas alguns segundos enquanto os pilares carregavam, mas quando eles o fizeram, ele já tinha passado por eles. Correndo da esquerda para a direita, ele se moveu pelos escassos pontos cegos e pelas pequenas oportunidades onde lhe eram permitidos alguns momentos sem medo de dor intensa.

Algumas das armas leves e afiadas roçaram seu ombro, sua espinha. Uma atravessou sua nadadeira. Mas ainda assim, ele seguiu em frente. Ele era o único louco o suficiente para fazer isso e o único que eles poderiam realmente poupar se algo desse errado.

Mas ele queria provar que, mesmo que estivesse quebrado, ele ainda valia alguma coisa. Ele ainda podia fazer...

Isso.

Havia um pequeno tubo que ele notou de sua grande distância. Parecia que um pouco de água entrava e saía dele, um sistema de filtragem, talvez. Ele os tinha visto antes em Beta e havia destruído muitos deles em seu tempo. Se ele conseguisse passar por ele - o que era um grande se - então talvez ele pudesse entrar na cidade.

Nadando além do último conjunto de lasers, ele se empurrou contra o fim do tubo. Havia uma grade de metal sobre ele, mas foi fácil o suficiente para arrancá-la quando um laser o atingiu. Expondo seus dentes afiados em um rosnado, ele se contorceu para dentro do túnel e desapareceu da vista dos lasers.

E assim, de repente, ele entrou.

Virando-se para olhar para trás, de onde tinha vindo, uma última vez, Daios tentou não ouvir os gritos de todos aqueles que ele havia deixado para trás, seguindo-o para dentro dos canos.

2

ANYA

— Ace, estou um pouco ocupada.

— Mensagem recebida. Informações foram adquiridas.

— Negativo, — Anya respondeu enquanto sua androide retransmitia a mensagem através da lente atualmente na mesa. — Não até eu terminar o novo upload. Você pode fornecer as informações depois.

Outra mensagem chegou, esta sublinhada em vermelho.

— Urgente.

— Claro que é urgente, — Anya murmurou. Usando o alicate em suas mãos, ela abriu o pequeno painel na parte inferior de sua androide. Era um modelo muito antigo, nem mesmo um que era feito atualmente. Seu pai gostava que fosse quase impossível reprogramar as malditas coisas, então foi esse que ela recebeu.

Mas Anya tinha descoberto como reprogramá-lo, mesmo depois que os técnicos continuaram a mexer nos painéis elétricos. A pobre coisa era pouco mais que pernas. Às vezes ela achava que parecia uma daquelas lulas do fundo do mar. Apenas uma cabeça bulbosa, do tamanho de uma clementina, com uma tela na frente que projetava adoráveis olhos piscantes. Mas as quatro pernas foram feitas para envolver a cabeça de alguém.

O design pretendido para este modelo de androide era para ampliação. Engenheiros às vezes os usavam, mas ela tinha ouvido falar principalmente deles sendo usados em trabalhos artesanais. Joalheiros usavam a tela para ampliar as pequenas configurações, facilitando a conclusão de seus trabalhos.

O pai dela reprogramou a androide dela para que Anya pudesse interpretar o que as pessoas estavam dizendo. Depois do acidente, isso foi mais útil do que qualquer um dos médicos que ela viu. Pelo menos isso ele fez.

O pequeno painel finalmente saiu. Trocando seu alicate por um de ponta fina, ela finalmente tirou o pequeno chip que os técnicos tinham instalado em sua androide. Eles sempre faziam isso. Por algum tipo de razão de segurança, aparentemente, mas ela sabia a verdade. Eles queriam espioná-la, e ela não ia deixar.

Arrancando o chip, ela tirou o seu da gaveta onde tinha cerca de trinta, todos reprogramados. Eles faziam isso todo mês, e toda vez, ela trocava o chip deles pelo dela.

Inserindo-o com muito cuidado, ela fechou o painel novamente e então lentamente colocou o droide de pé novamente.

— Como foi, Bitsy? — ela perguntou, dando um tapinha gentil no topo da cabeça da androide.

Seus olhos tremeram algumas vezes, piscando rapidamente antes de pegar uma perna e acenar para ela. Ela mal conseguia ver uma mensagem piscando na lente que ele segurava em uma das pernas.

— Mais como eu mesma.

Era isso que ela gostava de ouvir. A androide era sua melhor amiga, e realmente a única amiga naquele lugar. Qualquer outra pessoa em quem ela confiasse, como Ace, não estava em Alfa.

— Bitsy, envie uma mensagem para…— Ela congelou, olhando para o reflexo no vidro de Bitsy. Havia uma pessoa na porta. Alguém parado ali como se estivesse ouvindo o que ela tinha a dizer.

Girando, ela percebeu que havia na verdade duas pessoas em seu quarto. A primeira devia ter acabado de entrar, embora a mulher tivesse uma expressão de surpresa no rosto. Uma empregada, pensou Anya. Ou algo assim. Ela só tinha visto a mulher por aí algumas vezes antes, mas

ela segurava uma pilha de roupas nas mãos.

Agora, olhando diretamente para eles, ela conseguia distinguir os sons abafados de suas vozes. Ela só não as tinha ouvido por causa da música que tocava porque Anya gostava de ter ruído de fundo sempre que estava sozinha. Caso contrário, tudo o que ela conseguia ouvir era o grito estridente de seu zumbido agindo.

Ela conseguia ler os lábios da empregada mais próxima dizendo:

— Sinto muito, senhorita... — mas então a mulher virou a cabeça para a outra e todas as palavras se perderam.

— Droga, — Anya murmurou, erguendo a mão para situar Bitsy em sua cabeça e abaixando a lente sobre seu olho. Ela perdeu algumas palavras, mas elas voaram imediatamente na tela em frente ao seu olho esquerdo.

— …disse para te vestir. Estas são as roupas que ele escolheu, Srta. Anya.

Respirando fundo, ela se lembrou de que hoje à noite ela deveria acompanhar seu pai a um jantar beneficente. Todas as pessoas ricas e famosas estariam lá, do qual ela supôs que fazia parte. Basta olhar para o quarto dela.

Anya não tinha permissão para chegar perto dos limites da cidade, então seu pai lhe dera o melhor quarto que conseguiu encontrar no interior. Paredes douradas esculpidas com deuses e deusas, embora sempre parecessem muito intimidantes para ela. Sua cama era um monólito redondo e enorme. A cabeceira era para parecer uma concha dourada com uma madrepérola incrustada no interior. As minúsculas lascas de mosaico foram colocadas tão meticulosamente que parecia que seu pai tinha realmente encontrado uma concha desse tamanho.

Claro, seus pisos eram todos acarpetados com um material grosso e felpudo que tinha vindo de Cima. Literalmente. Ela até tinha um toca-discos de Cima que seu pai tinha gasto o salário anual de alguém para

conseguir. Mas ele queria que ela tivesse todas as coisas boas possíveis. Até mesmo o banheiro com sua piscina de água salgada que supostamente ajudaria com sua terapia de alguma forma.

Ela pensou que era tentar demais. Ela tinha perdido a audição, não a mente.

Esfregando uma mão sobre o lado livre do rosto, ela assentiu antes de gesticular para as roupas.

— Eu esqueci. Vamos ver o que ele escolheu para mim.

O que ela realmente queria fazer era reclamar sobre como seu pai parecia pensar que ela não passava de uma boneca para ele vestir. Ele sempre lhe enviava uma roupa antes de qualquer evento. Ele dizia a ela exatamente o que vestir, como vestir e por quanto tempo ela ficaria usando. Ele dizia a ela onde ir, o que comer, até mesmo como agir. E tudo isso aconteceu depois do acidente dela.

Rangendo os dentes, ela se moveu para trás de sua divisória de marfim para tirar suas roupas muito mais razoáveis e colocar seu corpo no que seu pai considerava apropriado para a filha do General.

Era um vestido bonito. Quase uma combinação perfeita para seu cabelo loiro, um lindo padrão amarelo com um decote reto e sensato. A saia sino girava em volta de sua cintura e se ajustava muito bem ao seu corpo. Mas era um pouco apertada demais em volta de suas costelas, e cada respiração era um lembrete de que ela não conseguia respirar. Não com este vestido, e não nesta cidade.

— Você está bonita — Bitsy disse, as palavras brilhando diante de seus olhos. Pelo menos aquela frase assumiu como ela se sentia quando se olhava no espelho.

Suspirando, ela puxou o cabelo para trás em um coque torcido e então saiu para seu quarto. Ela pensou que talvez as duas mulheres fossem embora, mas não. Claro que não. Elas ainda estavam de pé exatamente onde ela as havia deixado, prontas para acompanhá-la.

Para literalmente acompanhá-la ao jantar beneficente porque ninguém confiava nela.

Com as duas mulheres de cada lado, ela deixou seus aposentos privados e seguiu para a loucura da rua. Ela vivia sozinha, pelo menos. Foi a primeira e última discussão que ela ganhou com seu pai. E talvez fosse porque ele tinha instalado tantas pessoas ao redor dela que era quase como se ela ainda estivesse morando na casa dele.

As ruas estavam movimentadas hoje, no entanto. Todos os caminhos de pedra estavam cheios até a borda com homens e mulheres vagando por aí. Algumas pessoas estavam fazendo compras, e seu shopping center era realmente lindo. As esculturas intrincadas faziam parecer que estavam dentro de uma colmeia de abelhas, todas as janelas delicadamente arrumadas com todas as obras de arte e criações de vidro soprado que existiam em Alfa.

Todos usavam suas melhores roupas, mas quando não? Cores brilhantes de pedras preciosas queimavam em seus olhos, mesmo enquanto Bitsy tentava ao máximo acompanhar a conversa. Palavras corriam em fluxos pela lente, rápido demais para que ela realmente as lesse, além de captar palavras singulares.

— Bitsy, — ela murmurou, esperando estar quieta o suficiente para que as outras mulheres não a ouvissem, mas também sem saber o quão alto ela estava falando. — Você pode parar com isso?

As palavras piscantes apareceram todas em letras maiúsculas, como Bitsy sempre digitava.

— Tem certeza?

— Por agora.

As palavras desapareceram, e ela ficou felizmente inconsciente de tudo ao seu redor. O zumbido da conversa se transformou em um tom, quase impossível dizer quem estava dizendo o quê, era como se ela estivesse debaixo d'água, tudo abafado e misturado.

Elas caminharam pela multidão, e ela assentiu e sorriu sempre que alguém chamou sua atenção. Mas eventualmente elas chegaram ao jantar de banquete onde seu pai insistiu que ela fosse. Era realizado principalmente no jardim da frente de uma propriedade bastante grande que parecia ser feita inteiramente de mármore branco. Os pilares altos subiam dois andares e então se achatavam no telhado que ela sabia que estava cheio de um jardim.

Um político morava aqui. O homem e sua esposa geralmente estavam muito ocupados fazendo novas leis e aprovando projetos de lei que todos os cidadãos de Alfa tinham que seguir. Ela tinha certeza de que eles tinham algo melhor para fazer do que entreter mais ricos e famosos.

Em vez disso, eles estavam todos aqui. No jardim da frente, onde havia outro jardim e uma bela mesa de chá com mesas brancas pontilhando a grama. Exagerado, realmente, considerando que todas as pessoas convidadas provavelmente estavam de salto ou em suas melhores roupas. Elas provavelmente afundavam os calcanhares toda vez que davam um passo.

O pai dela estava no canto de trás, cercado por uma multidão de pessoas. Em um certo ponto, ele era um homem bonito. Mas anos de estresse desgastaram seu corpo. Onde ele costumava ser alto e largo, agora ele estava começando a curvar para dentro de si mesmo. Ele se recusava a carregar uma bengala, ou mesmo tentar pedir ajuda, no entanto. Ele tinha que ter a aparência adequada.

Uma das empregadas disse a ela que seu pai queria falar com ela - com o rosto virado para que Anya não soubesse o que a outra mulher havia dito se não fosse por Bitsy - e então apontou para o homem do momento.

Franzindo a testa, ela caminhou pela grama. Felizmente, ela não havia trocado os sapatos dessa vez. Nenhuma das empregadas havia

notado que ela estava com suas confortáveis sapatilhas brancas.

Elas foram a primeira coisa que seu pai notou.

As narinas dele se dilataram de raiva, e ela o viu se desculpar da multidão. Aquele andar pisando forte definitivamente significava que ele estava bravo com ela. Mesmo que ela não tivesse notado como os ombros dele estavam muito mais quadrados, ou como os olhos dele se estreitaram naquele olhar que ele guardou só para ela.

— O que você está vestindo? — ele disse, sua boca se contorcendo em torno do som, então ela só pôde presumir que ele sibilou as palavras.

— Bitsy, ligue a tradução de novo — ela disse, certa de que estava falando alto demais. — Desculpe, pai, o que você disse?

Novamente a dilatação das narinas. Novamente, os lábios franzidos que certamente significavam que ele estava prestes a explodir.

— Eu disse, o que você está vestindo?

Ela gostava de lembrá-lo sempre que podia que havia perdido a audição. Afinal, era culpa dele. E o homem a vinha expondo a situações que a deixavam desconfortável desde então.

Oh, sua pobre garotinha certamente era frágil demais para fazer as coisas sozinha. Essa era a desculpa que ele sempre dava. Mas não era por esse motivo. Não, ele queria mantê-la sob seu controle porque não confiava nela.

O velho era observador demais.

— As roupas que você me enviou — ela respondeu.

— Você está usando sapatos baixos! — Bitsy sublinhou e fez as palavras tremerem em vermelho.

Então sua pequena androide acrescentou em azul:

— Deus me livre!

Ela precisou de todas as forças nela para não sorrir.

— Desculpe, não farei isso de novo. Devo ter esquecido.

— Vá falar com os Harpswells, pode ser? Eles estão vacilando no

acordo, e preciso que assinem a papelada para construir o próximo centro de serviços no calçadão leste. — Ele apertou o nariz entre os olhos, exalando e puxando a máscara de volta sobre suas feições. — Seja legal.

Com esse último aviso, ele se virou para sua multidão de fãs adoradores e abriu os braços. Considerando o abafado barulho que então desapareceu no nada, ela só conseguia imaginar que eles estavam torcendo por ele.

Balançando a cabeça, ela pegou uma taça de champanhe de um garçom que passava, e começou a ir em direção aos Harpswells. Mas então ela foi parada por uma mulher de meia-idade que Anya pensou que fosse parte da família que comandava a guilda dos artistas. Ou talvez ela estivesse apenas no conselho. Ela não conseguia se lembrar.

— Como vai, querida? — a mulher disse, sua boca ficando apertada. As rugas em sua testa se aprofundaram. Não era uma boa aparência, considerando que seu cabelo claro tinha se tornado da cor de palha doentia.

— Estou bem, obrigada. — Ela realmente precisava passar por essa barreira de pessoa. Obviamente, todos sabiam que ela estava bem. Anya nem tinha se escondido em seu quarto recentemente, então ninguém poderia dizer que ela estava doente.

Ela deu um passo para o lado em volta da mulher, apenas para que ela espelhasse o movimento. Aquela boca franzida e enrugada disse:

— É só que nos preocupamos com você. Desde o acidente.

Anya estendeu a mão para tocar no vidro de Bitsy, apenas para que a androide acrescentasse na tela:

— Foi o que ela disse.

— O acidente que aconteceu anos atrás? — ela pediu esclarecimentos.

— Sim. — Os olhos da mulher se moveram rapidamente para as orelhas e para trás.

— Você se importa se eu fizer algumas perguntas sobre isso?

Claro que ela se importava. Ela não era uma boneca para todos eles passarem por aí. Os rumores podiam voar sobre o que aconteceu dez anos atrás, mas ela gostaria de deixar isso no passado. Especialmente quando ela tinha coisas para fazer, como ir falar com os Harpswells. Seu pai já estava olhando para ela. Os Harpswells estavam olhando para ela surpresos como se não pudessem adivinhar por que ela não estava bem ao lado deles. E essa mulher se esquivou dela *novamente* para fazer mais perguntas.

Ela não conseguia realmente ouvir a mulher. Estava tudo misturado, e Bitsy estava fazendo comentários sarcásticos em cima do que a mulher estava dizendo, o que tornava difícil adivinhar o que realmente estava sendo dito. Na maioria das vezes, Anya conseguia associar os lábios às palavras, mas ela estava tão sobrecarregada e todos estavam olhando para ela como se estivessem esperando que algo acontecesse.

De repente, ela se sentiu como um pássaro canoro que seu pai mantinha numa gaiola e só deixava sair para os amigos admirarem.

— Foda-se isso — ela murmurou.

— Desculpe-me? — disse a mulher. Ou pelo menos, Anya pensou que era isso que ela disse. A mulher se virou no último segundo, dificultando a leitura dos lábios.

— Você está perdoada — Anya respondeu, e então passou por ela.

Ela não ia ficar ali e ser a macaca performática para todos olharem. O pai dela poderia ficar bravo com ela, colocá-la em prisão domiciliar, o que ele quisesse fazer. Ela precisava respirar e não conseguia respirar ali.

Entrando na casa, ela foi até o fundo do prédio, onde não haveria ninguém. Anya ignorou todos que estavam por ali e socializando, fingindo que não percebeu quando alguém levantou a mão para falar com ela. E então, finalmente, felizmente, silêncio. Nenhum barulho,

nenhuma palavra ou tom que se misturasse, simplesmente nada.

Pressionando as costas contra a porta da sala de bilhar, ela soltou um longo suspiro. Esta era uma sala bonita, pelo menos. A piscina era grande o suficiente para dar voltas, e mais funda do que ela era alta. E Anya não era uma mulher pequena. Havia bancos por todo o lado, e pequenas áreas que mergulhavam no chão de pedra que estavam cheias de travesseiros. Talvez uma área de spa, se ela apertasse os olhos com força suficiente para isso.

— Isso não foi bem — comentou Bitsy, as palavras brilhando sobre a piscina.

— Eu sei — ela respondeu. — Confie em mim, eu sei.

— Ela vai falar.

— Eu sei, — Anya soltou um suspiro. — Eu sei que ela vai falar. Eles estão sempre falando sobre mim. Ninguém nesta cidade sabe o que privacidade significa.

Pisando forte perto da piscina, ela se acomodou em um banco e tocou seu dedo na tela de Bitsy.

— Faça uma conexão com Ace, por favor.

— Aqui? — O vidro quebrou um pouco, mostrando uma colcha de retalhos de quadrados antes que sua androide se acomodasse novamente. — Você tem certeza?

— Tenho certeza, Bitsy. — Suspirando, ela franziu a testa para algumas ondulações na piscina e olhou ao redor para ter certeza de que não havia mais ninguém na sala com ela. Mas ela estava sozinha, tinha certeza disso. — Conecte-se com Ace.

3

DAIOS

Pela primeira vez após seu ferimento, ele estava feliz por ter apenas um braço. Os canos eram apertados, e deslizar por eles era um trabalho extenuante em alguns pontos. Na maior parte do tempo, ele conseguia se mover por eles com bastante facilidade, no entanto. Havia espaço suficiente para sua cauda jogá-lo para frente. Com um braço levantado para guiá-lo pela escuridão, e o outro ombro dobrado para baixo, ele conseguia deslizar para o mundo deles com muita facilidade.

Esses achromos. Eles sempre tiveram tanta certeza de que estavam protegidos e seguros em suas pequenas bolhas, mas não eram infalíveis.

Ele passou muito tempo de sua vida aprendendo como lutar contra eles para não conhecer suas fraquezas. E a arrogância era a maior fraqueza que eles tinham.

Finalmente, ele viu uma pequena luz no fim da tubulação. Ele viajou por esta seção por um tempo, mapeando-a em sua mente enquanto ele pegava apenas direitas para garantir que ele sabia como sair. A última coisa que esta missão precisava era que ele ficasse preso no sistema de tubulação sem nenhuma ideia de como sair.

Ele manteve os medos sob controle. Mas as vozes constantemente sussurravam em sua mente. Pelo menos não havia mais ninguém para ele matar aqui. Pelo menos ele não poderia machucar mais ninguém se ele fosse o único que acabasse morto.

Talvez ele merecesse acabar morto, assim como todos os outros Povos da Água que sofreram as consequências de sua loucura.

Respirando lenta e superficialmente pelas guelras, ele conservou sua energia caso algo mais acontecesse. Mas estranhamente, esses canos

levavam direto para uma luz que tremeluzia no fim do túnel. Aquela luz dourada o chamava, mesmo que ele tivesse certeza de que poderia ser seu fim.

Esses achromos não viam o mundo como deveriam. Tudo o que viam era algo para saquear, e ele só conseguia imaginar que suas casas eram sombrias e repugnantes. Ele gostava de pensar que viviam em cavernas como enguias, olhando para fora de suas casas escuras com olhinhos redondos que observavam o menor vislumbre de fraqueza em qualquer coisa que se aproximasse deles.

Mas quando ele colocou a cabeça para fora da tubulação que levava a uma estrutura maciçamente profunda, ele ficou sem palavras ao perceber que tudo acima dele era *lindo.* O teto continha a imagem de nuvens, tão detalhadas e riscadas de rosas e vermelhos que era quase como se ele olhasse para o céu real. Ele só tinha visto a superfície algumas vezes nesta vida, mas parecia assim.

E a estranha piscina em que ele estava agora também estava decorada. Havia lascas de pedras preciosas brilhantes por todo o fundo. Essas pedras preciosas capturavam a luz dourada e cintilavam contra a parede em mil arco-íris que dançavam em todos os lugares que seus olhos olhavam. Até as paredes da piscina eram lisas ao toque quando não deveriam ser. Não podiam ser.

A rocha não era lisa. Não assim.

Ele estendeu a mão com garras e membranas e gentilmente deu um tapinha na borda. Era realmente adorável. Isso o fez odiá-los ainda mais. Eles acumularam essa riqueza para si mesmos quando seu povo poderia ter usado isso para construir casas mais confortáveis para si mesmos.

Um ronco baixo vibrou em suas guelras enquanto ele se movia para fora e se aproximava da superfície.

Rompendo a linha d'água, ele manteve a maior parte do corpo abaixo dela, mas levantou o olhar. Piscando para tirar a água dos olhos,

ele ficou surpreso ao ver ainda mais riqueza ali. Ouro jorrava do teto acima dele, e os bancos eram feitos de uma substância branca pura que ele nunca tinha visto antes.

Ele se puxou para fora da água um pouco mais longe, levantando a cabeça enquanto procurava por alguém na sala. E por um momento, ele pensou que estava completamente sozinho, até que alguém começou a falar.

Daios mergulhou na água novamente, seu coração disparado enquanto ele se preocupava que logo haveria gritos. O som era quase similar a gritos. Os gritos dos achromos eram terríveis, e ele sabia que eles invocavam outros com aquele horrível som de guincho.

Mas o som continuou e continuou, quase como se isso fosse intencional. Como se a pessoa não percebesse que estava gritando.

Franzindo a testa, ele permitiu que seus ouvidos estalassem acima da superfície novamente. E sim, era semelhante a um grito, mas nem de longe tão alto. O tom mudava continuamente para cima e para baixo, parte dele baixo e parte dele alto. Então ele percebeu de onde vinha.

Uma mulher estava sentada no canto, algo em suas mãos enquanto ela as acenava na frente dela em uma dança graciosa. Seus dedos voavam pelo ar diante dela, como se ela estivesse tocando algum instrumento que ele não conseguia ver.

O cabelo dourado dela combinava com o lugar, assim como o vestido amarelo que ela usava. Mas era o cabelo dela que ele não conseguia parar de olhar. Era tão... elegante. Uma cascata suave de cor dourada que estava preso no lugar com algum dispositivo em forma de garra que segurava todas as mechas onde ela queria. Mas ele queria arrancar isso da cabeça dela. Ele queria ver a queda brilhante e sentir se era tão suave quanto parecia.

Os dedos dele tremeram na água, uma reação estranha considerando que ele também queria matá-la.

Ela era muito pequena para ele se interessar. Seus corações não batiam por alguém que se quebraria no momento em que ele os tocasse pela primeira vez. Sem mencionar que ela era tão perfeita. Uma pequena estátua dourada escondida no meio de sua cidade dourada. Tão bonita e perfeita e *errada* para ele.

Um monstro deixaria manchas em algo tão lindo quanto ela.

Além disso, ele odiava a espécie dela. E ele iria destruí-los de dentro para fora. Ela nunca o veria como algo diferente de um pesadelo, nem deveria.

Por enquanto, ele saberia que essa piscina era um começo. Ele deveria retornar ao seu povo e deixá-los saber que ele havia encontrado um caminho para a cidade escondida. Ele poderia levá-los para Alfa, o que significava que ele provavelmente poderia proteger Mira e trazê-la até aqui. Então ela poderia roubar algumas de suas coberturas e entrar na cidade. De lá, ela poderia, esperançosamente, encontrar a filha do General.

Afinal, era isso que eles estavam procurando.

A porta do quarto se abriu, e ele mergulhou de volta na água com um movimento silencioso. Ele mal viu ondulações enquanto afundava de volta em direção ao cano que o levaria para fora do cômodo.

Mas essa pessoa falou claramente, alto e sucintamente. Ele conseguia ouvir a voz dessa mulher por todo o caminho através da água profunda e até o cano em que ele quase tinha terminado de recuar.

— Você já terminou? — a mulher gritou, sua voz penetrante mesmo dessas profundezas. — O General gostaria de ver sua filha fazendo rondas, e se você não estiver disposta a fazer isso, tenho certeza de que ele ficará feliz em conversar com você.

A filha do General?

Daios de repente voltou sua atenção para a superfície novamente. Embora ligeiramente distorcido pela superfície, ele podia ver a nova

mulher parada ali com uma carranca no rosto. Mas o mais importante, ele podia ver que a mulher de cabelos dourados não havia respondido.

— Ei! — disse a mulher, muito mais alto. — Você poderia olhar para mim, por favor? Claramente você não consegue ouvir porcaria nenhuma do que estou dizendo.

Houve uma pausa mais longa, mas a filha do General ainda não olhou para a mulher.

— Um incômodo total — murmurou a mulher, afastando-se.

Mas quando a porta se fechou, clicando, ele pôde ver a filha do General olhar para a porta. Que mulher estranha fingir que outra pessoa nem estava na sala. Mas então ela voltou sua atenção para algo flutuando no ar que não existia.

Interessante, ele pensou enquanto retornava à superfície. A curiosidade queimava em seu peito. Por que essa mulher tinha tanto poder sobre os outros que não precisava responder?

Ele chegou à superfície novamente, movendo-se um pouco mais perto dela. O suficiente para que ele pudesse alcançar com uma mão palmada e agarrar a borda da piscina. Ainda assim, ela não se moveu, não respondeu, nem mesmo o viu. Para a filha de um guerreiro, ela não tinha muita autopreservação. Ela deveria ter sentido o olhar dele sobre ela ou algo do tipo.

Seus dedos acidentalmente roçaram em um recipiente prateado que fez barulho ao cair na borda da piscina. O clamor agudo ecoou pela sala. Ele congelou, já meio fora da água naquele momento. Ela logo se viraria para o som, veria uma besta vermelha monstruosa saindo da piscina, e então gritaria.

Um som irrompeu de sua boca, e o som o fez estremecer. O grito certamente avisaria todos os outros achromos que um intruso finalmente havia rompido suas defesas...

Exceto que era o mesmo som desafinado que ela havia feito antes.

Uma voz que soava terrível, mas quanto mais ele ouvia, mais ele percebia que ela estava tentando cantar.

Que voz irritante, mas ela estava claramente se divertindo. E ela não tinha ouvido o som. Ele olhou para o metal, franzindo a testa como se talvez só tivesse ouvido o som em sua mente. Mas o metal tinha afundado até o fundo, sabão flutuando e bolhas flutuando na superfície. Ele só tinha visto Mira usar essa substância horrível, e ela grudou em suas guelras da maneira mais horrenda.

Olhando para a mulher, ele sentiu algo clicar em seu peito.

Por alguma razão, ela não tinha consciência do que estava ao seu redor. Claramente, ela conseguia ver. Seus dedos voavam na frente dela como só uma pessoa que conseguia ver faria. Ela não conseguia ouvir?

Estreitando os olhos, ele testou essa teoria. Por mais estranho que fosse, havia um fio em seu peito que gritava para que ele soubesse mais sobre essa mulher. Ele precisava entendê-la. Por quê? Ele não tinha ideia.

Daios derrubou outro daqueles recipientes de metal, ouvindo-o tilintar e ecoar enquanto ele tombava pela estranha textura de pedra e então caía na piscina. Nada. Nenhuma reação.

Isso o deixou corajoso. A falta de reação dela só o fez querer testar isso ainda mais. Talvez fosse isso que o tornasse tão inadequado para essa missão. Afinal, ele deveria encontrar uma maneira de entrar e então relatar. Deveria haver vários Povos da Água vagando pelos canos agora, buscando a melhor maneira de sequestrar essa mulher que o destino havia entregado a ele.

Mas tudo o que ele tinha que fazer era estender a mão. Ele poderia agarrá-la pela cintura e puxá-la para a água com ele. Mas ela ainda era uma achromo. Ainda um ser monstruoso contra o qual ele lutou a vida inteira. O pensamento de conectar um de seus tentáculos mais longos à garganta dela? Para criar essa conexão para que ele pudesse respirar por ela debaixo d'água?

Isso o fez querer vomitar.

Ainda assim, ele não conseguiu se impedir de puxar seu corpo gigante para fora da água. Usando um braço, ele cambaleou para frente até ficar bem atrás dela. Apenas sua nadadeira permaneceu na água, e ele sabia que isso o colocava em uma posição precária. Se alguém entrasse, eles o veriam aqui. Eles gritariam e ele teria dificuldade para voltar para a água antes que todos chegassem com suas armas escaldantes que rasgariam e rasgariam seu corpo.

Mas ele queria saber. Ele tinha que saber.

Daios observou seu braço como se pertencesse a um estranho. Em um momento, ele estava enrolando sua cauda embaixo dele para que pudesse pairar sobre ela. E no próximo, seu braço bom estava se estendendo em direção ao cabelo dela. Cuidadosamente, tão delicadamente que certamente ela não sentiria nada, ele pegou o clipe.

Ela usava um quadrado transparente sobre um olho, e ele conseguia ver através dele desse ângulo. Ela via algo muito mais do que apenas o mundo à sua frente. Cada movimento de mão movia algo naquele vidro. Mensagens, talvez, mas parecia mais um mapa. Como se alguém tivesse lhe enviado um mapa, e ela estivesse olhando através dele para a melhor maneira de fazer... alguma coisa.

Então, essa pequena criatura tinha mais planos do que ele esperava. Talvez ele tenha sido tolo em pensar que ela seria fácil de capturar. Ela ainda era a filha do General, afinal.

Com um rápido movimento de suas garras, ele desembaraçou o grampo do cabelo dela e se lançou de volta para a piscina. Mas ele ainda observava, e tudo o que viu foi em câmera lenta, a cachoeira de seu cabelo caindo de seus confins. Ele estava certo. Era suave e tão macio como se tivesse caído sobre suas teias com o mais leve dos toques. Como o melhor material que ele já tinha visto em sua vida.

Uma cachoeira preciosa e dourada que fez todos os músculos do

seu corpo ficarem tensos. Ele disse a si mesmo que era porque ele tinha que correr para longe da coisa estúpida que ele tinha feito e que ela certamente chamaria reforços.

Porque ela se virou tão rápido que ele quase não saiu do caminho dela antes que ela o visse. Talvez ela tenha. Talvez ela tivesse o bom senso de perceber que uma figura escura estava bem atrás dela, e tudo o que restava eram as bordas espirrando da água e as ondas que ondulavam no chão de onde ela estava.

Ele já tinha disparado para dentro do cano com o pente dela na mão e o coração batendo forte no peito. Estúpido. Que risco. Ela provavelmente se esconderia agora depois de começar a gritar, mas... ela não o fez.

Daios hesitou, então se virou para um dos conectores onde ele poderia apertar seu corpo em um "U" no ajuste apertado. Ele não podia sair. Não quando ela não reagiu da maneira que ele esperava. Então ele retornou para aquela luz dourada e olhou através da água para vê-la parada ali. A água ainda estava agitada do comprimento enorme de seu corpo, perturbando-o, mas ela não estava gritando. Ela estava apenas parada, olhando para a água como se tivesse visto um fantasma.

Talvez ela tivesse.

Daios mostrou os dentes no que ele tinha certeza que era um sorriso maligno. Ela não tinha ideia de que ele estava vindo atrás dela.

Uma parte dele que ele não reconhecia se desenrolou em seu peito. Um demônio, certamente, porque ele sussurrou palavras que ele só tinha ouvido nos momentos mais sombrios de sua vida antes.

— Cace-a — rosnou em seu peito, ecoando por ele até que sentiu suas guelras vibrarem com o som.

A mulher acima dele cambaleou para trás da piscina ao ouvir o som. Talvez ela não tivesse perdido toda a sua capacidade de ouvir. Ou talvez ela tenha reconhecido a sensação de que de repente era uma presa.

Um predador havia entrado em sua casa. Agora ele queria ver o quão fácil era caçá-la.

Com aquele sorriso selvagem ainda no rosto, ele jogou o pente dela no centro da piscina e esperou.

4

ANYA

Anya não tinha ideia do que tinha acabado de acontecer. Seu cabelo tinha caído do grampo e ela jurou que sentiu algo muito frio irradiando contra sua espinha, mas isso era... insano.

Ela saberia se alguém entrasse na sala. Ela soube quando aquela empregada ridiculamente rude tinha entrado. E ela ouviu o que a mulher disse. Ela estava com o vidro sobre o olho, e Bitsy era muito boa em traduzir qualquer som que acontecesse ao seu redor. Então, é claro, ela sabia que seu pai queria que ela voltasse e entretesse as pessoas.

Ela simplesmente não queria voltar.

Anya não achava que deveria ser obrigada a fazer algo que não quisesse. Seu pai poderia entreter seus convidados sozinho, sem ela, e ele ficaria absolutamente bem. Mas Deus me livre de negar qualquer coisa a ele! Ela era seu lindo passarinho cantor. Ela deveria cantar quando ele mandasse.

Ele argumentou que era para mantê-la segura. Ela estava em perigo onde quer que fosse, e ele era a única pessoa que poderia mantê-la segura.

Essa foi a primeira vez na vida que ela se perguntou se ele talvez estivesse certo.

Seu coração disparou no peito, trovejando contra suas costelas até que ela se perguntou se era possível morrer de susto. Bitsy continuou piscando uma mensagem em seu ocular, mas ela não tinha a menor ideia do que dizia porque ela simplesmente não conseguia ler agora.

Ela estava sozinha neste cômodo. Ela tinha certeza disso.

Não tinha?

E se ela não estivesse sozinha? E se alguém tivesse caminhado bem atrás dela e ela não tivesse ideia? Tudo o que ela conseguia pensar era que seu pai tinha inimigos. Que melhor maneira de chegar ao velho do que matando seu bem mais precioso?

Mas, conforme a água lentamente se acalmava, ela podia ver que não havia nada ali. Não havia ninguém. Seu olhar em pânico cintilou sobre tudo antes que ela se decidisse por essa verdade. Ela estava sozinha. Ela tinha estado sozinha.

Algo nela sussurrou que ela tinha visto algo refletido no vidro de Bitsy. Algo impossível porque sua mente não conseguia evocar os detalhes de um ondino tão perfeitamente. Ela só tinha visto os desenhos deles naquele dia fatídico quando perdeu a audição, e mesmo assim, não era como se ela conseguisse se lembrar de tudo tão bem.

Não. Não havia nenhum ondino na cidade. Isso nunca tinha acontecido antes e não aconteceria enquanto ela estivesse sozinha aqui.

Então ela leu a mensagem que Bitsy não parava de piscar diante de seus olhos.

— Tem alguém aqui.

Engolindo em seco, ela balançou a cabeça.

— Não tem ninguém aqui, Bitsy. Você consegue ver isso tão bem quanto eu.

Mas, novamente, sua pequena androide sempre foi a argumentativa.

— Não, alguém esteve aqui.

— A empregada entrou e saiu.

Desta vez em vermelho escuro, sublinhado, com texto ondulado, então parecia o tipo de mensagem que um serial killer deixaria em um espelho.

— Não estamos seguros.

Anya disse a si mesma que a androide estava exagerando. As duas

tinham levado um susto e tanto, e ainda parecia que alguém estava olhando para ela. Ela jurou que sentiu olhos nela o tempo todo que esteve aqui, mas ela também estava falando com Ace e bolando um plano para trazer pessoas para Alfa. Elas tinham um plano para destruir este lugar de dentro para fora, então é claro que ela sentiu como se alguém a estivesse observando.

Se alguém a pegasse falando com alguém de fora da Alfa, eles a mandariam para interrogatório. Ainda mais se eles colocassem as mãos em Bitsy e vissem os esquemas que ela estava enviando para alguém de fora da estação.

Mas não havia ninguém naquela sala. Ela estava apenas paranoica porque estava fazendo seu trabalho fora do quarto, e seu grampo deve ter simplesmente... caído do cabelo. Essa foi a única explicação que ela conseguiu pensar.

Esticando a mão, Anya correu os dedos pelos fios.

— Talvez o clipe tenha feito muita pressão — ela murmurou.

A resposta de Bitsy brilhou alto e claro.

— Você usou esse clipe umas cem vezes.

Ela tinha. Era o seu favorito porque tinha sido da sua mãe. Era a única coisa que lhe restava da mulher que lhe deu a vida, porque sua mãe tinha morrido no parto. Infelizmente, ela tinha deixado Anya sozinha com um tirano como pai.

Beliscando o nariz, ela respirou fundo.

— Você viu onde o clipe foi parar?

Quando ela abriu os olhos, Bitsy tinha circulado uma área na piscina. Porque é claro que seu clipe tinha sido arremessado para tão longe que agora estava fundo na água. Mas ela não podia deixá-lo lá. Era o último pedaço de sua mãe, e Anya faria coisas insanas para mantê-lo.

Olhando ao redor em busca de uma das redes de piscina, ela gemeu ao perceber que ninguém mantinha as redes ao redor de suas piscinas

nesta seção de Alfa. Provavelmente havia algum tipo de casa de limpeza por perto onde eles guardavam tudo. Mas se ela saísse assim, seria cercada por pessoas. E ela não tinha ideia de quanto a água salgada desta piscina iria estragar o clipe de sua mãe.

— Tudo bem, — ela murmurou. — Dois coelhos, uma cajadada só.

— O que você está fazendo? — Bitsy perguntou.

— Vou pegar meu pente de volta. E vou estar encharcada, então papai vai me mandar de volta para casa para me trocar. E então vou decidir que não vou voltar. Fácil. Não preciso ir à festa, e pego meu pente de volta.

— Isso é estúpido.

— Você é estúpida — ela respondeu, antes de puxar o vestido pela cabeça. Ela tirou Bitsy também, colocando a androide no chão, mesmo sabendo que ela provavelmente estava fazendo algum tipo de barulho de desgosto. A coisinha já estava balançando para frente e para trás como se quisesse que ela a pegasse de volta.

Mas ela precisava pegar aquele clipe, e ela se recusava a deixar o medo controlá-la. Ela deixou que ele controlasse sua vida por anos após o acidente. Ela não era mais uma garotinha, e ela era mais corajosa do que era naquela época.

Usando apenas sutiã e calcinha, ela mergulhou na piscina. Ela tinha nadado a vida inteira, e achava isso tão fácil quanto respirar. Pelo menos sem correntes. Pelo que ela tinha ouvido, era mais difícil nadar fora de Alfa do que dentro dela.

Mergulhando até o fundo, ela agarrou o pente e virou o corpo para dar o pontapé inicial.

Mas então ela notou a barbatana. Era de aparência delicada, mal saindo do cano que trazia água do mar fresca para a piscina. Embora principalmente cinza, ela podia ver finos filamentos vermelhos correndo pela fina membrana. Era lindo, uma cor rara nessas partes. Mas então seu

olhar seguiu aquela barbatana até onde ela estava conectada, e ela sentiu seu coração parar de bater.

Uma criatura monstruosa espreitava naquele cano. Um rosto quase humano a encarava de volta, presas brilhantes brilhando na luz escassa. Embora seu nariz fosse achatado e sua mandíbula larga, ele não era nem remotamente parecido com nada que ela já tivesse visto antes. Guelras com bordas vermelhas emolduravam seu rosto, mas longos cabelos escuros emaranhados em torno de suas feições em fios emaranhados que pareciam quase tentáculos.

Mas os olhos dele... Oh, aqueles olhos negros viam diretamente em sua alma. Ela mal teve um momento para perceber que sua mão negra, palmada e com garras vermelhas profundas, estava segurando a borda do cano. Ele poderia facilmente atacá-la. Ela não conseguia nem ver o quão grande ele era, ou adivinhar o quão rápido ele podia se mover, porque ele estava bem dentro das sombras do cano.

Se ela olhasse um pouco mais de perto, tudo o que conseguia ver era o contorno tênue de um peito musculoso, e isso era... desconcertante.

Tardiamente, o terror a atingiu com força no meio do corpo. Ela sentiu um pouco como se fosse vomitar até que os sinos de alerta gritaram em sua mente que ela tinha que correr. Fugir. Esconder-se. Esta criatura a comeria viva. Essas presas poderiam rasgar sua carne do osso tão facilmente que ela poderia nem sentir.

Chutando os pés contra o fundo do chão, ela se lançou para a superfície. Correr. Esconder. Fugir. Todas essas palavras e mais continuavam se repetindo em sua cabeça.

Havia um ondino em sua casa. Alfa deveria ser impossível para qualquer um entrar ou sair. Ela sabia que era. Ela estava trabalhando com Ace há anos em uma maneira de colocar alguém em Alfa sem que seu pai soubesse. No entanto, esse ondino estava bem no meio dos canos.

Na própria fundação da cidade.

Ao chegar à superfície, ela sugou uma quantidade de ar em pânico, como se isso pudesse ajudá-la no mínimo. Ela iria morrer. A qualquer momento, ela sentiria aqueles dentes afiados apertando seu tornozelo e a arrastando de volta para as profundezas. Logo a piscina estaria cheia com o sangue ondulante saindo de seu corpo e ninguém saberia que ela estava morrendo.

Ela deveria gritar por socorro. Alguém poderia vir correndo se a ouvisse, mas agora ela não conseguia se forçar a fazer nem um som. Ou talvez ela estivesse fazendo barulho e simplesmente não conseguia ouvir os lamentáveis gemidos que certamente... certamente...

Agarrando-se à borda da piscina, ela se arrastou para fora da água e girou. Como se tivesse um tubarão a perseguindo e se ela desse um chute certeiro, isso o faria ir embora.

Mas não havia nada na água. De jeito nenhum.

Ainda respirando com dificuldade, com os olhos arregalados de horror pelo que poderia ter acontecido, ela estendeu a mão para Bitsy.

A androide rastejou até sua cabeça com palavras passando por sua visão tão rapidamente que ela quase não conseguia lê-las.

— O que você estava pensando? O que tem na água? Alguma coisa tentou te agarrar? Eu disse que não estávamos sozinhas. Por que você nunca escuta?

— Tem alguma coisa na água, — ela arfou, seus olhos ainda presos nas ondas que ela havia causado enquanto tentava escapar. — É um ondino.

Houve uma longa pausa enquanto a androide assimilava o que ela disse, e então houve a resposta mais estranha da pequena androide, que sempre teve mais medo de viver do que de ser desativado.

— Posso ver? — As palavras vibravam de excitação.

— O quê? — ela arfou. — Não, você não pode ver. Você é louca? Essa coisa pode me matar em um instante.

— Qualquer coisa pode te matar em um instante. Aquela bomba de barulho que você pegou e que destruiu sua audição poderia ter te matado também. Mas você ainda pegou. Você sempre foi uma pessoa aventureira, Anya. Agora deixe-me ver o ondino.

Foi uma das mensagens mais longas que Bitsy já havia tocado diante de seus olhos. A robô geralmente era bem sucinta, chegando até a encurtar o que as pessoas estavam dizendo. Anya tinha a sensação de que a androide era uma trabalhadora bem preguiçosa, mas foi isso que ela ganhou por dar à IA sua própria personalidade.

Suspirando, ela balançou a cabeça.

— Não acho que consigo voltar para a água.

— Claro que pode.

— Não é uma boa ideia, Bitsy! Já estou tão sem fôlego que acho que não conseguiria ficar debaixo d'água por mais do que alguns segundos.

— Tente.

Soltando um suspiro, ela disse a si mesma que conseguiria fazer isso porque provavelmente não havia um ondino ali embaixo, afinal. Era apenas fruto da sua imaginação. Um peixe preso nos filtros que ela pensou ser uma criatura enorme.

Ninguém conseguia entrar em Alfa sem que seu pai soubesse. Alfa era o lugar mais seguro no oceano para humanos, e tinha sido por quase duzentos anos. A cidade era uma prisão tanto quanto um lar.

Ela escorregou de volta para a água, seus olhos no cano como se algo monstruoso fosse explodir dele a qualquer momento. Mas nada se moveu. A barbatana que ela tinha visto antes também não estava lá.

— Bem. — Bitsy disse enquanto afundava na água. — Isso é incrivelmente decepcionante.

Se estivessem no ar, ela teria murmurado algo sobre como a androide estava indo bem debaixo d'água, o que ela não achava que o modelo de Bitsy fosse classificado para fazer. E ainda assim, quanto mais

fundo ela mergulhava, mais parecia que seu batimento cardíaco gaguejava.

Porque havia algo na escuridão do cano. Mesmo com seus ouvidos estalando e seu zumbido gritando tão alto que a fazia estremecer, ela só conseguia focar nas sombras que se moviam em um padrão ondulante.

Primeiro veio a mão com garras. Os dedos de ponta vermelha que se curvavam ao redor da borda e então... então era o resto dele. Ou pelo menos, o resto dele que ela já tinha visto.

Os ombros largos que mal cabiam no cano. Aqueles olhos negros sem alma, e o sorriso assustador que a fazia pensar em monstros em seu armário quando ela era uma garotinha. Ele era tudo o que ela tinha medo quando criança. Bem aqui. Bem na frente dela.

— Oh, — Bitsy disse, a palavra até mesmo tremendo em sua visão.

Mas então o ondino estendeu a mão. A luz brincou através da teia, e ela percebeu que era muito delicada e fina entre aqueles dedos mortais. Delicada e tão... bonita.

Talvez ele fosse mágico. Talvez ele tenha lançado um feitiço sobre ela. Porque a única coisa lógica a fazer naquele momento era chutar o chão e fugir. Ou talvez gritar tão alto que bolhas saíram de sua boca, obscureceram sua visão, e então ela se afogaria.

Em vez disso, ela estendeu a mão trêmula e imitou os movimentos dele. Seus dedos deslizaram suavemente sobre os dele. Ela podia sentir as garras que poderiam rasgar sua carne. Mas ele ficou assustadoramente parado enquanto ela traçava os dedos pelos dele, para a teia que parecia veludo, para sua palma larga que estava pontilhada com tantas cicatrizes que ela não conseguia começar a contá-las.

Ele estava aquecido na água fria, quando ela podia jurar que ele estava atrás dela e irradiando uma sensação gelada por sua espinha. Mas ele não se moveu agora. Ele apenas a observou, seus olhos mudando de posição para olhar para as mãos. Pelo menos, era isso que ela supunha

que ele estava olhando. Era difícil dizer com aquele olhar sobrenatural.

Olhos pretos. Completamente pretos, sem um pingo de branco.

Ele estava aqui. E ela estava tocando um ondino. A mão dela parecia tão pequena perto da dele.

Ele foi paciente com ela, apenas deixando-a acariciá-lo enquanto seus dedos permaneciam bem abertos. Mas quando ela olhou para ele, ela pôde ver que as guelras ao redor do pescoço dele estavam bem abertas. Elas tremeram na água, balançando suavemente com movimentos que as faziam parecer quase graciosas. Ela não pensou que descreveria um ondino com essas palavras. E, ela supôs, sua primeira impressão foi de terror.

Mas agora, ela olhou para o rosto dele e se perguntou se, afinal, haveria alguma beleza naqueles ângulos.

Seus pulmões espasmaram, e ela se encolheu com a sensação. Este foi seu último momento antes que ela não tivesse tempo suficiente para chegar à superfície. Olhando para cima, ela se moveu para dar um pontapé inicial do fundo apenas para sentir uma mão com garras em sua cintura.

Com os olhos arregalados, ela olhou para ele e viu que ele tinha saído parcialmente do cano. A mão dele era tão grande que abrangia sua cintura, do meio das costelas até o osso do quadril. Essas garras eram delicadas, porém, cuidadosamente se certificando de não romper sua pele enquanto ele espalmava a curva logo abaixo dos batimentos cardíacos dela.

Então, quando o olhar largo dela se voltou para o dele, ele a empurrou para cima. Em direção à superfície. Um empurrão poderoso que a fez disparar em direção ao ar. Resmungando, ela olhou para baixo para ver que ele realmente havia desaparecido do cano dessa vez. Pelo menos, ela pensou.

Um ondino a ajudou a nadar. Ele potencialmente salvou sua vida.

— Que diabos foi isso? — Bitsy perguntou.
Anya realmente não tinha uma resposta.

5

DAIOS

Por que ele não a agarrou? Ela estava bem na frente dele. Ela o *tocou*.

Ele poderia tê-la agarrado a qualquer momento, a puxado para perto dele e então a arrastado para dentro dos canos. Teria sido fácil. Fácil demais, quanto mais ele pensava sobre isso. Ela era tão fraca comparada a ele.

Mas os dedos dela tocando os dele o fizeram sentir... algo. Daios não tinha certeza do que isso significava. Seus corações desaceleraram um pouco. Todo aquele caos tumultuado se acalmou. Ele prendeu a respiração enquanto ela tocava seus dedos e jurou que havia algo acontecendo com suas guelras que nunca tinha acontecido antes.

Não havia chance de ele ter se agitado por ela. Ele tinha visto Arges fazendo isso por Mira. Era sempre constrangedor ver seu irmão tão afetado pela mera presença da fêmea. Isso o deixava desconfortável.

Nenhuma fêmea jamais quis pegá-lo. Ele era grande demais para que seus filhotes tivessem partos fáceis e agressivo demais para lutar na dança do acasalamento. Ele já havia se conformado que se agitar por qualquer uma era tolice.

Daios tinha agitado apenas por duas outras mulheres. Uma delas, Melete, que tinha salvado Mira depois que ela tinha sido levada por Beta. A outra era uma fêmea que tinha deixado seu cardume há muito tempo por outro macho muito menor e mais controlável. Ela tinha provado a ele que ele era indesejado e não podia mudar o estado físico em que estava.

E esse estado só piorou nos últimos meses.

Raspando o coto do braço talvez um pouco forte demais contra o

encanamento, ele parou na abertura para o mar. Algo nele gritava que ele tinha que voltar. Alguma parte primitiva do seu cérebro gritava e se enfurecia contra a gaiola em que ele tentou colocá-lo. Ele tinha que voltar. Ele tinha que ter certeza de que ela estava segura porque ninguém poderia mantê-la segura melhor do que ele.

Mas aquela parte primitiva de seu cérebro tinha sido a que o levou a problemas antes. Era a mesma parte de sua mente que havia dito que ele deveria proteger seu povo. Os achromos eram alvos fáceis. Ele poderia derrubar a cidade deles se apenas a atacasse do jeito que havia planejado.

Então ele não confiava naquela parte primitiva de sua mente, mesmo que ela gritasse, arranhasse e rasgasse suas entranhas enquanto ele disparava através dos pilares de dor. Não importava a longo prazo. Ele não conseguia confiar em si mesmo.

Ainda assim, seus lindos olhos azul-marinho o assombraram até que ele parou no ponto de encontro onde ele e Maketes estavam vigiando a cidade. Ele ainda podia ver os olhos dela. Seus dedos ainda podiam senti-la, arrastando os dedos dela ao longo de sua teia como se ela não estivesse batendo em seu caminho através de suas defesas cuidadosamente colocadas.

Pensamentos tolos, e ele teve que se lembrar de que eram. Mesmo que cada barbatana em seu corpo se destacasse e estremecesse. Mesmo que sua cauda já o tivesse virado para olhar de volta para aquela cúpula de vidro que a mantinha aprisionada.

Onde ela morava? Em algum lugar bonito, como ela. Ela era delicada e quieta demais para viver em dificuldades. Se ela era filha do General - e ele não tinha motivos para pensar o contrário - então ela provavelmente era uma das pessoas mais ricas daquela cidade. Ela teria bastante comida e água para beber. Muitas opções para alguém cuidar dela.

Ainda assim, sua mente rugia que ele lhe traria carne melhor. Havia opções mais nutritivas no mar, e seu povo claramente não a estava alimentando o suficiente. Ela era muito magra. Muito delicada.

Facilmente esmagada por qualquer um que queira machucá-la.

Franzindo a testa, outro pensamento passou pela sua mente. Ela estava acasalada? Ela tinha alguém que já se agitava por ela e a fazia sorrir?

Uma raiva branca e quente fluiu por cada centímetro de seu corpo. Ele estava brilhando, explodindo em um vermelho brilhante enquanto cada ponto bioluminescente em sua forma queimava de raiva. Ele podia ver a luz refletindo na areia ao redor dele, as ondas de cor girando no chão.

— Então eu vou adivinhar que você encontrou alguma coisa? — A voz irritantemente divertida de Maketes quebrou a raiva. — Você parece chateado.

— Eu a encontrei.

— Você encontrou uma entrada para a cidade? Isso é fantástico.

— Não, eu a encontrei.

— Quantos de nós conseguimos passar, você acha? — Então Maketes piscou algumas vezes. O que Daios dissera duas vezes agora deve ter finalmente penetrado em seu crânio. — O que quer dizer com você a encontrou?

— Imagino que a maioria de nós conseguiria passar — ele murmurou, seus olhos nunca deixando a cidade. — O sistema de encanamento é apertado para mim, mas machos menores não teriam problemas. Talvez um bando de nós pudesse passar junto, mas a cidade é enorme. Ainda maior por dentro do que parece daqui. Não seria seguro enviar mais gente nossa por aqui.

— Acho que foi a última vez que você me disse tanto de uma vez — murmurou Maketes, antes de nadar na frente de Daios.

Não escapou a sua atenção que Maketes deixou uma quantidade decente de espaço entre eles. Ele não teria aconselhado ninguém a se aproximar dele agora, também. As cores que se agitavam para cima e para baixo em seu corpo eram uma maneira de sua forma dizer aos outros que ele estava em um humor perigoso. O tipo de humor que o faria alcançar o pescoço de alguém e quebrá-lo só para poder sentir alguma coisa.

Maketes limpou a garganta, as guelras vibrando com o som.

— Você a encontrou?

— Encontrei.

— Por que você não a agarrou? Havia muitas pessoas ao redor dela? Provavelmente. O General não nos dará uma oportunidade de agarrá-la tão facilmente, droga. Teremos que enviar mais do que apenas você se essa for a situação. Não podemos simplesmente deixá-la ficar lá, e Mira está inflexível que levar sua filha é a única maneira de fazer o General nos ouvir.

Daios já estava cansado de sua tagarelice.

— Ela estava sozinha.

Maketes o encarou por alguns momentos, sua boca aberta e alegremente silenciosa por alguns segundos.

— O que você quer dizer com ela estava sozinha?

Ele resmungou em resposta, já cansado dessas perguntas.

— Ela estava sozinha? — Maketes se moveu para mais perto, congelando com o rosnado que retumbou no peito de Daios. — Então por que você não a agarrou?

— Porque simplesmente não.

— Mas por quê? — Jogando os braços para o alto, Maketes girou em um círculo dramático antes de encará-lo novamente. — E não me venha com uma mentira sobre como era muito perigoso. Você estava nos canos. Sabemos como dar a eles uma maneira de respirar debaixo d'água.

Você poderia tê-la agarrado e não o fez!

Lentamente, ele virou a cabeça para focar em Maketes. Talvez algo em seus olhos escuros fosse o suficiente para ameaçar o irmão de barbatanas amarelas que era falante demais para seu próprio sustento.

— Não era a hora certa.

— Não era a hora certa, — Maketes repetiu, embora suas palavras fossem debochadas. — Estamos de volta a isso, não é? Quando será o momento certo?

— Não sei.

— Ugh! — Maketes levantou o rabo e flutuou para baixo na areia. Com os braços cruzados sobre o peito, ele olhou para a escuridão acima deles enquanto murmurava, — É por isso que eu não queria aceitar esse trabalho. Eu sabia sem sombra de dúvidas que ele seria um problema. Eu disse a Arges, eu não sou a pessoa para esse trabalho. Se eles queriam que Daios fosse controlado, eles deveriam ter enviado alguém maior. E quem estava certo? Eu. Eu estava certo. Ninguém vai me dar crédito por estar certo, então estou dando o crédito a mim mesmo.

Daios o observou e sentiu as luzes de seu corpo tremeluzindo. A diversão substituiu a raiva que era tão difícil para ele pensar.

— Você estava certo.

— É claro que eu estava certo! Eu sempre estou certo, e ninguém nunca me escuta antes do começo de nada. Você sabe…— Maketes fez uma pausa, então olhou para ele com a boca aberta novamente. — Você acabou de admitir que eu estava certo?

Daios assentiu.

— Bem... Isso é terrivelmente notável, vindo de você.

Com um encolher de ombros, Daios deu um tapa no irmão com a cauda e então usou sua lâmina muito maior de uma nadadeira para empurrar Maketes para cima.

— Vá dizer aos outros que eu a encontrei.

— E você? Você deveria ser o único a fazer o relatório. Você não me contou nada sobre sua interação com ela ou como encontrar a garota. Não há nenhum relatório para eu dar a outros então você resmungou para mim e disse que estava feito. — Mas Maketes já estava se afastando, já se movendo mesmo enquanto argumentava que não deveria.

— Diga a eles que eu cuido disso.

— Então você não vai voltar comigo?

Daios pensou que ele iria. Tudo nele gritava que ele deveria. Ele estava reconstruindo seu relacionamento com Arges, e cada momento que ele fazia algo assim era outro momento em que ele estava falhando com seu irmão de ninhada. Mas... algo nele também dizia que ele não podia ir embora agora. Ele tinha mais a fazer.

— Estou ocupado, — ele respondeu, seu olhar de volta para a cidade. — Diga a eles que retornarei com ela quando estiver pronto.

Isso parou Maketes. As correntes brincavam através do cabelo longo de seu irmão, enrolando-se em suas guelras e enchendo-o de propósito. Daios sentia falta disso. Ele sentia falta dos momentos em que o mar lhe dava sua aprovação. Este momento parecia um daqueles momentos em que o mar aprovava sua escolha, no entanto. Não estava lhe dando muita atenção, provavelmente porque ainda não o havia perdoado inteiramente por toda a morte. Mas ele estava tomando as medidas certas para voltar às suas boas graças.

Suspirando, ele acenou com a mão para Maketes quando seu irmão não respondeu.

— Continue.

— Você não vai machucá-la, vai? — Maketes perguntou, sua voz muito baixa e muito quieta. — Precisamos dela viva, Daios.

— Eu não vou machucá-la. — O rosnado que veio depois dessas palavras assustou até ele. Ele pressionou uma mão em seu coração, tentando acalmar a raiva que se contorcia dentro dele com o mero

pensamento. Era errado. Era nojento até mesmo reagir a um achromo assim.

— Então o que você está planejando fazer?

— Eu não sei. — Ele desejou ter uma resposta para isso ele mesmo. Tudo o que ele sabia era que agora, ele tinha... sentimentos que ele não conseguia explicar. Uma sensação no peito que não passava e uma estranha necessidade dentro de si que o mantinha preso naquele lugar.

Maketes se aproximou um pouco mais, balançando o rabo e se mantendo mais baixo do que a visão de Daios, para não parecer uma ameaça.

— Você está tomando decisões baseadas no instinto agora?

— Poderíamos dizer isso.

— Isso vai ficar complicado bem rápido, — Maketes murmurou antes de soprar um bocado de bolhas. — Tudo bem. Só não seja pego e morra, tá?

— Não pretendo.

Enquanto seu irmão desaparecia na escuridão, ele disse a si mesmo que isso era bom. Ele trabalhava melhor sozinho, quando não havia mais ninguém para arriscar. Mas voltando-se para a cidade, ele já sabia que havia um longo caminho a percorrer. Ele não sabia onde ela estaria novamente. Certamente havia muitas outras piscinas, mas em quais ela estaria, e como ele poderia adivinhar quando ela estaria lá?

O que o outro achromo disse? Ele tentou se lembrar do que a outra fêmea gritou enquanto tentava repreender a dourada. Algo sobre seu pai e outras pessoas com quem falar.

Uma reunião então. Os achromos não eram tão diferentes de seu próprio povo nesse sentido.

Ele teria que voltar para a cidade. Ela obviamente não morava naquela estranha sala, e provavelmente só a visitava quando seu pai queria exibi-la. A filha de ouro do General, uma joia preciosa para

mostrar a todos os seus amigos. Mas considerando que ela não foi ver seu pai, ele só podia presumir que isso significava que ela não estava nem perto do homem como os outros pensavam.

Isso era bom. Ele poderia tirá-la da cidade mais rápido se ela não lutasse.

O que ele faria com ela depois que a tivesse levado embora? Ele não tinha ideia. Mas como Daios havia dito a Maketes, ele estava seguindo seus instintos. Ele não tinha escolha de outra forma.

Então Daios se lançou em direção à cidade novamente. Levou a maior parte de uma semana, talvez até mais, para mapear a cidade. Ele passou por cada cano, cada túnel, cada piscina. E quando sua mente estava quase cheia de informações, ele voltava pelos pilares. Seu corpo estava decorado com feridas de crostas cicatrizando quando ele voltou ao seu mapa que ele tinha feito de pedras na areia.

Ele poderia mapear esta cidade sozinho. Mesmo que isso significasse que ele estava sem um pouco de sua barbatana, porque ele continuava sendo sugado para aberturas afiadas com pedaços de metal giratórios que cortavam sua nadadeira. Um deles até atingiu seu cotovelo quando ligou e o surpreendeu.

Mas sangue era algo que ele podia perder. Ele não tinha medo da dor ou do que aconteceria com ele se fosse pego. Ele tinha que continuar porque havia uma pequena mulher nesta cidade que estava sem ele. E quando ele terminasse, ele a encontraria novamente. Ele mapearia esta cidade até que soubesse o máximo que pudesse sobre ela, e então ele faria seu ataque.

No dia em que terminou, ele quase conseguia sentir o gosto de sangue na água. Suas guelras se alargaram, as barbatanas ao redor de seu rosto tremulando com a percepção de que ele tinha feito isso. Ele conhecia todos os lugares por onde eles viajaram. Ele conhecia cada piscina e cada caminho nesta cidade. Pelo menos, todos aqueles que ele

podia alcançar.

Daios tinha ficado na água. Ele não tinha sido pego por ninguém ou nada até onde sabia, embora tivesse certeza de que os achromos tinham notado a quantidade de tempo que aqueles pilares tinham disparado ultimamente. Ele só podia esperar que eles fossem tão tolos a ponto de pensarem que era uma migração de algum peixe passando por sua casa.

De qualquer forma, era hora. Ele poderia encontrá-la agora. E ele já sabia onde ela estava.

Cada guelra e barbatana em seu corpo tremulavam, alargando-se ao redor de seu corpo até que ele soube que deveria parecer ainda mais monstruoso do que nunca. Mas ele estava pronto para vê-la. Para impressioná-la. Para tirá-la de casa e lutar contra qualquer um que tentasse mantê-la longe dele.

Ele disse a si mesmo que estava pronto. Ele a levaria para algum lugar seguro. Um lugar muito melhor que Alfa. Então ele a alimentaria. Ele provaria que era um bom caçador que poderia cuidar dela.

Além disso, Daios não se permitiu nem pensar no que poderia acontecer. Os pensamentos o deixaram um pouco desconfortável, e parecia que ele era um pouco imprevisível até para si mesmo.

Mas aquela pequena achromo era dele.

E agora ele iria levá-la.

6

ANYA

Ele havia voltado.

O ondino.

Anya sentou-se em sua penteadeira, olhando para o espelho onde ela podia ver as ondulações repentinas em sua piscina. Isso era tudo o que ela podia ver, e esperava que isso fosse tudo o que as câmeras também vissem.

O pai dela estava em sua "sala de guerra" por dias a fio com alguns de seus outros conselheiros. Aparentemente, eles estavam preocupados com o problema dos ondinos. Eles tinham certeza de que as criaturas estavam se preparando para atacar Alfa, mas não contaram a ela por que pensavam assim.

Felizmente, Bitsy ainda não tinha ido para seu check-up e, portanto, era capaz de hackear o sistema de seu pai. Com aquela pequena lente sobre o olho de Anya, ambas tinham pesquisado os vídeos do exterior de Alfa. E ela tinha assistido o mesmo ondino que tinha visto se esgueirando pelos canos dia após dia.

Às vezes, hora após hora.

Ela assistiu a esses vídeos mais vezes do que queria admitir. Havia um certo poder em seu corpo enquanto ele explodia na água. Às vezes, ela podia ver os lasers atingindo seus lados enquanto o centro de comando enviava a mensagem para matar. Cada um desses pilares continha uma IA própria também. Eles escanearam seu corpo, fornecendo mais informações do que ela achava que o ondino gostaria que eles soubessem.

Ele era maior do que a maioria dos machos que eles tinham visto.

Quatro metros do topo da cabeça até a base da cauda, e largo no peito. A IA também notou que, embora ele fosse mais rápido do que os outros, ele virava mais devagar. Ela estava aprendendo seus movimentos e padrões toda vez que ele passava pelos pilares. Mas, por algum motivo, nem mesmo a IA conseguia rastreá-lo.

Ele estava mudando seus padrões, ela percebeu depois de assistir ao terceiro clipe. Havia tempo suficiente entre suas visitas para que ficasse claro para ela que ele estava observando os pilares. Talvez ele tenha visto as luzes no topo que piscavam quando algo se aproximava delas. Ou talvez ele estivesse observando os animais enquanto eles se aproximavam de sua cidade. Ela não tinha ideia.

Mas vê-lo lutar repetidamente fez com que algo nela sentisse esperança pela primeira vez em muito tempo. Este ondino não a havia matado. Ele nem sequer a havia agarrado, então isso tinha que significar alguma coisa, certo?

Ele ainda estava tentando entrar na cidade. Ele ainda estava fazendo algo porque ele escorregou nos canos onde a IA não podia mais vê-lo.

E esta foi a terceira vez que ela o viu em sua piscina.

Enrolando seu xale mais apertado em volta dos ombros, ela gentilmente tirou Bitsy da cabeça.

— Cuide das câmeras no banheiro, por favor?

A pequena androide saltou para cima e para baixo uma, duas, três vezes, e então deslizou para o banheiro. Ela só conseguiu imaginar o que Bitsy faria. Geralmente, sua androide era boa em receber ordens. Especialmente quando se tratava de câmeras. Ela fez um trabalho muito rápido com os gravadores frustrantes que estavam em cada parte de seu quarto. Mas agora, ela precisava que as câmeras de seu quarto continuassem ligadas.

Nenhuma delas tinha um bom ângulo do banheiro, por

privacidade, porque apenas certas pessoas tinham permissão para vê-la no banheiro. O pai dela era um homem ciumento, no mínimo. Superprotetor com a filha, ele não queria nenhum dos seus homens espiando-a quando não deveriam.

Ela nunca ficou tão agradecida por sua natureza grosseira.

Anya pensou que talvez o ondino voltasse hoje. Ele parecia vir em padrões de três, e fazia exatamente três dias desde que ela o vira pela última vez. Ela não tinha ideia de como ele sabia onde encontrá-la, mas parecia que ele sempre sabia onde ela estava. A primeira vez que ela o viu foi na casa de sua vizinha depois que ela deu um mergulho na casa de sua amiga. A segunda vez, ela o viu aqui.

E agora ele havia retornado. Pelo menos, ela esperava que fosse ele. A água se movendo daquele jeito não era normal. Bitsy sobreporia as câmeras com uma foto de seu banheiro sem ninguém dentro. Levaria um tempo para alguém rever a filmagem, então ela só conseguia imaginar que a veriam entrando no banheiro e então lhe dariam privacidade, desde que ela saísse na hora certa.

Mesmo que eles verificassem as câmeras, ela esperava que eles não percebessem que a imagem não se movia como deveria.

Soltando um suspiro, ela afastou o cabelo para trás do ombro e então nervosamente o colocou atrás das orelhas. Ela não tinha como saber o que esse ondino queria. Mas ela estava curiosa o suficiente para entretê-lo.

Claramente, uma criatura com tanta dedicação tinha algo a dizer. Anya gostava de pensar que eles eram inteligentes o suficiente para... bem, pelo menos falar? Mas talvez eles não falassem, e isso também estava ok.

Afinal, ela sabia o que era não ter a mesma habilidade que todos os outros.

Caminhando lentamente até a entrada do banheiro, ela parou. As

pessoas assistindo à transmissão em seu quarto precisavam acreditar que ela ficaria no banheiro por um tempo. Se ela quisesse qualquer tipo de informação dessa criatura, então ela precisaria cronometrar isso corretamente para que eles interagissem.

O que Ace faria? Seu contato na outra estação - ela ainda não tinha ideia de onde Ace estava localizado - parecia ser muito mais corajoso do que ela. Eles diriam algo como pegar todas as coisas que ela poderia precisar e mentiriam descaradamente. Fariam uma performance que duraria a vida inteira.

É por isso que Ace sempre a chamou de Rainha de Copas. Ela deveria ser a mentirosa mais crível que havia, pelo menos era o que Ace sempre dizia. Anya *era* a pessoa que todos queriam.

Bufando, ela voltou para sua mesa e pegou uma braçada de produtos de banho. Ela sabia que ninguém que assistisse seus feeds pensaria duas vezes sobre a quantidade de itens que ela carregava. Eles pensariam que a pirralha mimada iria tomar um longo banho e se mimar.

No momento em que ela entrou no banheiro, ela despejou seu monte de coisas no chão.

Ela já podia vê-lo. As franjas escuras de suas barbatanas estavam saindo do cano que levava ao seu banheiro particular. E se ela olhasse um pouco mais atentamente, apertasse os olhos para ver melhor, ela poderia ver que havia um rosto olhando para ela através da água.

Era ele mesmo. Não que Anya tivesse muita experiência com ondinos, mas ela presumiu que seria capaz de reconhecer este não importa onde ele estivesse. Aquelas cicatrizes decorando seus ombros, o brilho escuro em seus olhos, tudo isso sugeria um homem possuído por um plano e uma raiva mal contida.

Talvez fosse isso que a chamava para ele. Ele estava bravo, e ela estava brava, e talvez duas pessoas monstruosas estivessem supostamente se encontrando. Eles acabariam como uma bomba ou

fracassariam batendo contra a raiva um do outro.

Mas naquele momento, ela era quem tinha um plano.

Agachada na borda da piscina, ela deu um tapinha na mão contra o ladrilho.

— Venha aqui.

Bitsy caiu no chão do outro lado, correndo pelo ladrilho com suas perninhas finas se movendo quase rápido demais. Ela pulou no ombro de Anya. Pequenas pontadas de dor metálica seguiram a investida repentina da androide antes que ela se enrolasse na cabeça de Anya e imediatamente colocasse a lente sobre seu olho.

Palavras vibraram em torno da imagem do ondino no cano.

— Perigo. Ondino. Não se aproxime.

— Ah, agora você está com medo do ondino? Você era quem estava discutindo para vê-lo há apenas uma semana — ela murmurou, antes de dar um tapinha na mão no ladrilho novamente. — Vou só fazer com que ele venha aqui para que possamos conversar.

— Conversar? — Bitsy disse, a palavra vibrando com raiva. — Como você espera falar? Ele é ondino. Você é humana.

Ela não tinha muita certeza. Mas algo lhe dizia que esse ondino estava vindo para a cidade por... ela. E ela não tinha certeza do porquê.

Ele parecia pensar a mesma coisa. Porque com mais um tapinha, ela já o havia convencido a sair do cano. Com uma inspiração forte, ela teve sua primeira boa visão dele.

A IA havia capturado imagens dele nadando, mas ele era sempre uma sombra veloz nas águas escuras, mal uma pista de como ele poderia parecer. Em pessoa? O ondino era enorme.

Ela não tinha percebido o quão grande eram quatro metros até que de repente ele estava bem na frente dela. Suas feições largas e rudes eram franzidas com uma carranca que deveria tê-la feito correr de volta para seu quarto ou talvez ter feito xixi escorrer por sua perna. Seu cabelo

longo emaranhado em volta de seu rosto, caindo sobre seus ombros largos em uma cachoeira de escuridão que quase a distraiu de todos os músculos que estavam dispostos na frente dela.

— Nossa, — ela murmurou. — Você é realmente grande.

Essa foi a primeira coisa que ela disse? Ela parecia uma idiota.

A pele dele tinha uma cor muito estranha. Cinza, com listras escuras começando na clavícula e caindo para se juntar à escuridão da cauda. E as listras vermelhas! Ele tinha listras vermelhas brilhantes subindo e descendo pela cauda, desaparecendo na água onde o resto dele estava enrolado, parte ainda dentro do cano, e parecia que ele já estava ocupando toda a piscina dela.

Mas então ela notou o braço dele. Ou melhor, a falta dele. Um braço era grande e forte e tinha tanta carne naqueles bíceps que seu primeiro pensamento foi "morder". O outro? Tinha sido cortado completamente, bem no centro de onde seus bíceps estariam.

Anya se esforçou para não encarar. Um braço faltando não era tão surpreendente, considerando que ele vivia no oceano. Ele poderia tê-lo perdido para um peixe, uma lula ou um tubarão. Havia baleias lá fora que eram bem grandes também, e agressivas se os rumores fossem verdade.

Mas então seus olhos vagaram para o membro desaparecido mais uma vez, e ela reconheceu cicatrizes de queimaduras que iam quase até o ombro dele.

O membro tinha sido queimado. Ou melhor, tinha sido arrancado com um tiro. A espécie dela era a única capaz de fazer isso.

Os olhos dela se voltaram para os dele, negros e imóveis, enquanto ele encontrava o olhar dela.

— Sinto muito que você tenha sofrido isso, — ela disse calmamente. — Eu sei a dor de perder algo que já foi parte do seu corpo, e eu sei que não é fácil.

Com as palavras dela, ele se inclinou um pouco mais perto. Um movimento daquelas nadadeiras em seus quadris e de repente ele estava bem na frente dela. Sua mão se apoiou contra a lateral da piscina, bem ao lado da dela, e ele estava tão perto que ela podia ver seu próprio reflexo naqueles olhos escuros.

Mas então ele abriu a boca *e falou*.

Bitsy enviou pontos de exclamação vermelhos de advertência dançando por toda a lente, mas Anya não leu nenhum. Ela mal notou os pontos de exclamação porque, enquanto ele recuava, aquelas palavras ecoavam em sua cabeça.

Ela podia ouvi-lo.

Puta merda, ela conseguia ouvi-lo.

Cambaleando com o som de sua voz profunda e ecoante que era tão grave que parecia o borbulhar de água passando pelo vidro, ela piscou enquanto ele se afastava dela. Ele afundou um pouco mais na água, seus olhos nela um pouco afiados demais.

Mas ela conseguia ouvi-lo, porra.

Não uma confusão de sons sobrepostos ou o conhecimento de que alguém estava falando, mas não tendo a menor ideia do que estavam dizendo. A voz dele era tão profunda que ela só conseguia compará-la ao som da água sob o gelo. Um estrondo de som que ela raramente ouvia desde o acidente. Alto, ecoante e tão incrivelmente profundo.

Era estúpido. Era arriscado. Era arriscar a própria vida e jogá-la naquele monstro que tinha acabado de aparecer na piscina dela um dia. Mas ela de repente se lançou na piscina.

Anya nem tinha certeza do que estava passando pela cabeça dela, além do pensamento de que ela o tinha ouvido falar. Que ela podia ouvir os tons da voz dele e que fazia tanto tempo desde que ela tinha ouvido o movimento cortado das palavras. Elas tinham sido abafadas por tanto tempo e ela tinha se resignado a nunca ser capaz de entender o que

alguém estava dizendo, então sua mente meio que... se quebrou.

Ela se encontrou com os médicos. Ela se encontrou com outras pessoas como ela, mas muito poucas delas ficaram feridas depois de quatorze anos de audição. A maioria das pessoas que ela conhecia nasceram surdas. Ela não nasceu assim, e ela não era totalmente surda. Ela existia em um mundo entre dois povos e...

Ah, ela sentia falta de ouvir alguém falar.

A água a atingiu com um pouco de força demais. Talvez ela tivesse caído de barriga, mas de repente havia uma mão enorme em volta de sua cintura novamente. Do mesmo jeito que ele a empurrou para cima e para fora da água da última vez.

Dedos palmados seguravam suas roupas subitamente pegajosas, as garras raspando contra a renda de seu xale. E nada disso importava.

Ela se apoiou contra o peito dele, as mãos em ambos os lados daqueles músculos peitorais grossos onde ela podia sentir dois corações batendo um pouco fora do ritmo um do outro. Ele olhou para ela com os olhos arregalados. Talvez ela o tivesse chocado. Ela não tinha ideia. Tudo o que ela conseguia focar agora era na sensação daquela mão enorme abrangendo sua cintura, os dedos dele apenas se movendo levemente contra suas costas. E era... legal.

Pelo menos não tão assustador quanto ela pensava que seria.

Lambendo os lábios, ela disse a si mesma para não fazer isso de novo, pois percebeu que o olhar dele seguia aquele movimento.

— Eu posso ouvir você falar — ela sussurrou. — Eu... Só faça de novo. Por favor?

Ele franziu a testa para ela. Talvez isso devesse ter sido intimidador, mas as guelras ao redor do pescoço dele se alargaram de repente e tudo o que ela conseguia pensar era que elas eram bonitas.

— Diga alguma coisa, — ela sussurrou, suas palavras um pouco próximas de implorar. — Por favor.

Ele disse uma palavra, os tons guturais rompendo os ferimentos em seus ouvidos e ela pôde ouvir o que ele tinha a dizer. Era alto, provavelmente mais alto do que era seguro para ela estar por perto. Ele pode até machucá-la ainda mais, mas oh... Oh, o som de uma palavra.

— Mais de uma. — Os olhos de Anya se fecharam, deleitando-se com este momento.

Ele disse duas palavras.

Ela abriu um dos olhos, franzindo a testa para ele em desaprovação dessa vez. O ondino estava brincando com ela. Ele estava...

Respondendo a cada palavra que ela dizia, como se entendesse o que ela estava dizendo.

Anya congelou, e de repente tudo isso ficou muito claro. Ela estava no meio da piscina com os braços enganchados no pescoço dele. As pernas dela balançavam na água de onde ele a segurava, mas aquela cauda enorme e musculosa roçava entre as pernas dela toda vez que ele flexionava os músculos para mantê-las eretas. O braço dele estava em volta da cintura dela, a mão enorme dele enrolada nas costas dela, mas os dedos dele estavam assustadoramente perto do seio dela. Ela estava perto o suficiente da boca dele para beijá-lo.

E o ondino entendeu o que ela estava dizendo.

7

DAIOS

Daios gostou do som da voz dela. Era um pouco áspera, um pouco rouca, um pouco desafinada - assim como seu canto - mas era bonita. Mais bonita do que ele esperava. Ele deve tê-la ouvido falar no primeiro encontro, mas não conseguia se lembrar disso.

Talvez fosse porque ele queria lembrar disso como o primeiro encontro deles para sempre. Com ela pressionada contra seu peito e todo aquele corpo longo e magro à sua mercê. Ele engoliu em seco no momento em que ela pulou na água. Seus membros desajeitados se agitaram, e ele se lembrou novamente dela nadando.

Ela era uma péssima nadadora. Usava os braços demais, e não havia movimento suficiente em suas duas nadadeiras.

Pernas, ele lembrou a si mesmo. Mira as chamava de pernas.

De qualquer forma, ela não era muito boa em nadar. Ela era tão lenta, tão fraca, e agora ela se jogava na água como uma baleia exageradamente dramática, em vez do mergulho gracioso de seu povo. Ele teria medo de que ela não soubesse nadar se ele já não a tivesse visto sobreviver na água, mesmo que fosse apenas por alguns momentos. Ainda assim, uma parte dele precisava segurá-la e então ele... se agarrou a ela pela cintura fina e baniu os pensamentos dentro dele, gritando por derramamento de sangue e violência.

Rasgue-a em pedaços, as vozes em sua cabeça sussurravam. *Rasgue sua carne macia e veja que vermelhidão ela esconde por baixo. Veja se ela sangra como você quer e faça essa piscina correr vermelha com seu sangue.*

Mas mesmo quando suas garras se curvaram na fina cobertura tecida que ela usava sobre a pele, ele descobriu que não podia. Mesmo

que quisesse machucá-la, seu corpo não o deixaria. Ele queria mergulhar para longe daquele lugar com ela, sim. Ele queria pressionar seu rosto contra a curva suave do pescoço dela e puxá-la para baixo da água com ele.

Qual seria o cheiro dela? Qual seria o gosto dela quando ele a puxasse para o refúgio de seu braço?

Ele já conhecia o cheiro dela, só um pouco. Havia um indício dela na piscina. Um vago sabor cítrico como as raras vagens subaquáticas que cresciam nas profundezas. O mais tênue indício de sol no cheiro dela, mesmo sabendo que isso não era possível.

Ela era um monstro grotesco. Ele odiou a espécie dela a vida inteira.

Então por que os dedos dele pressionaram as linhas magras das costas dela e por que ele queria correr a mão pelos músculos dela? Ela parecia tão delicada em seus braços, tão fácil de segurar contra ele.

E ela queria ouvi-lo falar. Ela queria ouvir sua voz, e ele se perguntava por que isso acontecia. Ele tinha pensado que talvez ela não pudesse ouvir. Mas agora ele sabia que ela podia ouvi-lo.

— Olá — ele disse quando ela pediu para ele falar novamente.

Isso o fez se sentir tolo. Mas ele nunca foi de falar. Ele não sabia o que dizer ao sexo oposto. Nunca soube. Ele mal sabia o que dizer aos guerreiros. Daios se comunicava em grunhidos de aprovação ou desaprovação.

Mas então ela deixou aqueles olhos estranhos se fecharem, e aqueles cílios escuros mancharam suas bochechas. Quando ela pediu mais palavras, quem era ele para negar?

— Eu sou Daios, — ele respondeu, porque o que mais ele deveria dizer? Ele não sabia o que fazer com alguém assim. Ela se agarrou a ele como alguns dos peixes limpadores que o seguiam quando ele nadava por águas mais próximas da costa.

E quando ela abriu um daqueles olhos estranhos e pálidos para

encará-lo, ele quase sorriu para ela. Ela era uma coisinha monstruosa por baixo daquele exterior estranho. Ou ela era louca. Uma coisa ou outra.

Ele não tinha certeza do que era melhor. Parte dele queria que ela fosse louca, porque nenhuma achromo deveria se jogar tão facilmente em uma criatura aterrorizante das profundezas. Se ela não tinha noção, pelo menos ele sabia que deveria esperar o inesperado dela.

Mas se ela não fosse insensata? Se esse fosse apenas um momento estranho entre os dois, onde ela decidiu que queria tocá-lo?

Daios não tinha certeza se estava preparado para isso.

Então ela enrijeceu em seus braços, e ele sabia que era a primeira opção. Ela não estava pensando, e se jogou em uma criatura perigosa. Talvez tenha sido a percepção repentina de que estava nas garras de uma fera do fundo do mar que podia falar que a assustou tanto. Ou talvez ela estivesse tão enojada consigo mesma por tocá-lo que seu corpo inteiro ficou tenso.

Era mais fácil pensar nela como o que ele conhecia dos achromos. Era mais fácil engolir quando ela enrijeceu e então gentilmente colocou as mãos contra o peito dele com um empurrão suave.

Ela o encarou, seus olhos se arregalando enquanto ambos se olhavam. Ele não conseguia adivinhar o que estava se passando pela cabeça dela. Ela tinha tantas expressões, e ele não sabia o que nenhuma delas significava.

— Pisque uma vez — ela sussurrou.

Por que ela faria um pedido tão estranho, ele não tinha ideia. Mas Daios não se importava em entreter essa pequena achromo, mesmo sabendo que era um perigo. Ele tinha uma razão para estar ali, e essa razão era supostamente sequestrá-la.

Mas... ela pediu. Ele piscou uma vez.

Com um pequeno escárnio, como se não acreditasse que ele pudesse entendê-la, ela inclinou a cabeça com arrogância e disse:

— Ok, cara esperto. Pisque duas vezes.

Ele não viu mal algum nesse jogo estranho. Então ele piscou duas vezes.

Ela soltou um longo suspiro, um que seria um sinal de raiva em seu povo. Mas ela não parecia brava. Ele viu as sobrancelhas de Mira franzirem e seu rosto ficar vermelho. Esta não estava fazendo isso. Em vez disso, seus olhos se arregalaram e seu rosto empalideceu.

— Você consegue me entender? — ela sussurrou.

— Sim — ele respondeu com um aceno de cabeça.

Aparentemente, essa resposta muito parecida com a dos achromos foi a que a fez ter medo dele. As pernas dela chutaram contra os lados dele, e Daios sabia que esse era o momento em que ele precisava assumir o controle. Mas, novamente, ele não conseguiu.

Maketes teria rido ao ver o guerreiro destemido intimidado por uma mulher com apenas uma fração do seu tamanho. Ele deixou essa pequena achromo se livrar de seus braços e se lançar de volta à segurança de seu estranho lar.

Daios até a deixou sair da água, não que isso a salvaria dele. Ele poderia agarrá-la a qualquer momento. Ele poderia se lançar para fora da água também, e seu alcance era maior que o dela. Mesmo que sua pequena piscina mal o contivesse.

Pelo menos era funda. Caso contrário, ele temia não conseguir respirar pelas guelras em suas costelas.

Ela se virou, as pontas molhadas do cabelo batendo contra suas bochechas enquanto ela se virava.

— Você pode me entender.

Um ronco baixo começou em seu peito. Isso estava ficando ridículo a essa altura.

— Sim, achromo. Eu já te disse.

Ela soltou um longo suspiro, então pressionou a mão no peito. O ser

estranho que ela usava na cabeça fez um barulho suave de chilrear, e então segurou um pedaço de vidro na frente do olho dela novamente. O que aquela criatura estava fazendo?

Ele podia ver os olhos dela se movendo como se ela estivesse olhando para algo que ele não podia ver, e isso o deixou desconfortável. Esta situação tinha que ser controlada, e ele não estava no controle agora. Daios preferia saber tudo o que poderia acontecer em qualquer situação. Saber tudo era sua rede de segurança.

Com um rosnado suave, ele se lançou para frente. A pequena achromo não teve tempo de reagir antes que ele já tivesse arrancado a androide da cabeça dela. Ele era construído um pouco como Byte, e ele ainda odiava aquela caixa estranha que Mira carregava. Esta tinha pernas finas que tentaram esfaquear sua mão enquanto ele levantava o vidro.

Escrita?

Mira lhe mostrou um livro antes, e ela escreveu palavras na areia. Ele não era particularmente bom em ler a língua deles, mas ele conhecia a palavra “Perigo” depois que Mira a escreveu tantas vezes.

Isso o fez sorrir. Largo e selvagem e provavelmente tudo o que ela tinha visto em seus pesadelos. Ela certamente ficou branca como a barriga pálida de um peixe. Mas então ele devolveu a androide para ela, ainda inteira.

Ele esperava que ela percebesse o exercício de força pessoal que tinha sido. Ele ficaria muito satisfeito em sentir a androide esmagada em suas mãos.

Ela pegou a aranha de metal de volta com mãos delicadas, tão pequenas comparadas às dele, e ele odiava o quão intrigado o tamanho delas o deixava. Ele queria segurar seus dedinhos curtos, e que pensamento curioso era esse. Ele nunca quis tocar um achromo. Se ele fosse honesto, ele tinha pouco interesse em tocar seu próprio povo também.

Que estranho que ele olhou para esta e se perguntou o quão macia seria sua pele se ele corresse o dorso do dedo pela bochecha dela. Ele podia ver o pulsar de seu pulso na lateral do pescoço, e se perguntou qual seria o gosto.

Uma pequena parte dele enviou sinais de alerta, gritando que ele não deveria querer saber o gosto dela. Talvez houvesse algo errado com ele, porque e se ele quisesse comê-la? Suas presas rasgariam facilmente sua pele. Ele poderia machucá-la como machucou todos os outros, e ele já tinha pensado sobre o sangue dela. Daios cometeu erros. Esse era seu destino. Ele fodeu com tudo. Por que ele pensou que não a machucaria?

Ele engoliu em seco, de repente com medo do que aconteceria se ele ficasse mais tempo. Então, em vez disso, ele estendeu a mão, que continha o pequeno chip que ela deveria afixar na lateral da cabeça. Mira o havia dado a ele. Depois que ele a sequestrasse, ele deveria colocá-lo na cabeça da filha do General. Ignorar a dor que isso lhe causaria e levá-la para os outros.

Ela olhou para o chip, depois para ele.

— Não consigo instalar isso. Ele vai direto para a cóclea, mas a minha está danificada. Ele pode ficar preso no meu ouvido, mas não vai funcionar. Eu não... Não consigo baixar nenhum chip de tradução. — Ela virou a cabeça, mostrando a ele o espaço em branco atrás da orelha. — Tive que remover o meu depois do acidente. Esses dispositivos traduzem as palavras usando tons que podemos ouvir, mas esses são os tons que eu não consigo ouvir. Não funciona de nenhuma outra forma. Ele... não funciona.

Bem. Isso iria complicar as coisas. Como ele deveria se comunicar com ela, então?

Ele olhou para o chip em sua mão, sem saber o que fazer. A voz em sua cabeça que o avisou sobre querer machucá-la, de repente começou a sussurrar que isso era errado.

Ele a levaria para um mundo onde ela nunca entenderia ninguém. Ela já havia admitido que havia algo diferente em sua audição, o que significava que a comunicação deveria ser difícil para ela, para começar. Se ele a levasse com ele, então a estaria condenando a uma vida de silêncio. Não apenas sob o mar, onde todo som era abafado. Mas completamente e totalmente silenciosa.

Aqueles dedos delicados roçaram os dele. Ela arrancou o chip da mão enorme dele e o estendeu para o robô em sua cabeça.

— Bitsy? Segure isso para mim, pode ser?

Ele observou o robô pegá-lo, seus olhos se estreitando em desconfiança. Outro robô havia criado aquele chip, mas ele não estava interessado em nenhum de sua espécie. Eles eram artificiais e não confiáveis.

A achromo lambeu os lábios, e seus olhos imediatamente se concentraram no movimento. Toda vez que aquele pequeno lampejo rosa aparecia, ele queria saber de onde vinha. Que outras diferenças haviam.

E se ela fosse rosa em outros lugares.

— Eu vi as imagens de segurança de você entrando na cidade várias vezes, — ela disse, sua voz quase suave demais para ser ouvida. — Você sabe que eles estão rastreando você?

Ele deu de ombros. Deixe-os. Uma vez que ele estava dentro dos canos, eles estavam cegos.

— Eles vão colocar androides no sistema de encanamento. Ou vão dar descarga. Eles vão remover toda a água da cidade por uma tarde, provavelmente. Você ficará preso onde quer que esteja, e então eles vão enviar a equipe de limpeza. Aqueles androides vão te desmontar lentamente, pedaço por pedaço de serra. — Ela respirou fundo quando ele bufou. — Eu sei que você acha que pode lutar contra eles, mas haverá centenas. Muitos para destruir.

Embora seu peito estivesse ainda mais inchado, ele teve que admitir

que não parecia uma situação ideal. Seus espinhos se ergueram lentamente em suas costas, até mesmo aqueles ao longo de seus braços. Se ele tivesse que lutar para sair daqui, então ele iria. Daios não se importava em lutar. Mas ele tinha a sensação de que esta pequena achromo não gostaria de ver o que ele poderia fazer com este corpo enorme dele.

Ela deveria ter medo dele. A visão de sua raiva era o suficiente para assustar a maioria das pessoas, até mesmo sua própria espécie. Mas, em vez disso, ela mordeu o lábio e apenas olhou para ele. Considerando a raiva enquanto ela subia como se estivesse observando água ferver.

— Se estou certa, você está aqui por um motivo.

Ele assentiu.

— Por mim?

Ele levantou uma mão e a inclinou de um lado para o outro. Ele estava ali por ela, sim, mas eles realmente queriam atacar o pai dela. Eles precisavam de uma chance para provar que seu povo lutaria até o fim contra os achromos se necessário. Seu povo ficaria em paz, e eles retomariam seu mar.

Ela lambeu o lábio novamente, aquele movimento irritante roubando a mente dele até que ela falou.

— Se você está aqui para me levar embora, então eu quero a mesma coisa.

Por um momento, ele ficou sem palavras. O que ela quis dizer com querer a mesma coisa? Certamente não. Ela era a filha do General. Um modelo e figura deste lugar. Todos sabiam que ela era a filha de ouro do General, de acordo com Mira.

Ela deve ter visto a confusão em suas feições.

— Eu explicarei tudo se você puder me tirar desta cidade. Você pode fazer isso?

Ele assentiu, estendendo a mão para ela. Isso tinha se encaixado tão

bem em seu plano, que ele quase teve dificuldade em acreditar.

Mas então ela deu um passo para trás, balançando a cabeça.

— Em breve. Você pode esperar aqui por mim?

Se ninguém soubesse que ele estava aqui, então sim. Mas ele franziu a testa e então olhou incisivamente para as câmeras nas paredes. Ele sabia que Mira havia lhe dito que havia um sistema de rastreamento por toda a cidade. Eles saberiam que ele estava aqui em breve. Eles sabiam toda vez que ele vinha à superfície. Ele só tinha alguns momentos antes que as pessoas estivessem prestes a invadir esta sala. Certamente ela sabia disso?

Ela deu um tapinha no robô preso à sua cabeça.

— Bitsy já cuidou das câmeras. Enquanto você ficar na piscina, ninguém saberá que você está aqui. Só... Me dê um tempinho para me arrumar.

E então ele esperou. Observando enquanto essa estranha criatura recuava daquele cômodo e entravo no outra. Durante todo o tempo, ele se perguntava o que havia capturado.

Um delicado peixe dourado? Ou um tubarão nessas águas estranhas?

8

ANYA

Ela tinha tanta coisa que precisava pegar. E Bitsy estava gritando na frente dos olhos dela,

— Não faça isso! O que você está pensando? Não. Não. Não.

E então foi só "Não" repetido até que ela arrancou a lente dos olhos.

— Bitsy, pare de entrar em pânico.

A perna que segurava a lente bateu de volta sobre o olho dela.

— Não. Perigo. Não. Fique.

— Bitsy, vou te colocar em uma caixa à prova d'água, ok? Sei que você se molhou na piscina, mas com a pressão lá embaixo, não sabemos se você vai sobreviver. A caixa vai ficar escura, mas vou te tirar dela assim que chegarmos a um lugar seguro.

A androide agitou os braços no momento em que ela abriu a caixa. Mas Anya estava se preparando para esse exato momento há meses. Mesmo que Ace não soubesse, Anya estava pronta para ir embora. Este lugar era uma prisão. Seria muito mais fácil para ela sair desta área e então eles poderiam derrubá-la de fora.

— Eu sei que o plano era destruir a cidade de dentro para fora — ela disse, sentindo como se sua garganta estivesse fechando enquanto colocava a androide dentro da caixa. Os olhos holográficos de Bitsy piscaram para ela, arregalados com medo simulado. — Mas eu não posso ficar aqui. Esta é uma oportunidade que eu tenho que aproveitar.

Ela estava tentando descobrir como escapar sozinha. Não era provável, no entanto. Seu pai tinha pessoas na frente de sua porta o tempo todo. Caramba, até mesmo seus vizinhos a observavam

regularmente. Não havia lugar para onde ela pudesse escapar e ninguém a quem ela pudesse recorrer para pedir ajuda.

Este ondino não tinha ideia de que ela iria usá-lo para sua própria vantagem, mas isso importava? Ele queria tirá-la dali também. Ela não sabia o porquê, mas esse era um risco que ela estava disposta a correr. Ela não estaria ali se fosse com ele. E isso era bom o suficiente para ela.

Correndo para o armário, ela puxou sua roupa de mergulho. Era classificada para águas muito frias, embora a pressão provavelmente a incomodasse. Ela pensou que tinha...

Pegando o dispositivo que seu primeiro médico lhe dera, ela o enfiou em seus ouvidos. Eles não seriam perfeitos, mas ajudaram a regular a pressão em seus ouvidos após o acidente. Os plugues deveriam ajudar enquanto ela mergulhava.

Ela se abaixou atrás da divisória e esperava que isso parecesse pelo menos um pouco realista. Jogando o xale por cima da borda, ela vestiu a roupa de mergulho pelo corpo. Foi um trabalho duro. A maldita coisa era mais apertada do que ela esperava. Mas ela conseguiu vesti-la, eventualmente. Então ela jogou seu vestido verde-claro por cima.

Seus braços e pernas ainda estavam visivelmente diferentes, mas ela pensou que se jogasse o xale de volta sobre os ombros, a roupa de mergulho poderia parecer leggings para qualquer um que a observasse. Colocando a cabeça para fora, ela pensou que talvez estivesse pronta. Talvez...

Sua porta se abriu, balançando o suficiente para que o movimento chamasse sua atenção. Com os olhos arregalados, ela olhou para o banheiro.

O ondino ainda estava lá. Ele tinha o antebraço no ladrilho frio do chão dela, o queixo apoiado em um punho fechado enquanto observava ela. Aqueles olhos negros não deixaram passar nenhum detalhe. Ele viu a roupa de mergulho por baixo das roupas dela. Ele tinha que saber qual

era o plano.

O pai dela estava parado na porta, hesitando ao perceber que ela estava atrás da divisória. Ela leu os lábios dele quando ele disse:

— Temos que conversar. Fique decente. Vou te dar três minutos, garota.

A porta se fechou, sacudindo a parede ao lado com tanta força que um quadro caiu e se espatifou no chão.

— Merda, — ela sussurrou. Ou pelo menos, ela esperava ter sussurrado. Acenando com a mão para o ondino, ela tentou fazê-lo entender que ele precisava ir.

Ele levantou a cabeça. As guelras ao longo dos lados do pescoço dele se alargaram. Ela ficou repentinamente chocada ao ver... luzes. Luzes vermelhas brilhantes explodiram em brilho ao redor do rosto dele e abaixo do peito.

O ondino conseguia brilhar.

Sua boca se abriu quando outra pintura caiu no chão, ela presumiu que porque seu pai tinha batido novamente. Certo, ela não conseguia ficar ali olhando para o que era possivelmente a coisa mais incrível que ela já tinha visto em sua vida. Ela tinha que cuidar de seu pai.

Choramingando, ela podia sentir sua garganta vibrar com o som. Colocando seu xale em volta dos ombros, ela se lançou para a caixa de Bitsy. Ela pegou a androide balançando e a forçou a se enrolar em sua cabeça. As mensagens voavam tão rápido que ela quase não conseguia lê-las.

— Seu pai. Anya. Mais perigo! Estamos em apuros!

— Eu sei, eu sei, — ela murmurou, fechando a caixa e então correndo para o banheiro. Ela não tinha uma porta para a maldita coisa. Seu pai disse que era só para o caso de ela escorregar e cair no banheiro e alguém ter que salvá-la. Ela sabia que a fina cortina de contas estava lá apenas para lhe dar uma aparência de privacidade, no entanto.

Ela fechou a porta com força, virou-se para a porta e respirou fundo.

Atuação. Ela podia agir como se nada estivesse acontecendo e não houvesse um ondino em seu banheiro. Contanto que seu pai não olhasse entre as contas, ele poderia pensar que estava tudo bem.

Além da roupa de mergulho que ela estava usando por baixo do vestido. Porque isso era... normal.

Respirando lenta e firmemente, ela atendeu a porta.

Bitsy tinha duas colunas de texto voando pelos olhos. Uma era o que seu pai estava dizendo, embora ela pudesse facilmente ler seus lábios. Anya estava tão familiarizada com ele que não precisava usar Bitsy.

— Por que demorou tanto para atender a porta, garota? — Os olhos do pai varreram seu corpo de cima a baixo. — E o que diabos você está vestindo?

Enquanto isso, Bitsy acrescentou:

— Ele sabe! Ele sabe que algo está errado!

Ela não teve um segundo para murmurar que seu pai não tinha ideia do que estava acontecendo. Mesmo que o homem intrometido tenha entrado em seu quarto como se soubesse que ela tinha um ondino no banheiro.

Ele não sabia. Ele não podia. Bitsy era muito bom em desmontar as câmeras e, além disso, quem ousaria assistir à filha do General se banhar? Ninguém sabia que havia um ondino em seu quarto.

Nem mesmo o homem com todos os olhos e ouvidos da cidade à sua disposição.

O olhar do pai varreu o quarto dela antes de pousar nela. Ela sempre ficava chocada com o quão velho ele parecia ultimamente. Com a coluna curvada e as feições enrugadas, ele mal parecia mais consigo mesmo. Ela até perguntou recentemente se ele estava se sentindo bem,

mas isso não tinha sido bem recebido. Ele gritou com ela por quase dez minutos, mesmo que ela não pudesse ouvi-lo.

Mesmo que ele estivesse de costas para ela, Bitsy ainda passou as palavras dele pela lente.

— Tenho certeza de que você ouviu falar sobre os relatórios de segurança ultimamente.

— Eu tenho. — Ela tentou se mover para poder ver os lábios dele, mas seu pai sabia o que ela estava fazendo. Ele não gostou que ela analisasse seu rosto, suas palavras. Ele não gostava nem um pouco que ela olhasse para ele, na verdade. O que tornava tudo isso muito mais difícil.

— Seu destacamento de segurança vai ser triplicado. Não quero nada ameaçando sua segurança, entendeu? — Ele se virou para ela então, a falsa preocupação em seu rosto quase cômica. — Não podemos deixar o pássaro cantor de Alfa se machucar, podemos? Não depois do último... acidente.

Porque essa era toda a sua preocupação. Sua imagem. Sua cidade. Eles não podiam confiar em um homem que nem sequer mantinha sua própria filha segura. Muito menos um que a machucou duas vezes. E se ele não sabia como cuidar de seus filhos, então ele certamente não poderia cuidar deles.

Uma imagem. Era disso que se tratava. E isso significava que ela tinha que fazer sua parte.

Se isso não cortasse seu coração, ela não sabia o que o faria.

Suspirando, ela assentiu.

— Eu ficarei na minha área da cidade então.

— Você ficará no seu quarto até pegarmos esse monstro. Quando ele estiver morto, então poderemos conversar sobre deixá-la sair de novo. — Ele pegou uma mecha do cabelo dela, gentilmente torcendo-a entre os dedos. — Minha maior criação. É uma pena que você ouça tão mal

quanto sua mãe.

O que ela deveria dizer sobre isso?

A mãe dela era aparentemente um modelo nesta cidade. Todos sempre diziam a ela o quanto Anya se parecia com a mãe dela. Como todos sempre amaram a mãe dela. Que se ela fosse um pouco mais graciosa, ela seria a cara da mulher que fez toda Alfa se apaixonar.

Mas o pai dela? Ele odiava a mera menção da mulher. Se alguém a mencionasse na frente do General, ele perderia sua mente. Ele ficava vermelho no rosto e aquela veia em sua testa saltava muito mais do que o normal.

Anya nem sabia o nome da mãe. Era como se ele tivesse riscado dos livros de história e aterrorizado qualquer um que pensasse em talvez mencionar o nome dela para a filha. Não que o pai dela fosse conhecido como "Jonathon". Ele era conhecido como "General". Essa é a única maneira como alguém o chamava.

Ela ficou ali, deixando-o puxar a mecha de seu cabelo antes de começar a voltar para a porta. As palavras dele passaram diante de seus olhos.

— Só tente ser boazinha por mais algumas semanas, ok? Não posso deixar nada acontecer com minha filha. Os ondinos despedaçariam uma coisinha tão pequena.

Então Bitsy acrescentou:

— Ele é um idiota.

Ela precisou de toda a sua força de vontade para não rir disso.

O General se virou e franziu a testa diante da expressão dela.

— E pare de se vestir assim. Você está horrível.

A porta se fechou, e ela mostrou a língua para o painel plano. Para completar, ela também mostrou o dedo do meio. Pelo menos ela estava de costas para as câmeras e ninguém veria seu pequeno ato de rebelião contra o homem que a mantinha trancada a sete chaves.

Girando, ela correu em direção ao banheiro e abriu a cortina de contas.

Nenhum ondino.

Nem mesmo o mais leve movimento de água que sugerisse que ele ainda estava ali. Mas ela caminhou até a borda mesmo assim, espiando a água onde o cano entrava na piscina dela. Ela ainda tinha esperança de que talvez, só talvez, ele tivesse esperado por ela.

Ele não estava.

— Droga, — ela murmurou. — Essa pode ter sido minha última chance.

— Mais seguro aqui, — Bitsy piscou, as palavras então delineadas com um coração crescente que estalou nas bordas da tela. — Nós ficamos seguras!

— Não quero ficar segura aqui. Essa segurança é uma mentira. Só há uma gaiola da qual preciso sair.

Talvez houvesse outras opções, no entanto. Agora que estava na cabeça dela, era tudo o que ela conseguia pensar.

Ela não queria ficar sob o domínio do pai pelo resto da vida. Ela não queria ajudar Alfa a ser esse modelo de cidade onde só os ricos viviam. E ela com certeza não queria ser a figura de proa para todas as pessoas olharem e dizerem "uau, eu quero ser igual a ela", não quando ela usava as correntes de uma cidade inteira em volta do pescoço.

— Bitsy, tente se conectar com Ace.

Bitsy repetiu o nome de Ace em amarelo brilhante.

— Sim, entre em contato com Ace. E você ainda tem aquele chip de tradução que ele te deu?

Sentando-se em sua mesa, ela tirou a pequena androide de sua cabeça e deixou Bitsy se esparramar na mesa. Obviamente, a androide sabia o que Anya queria fazer. Bitsy esticou suas pernas finas e se acomodou enquanto apresentava a parte inferior de sua unidade.

Ela colocou a lente sobre a mesa para que Anya pudesse vê-la, mesmo enquanto ela mexia nela.

Sua mensagem foi recebida quase imediatamente.

— Rainha de Copas?

— Ei, Ace — ela disse, pegando todas as suas ferramentas. — Alguma chance de você saber como adicionar um chip de tradução a um modelo de androide Terra Lingua 4275?

Houve uma longa pausa antes que mais palavras aparecessem.

— Não, mas eu posso descobrir. Quando você precisa da informação?

— Assim que possível. Estou com o droide aberto agora mesmo.

— Deixe-me ir para algum lugar privado e então eu descubro. Por que você precisa dessa informação?

Anya sempre confiou em Ace. Desde que a primeira mensagem apareceu em sua lente e Ace disse a ela que eles não eram uma ameaça. A mensagem foi enviada na esperança de que Anya pudesse ajudá-los, e o resto era história.

Elas conversaram centenas de vezes desde então. Ela sabia que Ace estava em outra cidade, e que Ace tinha passado a maior parte da vida tentando descobrir como derrotar Alfa. Juntas, elas tinham bolado um plano infalível. Levar alguém para a cidade. Hackear os sistemas. Espalhar todas as informações terríveis sobre o pai dela que pudessem.

Uma vez que isso estivesse terminado, elas poderiam lançar seu próprio candidato para substituir o General. Alguém que não fosse o chefe do exército. Alguém que não pegaria todos os problemas e responderia com violência ou morte. Essa era a única maneira de curar o que havia sido quebrado. Ambas tinham certeza disso.

Mas ela não tinha certeza do que Ace diria se Anya dissesse que estava tentando falar com um ondino.

— Seria legal se tivéssemos um código. Encontrei um novo chip de

tradução, não tenho certeza de qual idioma é. Mas se eu instalar, ninguém saberá o que estamos dizendo uma a outra.

— Inteligente.

— Sim — ela disse calmamente, abrindo o bumbum de Bitsy e expondo toda a fiação delicada ali dentro.

Ela se perguntou o que estava se passando na mente de Ace. O outro lado da operação delas acreditava nela? Então a culpa se instalou, afundando em seu intestino como um punho enrolado em seus intestinos. Elas tinham muitos planos e poderia ser mais difícil para ela ajudar a garantir que esses planos acontecessem se ela não estivesse aqui.

Mas se ela estivesse ali, ela arriscaria sua vida. A qualquer momento, seu pai poderia descobrir o que elas estavam fazendo. Ele poderia pegá-la, e então ela realmente estaria em uma gaiola. Ele só a deixaria sair para ver a luz do sol falsa quando ele precisava que ela desfilasse na frente de seu povo. Fora isso, ela se preocupava com como seria sua vida.

— Bom para você. — As palavras dançaram na tela. — Eu estava me perguntando quando você finalmente iria criar coragem.

Um sorriso brilhante se espalhou por seu rosto.

— Bem, eu tive uma boa mentora para me ensinar como ser corajosa.

— Você vai me fazer corar. Pare.

— É a verdade, no entanto. Não sei o que faria sem você.

Outra longa pausa antes de Ace dizer:

— Chega de merda piegas. Descobri como hackear o chip de tradução da sua androide e adicionar aquele novo. Quer saber como fazer isso ou o quê?

Mesmo que o ondino nunca mais voltasse, ela queria saber. Porque Anya queria saber como fazer tudo que deixaria seu pai bravo. Erguendo seu menor alicate de bico fino, ela respondeu:

— É. Vamos fazer isso.

9

DAIOS

— Isso vai ser um problema — murmurou Maketes enquanto Daios se juntava ao irmão novamente no ponto de encontro.

Daios o informou sobre tudo o que havia descoberto. A falta de habilidade deles de se comunicar com a filha do General. Os sistemas de canos. Ele mostrou ao irmão o mapa que havia desenhado e contou a ele sobre a ameaça dela de que ele acabaria preso naqueles canos enquanto hordas de robôs desciam sobre ele.

— Qual parte será um problema? — ele murmurou, olhando para o mapa com uma expressão preocupada.

— Tudo isso.

— Qual parte mais?

Maketes deu de ombros.

— Quer dizer, podemos superar problemas de comunicação. Mira e Arges conseguiram no começo. Vamos descobrir isso. O principal problema é pegá-la agora. Como você não percebeu que eles estavam te observando?

— Eu sabia que estavam. — Daios olhou para as pedras na areia, tentando fazer a solução aparecer diante de seus olhos. — Não tenho certeza de qual é o melhor caminho a seguir agora.

— Por que você não está em pânico? Você deveria estar em pânico. Você já a viu várias vezes e todas as vezes você falhou em pegá-la. Agora não tem como entrarmos, e estamos todos ferrados.

— Que palavra é essa? — Ele finalmente levantou os olhos do seu projeto para franzir a testa para o companheiro de cardume de barbatana amarela. — Ferrados?

— Ah. É algo que Mira diz quando não há como vencer a situação. — Maketes esfregou a nuca. — Acho que usei direito.

O brilho amarelo de seu corpo tornou-se doentiamente pálido, como sempre acontecia quando Maketes se sentia envergonhado. Seu irmão nunca tinha se tornado muito bom em controlar suas cores.

Daios suspirou.

— Não há nada de errado com a forma como você o usou. Tenho certeza.

E lá se foi. Todas as cores ficaram amarelo-brilhantes como o sol, como sempre acontecia quando seu irmão ficava tranquilo.

— É gentil da sua parte. De qualquer forma, pensei que você ficaria mais bravo comigo do que está.

— Por que eu ficaria bravo com você?

Então ele sentiu o cheiro dele. Ou melhor, deles. O cheiro na corrente não era um que deveria estar no oceano. Pelo menos, não nesta parte do oceano. Arreganhando os dentes em um rosnado, ele lançou seu olhar para trás deles, onde a escuridão lentamente se dividiu em torno de duas figuras. Uma ele conhecia tão bem quanto ele mesmo, o azul elétrico de seu corpo iluminando a escuridão do oceano. A outra estava conectada a ele por um cordão, seu cabelo ruivo tão escuro quanto sangue na luz fraca.

Mira e Arges.

Ele ainda não se sentia confortável perto dela. Ele tentou matá-la várias vezes, e tinha certeza de que ela nunca o perdoaria por isso. Ela não deveria, de qualquer forma. A crueldade da natureza dele quase acabara com a vida dela, e ela tinha todo o direito de usar isso contra ele.

Ele preferia assim. Pelo menos se todos pensassem que ele era o vilão, ele poderia tirar a atenção de qualquer um que errasse também. Seus ombros largos poderiam segurar o ódio deles, e eles poderiam perdoar os outros.

Era o lugar dele. E ele pretendia que continuasse assim.

Ele esperou lá, seu cabelo flutuando e enrolando em volta de seus ombros enquanto seu irmão de ninhada se juntava a ele. Com um aceno para seu irmão, e uma leve inclinação de sua cabeça para Mira, ele apontou para as pedras.

— Eu sei para onde ir.

— Maketes já nos contou sobre isso esta manhã. — Arges estreitou o olhar. — Presumo que ainda há mais informações, agora que vejo que você está aqui novamente sem a mulher.

Ele encarou o irmão nos olhos e esperou que ele não estivesse revelando muito. Ele não tinha intenção de contar nada a Arges, mesmo sabendo que seu irmão certamente tentaria arrancar isso dele. E provavelmente conseguiria. Eles se conheciam muito bem, e Arges sabia quando ele estava planejando algo.

Mira estreitou os olhos antes de voltar sua atenção para Maketes.

— O que mudou?

Maketes pode ser seu companheiro de cardume que gostava de sua diversão, mas ele sabia como ficar fora de uma briga. Ele levantou suas mãos palmadas, dedos bem abertos, e balançou a cabeça.

— Eu não vou me meter nisso. Foi a ele que você deu a missão. Estou aqui apenas para ficar de babá.

— O que isso significa? — Daios rosnou.

Ficar de babá não parecia nem remotamente próximo do que Maketes estava fazendo ali com ele. Sim, seu irmão o observava para garantir que não houvesse surpresas, mas era só isso.

Maketes apenas sorriu e deu de ombros.

— É outro termo que Mira usa. Ela sabe o que quero dizer.

— Significa que ele está cuidando de você porque você não pode cuidar de si mesmo. Como uma criança, — ela disse, sua voz ficando áspera de raiva. — Então o que mudou? Posso ver que algo aconteceu e

nenhum de vocês quer nos contar.

Ele admitiria que estava impressionado com a habilidade dela de ver através deles. Arges havia escolhido um tubarão bastante assustador como companheira, e essa era a única maneira de ela se encaixar com seu povo. Embora houvesse alguns que ainda estavam muito hesitantes sobre ela, a maioria do Povo da Água a havia aceitado. Afinal, ela era a companheira de Arges. E eles amavam Arges.

Mostrando os dentes em um estremecimento que provavelmente só seu irmão reconheceria, ele se virou para as pedras.

— Há três entradas. Os achromos têm me observado entrar e sair, infelizmente, o que significa que preciso ser rápido sobre isso. Aquela que você me enviou para roubar me informou que eles vão drenar os canos em breve. Fechando a cidade da água por um período indeterminado.

Mira se juntou a ele, olhando para as pedras com uma carranca.

— A menos que tenham um estoque considerável de água doce em algum lugar, eles não podem cortar a água da cidade inteira. Os humanos precisam disso para viver.

Ele deu de ombros.

— É o que ela me disse.

— Você falou com a filha do General? — Arges nadou para o outro lado, suas nadadeiras espalhando areia sobre as pedras. — Por que você não a levou quando teve a chance?

Houve uma risada abafada e uma tosse que vieram de uma curta distância, e Daios olhou feio para o irmão de barbatanas amarelas que sabia que não deveria rir em momentos como esses.

— Sim, eu falei com ela.

— E por que você não a levou então? Você sabia para que estava lá.

Ele encontrou o olhar do irmão e soube que talvez algo tivesse acontecido entre eles que ele não queria que Arges soubesse. Não ainda,

pelo menos. O rabo do irmão envolveu o dele, empurrando-o para longe dos outros dois.

— Venha, — Arges disse, sua voz baixa e gutural. — Precisamos conversar.

O que Daios não esperava era que Arges entregasse Mira para Maketes. Até ela pareceu surpresa, mas rapidamente se desconectou de Arges e pegou o tentáculo oferecido por Maketes. Todas as Pessoas da Água tinham esse tentáculo, embora seu propósito fosse um mistério há muito tempo. Daios tinha um. Todos eles tinham. Os tentáculos eram uma parte de seus corpos para os quais eles não tinham explicação, até Mira.

Assim que Arges se certificou de que sua companheira ainda estava respirando, eles se aproximaram de Alfa. Os dois se acomodaram na areia de bruços, observando a cidade se mover, e os pilares brilhando e queimando enquanto os peixes nadavam muito perto. Eles fizeram isso uma centena de vezes em suas vidas, mas a facilidade que tinham juntos não era a mesma. Nunca seria depois do que havia acontecido.

— Você está diferente, — Arges finalmente disse. — Você tem um propósito, ao que parece, e não acho que foi o que lhe demos.

Novamente ele estremeceu, seus dentes expostos ao mar gelado antes de responder:

— Eu não sei o que é.

— Eu posso ver isso na sua coloração, sabia? Seu corpo está tomando decisões por você, é isso?

Ele tentou entender o que estava acontecendo por muitas noites. Daios mal dormiu enquanto tentava convencer os desejos a desaparecerem. Afinal, ele tinha uma missão. Esta mulher tinha que ser entregue a Arges e Mira. Essa era a única escolha.

Mas, novamente, até mesmo o pensamento fez algo nele se rebelar. Seu corpo inteiro se contraiu, se agarrando à própria ideia de levá-la para

sua casa, onde ele sabia que outros a tirariam dele. Ela estaria naquele casulo com Mira. Ele seria capaz de vê-la todos os dias e não fazer... algo que seu corpo parecia entender.

— Eu nunca pensei que isso aconteceria com você, — Arges disse, seus olhos seguindo as luzes vermelhas que iluminavam o corpo inteiro de Daios. — De todo o nosso povo, você os odeia mais.

— Eu tenho mais motivos para odiá-los — respondeu Daios.

— Depois de tudo o que você fez? Acho que você pode estar certo.

Como ele disse ao irmão que ainda conseguia ouvir todas as pessoas com quem havia falhado? Todas as pessoas que haviam morrido por causa dos achromos? Ele ainda sonhava com luzes brilhantes piscando e sangue cobrindo a água. Seu braço ainda doía quando ele acordava, um lembrete constante de que não importava o que ele fizesse, não importava o quanto ele pagasse por sua penitência, ele ainda os havia levado ao massacre.

Então ele piscou, e pôde vê-los todos novamente. Flutuando atrás de Arges, dessa vez uma cauda delicada com buracos por toda a cauda, apenas flutuando pelo mar. Uma cauda que pertencera a alguém tão maravilhoso, mesmo que ele não os conhecesse. Todo o seu povo era especial à sua maneira, e ele havia arruinado muitos deles.

— Daios, — Arges disse, voltando seus olhos para seu irmão, embora ainda pudesse ver a carnificina atrás dele. — O que você está planejando fazer com ela?

— Não sei.

— Você vai levá-la de volta para o casulo?

— Não.

— Você vai machucá-la?

Por mais que quisesse matá-la e acabar com seu próprio sofrimento, ele não tinha certeza se conseguiria fazê-lo. Algo profundo dentro dele se rebelou com o pensamento de que ela poderia sofrer algum mal, e isso

era um sinal de alerta tanto quanto qualquer outra coisa.

Ele zombou antes de responder:

— Não.

Arges assentiu lentamente, seu olhar retornando à cidade como se ele pudesse vê-la dali.

— Eles são delicados. Fique de olho no que ela come e bebe. Certifique-se de que ela não fique na água por muito tempo, porque é muito frio para eles.

— Eu vi você com Mira.

— Você não sabe o que é ter um deles como companheiro. O medo constante de que eles morram sob sua vigilância. O nervosismo que vem com saber que qualquer coisa pode matá-los. Eles não têm uma maneira natural de se proteger e estão sendo forçados a desistir de seu mundo devido aos nossos próprios desejos por eles. Não é fácil. — Arges limpou a garganta, seus olhos ainda não estavam em Daios. — Eu não acho que você esteja pronto para o que isso vai fazer você sentir.

Ele também não.

Espere. Não, ele não a queria como companheira. Não era isso que era. Não podia ser. Seu corpo era seu para controlar e dizer o que fazer, e ele não deixaria a biologia fazer suas escolhas.

— Eu não vou ficar com ela — ele rosnou.

— Sério? — Arges respondeu com uma risada. — Eu vejo como seu corpo está reagindo a uma única palavra sobre ela. Você vai ficar com ela, Daios, e não será fácil.

— Não tenho interesse em achromos. — Ele cuspiu as palavras. — Você caiu nessa loucura. Eu não vou.

— Tantas palavras para defender um macho que já perdeu a luta. — Arges empurrou as mãos na areia, fazendo seu corpo cambalear para cima. — Leve-a para algum lugar seguro por um tempo. Faça o que for preciso para tirar isso do seu sistema. Mas eu te conheço, irmão. Eu te

conheço bem. Você pode lutar contra isso o quanto quiser, assim como eu fiz. Mas em breve, você se verá completando os rituais de acasalamento.

Enrolando o punho na areia, ele disse a si mesmo que não faria isso. Mas ele já sabia que era mentira. Uma parte dele queria ficar com essa pequena pedra preciosa que ele havia encontrado nas profundezas do oceano. Era uma necessidade cobiçosa dentro dele, uma fera flexível que se contorcia em seu peito e forçava seu corpo a fazer coisas que ele não entendia.

— Eu não a quero — ele disse, olhando para seu irmão, que flutuava no escuro acima dele.

Algumas luzes azuis piscantes brilharam ao longo da cauda de Arges. Então Arges olhou mais longe, para Mira e Maketes, onde os dois estavam discutindo sobre alguma forma de linguagem achromo, provavelmente. Essas luzes brilharam mais intensamente por um momento antes que ele as controlasse.

— Nem eu — Arges murmurou. — Eu não a queria, e ela não me queria. Mas quanto mais tempo eu estava com ela, mais eu percebia que havia uma força em seu coração que eu admirava. Uma gentileza em sua alma que eu não tinha. Uma sagacidade em sua mente que combinava com a minha. Ela era inesperada e resiliente de uma forma que eu nunca havia atribuído a sua espécie antes.

— Eu sei do seu respeito por ela. — Ele realmente sabia. Daios simplesmente não via o achromo do jeito que seu irmão via.

— Então você logo verá algo nesta humana que não percebeu. E então, já será tarde demais para você. Assim como foi para mim. — Arges deu um tapa nas costas dele com a parte plana do rabo. — Boa sorte, mesmo que eu não ache que você seja talhado para isso. Apenas mantenha-a viva. Sim?

— Eu vou — ele resmungou.

— Da sua boca para os ouvidos dos antigos. Deixe que eles o

punam se você falhar com todos nós novamente.

As palavras ecoaram em sua mente muito depois de Arges ter se reunido com Mira. Ele podia dizer que a achromo estava olhando para ele. O olhar dela era como um toque físico que erguia os espinhos mortais ao longo de suas costas. Ele desejou poder mandá-los para o mar como punhais, apenas para lhe dar um pequeno momento em que pudesse sentir como se estivesse em paz.

Em vez disso, ele ficou ali deitado nas areias. Seu olhar nunca deixou a cidade de Alfa, mas ele não viu a cidade. Em vez disso, ele viu corpos. Ele ouviu os sussurros dos mortos em seus ouvidos.

Até mesmo seu irmão não achava que conseguiria manter uma mísera achromozinha viva. Até mesmo seu companheiro de ninhada, aquele que havia compartilhado um ovo com ele, acreditava que ele era descuidado demais para manter outra pessoa viva.

Seu toque era a morte.

Seu corpo foi feito para ser uma arma ou um escudo, nada mais. Um tsunami destrutivo que matou tudo e qualquer coisa em seu rastro.

A água se agitou ao lado dele, e Maketes parou ao lado da elevação.

— Estou retornando com eles.

Ele resmungou.

— Arges disse que levaria um pouco mais de tempo para você recuperá-la? Ele deu desculpas para você, embora eu não ache que Mira tenha acreditado nelas. Logo, você terá que lidar com ela.

Outro grunhido. Deixe a achromo tentar pará-lo. Ele não tinha medo de Mira.

Uma pequena corrente se levantou, como se Maketes estivesse partindo. Mas então ele ouviu uma última coisa do irmão de barbatanas amarelas.

— Há uma instalação abandonada aqui perto. Os achromos nunca

vão lá. Eu explorei há um tempo, e ainda há ar se ela precisar. Claro, há apenas alguns bolsões que eu vi, mas... Bem, acho que será um lugar bom o suficiente. É mais perto da saliência. Grande queda. Não tem como não ver.

Ele conhecia a área geral da qual seu irmão falava. Era fácil o bastante para ele encontrar, mesmo que fosse um nado assustador para ela.

Ele teve que sacudir os pensamentos para fora de sua mente. Por que importava se ela estava com medo? Ele estava levando-a embora, e isso era sobre se livrar desses desejos. Não ceder a eles.

Pelo menos foi o que ele disse a si mesmo.

Uma máscara caiu na areia perto do ombro dele.

— Mira deixou isso para ela. Eu quase não dei para você, já que acho que você deveria pelo menos tentar fazer uma conexão com outra coisa viva. Ainda assim. Eu me sentiria mal se você afogasse a pobre coitada porque se recusou a respirar por ela.

Ele esperou até que Maketes se fosse antes de enrolar os dedos em volta das tiras da máscara. Ele não estava fazendo isso para convencê-la a ser sua companheira. Ele não tentava fazer isso há anos e disse a si mesmo que nunca mais faria isso.

Mas ele não conseguia tirar sua própria máscara.

10

ANYA

Ela nunca teve tantos ataques de pânico seguidos.

O pai dela tinha colocado tantas pessoas ao redor da casa dela, que ela sentia que não conseguia respirar. Anya só tinha visto tantas pessoas andando constantemente pela porta dela quando havia um festival acontecendo na cidade. Mas agora? Parecia que toda vez que alguém passava pela porta dela, eles paravam para ouvir o que ela estava fazendo.

As câmeras continuaram se movendo. Mesmo quando ela estava dormindo, ela as ouvia se mover e ranger enquanto alguém a monitorava constantemente.

Bitsy tinha que consertar as do banheiro quase constantemente. Ela não queria que ninguém percebesse que ela podia mexer nas câmeras, o que significava que toda vez que ela entrava no banheiro, Bitsy tinha que ir primeiro. Elas tinham que fazer parecer crível que ela ainda estava se movendo.

Ela não conseguia falar com Ace.

Ela não conseguia fazer nada além de tentar fingir que tinha uma rotina que não envolvia tudo o mais que ela costumava fazer. Tudo ela conseguia focar era que eles estavam observando-a. E que não importava o que ela fizesse, ela tinha que sofrer com isso.

Ninguém viria para salvá-la. Nem o ondino. Nem Ace. Ninguém.

E agora, Anya não conseguia nem salvar a si mesma.

A operação que ela e Ace planejaram já tinha fracassado. Poucos dias atrás, ela recebeu a mensagem por Bitsy de que o agente que eles escolheram para se esconder em Alfa enquanto a nave deles partia tinha

falhado. Os guardas de seu pai estavam tão empolgados com esse ondino estúpido entrando e saindo da cidade que eles fizeram todas as outras medidas de segurança intensificarem também.

O jovem foi pego e executado no local. Anya não conseguiu evitar sentir que isso era culpa dela.

Ela não tinha controle sobre o ondino, mas poderia ter impedido a criatura de entrar na cidade. Talvez. Se ela estivesse com o pai quando descobriram o jovem não registrado, talvez pudesse ter implorado por misericórdia.

Não que isso importasse. O pai dela não tinha misericórdia para dar.

— Você precisa respirar — Bitsy disse, as palavras piscando em azul brilhante na tela. Uma pequena gota d'água, caricaturada, então ela sabia que era Bitsy, seguiu as palavras.

Ela precisava respirar. Mas, na verdade, a única coisa que a faria se sentir melhor era sair dali. Ela não queria mais ficar assim. Ela estava sendo esmagada.

Cada respiração a acalmava lentamente, no entanto. Vagando pelo banheiro, ela se sentou ao lado da piscina. Logo, alguém estaria batendo em sua porta para lembrá-la de que não era seguro sentar-se perto da piscina.

Sempre havia alguém observando as telas agora. Mesmo que ela mandasse Bitsy trocá-las, alguém viria para consertar as câmeras. Elas já tinham feito isso duas vezes. Se ela não tomasse cuidado, ela teria que... que...

— Isso é um caranguejo? — ela sussurrou, para que as câmeras não captassem sua pergunta.

Bitsy circulou o caranguejo bem grande no fundo da piscina e o cercou com pontos de exclamação vermelhos.

— Um caranguejo!

— Um caranguejo, — ela repetiu, inclinando-se um pouco mais perto da água. — O que um caranguejo está fazendo na minha piscina?

Às vezes, criaturas marinhas vagavam pelos canos, mas nunca tinham chegado tão longe. Não havia nada para eles comerem lá dentro e, claro, havia os sistemas de ventilação em que eles geralmente ficavam presos. O que diabos um caranguejo estava fazendo em sua piscina?

Mas então ela olhou um pouco mais de perto e pôde ver que havia uma onda gravada nas costas. Alguém havia esculpido a concha do caranguejo. Um símbolo que ela pensou que talvez fosse para ela.

— Bitsy? — ela murmurou. — Acho que é hora de entrar na sua caixa.

O caranguejo olhou para ela e esfregou as garras. Ela não sabia o que aquilo significava, mas se ela pressionasse os dedos contra a lateral da piscina, ela quase conseguia sentir a vibração. O mais leve tremor de clique que ecoava pela água.

— Não corra, — ela murmurou para si mesma enquanto entrava em seu quarto. — Não dê a eles nenhuma razão para…

— Alguém está batendo, — Bitsy interrompeu, com uma flecha apontando para a porta. — Atenda.

Ela imediatamente abriu a porta, parando o homem no meio da batida. Ele abaixou a mão rapidamente, seus olhos se movendo sobre Bitsy antes de assentir.

— Bom, você está usando isso. Seu pai queria que eu te lembrasse que você não deve se sentar perto da piscina. Se você continuar a fazer isso, nós a fecharemos de seus aposentos.

Anya não se importava com o que ele estava dizendo, mas fingiu ler as palavras que voavam enquanto ele as dizia. Este homem nem tentou diminuir o ritmo do que estava dizendo, para que ela pudesse ler as palavras. Ele apenas cuspiu todos os sons, deu-lhe outro aceno e então se virou para ir embora.

— Rude.

Ela deve ter dito a palavra muito alto porque ele se virou, apenas para ela bater à porta na cara dele. Ela não se importou. Isso era um sinal, ela tinha certeza disso.

Levando a caixa transportadora de Bitsy para trás da divisória com ela, ela puxou sua roupa de mergulho para fora do armário. Esta era a única área onde não havia uma câmera apontada para ela. Claro, se ela não se apressasse, então alguém iria bater novamente para ter certeza de que ela estava bem. E os microfones aqui tornavam impossível para ela falar com Ace. Pelo menos, não facilmente.

Então ela tirou Bitsy da cabeça e gentilmente colocou o pequeno robô dentro de sua caixa de transporte à prova d'água. Arrastando um dedo pela lateral, ela o chutou bem na tela onde aqueles olhos grandes a encaravam.

— Confie em mim — ela sussurrou, esperando que a câmera não captasse suas palavras.

Demorou uma eternidade para vestir sua roupa de mergulho, e o tempo todo ela teve que se convencer desse plano maluco. Afinal, um caranguejo com uma marcação estranha não era muita informação para se seguir. Pode ser apenas uma coincidência.

Qual era a probabilidade de que os ondinos tivessem algum tipo de conexão com o mar que os humanos não pudessem entender? Muito pequena. Ela provavelmente iria se trancar enquanto seu pai esvaziava a cidade inteira de água por causa de sua filha estúpida. Ela seria culpada por muito mais coisas que viriam do que apenas o que ela estava fazendo agora.

Arriscado. Tudo isso era arriscado.

Isso tudo pode ser algo que ela inventou na cabeça porque estava desesperada para sair dali, mas... Ela não ia parar. Ela tinha que tentar.

Com a roupa de mergulho vestida, um vestido verde por cima para

lhe dar alguns momentos extras, ela pegou a mala lacrada de Bitsy e respirou fundo. Nada de correr. Ela só podia correr depois de atravessar para o banheiro. Então ela valsou pelo quarto como se não fosse suspeito que ela estivesse carregando uma mala e usando leggings estranhas por baixo do vestido.

Tudo o que ela tinha que fazer era ir ao banheiro. Então ela poderia... fugir.

Seu pé cruzou a soleira, e ela correu para a água, batendo nela com um tapa forte. A temperatura gelada roubou seu fôlego, e ela teve que nadar de volta para o topo para encher os pulmões.

Porra, estava tão frio. Muito mais frio do que deveria estar, o que só podia significar que seu pai estava seguindo em frente com seus planos de drenar a cidade. A água vinha direto das profundezas geladas do oceano, e não era filtrada. Foi assim que o caranguejo entrou aqui.

Respirando fundo mais uma vez, ela afundou na água e foi até o cano. O caranguejo ainda estava de um lado da piscina, e outro estava esperando na abertura do cano.

Mas tudo era escuridão além. Nenhum ondino. Ninguém esperando lá para roubá-la como um vilão de conto de fadas. Havia apenas ela, olhando para um cano com sua maleta de androide na mão.

O que ela fez? Ela deveria voltar para o quarto e de alguma forma tentar argumentar que tinha caído? Ela claramente não tinha caído na piscina. O pai dela ia acabar com ela por isso.

Chutando de volta para a superfície, ela respirou fundo e se acalmou. A água não estava tão ruim agora, ou talvez ela estivesse apenas ficando um pouco entorpecida.

Seja qual for o raciocínio, isso a fez se sentir um pouco louca. Ela olhou para a porta onde sabia que alguém estava prestes a bater ou arrombar sem pedir, mesmo que ela não pudesse ouvi-los. E ela sentiu a pressão de viver assim pesar sobre seus ombros. Ela não conseguia mais

lidar com isso.

Ondino ou não, ela não ficaria mais ali.

Respirando fundo outra vez, ela voltou para o cano. O outro caranguejo ali olhou para ela com algo que ela assumiu ser surpresa e começou a esfregar suas garras ainda mais forte.

Anya empurrou a maleta de Bitsy para a frente dela e então se arrastou para dentro do cano. Talvez seu pai o esvaziasse enquanto ela estivesse lá dentro. Só de pensar nisso, uma bolha de insanidade estourou em seu peito, um pequeno redemoinho vertiginoso de loucura. Ela era pequena o suficiente para ser jogada do outro lado no mar. Ela provavelmente morreria. Mas que aventura.

Usando os braços e as pernas para se puxar e a caixa para a frente, ela conseguiu chegar até o cano e chegar à primeira bifurcação. Havia quatro canos aqui, três direções diferentes daquela em que ela já estava. Mas quando ela olhou, havia caranguejos em todos eles. Ela mal conseguia ver dois deles da luz no que deviam ser outros sistemas de piscina. No cano mais escuro, porém, ela conseguia sentir o zumbido fraco de outro caranguejo esfregando as pernas.

A vibração rangente e áspera lhe deu arrepios na espinha. Ou talvez fosse a sensação de que seu ar estava acabando.

Ainda assim, ela virou para a direita e seguiu a sensação na escuridão, mesmo enquanto seus pulmões gritavam. Mesmo enquanto a escuridão se instalava ao seu redor, enjoativa e pegajosa. Tudo de repente pesou em sua mente. Sussurrando que ela tinha cometido um erro, que ela iria morrer aqui embaixo e ninguém saberia.

Ela confiou em um sonho. Um ondino que provavelmente nem existia e aqui estava ela, longe demais de sua própria piscina para voltar. Ela ia se afogar. Que maneira terrível de morrer quando ela poderia ter escolhido ficar onde estava. Segura como um pássaro canoro em uma gaiola.

Tudo na frente dela ficou vermelho. A princípio, ela pensou que fosse o sistema de segurança. Seu pai já devia ter recebido a notícia de que ela tinha mergulhado no sistema de encanamento e isso só podia significar que ele estava prestes a desligar toda a água. Isso não a salvaria, mas a mataria muito rápido, e talvez esse fosse o jogo dele.

Então ela percebeu que não era uma luz acima de sua cabeça. Eram muitas luzes, todas brilhando de um corpo que a alcançava.

Um grito agudo irrompeu de sua boca, expelindo o último pedaço de ar. Ela esperava que ele estivesse aqui, e ainda assim, tudo o que sua mente viu foi uma mão com garras e dentes afiados brilhando em um ritmo de luzes vermelhas que significavam sua ruína. Mesmo que ela fosse se afogar, ela ainda estava apavorada com o monstro que de repente tomou conta do cano inteiro com o comprimento enorme de seu corpo.

Ele não reagiu ao grito dela. Em vez disso, ele pressionou algo contra o rosto dela. Era frio e duro, e por um momento ela se perguntou se ele estava tentando matá-la. Mas ele nunca tinha tentado matá-la antes e…

Ele apertou um botão na lateral e de repente toda a água ao redor da boca dela desapareceu e *ela conseguiu respirar*.

Inspirando o máximo de ar que podia, o coração de Anya quase saiu do peito enquanto ele fixava o aparelho em volta da cabeça dela. Tão gentilmente. Suas garras nunca prenderam em seu cabelo enquanto ele o prendia atrás das orelhas e então se certificava de que estava encaixado corretamente em sua boca. Ele esperou até que ela estivesse respirando um pouco normalmente antes de começar a... recuar para fora do sistema de tubos.

Ele plantou aquela mão palmada contra o metal liso e se empurrou para trás. Parecia estranho e desconfortável. Ele nem olhou para ela, apenas continuou se movendo enquanto ela o seguia.

Havia mais caranguejos. Para onde quer que ela olhasse. Caranguejos com ondas esculpidas nas costas, um símbolo que ela só conseguia entender como o próprio oceano. Ele *havia* enviado uma mensagem com caranguejos.

E ela estava certa. Ele estava indo atrás dela.

Aventura e esperança queimando em seu peito, ela se moveu atrás dele. Quando ele percebeu que ela podia se mover mais rápido, ele também o fez. Ela não tinha certeza de como ele estava deslizando tão rápido com apenas um braço, mas ela não podia pensar muito sobre isso agora. Eles só tinham um tempo antes...

Ele congelou. O ondino olhou para ela, então para o cano à direita deles. Ele se inclinou para frente e a empurrou com força, de volta para o cano pelo qual ela tinha acabado de rastejar. Então, com um movimento surpreendentemente rápido, ele virou seu corpo. Se contorcendo e se arrastando com tanta força que o sangue jorrou de um ferimento em suas costas e então de repente sua cauda estava bem na frente dela. Ele bateu no fundo do cano algumas vezes com ela.

Ela não tinha certeza do que ele queria.

Então ele bateu novamente, sem se mover.

Ele queria que ela... agarrasse seu rabo? Por qual razão?

Anya não queria discutir com o ondino que a estava salvando, mas ela achou que isso era loucura. Agarrando-se a uma espinha logo acima da nadadeira, ela ajustou sua pegada no momento em que ele se lançou para frente.

Eles estavam *voando* pelo cano agora. E ela percebeu que ele estava se movendo muito, muito lentamente para ela. Porque agora eles estavam se movendo tão rápido que ela nem teve tempo de ver as bolhas saindo da máscara que ele tinha fixado em seu rosto. A máscara que ela mal teve tempo de questionar antes de ouvir o estrondo que ele deve ter ouvido antes.

O pai dela estava cumprindo a promessa. Ele estava drenando os canos.

De repente, a pressão os empurrou para trás. O ar inundou o sistema e empurrou tudo para dentro dos canos. Se a água não os libertasse, logo eles ficariam presos. Eles não conseguiriam sair porque como sairiam da abertura para o mar? Ela nem sabia se eles estavam perto disso.

Tão repentinamente quanto a pressão atingiu seus ouvidos, o zumbido em seu ouvido se transformando em uma dor aguda, eles estavam subitamente livres. Ela quase ouviu o estalo agudo enquanto eles caíam para o vasto além.

Ela só teve um momento para ouvir o silêncio absoluto do mar. Até o zumbido em seus ouvidos cessou quando ela olhou para o nada absoluto que os cercava.

E então seus olhos encontraram o ondino que se esticou em toda sua altura. Ela continuou a cair para longe dele, rolando pela areia até que finalmente parou de se mover. Deitada de costas no chão, ela olhou para todos aqueles músculos fortes e flexíveis. Os picos ondulados de seu abdômen, os planos lisos de seus peitorais, o braço absolutamente deslumbrante que estava aberto ao seu lado para impedir seu movimento. E todas aquelas luzes brilhantes, brilhando vermelhas e malignas enquanto ele pairava acima dela. Os espinhos em suas costas estavam erguidos, ela podia vê-los quase como uma barbatana dorsal em suas costas, eles eram tão grandes.

A luz vermelha projetava sombras por baixo do rosto dele, transformando-o em um vilão de uma história que ela poderia ter inventado. Mas então ele estendeu a mão para ela e ela não gritou. Nem teve a sensação de que precisava gritar. Ela deveria estar apavorada. Em vez disso, ela pegou a mão do vilão e agarrou a caixa de Bitsy perto do peito enquanto ele a pegava ternamente em seu braço.

Aquele braço grosso a envolvia nas costas, e seu antebraço forte flexionava-se contra o lado dela. Ele plantou a mão espalmada contra a barriga dela e de repente eles estavam se movendo novamente. Nadando pelos pilares que mantinham sua cidade segura.

Com o queixo no ombro dele, ela observou Alfa desaparecer atrás deles. Sua casa tinha sumido.

Mas seu coração estava livre.

11

DAIOS

Agora que a tinha, ele não tinha ideia do que fazer com ela.

Daios sabia que seria difícil chegar até ela. Ele estava observando a cidade há algum tempo, e podia ver que havia um movimento significativo lá dentro. Todos os pilares que disparavam aqueles lasers horríveis e dolorosos estavam acesos e prontos. Ele teve que ser mais rápido do que nunca antes de chegar ao cano.

Mas ele tinha conseguido. E então ele esperava que ela tivesse se movido até ouvir os sons ásperos dos caranguejos falando. Então eles a encontraram, pelo menos, mesmo que isso significasse que ele tivesse que ir mais fundo na cidade do que queria.

O que ele não esperava era encontrá-la na metade do caminho. Ela havia descido três túneis, seguindo os caranguejos como uma louca antes de encontrá-lo. Imediatamente, a raiva explodiu tão quente e poderosa que ele não conseguiu controlar as luzes de seu corpo.

E se ela tivesse morrido? Afogada? E se ele estivesse apenas alguns momentos atrasado e tivesse encontrado o corpo dela? Ela teria arruinado a missão inteira. Mais uma vez, a raiva pressionou sua garganta e ele queria machucar alguma coisa. Ele queria agarrar a lula mais próxima do fundo do mar e lutar até que houvesse pequenas marcas de ventosa por todo o seu corpo e ele não conseguisse ver através da nuvem de tinta.

Mas ele não queria machucá-la. E isso já era curioso o suficiente por si só.

Ele não se importava que ela estivesse pressionada contra ele, nem se importava que os dedinhos dela agarrassem seus ombros. Mesmo o

que estava perto do braço que faltava. Ele não se importaria tanto, a menos que ela o movesse para baixo. O que ela não fez. Ele não tinha certeza se era porque ela estava enojada com o membro faltante, ou se ela estava apenas apavorada.

Ele não achava que ela estava apavorada, no entanto. As pernas dela se enrolavam em volta dos quadris dele, bem onde suas nadadeiras inferiores cresciam. Seus pés minúsculos, como Mira os chamava, estavam cobertos por algum tipo de material estranho, mas eles chutavam a parte de trás de sua cauda sempre que ele mudava de direção. A caixa que ela trouxera estava entre eles, ou ele teria se concentrado em seu batimento cardíaco.

Em vez disso, tudo o que ele conseguia pensar era que ela estava enrolada nele. O calor dela pressionava contra ele enquanto ele nadava, e - pelo amor dos Deuses - eram as nadadeiras dele batendo contra as coxas dela?

Ele reprimiu o movimento imediatamente, um rosnado baixo começando em seu peito com desgosto por si mesmo. Ele não podia, não iria tremular por uma achromo. Daios não estava tentando impressioná-la, e ele não queria uma companheira.

Ou talvez, algo bem no fundo dele sussurrasse, ele não achava que uma companheira o quereria.

Ele começou a ir em direção ao velho covil achromo, e então percebeu que ela estava falando. O bocal faz tudo tão baixo que ele não conseguia ouvi-la, e ela já falava tão baixo.

Ele se inclinou para ouvir o que ela estava dizendo.

— Um, dois, três, quatro, cinco. Um, dois, três, quatro, cinco.

Ritmicamente, ela contou. Uma e outra vez. Ele inclinou a cabeça, aparentemente enxergando melhor no escuro do que ela. Os olhos dela estavam bem fechados por baixo dos óculos presos ao bocal. Os lábios dela se moviam e, enquanto ele observava, o pulso dela acelerava. A

batida rápida no pescoço dela já era preocupante o suficiente sem as costelas se movendo daquele jeito, quase como se ela estivesse hiperventilando.

Ela estava com medo? Ele tinha feito alguma coisa? Daios não sabia o que a deixaria com medo se ela não se importasse em fugir da cidade. Ela já estava nos canos quando ele a encontrou! Claramente, ela queria ir embora.

Ele não era um monstro a ponto de ela temê-lo enquanto fugiam. Era? A visão dele era o problema?

Ela deve ter sentido que ele se esforçava para vê-la, porque abriu os olhos. Mas ela não olhou para ele. Não exatamente. Mais como por cima do ombro dele.

— Desculpe. Não gosto do escuro — ela sussurrou. — Contar ajuda a manter os ataques de pânico longe. Desculpe.

— Por que você está se desculpando por algo que não pode controlar? — ele resmungou, mas então percebeu que seu tom baixo e sua voz rouca provavelmente aumentariam os medos dela em vez de aliviá-los.

Suspirando, ele mudou seu aperto para a palma da parte de trás da cabeça dela. Cuidadosamente, ele virou o crânio dela, então ela estava olhando para a parte do pescoço e ombro dele que não estavam danificados.

Era preciso muito para controlar as cores individualmente em seu corpo. Quando ele era mais novo, ele era obcecado em tentar. A mãe deles sempre ria de suas palhaçadas. Ela dizia que apenas polvos eram tão talentosos, e nenhum ondino era bom o suficiente com suas cores para fazer o que ele estava tentando.

Mas ele tinha dominado isso. Então, no mesmo ritmo que ela estava contando, ele se concentrou nas luzes enquanto nadavam. Um, dois, três, quatro, cinco. Todo o caminho até o pescoço. Então, novamente, até o

pico do ombro. Mais abaixo do bíceps. Então ele fez as luzes girarem e voltarem para cima da mesma forma.

Ela não conseguia vê-lo muito bem, embora provavelmente melhor do que antes, mas ele conseguia vê-la. O tremor que ele notou quase desapareceu completamente. Os olhos dela seguiram as luzes para cima e para baixo. Sobre o padrão repetitivo até que ele sentiu a tensão dela diminuir. Simplesmente derreteu até que ela estava maleável em seus braços mais uma vez.

Ele manteve as luzes acesas enquanto se moviam pela água, embora as preocupações de Arges estivessem explodindo de repente em sua cabeça. Achromos sentiam frio, seu irmão havia alegado. Frequentemente. Então ele precisava mantê-la aquecida. Isso seria mais fácil com dois braços, mas ela era tão pequena comparada a ele. Era bem fácil fazer com um também. Ele a puxou para mais perto dele, mudando sua pegada para encaixar os pés dela nas nadadeiras em seus quadris.

Ele estava grato por ela não poder ver seu rosto. A careta que ele não conseguia controlar ao toque suave dos pés dela deslizando contra as barbatanas sensíveis a teria assustado ainda mais.

Eles estavam fazendo um bom progresso, pelo menos. Ele não queria parar de nadar nessa velocidade até encontrar a instalação. O pai dela os viu partir. Ele tinha certeza disso. O que significava que haveria submarinos vindo atrás deles em breve, provavelmente já havia.

Então ele se deparou com um novo obstáculo. Ele parou na água, mais ereto do que antes. As pernas dela se curvaram um pouco mais apertadas ao redor dele, e ela esticou o pescoço para olhar onde estavam. Não que ela pudesse ver muito.

Havia luzes à distância. Ele realmente esperava que eles evitassem ser seguidos. Ele era um pequeno ponto no oceano comparado aos enormes submarinos que seu pai tinha, mas infelizmente, parecia que o General tinha mais recursos à sua disposição. Isso tornou as coisas

difíceis para Daios, ainda mais do que o obstáculo que agora estava diante deles.

O leito de coral vermelho era famoso por seu perigo. Quando ele não passava de um filhote, ele e seus amigos costumavam ver se conseguiam nadar por ele. Suas primeiras cicatrizes irregulares eram deste lugar. Pareciam dedos se estendendo em sua direção. Dedos mergulhados em sangue vermelho, implorando para beber mais de sua carne.

Ele se viu brilhando mais forte para que ela visse o que ele estava olhando. Maketes pensou que eles passariam direto por cima desse leito de coral mortal, mas ele tinha esquecido que haveria pessoas os perseguindo. O que significava, infelizmente, que ele tinha uma escolha. Ele poderia passar pelo coral vermelho irregular e fino que cortaria suas escamas se ele cometesse um erro, ou ele poderia nadar acima deles e arriscar que os submarinos do pai dela vissem a direção em que ele nadava.

Ele ficou tenso quando ela estendeu a mão, passando o dedo por um dos pedaços de coral mais próximos. Daios não tinha percebido que eles estavam tão perto deles.

— Estes são afiados — ela disse, com a voz abafada e baixa.

Soltando o aperto na cintura dela, ele confiou que ela o seguraria enquanto ele agarrava a mão dela. Gentilmente, ele a forçou a deixá-lo olhar para o pequeno dedo que estivera em tanto perigo. Nenhum ferimento, pelo menos.

Ele pressionou a mão dela entre eles, colocando os braços dela contra o peito dele.

— Fique bem parada, — ele disse, tentando manter a voz baixa, para que ela soubesse o quão importante isso era. — Temo que haja achromos nos seguindo.

As palavras eram provavelmente ridículas para dizer a ela. Ela *era*

uma achromo, e é claro que sabia que seu povo iria segui-los. Sem mencionar que ela não tinha ideia do que ele estava dizendo.

Então ele gesticulou em direção às luzes, movendo a mão como se fosse um submarino atravessando a água. Então ele alcançou um dos corais, brilhando vermelho ainda mais forte para que ela pudesse ver a pluma de sangue que imediatamente irrompeu de sua pele ao mais leve toque.

Ele a manteria segura, ele tentou imitar para ela. Ele levaria as feridas por ela.

Daios não gostava da ideia de ela sangrar. Ele não queria ver aquelas fitas vermelhas se esticarem da pele dela enquanto se moviam pelo leito de coral vermelho afiado. O sangue dela provavelmente teria um gosto doce, e ele não sabia como reagiria a isso. Não quando tudo o que ele conseguia pensar era em um mar ficando preto de sangue e em todas as pessoas que ele havia perdido. Todas aquelas almas que o culpavam por suas mortes.

Dedos frios tocaram seu rosto. A textura estranha de suas luvas não mudou a calma que desceu sobre ele enquanto ela deslizava aqueles dedos sobre sua testa. Ela alisou os vincos ali, seu toque demorando um pouco mais do que o necessário.

E então sua pequena bruxa de fêmea sussurrou:

— Podemos atravessar o coral. Vou manter meus braços bem apertados.

Ele quase conseguia ouvir os submarinos agora. O estranho zumbido metálico de seus movimentos pela água e ele certamente conseguia sentir o cheiro do óleo em suas guelras que somente aquelas máquinas lançavam no oceano.

Com um aceno brusco, ele desceu para a loucura com ela. Os espinhos afiados cortaram suas costas, cortando seus braços e ombros enquanto ele os empurrava para a única abertura que conseguia

encontrar. Tudo o que ele tinha que fazer era chegar ao fundo deste coral e então deveria haver espaço para eles nadarem.

Durante toda a luta, ela permaneceu imóvel como pedra em seus braços. Ele a agarrou pela cintura, segurando sua espinha em seu braço enquanto usava seu corpo inteiro para romper o coral. Ele seria seu escudo se isso a mantivesse segura.

Finalmente, ele chegou ao fundo. Havia espaço suficiente ali para ele nadar, e para ele mantê-la longe daqueles pedaços afiados. Se alguma coisa se esticasse muito perto da areia siltosa abaixo, cortaria somente ele.

Até que ele sentiu o cheiro do sangue dela.

Ele arrastou o cheiro profundamente para dentro de suas guelras, sentindo-o vibrar tão suavemente contra as bordas de suas costelas e então ele pôde sentir o gosto dela em sua língua. Metálico e tão doce.

Sua primeira reação não foi uma da qual ele se orgulhasse. Ele queria mais. Ele queria cravar os dentes na coluna graciosa do pescoço dela e fazer mais daquela doce pluma de perfume na água para que ele pudesse arrastá-la para si. Mas então ele odiava a ideia de machucá-la. Ele odiava que ela estivesse sofrendo agora.

Puxando-a para a frente para desenrolar seu corpo, ele começou a procurar o ferimento. Não havia nada em seus braços e mãos, mas é claro que ele sabia disso. Ela tinha os braços dobrados para ele. Então talvez estivesse nas costas dela. Ele a girou, ignorando que ela tinha começado a falar. Ele tinha que encontrar o ferimento. Ele tinha que ter certeza de que ela não iria sangrar até a morte nele.

Ele havia prometido.

Daios havia prometido que manteria ela viva. Mas a sorte que o seguiu foi tão má que não importava o que ele fizesse, parecia que ele estava matando todo mundo e qualquer um que significasse...

Ela bateu os dedos contra o ombro dele enquanto ele a virava, procurando novamente pelo corte que ousaria estragar sua carne. Então

mais batidas, movimentos rítmicos que trouxeram sua atenção para o rosto dela.

— As luzes, — ela disse, sua voz pouco mais que um sussurro. — Você tem que apagar as luzes.

Ela estava tocando seus dedos em cada luz que piscava em sua pele. Como se estivesse tentando cobri-los com seus dedos, ou que talvez pensasse que seu toque as havia desligado. E quando ele finalmente se retirou daquele lugar escuro e percebeu o risco que estava correndo, Daios permitiu que eles afundassem na escuridão.

Não importava onde ela foi cortada. Claramente ela não estava tão ferida a ponto de arriscar a morte, e os submarinos estavam fadados a estar perto deles agora. Perto demais.

Ele a puxou contra si novamente, segurando-a firmemente contra as batidas de seus corações gêmeos enquanto os estranhos submarinos se moviam sobre suas cabeças. As barrigas prateadas brilhavam, e ele podia ver o interior deles através dos painéis de vidro que separavam o mar das criaturas lá dentro. Gigantescos raios de luz se moviam na frente dos submarinos. Eles estavam procurando pelos dois, e se ele não tomasse cuidado, eles os encontrariam.

Quase vibrando de raiva, ele a puxou para mais perto de si mais uma vez e os colocou contra o chão. O coral vermelho e a terra escura esconderiam seu corpo, mas o traje de mergulho prateado dela se destacaria tanto quanto os submarinos. Então ele teve que cobri-la.

Pelo menos, foi o que ele disse a si mesmo. Ele disse que estava apenas cobrindo-a para que pudesse mantê-la segura por mais um tempo. Ele se recusou a admitir que as mãos minúsculas dela pressionadas contra sua pele nua torciam algo dentro dele.

Então ela começou a traçar círculos contra o peito dele. Os círculos se tornaram padrões enquanto esperavam que as naves parassem a busca. Padrões que ele não tinha ideia de como decifrar, mas foda-se.

Foi tão bom ter alguém tocando nele.

Ele não conseguia se lembrar da última vez que alguém o tocou só por tocá-lo. Ele sempre passou uma grande parte do seu tempo sozinho, e quando não estava sozinho, ele estava lutando. Era isso. Ele não tinha mais nada em sua vida até que essa pequena fera foi forçada a entrar em seu caminho.

Sua cauda se moveu em uma corrente que ele nunca havia sentido antes. Era como se alguém colocasse um cobertor frio sobre seus ombros, envolvendo-o um pouco mais forte, e ele teve que se perguntar se esta era uma deusa do mar. Se ela estava lhe dizendo, isto era... certo. Que depois de todo esse tempo de luta, ele finalmente havia recebido algo macio.

Mas ela precisava permanecer viva para que ele a mantivesse.

Então, quando os submarinos viraram para ir em outra direção, ele nadou com ela em seus braços. Debaixo dos espinhos afiados que mordiam suas costas, ombros e cauda. Ele sangraria pelo tempo que fosse necessário para tirá-los dali.

Demorou muito. Mas ele finalmente se libertou do coral para uma visão rara do sol acima deles, uma bênção para que ele não tivesse que sofrer mais ferimentos. Cuidadosamente, ele a levou para a instalação abandonada da qual Maketes havia falado. Embora não houvesse luzes para serem vistas, parecia que estava intacta.

Enquanto nadava por uma janela, ele espiou as sombras além e pôde ver que havia ar ali. Esperançosamente, ar respirável para ela, mas, no mínimo, algo tinha que estar funcionando.

Agora ele só tinha que encontrar uma maneira de entrar e se forçar a deixá-la ir. O que, ele estava descobrindo, seria mais difícil do que ele esperava.

Como entrar? Ele não tinha certeza. Não havia muitas aberturas nas construções do achromos, e ele só conseguia imaginar que seria

complicado.

Um toque suave o fez olhar para a pequena criatura em seus braços.

— Luzes? — ela perguntou. — Você consegue fazer as luzes?

— Você está com medo de novo? — ele perguntou, sua voz um estrondo baixo em seu peito.

Com o tremor dela, ele suspirou. Claro, ele teve que ser jogado na direção de uma criatura que tinha medo do escuro. Ela temia tantas coisas, provavelmente, que ele teria que passar o resto de sua obsessão atendendo a todos os seus caprichos. Ela era fraca.

Mas ele ainda começou com o ritmo das luzes que subiam e desciam por seu ombro, tentando ao máximo ignorar a maneira como os dedos dela batiam em cada uma delas, até que ele deixasse a próxima luz se iluminar.

12

ANYA

Ela subestimou o quão *escuro* o mar era. Anya olhou para ele através do domo de vidro de Alfa por toda a sua vida, vendo apenas escuridão além das luzes artificiais. Ela sabia que estava escuro como breu lá fora. A cidade de Alfa foi construída tão profundamente que nenhuma luz poderia penetrar sua cidade de Cima. Não que houvesse luz para atravessar.

Mas ela não esperava que a escuridão a afetasse tanto. Aparentemente, ela nunca tinha visto a verdadeira escuridão.

Ela estava pressionando-a ali fora. O peso da escuridão era pior do que ser cega. Ela sempre pensou que perder a visão seria mais difícil do que perder a audição, provavelmente porque sabia como era perder um dos sentidos. Mas isso era... pesado. Tão pesado.

Anya podia sentir seu coração batendo mais forte. Ela estava mais consciente de seu corpo e de cada gota de sangue que bombeava por suas veias. Ela podia sentir sua respiração entrando e saindo de seus pulmões, totalmente dependente de um dispositivo que ela nunca tinha visto antes.

Tudo isso deu tempo para sua mente se virar, roncar e ferver com o medo do que ela tinha feito. Ela estava tão desesperada para ser livre que não tinha percebido que isso significava confiar sua vida inteira nas mãos de um ondino. Uma criatura contra a qual seu povo lutou por anos. Era um risco que ela pensou estar pronta para correr.

Até que as profundezas frias do mar a levaram para seus braços.

Mas ele tinha percebido. Ou talvez ele soubesse que ela ficaria com medo. Ela não tinha certeza. Em um momento ela estava contando

baixinho e no próximo, ele se iluminou.

Ela não sabia se ele estava ciente de que o vermelho era um sinal de alerta para seu povo, e a luz vermelha não era imediatamente útil porque enviava mensagens para sua mente de que ela estava em perigo. Mas então ela notou o padrão. Como ele estava iluminando partes específicas de si mesmo para ela contar, no mesmo ritmo que ela estava contando.

Esse ser monstruoso que havia saído do mar queria mantê-la calma. Ele entrou em pânico quando pensou que ela estava machucada, e essa era a única explicação que ela tinha para a maneira como ele havia agido depois que eles passaram por aquele coral afiado. Mesmo que ele tenha sido o único a ser quase despedaçado.

Mesmo agora, seus dedos tocavam a borda de um corte profundo deixado nas costas dele. Havia muitos deles. Ela não sabia onde se segurar nele que não doesse, mas ele não pareceu notar. Ele se moveu pela água como se não fosse um problema estar sangrando.

Engolindo em seco, ela disse a si mesma que ele era um monstro. Não importava que ele tivesse falado mais com ela em linguagem corporal do que qualquer outra pessoa em toda a sua vida. Ele se importava que ela estivesse bem. E ele estava disposto a fazer o que fosse preciso para garantir que ela ficasse segura.

Porra. Ela gostava dele. Ele não era apenas um monstro; ele estava se tornando um ser real para ela, e isso era perigoso. Ele era os meios para um fim. Uma fuga de sua cidade e ela iria se afastar dele no primeiro momento que pudesse para que pudesse se reunir com Ace.

O coração dela afundou no estômago quando a luz do corpo dele atingiu a borda de uma instalação de pesquisa abandonada. Ela já tinha ouvido falar dessa antes. Ela tinha falhado em algumas alas importantes do prédio, e a inundação fez seu pai mandar todos para casa. Mas ainda deveria ser habitável.

Droga. Ele a estava levando para um lugar que ele considerava

seguro o suficiente para ela estar. Por que ele tinha que ser atencioso? Por que ele não podia ser a criatura assassina que o pai dela alegava que todos os de sua espécie eram?

Eles levaram um tempo para dar a volta no prédio inteiro antes que ele decidisse um lugar para nadar lá dentro. Havia muitos danos causados pela água. Ela podia ver onde a pressão tinha feito uma das paredes ceder. O furo parecia como se uma criatura gigante tivesse enfiado uma garra na lateral do prédio, mesmo sabendo que isso não era... possível.

Era?

Anya rapidamente percebeu que não sabia nada sobre o mundo em que tinha acabado de se jogar. E o mar profundo era mais assustador do que ela havia pensado originalmente.

Mas talvez fosse um pouco menos assustador com o braço dele em volta dela e todo aquele poder entre as pernas dela. Ela sentiu suas bochechas esquentarem sob a máscara quando percebeu exatamente onde aqueles pensamentos a levariam ao mesmo tempo em que ele emergiu na sala cheia de ar.

Hora de fugir da Síndrome de Estocolmo que estava se instalando muito mais rápido do que ela pensava. Saindo dos braços dele, ela meio que rastejou pelo chão de metal quebrado e para o ar além.

Isso ela podia fazer. Este era o ar e o lar, e ela sabia como vagar por lugares como este. Arrancando a máscara do rosto, ela ignorou o rosnado furioso que saiu da criatura atrás dela.

Respirando fundo, ela ficou aliviada ao descobrir que a maioria das funções desta instalação ainda estavam online. Obviamente, havia energia se houvesse ar.

— Computador? — ela gritou, sua voz um pouco rouca. — Relatório.

Rastejando mais alguns passos, ela tirou Bitsy da caixa. A pequena

robô piscou algumas vezes, parecendo para todos os efeitos como se estivesse acordando de um cochilo. Embora ela soubesse que não era bem assim que devia se sentir. Ainda assim, ela colocou a pequena androide na cabeça.

Bitsy colocou as palavras imediatamente na tela, um pouco distorcida enquanto projetava as palavras saindo de dois alto-falantes, mas não ao mesmo tempo.

— Suporte de vida, online. Função de mensagens, online. Instalações de pesquisa, danificadas. Alojamentos, danificados. Geradores, online. Compressores de ar, trinta e dois por cento.

— Droga, — ela murmurou, pressionando as mãos um pouco mais firmemente no chão de metal. Ela teria que desviar um pouco da energia para esta sala. Ela esperava que os geradores estivessem produzindo mais eletricidade do que isso, mas ela assumiu que isso significava que muitos dos geradores não estavam mais funcionando, ou que havia danos significativos de água naquela sala também.

Isso era suportável, por enquanto, mas não para sempre.

— Bitsy, você pode hackear o sistema?

A androide deu uma olhada em tudo antes que as palavras brilhassem.

— Claro.

— Bom. Precisaremos transferir todo o suporte de vida para este setor e tentar desviar qualquer energia que pudermos sem deixar meu pai saber que estamos aqui. Se conseguirmos entrar no sistema corretamente, então deveremos conseguir enviar uma mensagem para Ace também.

Tentando desesperadamente ignorar que o ondino ainda estava bem atrás dela na água, ela examinou seu olhar sobre o que agora seria seu lar. Uma parede gigante de janelas formava uma parede inteira, mas elas revelavam muito pouco além de três metros. A água turva era

apenas mal iluminada pela luz escassa dos consoles abaixo das janelas. O espaço do chão tinha talvez quatro metros e meio de largura antes de atingir a água que enrolava gavinhas geladas no ar. Até sua respiração congelava a cada expiração, e ela só conseguia imaginar que se não estivesse com sua roupa de mergulho, estaria congelando.

Atualmente, essa sala não tinha portas que estivessem abertas para qualquer outra parte da instalação. As portas de drenagem estavam seladas, e quando ela se inclinou para olhar além da parede de janelas, ela pôde ver que ambos os corredores de cada lado estavam cheios de água. Então ela estava presa nesta sala, por enquanto, até que Bitsy pudesse hackear o sistema e drenar a água. Pelo menos então eles poderiam ver com o que estavam trabalhando.

Levantando-se com dificuldade, ela mordeu o lábio e deu mais um passo para dentro do quarto. Luzes vermelhas brilhavam ao redor dela e ela podia sentir as reverberações de algum tipo de alarme. Ela não conseguia ouvir direito, não realmente, mas definitivamente havia a sensação de que havia barulho fora do seu alcance.

Uma mão agarrou seu tornozelo e a puxou de volta para a água.

Com um grito, ela bateu com força na água gelada. Ela inundou seu nariz, e tudo o que ela conseguia sentir era a queimadura do sal quando voltou à superfície, ofegando no ar e tentando limpar suas narinas.

— Que porra é essa — ela murmurou, mas teve a sensação de que poderia ter gritado, antes que aquela mão batesse o bocal em seu rosto com um pouco de força demais e a puxasse de volta para baixo da água.

O ondino tinha a mão enrolada em seu tornozelo e a arrastava para as profundezas. Ela não sabia dizer se o alarme vermelho de cima o estava deixando vermelho, ou se suas próprias cores estavam piscando em resposta às cores acima deles. De qualquer forma, ela estava puta.

Chutando com o outro pé, ela bateu o calcanhar na mão que segurava seu tornozelo.

Ele a soltou, mas se virou com um olhar furioso e abriu as nadadeiras ao redor do corpo. Ela ficou atordoada com o quão enorme ele era. Ela se acostumaria com isso? Provavelmente não. Especialmente não com os dentes dele à mostra como um animal e toda aquela raiva se espalhando pelo corpo como um tsunami, apenas esperando para varrê-la no poder absoluto de suas emoções.

Mas ela não seria arrastada como bagagem enquanto ele tentava levá-la para outro lugar.

— Eu vou ficar aqui — ela disse, flexionando o estômago para forçar as palavras a saírem mais alto. — Aqui é seguro.

Aqueles dentes afiados rangiam na água enquanto ele imitava morder.

— Achromo idiota. Quase se matou.

As palavras passaram diante de seus olhos, e isso a fez parar. Ela não tinha percebido que Bitsy tinha baixado sua linguagem ainda, mas aparentemente ele tinha. A pequena androide atrevida tinha escolhido uma cor rosa vívida para suas palavras.

— O que você disse? — ela perguntou, sua voz pouco mais que um sussurro.

Ele colocou uma mão atrás do que ela supôs ser sua orelha, e também um punhado de guelras em seu pescoço.

— Isso é tão frustrante pra caralho — ela xingou baixinho antes de apertar o estômago para tentar gritar. Dessa vez, ela usou as mãos também, gesticulando para ele, — O que você disse?

Ele observou as mãos dela se movendo, seu olhar se estreitando antes que ela jurasse que viu a mão dele se mover de forma similar. Mas então ele rosnou baixo sob sua respiração.

— Venha, — ele rosnou, a palavra rasgando sua garganta. — Nós não estamos seguros.

— Eu consigo entender você. — Suas mãos voaram com as

palavras, provavelmente rápido demais para a maioria das pessoas sequer decifrar, mas ela estava tão animada. — Eu consigo entender o que você está dizendo! E eu consigo ouvir você. Eu consigo...

O estrondo profundo que saiu do ondino na frente dela não era uma palavra. Era uma expressão de frustração e raiva e... desejo. Ou pelo menos, foi assim que ela entendeu. Estúpido. Pensamentos estúpidos que não tinham lugar aqui. Não importava se era assim que ele soava quando estava no meio de...

Ele fez o som novamente, e ele sacudiu todo o corpo dela, enviando um zumbido de eletricidade do peito dela para baixo, entre as pernas. Ela apertou as coxas, tentando o máximo não pensar naquele som e no que ele fazia com cada pelo do corpo dela que queria se arrepiar.

Ele se lançou sobre ela, ou melhor, sacudiu o rabo com tanta força que estava bem na frente dela novamente. Ela se encolheu, esperando que ele a agarrasse e a arrastasse mais fundo nas profundezas com aquela mão com garras e aterrorizante.

Mas ele não fez isso. Em vez disso, ele tocou a parte de trás de uma daquelas garras pretas na lateral da garganta dela. Ela podia sentir a suavidade disso. A ponta pegou nas luzes vermelhas brilhantes que refratavam ao longo das ondas agitadas acima deles, e de seu corpo cintilante que ainda não tinha parado de brilhar como uma estranha enguia elétrica.

Aquela voz profunda, profunda, ficou ainda mais baixa. O som era algo que ela nem sequer ouviu. Ela o sentiu no fundo do peito, sacudindo suas costelas.

— Nós vamos — ele disse, as palavras piscando ao redor dele. — Para que eu possa mantê-la segura.

Lágrimas queimavam em seus olhos e ela não sabia o porquê. Ela tinha sido protegida e cuidada a vida inteira, não tinha? Seu pai e todos os outros sempre se certificaram de que ela estava segura.

Mas eles nunca a fizeram se sentir assim. Eles queriam que ela ficasse onde estava para que pudessem observá-la, controlá-la, manipular cada movimento e então usá-la para sua vantagem. Mas esse ondino? Ele só queria mantê-la segura.

Uma coisa tão simples de se dizer, e ainda assim ela sentia que nunca iria se recuperar.

Balançando a cabeça, ela fungou forte, para não ficar toda melequenta dentro da máscara de respiração.

— Estou segura aqui. Eu prometo.

Ele balançou a cabeça, apontando para as luzes vermelhas com um dedo em garra.

— Aquilo ataca.

Ela agarrou aquele dedo com garras, alguma loucura nela lhe dizendo para estender a mão e tocá-lo. Talvez ela tivesse algum sentimento insano de que poderia ajudá-lo a relaxar apenas tocando-o, e isso era estúpido. Ela era estúpida por sequer pensar que poderia agarrar sua garra e que ele a ouviria.

Mas ela viu como os olhos dele se arregalaram. Em choque ou raiva, ela não tinha ideia. Ele olhou para a mão dela envolvendo seu dedo, e cada parte dele congelou. Como se ela tivesse parado o tempo.

Todas as suas guelras nem sequer se moviam, e ela pensou que talvez tivessem que se mover para que ele respirasse. Ele apenas olhou para a mão dela envolta na sua, e então, apenas um movimento mínimo. Uma vibração em seu pescoço, no que ela pensou serem suas guelras. Isso fez as delicadas membranas ali parecerem quase bonitas. Apenas uma vibração mínima, uma pequena ruga de seda que se prendia ao seu pescoço.

Ele engoliu em seco. Então aqueles olhos negros se voltaram para ela.

— Não está atacando — ela disse. Aqueles olhos a fizeram se sentir

presa, como uma borboleta presa a uma tábua. — É um sistema de alerta. Posso desligá-lo.

— Explique.

— Está em toda a instalação. Qualquer um que não esteja autorizado a estar em uma área acionará um sistema de alarme. É uma medida de segurança.

— Então desligue. — Mas ele não se moveu. Ele nem parecia respirar quando ela gentilmente soltou sua mão e se virou de volta para a sala.

Usando os braços e as pernas, ela se moveu pela água com facilidade e então tirou Bitsy da cabeça. A pequena androide correu para o painel de controle do meio, prendendo-se aos eletrônicos ali e começando a trabalhar.

Ela podia sentir a pressão em sua cabeça diminuir, o que ela supôs que significava que o som estava desligado. E então as luzes vermelhas pararam de girar também. Seu zumbido aumentou imediatamente, provavelmente as mudanças de pressão que significavam que o quarto estava finalmente seguro para uma pessoa estar.

Com o zumbido nos ouvidos, ela saiu da água e disse:

— Computador, mude todo o suporte de vida para... Bitsy, onde estamos?

Sua androide saltava para cima e para baixo, geralmente um sinal de que ela iria cuidar da situação para que Anya pudesse voltar sua atenção para outras coisas. Ela se virou, pronta para discutir mais com o ondino, mesmo que não conseguisse entendê-lo sem sua androide.

Mas ele se foi.

Não havia nada na água, nenhuma sombra escura, nada além de uma confusão cinza e turva e ondas brancas ainda batendo no chão de metal.

— Merda, — ela murmurou, antes de cambalear sobre os consoles e

sentar-se na frente de Bitsy. — Ele se foi.

Sua robô balançou para cima e para baixo novamente.

— Gostaria de ter trazido mais coisas. — Ela olhou para o traje de mergulho, soltando um longo suspiro. — Isso precisa ser seco, e eu não posso ficar de traje de mergulho o tempo todo que estiver aqui.

Bitsy levantou uma das pernas para fora do painel do console e apontou para a direita. No canto, onde algumas outras cadeiras de rodinhas tinham sido empurradas, havia algumas caixas com o grande rótulo, “Suprimentos de emergência”.

— Perfeito. — Cambaleando mais uma vez para ficar de pé, Anya disse a si mesma que conseguiria fazer isso sem a ajuda de um ondino confuso e bonito demais para seu próprio bem.

E era realmente uma bagunça que ela tivesse que dizer a si mesma que ele não era bonito. Ele era um monstro. Um ondino. Nem mesmo da sua própria espécie.

Um sussurro em sua mente disse ‘’Sim, ele é. Mas você ainda gosta dele”.

13

DAIOS

Ele correu para longe daquela sala e dos sentimentos confusos que ele havia causado. Quando aquelas luzes se acenderam e os gritos começaram, ele teve certeza de que a havia entregado na boca de um monstro. Ela nem sequer reagiu, e ele percebeu que ela não conseguia ouvir o som.

Ela não sabia que estava em perigo. Sua pequena achromo não tinha ideia de que ela estava em tanto perigo que ele tinha que salvá-la. Então ele a agarrou, puxou-a para a água com ele para que ambos pudessem fugir. Ele tornaria a jornada mais confortável para ela depois que a tirasse do perigo.

Até que ela o chutou entre suas teias com tanta força que ele sentiu o choque da dor por todo o caminho até sua mandíbula. Ele se virou para ela, enfurecido que ela lutaria com ele sobre isso, apenas para descobrir que ela já estava olhando para ele como se ele fosse o problema.

Ele.

Aquele que a estava salvando.

Então ela explicou tudo o que estava acontecendo e ele se sentiu um idiota. Claro, havia sistemas de alarme nesta instalação. Ele tinha visto os sistemas de alarme em outras cidades e já tinha sofrido com os barulhos altos e as luzes vermelhas antes. Ele sabia exatamente o que esperar quando os achromos percebessem que havia um intruso em sua casa.

Então ela o tocou novamente. *Novamente.*

Depois de tudo o que ela podia ver do corpo dele, e do que lhe faltava, ela ainda o tocou. Ela agarrou sua garra e ele ficou impressionado com o quão fácil seria machucá-la. Tudo o que seria

preciso era uma única torção de seu pulso, uma virada na direção errada, e ela estaria... perdida. Ele poderia cortar toda aquela carne delicada e rasgá-la até o osso. Ela sangraria antes que alguém pudesse pará-la.

E esses pensamentos o aterrorizaram. Mais do que ele já havia ficado aterrorizado. Porque com esses pensamentos veio o conhecimento de que ele nunca tinha sido muito bom em não machucar as pessoas.

Ela era tão pequena e delicada. Tão fácil para ele machucar e ele não queria machucá-la. Ele não deveria querer acasalar com uma criatura fraca. Ele deveria procurar a mais forte, a mais poderosa, a melhor. Alguém que ele não pudesse superar ou superar em uma luta. O Povo da Água valorizava a força, não a delicadeza.

Então, enquanto ela voltava sua atenção para parar o alarme e libertá-los daquele barulho horrível dos deuses, ele fugiu. Ele não conseguia olhar para ela quando temia o que poderia fazer se ficasse ali por mais um momento.

E se, por um breve momento, ele caísse em fraqueza como aconteceu antes?

Daios passou a vida inteira sabendo que era uma arma. Ele tinha orgulho do perigo que seu corpo representava para quase todos que estavam ao seu redor. Esse era seu papel.

Agora, ele sabia exatamente a perda que seu corpo também poderia trazer. E isso o atormentou até o fim do mundo.

Disparando pela água, não em direção ao coral afiado, mas em direção ao abismo além da saliência, ele mergulhou na escuridão. Tentando escapar da loucura, dos horrores de suas memórias e do medo de que faria tudo de novo. Mas ele havia aprendido há muito tempo que não podia fugir desses pensamentos. Eles o perseguiam na escuridão.

Respirando com dificuldade, o peito subindo e descendo e as guelras se dilatando como se não houvesse oxigênio suficiente na água ao seu redor, ele chegou ao fundo do abismo.

Havia partes mais profundas do oceano em que ele já tinha estado antes. Mas aqui embaixo, mesmo não sendo o mais profundo, ainda havia um silêncio na pressão. Isso o deixou pensar. Isso o deixou respirar.

Permitindo lentamente que seu corpo iluminasse a água, ele se orientou. O lodo aqui embaixo tinha sido perturbado por sua corrida louca para as profundezas, então era difícil ver muito mais longe do que a distância de uma mão. Tudo estava vermelho, no entanto. Toda a poeira, todas as partículas, todo o nada que o cercava.

Girando em um círculo lento, ele deixou seu olhar flutuar pela água. Ele estava sozinho. Finalmente. Ele poderia estar livre das preocupações porque não havia ninguém aqui embaixo com ele.

Até que ele fez um círculo completo e ficou cara a cara com um cadáver em decomposição.

A ondina já foi bonita, antes. Ela foi uma das poucas que Daios pensou que gostaria de acasalar. Ele até mesmo se agitou por ela antes, embora ela o tenha rejeitado. Daios era muito grande. Ele faria crianças que precisariam de bolsas maiores e, portanto, eram mais difíceis de dar à luz. E mesmo assim, que utilidade ele teria para elas? As fêmeas de sua espécie deveriam ser maiores, e ele nunca conheceu uma que fosse maior do que ele.

Ele sabia que ela estava no grupo de lutadores com ele que atacou Beta. Ele a viu correr para a vanguarda, a primeira de sua espécie a encontrar as armas que os achromos nunca haviam mostrado a eles antes.

E então ele a viu morrer. Ele viu o fogo brilhante queimar através do mar, um pesadelo impossível enquanto a atingia no peito. Houve muitos que caíram com ela, mas ela era a única de quem ele mais se lembrava.

— Hamartia, — ele sussurrou, levantando a mão para passar na

frente do rosto dela. — Eu sinto muito.

Ela tinha sido tão linda em vida. Mas a morte a apodreceu. Um dos seus olhos estava faltando, e o azul-claro de sua coloração estava quase desaparecido. Carne cinza caía ao redor de feridas em sua bochecha direita. Ela não parecia o rosto lindo que ele lembrava. E quanto mais ele olhava, mais ele temia que nunca se lembraria de sua beleza poderosa.

Aquela boca podre se abriu, e para seu horror, as guelras ao longo dos lados do pescoço dela se abriram com um sopro.

— Você me matou — ela disse, sua voz pouco mais que um estertor de morte. — Você me deixou lá para morrer.

— Eu nunca teria levado nenhum de vocês lá se tivesse pensado por um segundo que iria perdê-los.

— Você sabia. Você só não queria ouvir. — A poeira rodopiava ao redor do corpo dela, e ele podia ver o buraco irregular em seu peito, onde sua vida havia vazado. — E agora você vai matar outra.

— Não quero matar de novo — ele respondeu desesperadamente. — Agora sei o preço da minha arrogância e não... *não posso* sofrer isso de novo.

— Você roubou uma companheira para si — ela disse, seu único olho restante revirando na órbita. — Você a pegou e tentou esquecer o que fez. Você acha que encontrará um refúgio nesta criatura que o verá como nada mais do que um monstro?

Um clarão de luz à distância separou a poeira. E então ele os viu. Corpos chovendo pela água, todos flácidos e revelados apenas nos brilhantes clarões de luz. Os achromos? Tinha eles retornaram por ele? Eles finalmente o caçaram como sua maior besta a destruir?

Ele era o monstro que atacou a cidade deles, e o monstro que falhou. Fugindo deles enquanto seus irmãos o arrastavam para as profundezas enquanto todos os outros caíam.

Uma mão podre agarrou seu queixo. Ele podia sentir as pontas

quebradiças de suas garras e a falta de teias que foram as primeiras a apodrecer de seu corpo. Daios não conseguia respirar enquanto ela arrastava seu rosto para mais perto dela, forçando-o a olhar para as feições de pesadelo que permaneceram. Não havia mais nada dela. Nada da mulher que ele havia achado tão intrigante.

— Você me queria, — ela sibilou. — Você teria me levado se eu tivesse lhe dado a chance. Eu era a melhor da minha ninhada, a mais forte e melhor caçadora do nosso grupo. E você acha que uma achromo pode me substituir?

— Eu não a quero.

— Você quer. Você já se agitou por ela. Seu corpo te traiu, guerreiro, e isso me deixa doente. — Ela jogou a cabeça dele para o lado com tanta força que parecia que ela o tinha golpeado.

Congelado com a cabeça virada para longe dela, ele fechou os olhos com força.

— Isso não é real — ele disse a si mesmo. — Isso está tudo na sua mente.

— Eu não sou real? — sua voz ainda cacarejava, e então ele a ouviu rosnar em seu ouvido, — Eu prometo a você isso, Daios, o Destruidor, você vai matá-la assim como matou todos nós. Você é um monstro, e não merece nada além das profundezas do mar.

Com a mão fechada em punho, seu corpo inteiro tremendo, ele sentiu uma única palavra sair de sua boca e ser lançada no mar.

— Não!

A palavra ecoou quando ele finalmente abriu os olhos novamente. Girando para a direita e para a esquerda, ele procurou na poeira pelo cadáver da vida que ele poderia ter tido um dia. Mas não havia nada nem ninguém para ser encontrado na luz tingida de vermelho. Nada mesmo.

Ele estava sozinho. Como sempre esteve. E como ele foi

amaldiçoado a sempre estar.

Mas ele não conseguia controlar sua respiração. Ele não sabia o que era essa sensação. Pressionando uma mão contra o peito, ele tentou esfregar a dor desconfortável sob suas costelas. Seus dois corações estavam acelerados e ele não conseguia fazê-los desacelerar. Não importava o quão forte ele pressionasse sua mão contra eles ou quantas respirações ele tomasse apenas através de suas guelras inferiores. Ele estava... Algo estava errado.

Daios tentou respirar fundo, longa e firmemente. Mas ele chacoalhou, pois aquela emoção *errada* tornava difícil respirar sem gaguejar. Seu maxilar tremia, tagarelando enquanto ele permanecia no fundo frio do mar, onde não havia ninguém e nada além dele.

Em algum momento, parecia que a corrente o havia agarrado. O próprio mar o empurrou para longe da lama que estava se infiltrando por baixo de suas escamas e obstruindo suas guelras. Ele o jogou para cima, em direção a algo. E então ele cavalgou a corrente. Ele permitiu que ela o carregasse para longe daquele lugar, mesmo sabendo que ela não o havia perdoado pelo que ele havia feito.

O mar o levou mais alto na água, muito mais alto até que ele viu o que ele queria. Havia um pequeno cardume de atuns. Já desmembrados, ao que parecia. Havia muito poucos deles, ou talvez tivessem sido cortados do resto do grupo. Ele estava alto o suficiente para que a luz atravessasse o mar, e ele podia observar os lampejo prateados de seus corpos enquanto giravam e se afastavam dele.

Era lindo. Ele pensou, talvez, que o mar quisesse lembrá-lo de que não importa o que acontecesse, ainda havia vida na água. Ainda havia uma razão para ele continuar lutando, mesmo que parecesse que não havia.

Curvando a cabeça, ele murmurou:

— Eu honro seu lembrete. A escuridão e as profundezas não fazem

nenhum favor ao meu estado de espírito. Eu não deveria procurar as sombras quando há tanto para ver na luz.

Mas então ele sentiu a correnteza cutucá-lo novamente, mais perto do atum. De novo e de novo ela empurrou até que ele percebeu que ela queria que ele pegasse uma das criaturas para si.

Suspirando, ele balançou a cabeça.

— Não tenho desejo de causar mais mortes. Não hoje.

Outro empurrãozinho, outro empurrãozinho.

O mar estava insistente, parecia. Um daqueles atuns era para ele, embora ele não conseguisse entender por que ele desejaria que ele pegasse uma presa tão grande. Ele certamente não conseguiria comer tudo sozinho. Ele não conseguiria...

A achromo.

O mar queria que ele alimentasse a achromo.

— Não, — ele rosnou, mostrando os dentes em negação à ordem. — Eu já a roubei. Eu não vou e não posso alimentá-la. Esses são jogos de acasalamento que você quer que eu jogue e eu não quero jogá-los.

Desta vez, ele foi empurrado com tanta força em direção ao atum que eles se espalharam. E então a corrente desapareceu completamente, como se o mar o estivesse avisando que ele estava fora de seu favor há muito tempo. Ele lutou contra tudo que ele jogou em seu caminho como punição, e ele estava lhe dando uma chance de voltar às suas boas graças.

Lançando-se para a frente, ele fez um loop através das correntes e circulou os atuns. Eles eram grandes animais e lutavam mais fortes do que a maioria. Mas não foi preciso muito para uma criatura como ele abater um. Com um movimento de sua cauda, ele cortou a água. Ele podia mudar de direção mais rápido do que eles, e as garras afiadas na ponta de sua mão cortavam a carne deles com muita facilidade.

O atum que ele pegou brilhou prateado, depois vermelho. As fitas de sangue chamaram sua atenção. Daios se forçou a permanecer no

presente, no entanto. Ele sentiu a corrente que de repente acariciava seus lados, brincando com sua nadadeira enquanto pegava a criatura morta em seus braços. Ele não estava sozinho, não agora. O mar estava com ele enquanto ele tateava em busca da corrente mais próxima.

Como mágica, ela o pegou em seus braços e o puxou para as profundezas novamente.

Ele tinha esquecido como era essa sensação. O mar sempre o fazia sentir-se leve, mas isso era fácil. Com sua deusa ao seu lado, atraindo-o para onde ela queria que ele fosse, ele era invencível.

Ele viu a instalação bem na sua frente novamente. E ele sabia que havia outra lá dentro. Uma fêmea que esperava por ele. Uma achromo que o fez sentir coisas que ele não deveria sentir e o deixou com tanto medo de que ele faria algo errado.

Cada parte dele foi feita para machucar cada parte dela. E aqui estava o mar, empurrando-o para alimentá-la. Para cuidar dela. Para fazer o que fosse preciso para mantê-la viva e amarrá-los ainda mais do que já estavam amarrados.

Ele nem sabia há quanto tempo estava fora. Ele não tinha certeza se ela queria vê-lo ou mesmo se ela pararia de fazer o que quer que estivesse fazendo. A água estava suspeitamente turva e toda a poeira tinha sido levantada ao redor do prédio. Daios não conseguia nem ver pelas janelas, as partículas eram tão grossas.

Ele tinha que imaginar que isso significava que ela estava fazendo *alguma coisa.* O que ela estava fazendo? Ele não tinha ideia. E ele certamente não confiava nisso.

Nadando para dentro da sala onde a deixara, ele levantou a cabeça para ver que a porta à direita estava aberta, o corredor de alguma forma drenado. E embora talvez isso fosse uma coisa boa - ela precisava se espalhar, provavelmente - ele também temia o que isso significava.

Tirando o atum da água, ele o deixou cair no chão liso enquanto se

arrastava até a metade para fora da água. Inclinando-se para o lado, ele olhou para o corredor para ver o que sua achromo estava fazendo.

O que ele viu fez todo o ar sair de seus pulmões.

Pele. Pele lisa e imaculada. E tudo o que ele conseguiu fazer foi congelar no lugar enquanto seu olhar seguia pela sombra da espinha dela.

14

ANYA

Ela não esperava que ele a deixasse sozinha por tanto tempo. Mas isso lhe deu muitas oportunidades de olhar a instalação de pesquisa para a qual ele a trouxera. Embora o lugar estivesse com pouca energia, não estava abandonado há tanto tempo. Havia estoques de energia úteis que poderiam ser desviados, e oxigênio que a manteria viva por um tempo ainda.

Bitsy fez o trabalho que ela era obrigada a fazer. Ace tinha enviado um download para elas há muito tempo para hackear, daí a habilidade de hackear câmeras. Aparentemente, havia algumas informações naquele download também sobre como manipular um sistema como esse.

De acordo com sua pequena androide, as funções de IA na nave eram simplistas, ultrapassadas e decadentes. Se isso foi dito com palavras em itálico um tanto sarcásticas, então Anya ignorou a insolência. Ela imaginou que Bitsy merecia depois de sobreviver ao mergulho nas profundezas do mar. Foi um evento tão traumático que a androide não a deixaria esquecer.

Juntas, elas trabalharam para colocar a instalação de volta semi-online, mas ainda não permitindo que a IA enviasse nenhum sinal de volta para casa. Se alguém em Alfa descobrisse que uma instalação morta há muito tempo tinha acabado de voltar a funcionar, eles enviariam alguém para verificar o que estava acontecendo.

E isso era algo a evitar.

Os suprimentos de emergência tinham algumas coisas que foram úteis. Um kit médico, que ela moveu para algum lugar seguro, só para o caso de precisarem usá-lo para os ferimentos de alguém. Um androide

que morreu há muito tempo, a bateria acabando sem acesso à eletricidade. Três latas velhas de comida também. Mas nenhuma roupa. Então ela foi forçada a tremer enquanto tentava se manter aquecida no prédio gelado.

— O que você acha? — ela murmurou, olhando para o painel do console que Bitsy tinha acendido. — Podemos abrir o túnel à esquerda?

Bitsy havia deixado a tela na mesa do console com uma perna conectada a ela. Palavras rolaram pelo vidro.

— Talvez.

— É funcional?

— Talvez.

— Estas não são respostas, Bitsy. Preciso de um relatório que seja utilizável, não apenas um talvez.

Pontos de exclamação saltaram por toda a tela. Claramente, ela deixou sua androide brava novamente, mas era assim que as coisas eram. Ela sentou na cadeira de rodas, tentando não ser sobrecarregada pela poeira na frente da janela. Ela estava acostumada com Alfa, que tinha quilômetros e quilômetros de oceano límpido ao redor. Os pilares sempre iluminavam um pouco da areia e, claro, as luzes da própria cidade se espalhavam como um farol. Ela observou bolhas se movendo sobre o vidro por toda a sua vida.

Aqui? As bolhas estavam até turvas e cheias de poeira. Toda vez que ela pensava que talvez tivesse percebido algum movimento, não havia nada. Só um monte de poeira que poderia esconder quase tudo lá fora.

Por um segundo, ela pensou ter visto dentes. Apenas uma boca escancarada, sorrindo para ela através da janela porque sabia que ela não podia ver.

Presa. Oh, ela estava tão presa neste lugar e ela nem saberia se algo estava vindo em sua direção até o último segundo. Ela podia sentir seu

coração bater mais rápido enquanto ficava um pouco mais difícil respirar.

Esfregando uma mão sobre o peito, ela se levantou e andou de um lado para o outro.

— Bitsy, precisamos de mais espaço aqui. Não posso ficar assim por muito mais tempo. Estou perdendo a cabeça.

Ela nem olhou para a tela para ver como sua androide respondia. Ela sabia o que Bitsy ia dizer.

Isso não é nada diferente do quarto dela em casa. O pai dela a deixou trancada naquele quarto por semanas a fio, e ela não tinha ficado tão louca assim. Ou pelo menos não tinha entrado em pânico. Este cômodo era igual a todos os outros em que ela tinha estado inúmeras vezes na vida. Ela conseguiria lidar com isso.

Ainda assim, ela não sabia como ficar parada ou mesmo como respirar normalmente até que viu mais pontos de exclamação aparecerem na tela. Sacudindo-se para frente, ela agarrou sua androide ao mesmo tempo em que Bitsy exclamou através da lente.

— Eu consegui!

— Você conseguiu? — ela sussurrou, esticando o pescoço para espiar o túnel.

E ela podia ver. A água estava drenando e havia muitas juntas deformadas ao redor dela que ela sabia que outra pessoa poderia ter ouvido. O prédio estava se movendo e se deslocando e finalmente, finalmente, a porta se abriu.

Uma corrente de água irrompeu na sala, deslizando em direção à abertura no chão. Uma rajada de ar frio se seguiu, cheirando a algas e peixe podre, mas não importava. Porque no final daquele corredor havia outra sala. E ela não se importava com o que era aquela sala, contanto que fosse mais espaço.

Correndo para a frente, ela testou o pé no chão do corredor para a

outra área. Afinal, estava cheio de água. A última coisa que ela queria era que o chão enferrujado cedesse e então ela ficaria presa naquela água turva. Ela já conseguia facilmente imaginar o quão difícil seria até mesmo encontrar a instalação. Seus olhos queimariam com a ardência da sujeira e da água salgada que faria a luz parecer que veio do ângulo errado.

Ela se afogaria. E mesmo tendo vivido a vida inteira no mar, Anya só agora estava percebendo o quanto estava aterrorizada com isso.

O chão aguentou, no entanto. Enquanto ela deslizava por ele para o outro cômodo, ela ficou surpresa ao descobrir que era um dos poucos alojamentos. Colocando Bitsy de volta na cabeça, ela começou a percorrer o cômodo e olhou para todos os detalhes.

— Liguei novamente o suporte de vida apenas para este quarto — disse Bitsy enquanto Anya se virava para os beliches na parede.

Eram quatro, cada um feito de aço que duraria séculos aqui embaixo. Claramente não havia água neste quarto, porque os cobertores ainda estavam na cama e não pareciam muito desgastados. Além da poeira, é claro, mas mesmo isso era mínimo.

À direita, havia uma pequena mesa de plástico para cartas que já tinha visto dias melhores e muitas cartas jogadas ao redor dela. Bitsy destacou as cartas.

— Olha! Entretenimento.

Ela balançou a cabeça, tentando arduamente não bufar com a piada. Havia uma parede de armários também. Mesmo que esse espaço fosse limitado, era alguma coisa.

Anya abriu os armários primeiro e passou os dedos sobre as fotografias antigas dentro do primeiro. O homem parecia amigável com o braço em volta de outro homem, mais jovem, que parecia exatamente com ele. Não havia muito mais neste armário além de uma máscara de gás de emergência, que ela supôs que seria útil.

Ela fechou, sentindo a maneira furiosa como ele lutava contra sua

mão. Ela se lembrou de quando era pequena, havia um som nisso, mas ela tinha esquecido há muito tempo qual era esse som.

Uma pena, realmente. Ela tinha a sensação de que o som poderia tê-la sacudido pelo medo de que ela fosse encontrar um esqueleto em um desses armários.

Soltando outro suspiro ansioso, ela abriu o próximo. Este tinha desenhos dentro. Claramente feitos por uma criança, eles estavam tão densamente presos à porta que quase criaram outra camada rígida. Com um sorriso suave, ela olhou para dentro e soltou um som de surpresa.

Roupas. O traje era velho e cheirava a mofo. Tinha o selo Alfa no bolso do peito, um pássaro alado com o pôr do sol atrás dele. A cor cinza não era lisonjeira, e era tamanho masculino, então ficaria largo em todos os lugares errados e apertado em outros, mas, no mínimo, a manteria aquecida na instalação fria.

Finalmente. Ela tinha algo útil. Ela estava com um pouco de medo de ter que tirar a roupa de mergulho e se enrolar em um cobertor, enquanto esperava não perder os dedos dos pés.

Tirando a roupa de mergulho, ela a puxou para baixo sobre os ombros e teve que respirar fundo com ela presa em volta dos quadris. O sutiã estava tão grudado na pele que era quase nojento. Então ela rapidamente o tirou também, embora as temperaturas geladas transformassem seus mamilos em diamantes e deixassem sua pele tão arrepiada que ela jurou que ficaria assim.

Suspirando longamente, ela começou a vestir a roupa de mergulho novamente.

— Calor, Bitsy? Isso é meio importante.

— O calor está ligado.

— Claramente não está ligado. Faça uma varredura.

A pequena androide examinou antes que palavras minúsculas brilhassem na lente.

— Maior.

As palavras ficaram apenas um pouco maiores.

— Bitsy, você sabe que eu não consigo ler isso — ela resmungou enquanto puxava a maldita roupa de mergulho para baixo sobre os quadris. Respirando fundo e dobrando a cintura, ela a puxou para baixo sobre uma das pernas.

— Faça maior.

— Estão onze graus. — Finalmente, as palavras ficaram grandes o suficiente para serem lidas.

— E eu estou de calcinha, ainda encharcada — ela resmungou.

— Não está frio o suficiente para morrer.

— Então, o aquecimento está ligado ou não?

As palavras dessa vez foram sublinhadas enquanto Bitsy tentava fazer seu ponto.

— Sim, o aquecimento está ligado. Essa é a capacidade na qual a instalação pode funcionar.

Ótimo. Simplesmente ótimo. Ela ia congelar a bunda aqui embaixo, enquanto tentava o máximo para se manter viva no meio do mar. Por que ela pensou que isso seria melhor?

Sua pele arrepiou com a sensação de estar sendo observada. O que era loucura. Ela estava perdendo a cabeça aqui embaixo também agora. Curvando-se para tirar o resto da roupa de mergulho da outra perna, ela lutou para tirá-la e então jogou a roupa ofensiva assim que ela saiu do seu pé. Mesmo que ainda estivesse frio, ela ficou surpresa com o quanto se sentia melhor sem a umidade pressionada contra sua pele.

Ela deve ter feito um buraco nela enquanto eles estavam passando por aqueles corais afiados. Essa é a única explicação para ela estar molhada dentro de um traje que foi classificado para essas profundidades.

Por algum motivo, ela se virou de volta para o túnel e para a sala

em que estava originalmente. Ela não sabia por que, talvez fosse algum sexto sentido, porque quando ela olhou para cima, tudo o que viu foram escamas vermelhas.

Escamas vermelhas que se conectavam a um corpo negro escuro e olhos sem alma que a observavam com uma sensação de fome que ela não tinha visto neles antes. Seus olhos estavam arregalados, suas garras cravadas no chão enquanto ele a olhava de cima a baixo.

Com um estranho ruído vibrando em sua garganta, ela pressionou o terno contra os seios. Ele estava olhando para ela. Olhando para ela... desejando-a?

Não, isso não era possível. Ele era um ondino. Ele provavelmente estava olhando para o corpo dela como se fosse estranho e desconfortável, não intrigante. E aquele calor em seu olhar era só porque ele estava surpreso em vê-la. E o jeito como ele lambia os lábios enquanto a olhava de cima a baixo. Isso era só porque ele estava... com fome. Era isso.

Mas ela não conseguiu evitar sua própria reação àquela expressão. Apertando as coxas, ela cerrou os dentes contra a reação anormal a ele também. Ela era humana. Ela não deveria se sentir assim sobre uma criatura monstruosa que a havia sequestrado.

Os olhos dela ainda patinavam pelos músculos salientes dos ombros dele e pela poderosa flexão do peito e dos músculos abdominais enquanto ele se apoiava naquele único braço. Aqueles abdominais se contraíram com o olhar dela, e ela jurou que ele os flexionou um pouco mais forte.

Girando, ela se virou para além da vista dele e se afastou em direção aos armários. Agarrando-se ao tecido ali, ela se enfiou no traje utilitário e então pegou um cobertor de um dos beliches para garantir.

Mas, enquanto ela descia o túnel de volta para ele, ela não conseguia deixar de sentir como se estivesse colocando roupas para se

impedir de sentir qualquer coisa. Não era um escudo contra os olhos dele. Era uma promessa a si mesma de que ela estava coberta, e as coberturas tornavam mais difícil para ela querer os olhos dele nela.

Porque talvez ela fosse uma depravada que queria que ele olhasse novamente.

Soltando um longo suspiro, ela balançou a cabeça antes de parar diante dele.

— Eu não sabia quando você voltaria.

Desse ângulo, ela era mais alta que ele, mas não muito. Aquele braço enorme ainda o segurava quase na metade do caminho para fora da água. Sua cauda serpentina desapareceu na água escura e suja atrás dele. Mas desse ângulo, ela estava olhando para o rosto dele. Ele estava tão perto que ela podia ver a água pingando de seu cabelo e rolando pelas montanhas de seus ombros, acumulando-se na cavidade de sua clavícula.

Ela queria saber qual era o gosto daquela piscina de água.

Droga, Anya, ela disse a si mesma. *Mente suja.*

Ele apontou com a cabeça para algo à direita deles.

— Oh, — ela sussurrou. — Você me trouxe um peixe.

Bitsy destacou uma área ao lado dela, trazendo sua atenção de volta para o ondino diante dela. E quando ela olhou, ela pôde ver que o olhar dele estava descendo por seu corpo mais uma vez. Quase como se ele estivesse se lembrando de como ela era sem suas roupas.

Uma língua preta disparou para fora enquanto ele lambia os lábios, e ela não conseguia desviar o olhar dela. Por um segundo, ela jurou que viu caroços naquela língua, e levou tudo nela para não apertar as coxas novamente.

Depravado. Errado. Ela não deveria ser afetada por uma criatura que parecia assim. Não quando ela sabia o quão afiados aqueles dentes eram e o quanto ele havia lutado contra seu próprio povo. Ele havia

matado humanos. Provavelmente matou muitos deles. Ela era uma idiota por sequer pensar...

Ele se empurrou para frente. Ela observou enquanto aquela cauda grossa se enrolava embaixo dele para que ele pudesse pairar sobre ela. Era um rolar lento de seu corpo, seu rosto tão perto dela, e então eram quilômetros e quilômetros de músculos endurecidos pontilhados com cicatrizes.

A mão dele surgiu entre eles, aquelas garras gentilmente arrastando o tecido que ela agora usava. Ela podia sentir o puxão da garra contra cada botão que ela arrastava, cada um enviando um pequeno estalo por todo o seu corpo enquanto eles estalavam de volta contra o tecido.

Finalmente, sua garra subiu pelo pescoço dela, leve como uma pena e enviando mais arrepios espalhados onde quer que seu toque permanecesse. Com um toque suave contra seu queixo, ele a forçou a olhar para ele.

— Você é pálida em todos os lugares — ele disse, sua voz um estrondo baixo que percorreu o corpo dela com um calor branco e escaldante.

— Humanos geralmente são da mesma cor em todos os lugares. — Ela limpou a garganta, sentindo que estava um pouco difícil respirar. — Não temos padrões como...

Ela não terminou a frase, porque tinha focado um pouco demais nas linhas pretas que iam da clavícula dele e desapareciam na escuridão da cauda. Porque dentro desses padrões estavam as guelras nas costelas dele, e elas estavam se movendo. Gentilmente. Só um pouquinho.

Estar fora da água era difícil para ele? Ele conseguia respirar?

Ela quis perguntar, mas então o polegar dele roçou o pico do seu seio. Um raio atravessou todo o seu sistema, e ela não conseguia pensar. Não conseguia nem se mover enquanto ele fazia isso de novo.

— Exceto aqui, — ele murmurou. — Aqui você não é pálida.

Porra.

A umidade entre suas coxas espalhou tão rápido que era uma distração. Ela nunca tinha pensado... Ele não podia saber o que fazia. Ele não entendia que os humanos eram sensíveis ali.

Ele estava curioso sobre a espécie dela, e o toque para ele deve ser inocente. Ela estava pensando demais em todo esse encontro, mas ela tinha que... que...

Engolindo em seco, ela assentiu, ainda congelada com a mão dele contra seu peito.

— Obrigada pelo peixe.

Quando ele não respondeu, ela olhou para aquela expressão faminta. Os olhos dele refletiam suas próprias feições de volta para ela, os globos negros de seus olhos mostravam uma mulher com bochechas vermelhas brilhantes, um rubor manchando todo o seu pescoço e escondido sob o tecido feio de suas roupas.

A garra dele puxou a lapela do traje emprestado dela.

— Você fica de tantas cores, *Kalon*. Mal posso esperar para ver quantas.

E então ele escorregou de volta para o mar, deixando-a sem fôlego e tão vermelha que ela sentiu como se sua pele fosse derreter.

15

DAIOS

Os pensamentos da fêmea o consumiam. Mesmo quando ele não estava na unidade com ela, ele não conseguia se forçar a ir longe.

Em vez disso, ele se viu dormindo logo acima do prédio. Suspenso e mantido no alto pelo mar, ele deixou sua cauda cair para mantê-lo parado. E mesmo em seus sonhos, sua mente era consumida pela imagem dela.

O piscar dos olhos dela, brilhantes e quentes enquanto ela olhava para o corpo dele. A maneira como suas bochechas ficaram vermelhas com algum sinal de alerta que ele não entendeu. No momento, ele tinha certeza de que o vermelho era provavelmente um rubor de acasalamento. Talvez ela estivesse receptiva a ele, mas ele manteve o corpo inclinado. A falta de um braço era fácil de ignorar quando ela não conseguia realmente vê-lo. Quando ela podia fingir que ele estava apenas segurando aquele braço atrás dele para que ela não pudesse ver o pesadelo que ele realmente era.

Não importava o quanto ele tentasse distorcer seus sonhos, seu sono era sempre perturbado. No final, ela sempre o negava. Assim como todas as outras tinham feito.

Ele era muito grande. Muito perigoso. Ele não era um companheiro digno e até mesmo a achromo sabia disso.

Mas ele nem a chamava mais de achromo, chamava? *Kalon* era o nome que ele tinha dado a ela, e agora ele não conseguia tirá-lo da cabeça. Sua pequena *kalon*, e isso o deixava muito feliz para colocar em palavras.

Um calor cresceu em seu peito com cada pensamento dela. Fora da

instalação, ele deixou toda a energia nervosa flutuar por suas guelras. A água até ficou branca ao redor dele com a respiração que saiu dele. Até mesmo sua nadadeira agitou por ela, como se ele não fosse nada mais do que uma criança que viu sua primeira paixão.

Daios nunca tinha agido assim antes. Ele tinha que se controlar. Ele precisava ter certeza de que ela não tinha tanto controle sobre ele.

Por quê? Ele não sabia.

Daios precisava levá-la de volta com ele para ver os outros. Ele precisava que ela visse Mira e que eles explicassem o raciocínio por trás de sua captura. Essa era a única razão pela qual ele estava em Alfa, afinal.

Pelo menos, até que ele a viu. Até que ele percebeu que uma parte dele queria ficar com ela e pior? Que o mar estava empurrando-o na direção dela também.

Tudo parecia um tanto predestinado, e ele estava sobrecarregado. Tão sobrecarregado que era difícil respirar nas águas turvas que sua cauda agitava toda vez que ele se movia.

Eventualmente, porém, ele se controlou. Ele retornaria para sua kalon - não, a fêmea - e diria a ela que eles estavam indo embora. Ele arrancaria suas garras geladas das roupas dela quando tivesse que entregá-la, e então ele não olharia para trás. Ele a entregaria, assim como ele deveria fazer. Porque esse era seu papel nesta vida.

Ele deveria se sacrificar pelos outros, e então ele poderia realmente protegê-los. Nada poderia ser mais importante do que seu povo. Certamente não uma companheira.

Nadando até a superfície da instalação dela, ele atravessou a água, pronto para dizer a ela para pegar suas coisas.

Mas ela já estava sentada naquele assento estranho que se movia por toda a sala, com sua androide empoleirada em sua cabeça. Suas caudas estranhas estavam cruzadas sob seu corpo, os ângulos delas

pareciam bastante dolorosos. A expressão em seu rosto era de puro tédio quando ele a viu pela primeira vez, mas tudo isso se estreitou em determinação quando ela o avistou.

Isso o deixou nervoso.

Estreitando os olhos para ela, ele abriu a boca para dizer que estavam indo embora.

— Meu nome é Anya — ela disse, sua voz um pouco alta demais para o ambiente.

Ele congelou, incapaz de dizer qualquer outra coisa. Ele tinha passado todo esse tempo sem perguntar o nome dela? Ele tinha passado todo esse tempo sem perceber que ela tinha um nome? Que ele poderia tê-la chamado de algo diferente de achromo ou kalon?

Ele estava fazendo tudo errado. Aqui estava ele, se agitando para ela, e ele *nem sabia o nome dela.*

Soltando um longo suspiro, ele acalmou suas guelras e então pressionou sua mão com garras em seu coração.

— Daios.

— Esse é o seu nome?

Ele assentiu e observou enquanto ela se enrolava em si mesma. Ele não sabia dizer se isso era alívio ou não, pelo menos até que ela olhou para ele através da cascata de seus cabelos dourados e sorriu.

— É bom saber que você tem um nome, Daios.

E ah.

Oh.

O som do nome dele na língua dela era requintado. Ele nunca tinha ouvido alguém dizer isso naquele tom rouco, mas além disso, era o jeito como ela se demorava na palavra. O som estava errado, como se ela estivesse tentando colocar a língua em volta do gosto do nome dele e ele...

Porra. Ele não deveria estar aqui. Aquelas guelras em volta do

pescoço dele já estavam se movendo, e ele queria deslizar de volta para a água e matar algo para ela. Ele queria voltar com sangue por todas as garras, pingando dos dentes enquanto ele a presenteava com uma morte que mostraria o quanto ele a queria. Não. Precisava dela. Ele precisava de cada grama de atenção dela. Ele estava ganancioso pela sensação dos olhos dela deslizando por sua pele. E ele deitaria seu corpo na areia e rezaria para seus deuses por anos, se fosse isso que fosse preciso para senti-la tocá-lo novamente.

— Daios, — ela repetiu. Desta vez ela olhou para ele, e ele teve que lutar para não revirar os olhos em seu crânio ao som de seu nome nos lábios dela. — Acho que deveríamos conversar.

Ele podia ouvi-la falar por horas. Mas ele tinha a sensação de que não era isso que ela estava sugerindo.

Tudo o que ele conseguiu foi um grunhido baixo e depois um aceno de mão.

Ela assentiu, seus olhos voltando rapidamente para os dedos. Ele observou enquanto ela os movia no colo, enrolando-os juntos e depois os destorcendo.

— Eu não fui totalmente sincera com você. Sei que você me levou por seus próprios motivos, e tenho a suspeita de que eles são semelhantes aos meus motivos para querer ir embora. Você não gosta do meu pai. Isso está correto?

Ele mostrou os dentes em um rosnado baixo. Como ele deveria dizer a ela o quanto odiava o pai dela? Que Alfa estava no topo de todas as cidades que estavam arruinando seu lar, e agora que ele sabia que elas estavam ajudando a controlar tudo isso? Ele queria destruir tudo de dentro para fora.

Ela observou a expressão dele e então assentiu.

— Foi o que pensei. Sei que você pode não acreditar em mim, mas sinto o mesmo por ele.

Ela deixou cair um pé no chão, balançando a cadeira para frente e para trás. O guincho agudo dela encheu a sala, antes que ele se inclinasse para frente e parasse os movimentos dela. O olhar estranho no rosto dela o fez dar de ombros.

— Alto — ele disse, apontando para as orelhas.

Ela mordeu o lábio, então disse asperamente.

— Desculpe. Não consigo ouvir.

Com um pequeno aceno, ele voltou para a água, satisfeito que ela continuasse onde estava dessa vez. O barulho agudo não o distraía mais, ele novamente acenou com a mão para que ela continuasse.

— Acho que é bem óbvio que meu pai é controlador. Mas foi além disso. Ele era obsessivo com a minha segurança, embora apenas porque eu tinha utilidade. Eu era seu pássaro cantor, sua figura de proa, a pessoa que convencia a todos o quão grande ele era. Quanto melhor eu estava indo, mais um símbolo eu me tornava. — Suas bochechas incharam antes que ela deixasse escapar, — Minha mãe teria sido essa pessoa se ela não tivesse morrido. Em vez disso, eu era a pessoa que tinha que convencer a todos o quão grande ele era. Mesmo que ele não fosse.

Algo se enrolou em seu peito. Alcançou sua pele, forçando sua mão para fora da água. Com um toque gentil na sola do pé dela, ele tentou o seu melhor para mostrar qualquer conforto que pudesse. Mesmo que fosse estranho tocar o que parecia osso sob uma pele muito fina.

Ao seu olhar penetrante, ele moveu a mão e a pressionou contra seu próprio coração.

— Minha mãe morreu.

— Sinto muito por ouvir isso.

Ele assentiu, garras se curvando sobre seu coração direito até que ele pôde sentir as alfinetadas cravando-se em sua pele.

— A dor nunca vai embora.

Outro lampejo de emoção cruzou diante de seus olhos antes que ela

desse de ombros.

— Eu nunca a conheci.

Ele imitou o encolher de ombros dela e, com um grunhido, acrescentou:

— E, no entanto, a dor ainda existe.

Os lábios dela se separaram em surpresa, e ele não conseguia parar de encará-los. Por que eram tão rosa? Ele nunca tinha visto aquela cor sob o oceano, apenas quando tinha ido à superfície algumas vezes. Ele tinha visto tons semelhantes no céu lá em cima. Quando o azul acima das ondas se transformava em listras de rosa brilhante e roxo antes do sol se pôr e a lua nascer no horizonte.

— Trabalho há anos com um grupo de pessoas tentando desmontar o Alfa de dentro para fora.

As palavras o chocaram. Ele abriu a boca, provavelmente para dar um sermão nela sobre os perigos de tais coisas, mas tudo o que saiu foi:

— Você?

Aquela cor vermelha brilhante queimou suas bochechas, e ele duvidou que o tom tivesse algo a ver com prontidão para acasalamento.

— Sim, eu. Por quê? Eu não pareço capaz disso?

— Mas você é tão... tão... — Ele a olhou de cima a baixo antes de dizer abruptamente: — Pequena.

— O que o tamanho tem a ver com alguma coisa?

De repente, ele ficou bravo com ela. Ela achava que tamanho não tinha nada a ver com mantê-la segura? Ela era tão pequena e aqui estava ela, pensando que poderia enfrentar uma cidade tão poderosa quanto Alfa. Uma com a qual ele e seu povo lutavam há eras. Ela achava que podia fazer o que seu povo não conseguia?

Com um movimento de cauda, ele se levantou da água. Sua investida o levou até o lado dela, onde ele se apoiou contra a estranha engenhoca em que ela estava sentada. Juntos, eles giraram para trás até

que a cadeira dela bateu nas caixas brilhantes contra o vidro. Lá eles ficaram, com ele pairando sobre ela enquanto seu braço o mantinha longe dela.

Tremendo de raiva, ele já sabia que as luzes em seu corpo dançavam com sua emoção. A iluminação vermelha pegou nas bordas do rosto dela, iluminando-a de todos os ângulos.

— Você acha que tamanho não tem nada a ver com isso? — ele rosnou, seus dentes estalando na direção dela. — Como você poderia se manter segura? Não vejo garras, nem dentes, nem maneira natural de se proteger. Diga-me novamente como você, de todas as criaturas, é capaz de se proteger?

Ele esperava que ela se encolhesse. A maioria das pessoas que ele tentava intimidar tremia sob ele, tremendo enquanto o medo se espalhava por toda a sua forma até que não conseguiam pensar em nada e ninguém além dele. Um monstro estava diante dela, cobrindo seu corpo com o dele e ameaçando sua própria vida. Ele mostrou os dentes, movendo-se lentamente para mais perto e mais perto do rosto dela até que ele pudesse sentir as rápidas baforadas de sua respiração contra seus lábios.

Era isso que ele queria. Não era? Ele queria o medo dela. Ele queria saber qual era o gosto daquilo enquanto corria por suas guelras, porque ele tinha certeza de que teria o mesmo gosto de todos os outros achromos que ele havia caçado.

Mas ela era... Anya.

Não uma achromo que ele tinha sido ordenado a matar. Ela era a fêmea que tinha lhe mostrado gentileza, que não tinha medo de tocá-lo, e a que tinha olhado nos olhos dele e não vacilou quando ele fez tudo em seu poder para aterrorizá-la.

Ela o observou, seus olhos talvez um pouco mais arregalados do que antes. Mas então sua mão se levantou, e ela a colocou onde o pescoço

dele encontrava seu ombro. Logo acima do ferimento que havia tirado tanto dele.

— Bitsy, — ela disse, e o nome o fez perceber que ela estava falando com sua pequena androide. — Dê um choque nele.

Chocá-lo? O que elas estavam prestes a fazer? Mudar a pele para uma cor diferente para que ele ficasse surpreso?

Mas então ele sentiu uma pontada de dor sacudindo seu corpo de onde a mão dela o tocou. Ele estremeceu, embora fosse apenas o suficiente para contrair os músculos do pescoço. Ele se moveu em direção ao toque dela, seus dentes arreganhados de raiva enquanto ele suportava sua tortura.

A dor parou assim que começou. Ele permaneceu onde estava, sua cabeça virada para a mão dela enquanto ele se controlava.

— Eu não estou sem meus próprios truques, — ela disse. — Mas eu concordo que você é mais poderoso do que eu. Mas você é mais poderoso do que qualquer um da minha espécie, não é?

Ele estremeceu.

— Essa força é uma maldição.

— É? — Ela deixou a mão no ombro dele, e dessa vez seus dedos cravaram nos músculos ali. — Eu queria ser tão forte quanto você. Eu não teria medo de nada.

Daios queria se virar para ela e dizer que a manteria segura. Se ela quisesse mandá-lo para o mundo como sua arma de destruição, ele massacraria qualquer coisa em seu caminho.

Mas esses pensamentos eram loucura. Eles eram a doença que brincava nas bordas de seus pensamentos.

Em vez disso, ele se inclinou e mordiscou a carne delicada do pulso dela. Ele não rompeu a pele dela, embora pudesse sentir o quão fácil isso seria. Em vez disso, ele deixou pequenas marcas vermelhas que pontilhavam todo o braço dela enquanto ela o afastava dele.

Sua respiração ofegante o encheu de propósito. Gentilmente, ainda segurando o pulso dela com os dentes, ele lambeu a pele sensível ali. Seu olhar capturou o dela enquanto os caroços ásperos de sua língua brincavam com seu pulso rápido.

Ele pode não saber qual era a coloração vermelha da pele dela, mas ela não conseguia esconder como suas pupilas dilataram no momento em que ele fez contato. E deuses, o *gosto dela*...

Ele precisava parar antes que fizesse algo que ambos iriam se arrepender.

— Você pensou em destruir seu próprio pai? — ele perguntou, tentando o seu melhor para controlar suas emoções. Ele podia sentir o gosto dela sua língua. Um suave estalo de sabor que era terroso e *real.* — Quanto tempo isso ia levar?

— Anos da minha vida, — ela sussurrou, seus olhos arregalados encontrando os dele. — Muitos, muitos anos. Nós planejamos por muito tempo, e você arruinou esse plano aparecendo quando apareceu.

— E te roubar?

— Não, nós tivemos alguém se esgueirando para dentro da cidade. — Mais uma vez, a respiração dela soprou em seus lábios. — Ele foi pego porque meu pai se certificou de que não havia ninguém entrando ou saindo da cidade enquanto você estava de alguma forma se esgueirando. Mas acho que isso pode ser ainda melhor.

— Por que isso?

— Porque agora temos você. — Os olhos dela saltaram dos dele, para os lábios dele, e então voltaram para cima novamente. — Agora temos você, e acho que você quer destruir aquela cidade tanto quanto eu. Estou certa?

— Se você quer matar seu pai, Kalon, então eu vou te ajudar a matá-lo.

— Meu nome é Anya — ela corrigiu.

— Eu sei. — Ele se forçou a se afastar dela, para dar espaço para ambos respirarem quando tudo o que ele queria era prová-la novamente. Ele queria saber qual era o gosto de cada parte dela.

Daios queria arrastá-la para a água e prová-la através de suas guelras sensíveis. Mas ele não podia. Não deveria. Não precisava, porque tudo isso era apenas a insanidade em sua cabeça dizendo-lhe para fazer algo que levaria à maior destruição.

Deslizando na água, ele a deixou para trás antes que pudesse fazer algo insano. Como lambê-la da cabeça aos pés.

16

ANYA

Ela sonhou que ela estava de volta em Alfa. Presa em seu quarto, como sempre esteve. As paredes estavam deformadas, porém, e parecia que tudo estava derretendo dentro dela. Gotas quentes e derretidas que grudavam em seu cabelo e pele, prendendo-a no lugar até que ela não conseguia respirar.

O sonho mudou, distorcendo-se, então ela se viu andando pelas ruas de Alfa e todos estavam olhando para ela. Encarando. Conversando. Em sua mente, ela sabia que eles estavam se perguntando onde ela tinha ido parar. Claramente havia algo errado com a filha do General se ela era capaz de desaparecer por dias a fio.

Mas mesmo em seus sonhos, ela não conseguia ouvi-los falar. Era apenas o baixo estrondo do nada que, não importava o quanto ela tentasse ouvir, ela não conseguia entender.

Andar no meio de uma multidão sem entender o que eles estavam dizendo era um jogo perigoso de se jogar naquele lugar. Parecia que todos estavam conspirando contra ela. Eles a queriam fora da cidade deles, não era mais problema deles depois de tudo o que ela tinha feito. Que tipo de pessoa que planeja destruir sua casa? Ela sempre foi um problema, de qualquer forma.

Em seu sonho, ela andava pelas ruas e sabia que todos não a queriam ali. Eles queriam uma figura de proa como sua mãe. Eles queriam o lindo passarinho, preso em sua gaiola, uma criatura que cantava quando eles mandavam.

Todos queriam a criança de ouro do General que absorvia todo o seu amor e atenção e lhes dizia, sem muitas palavras, que os apreciava.

Queriam que ela bajulasse sua generosidade e os deixasse brincar com a linda boneca que ela se tornara.

Mas não era isso que ela queria. Mesmo quando criança, ela achava a atenção deles desconfortável. Ela odiava como eles olhavam para ela como se ela fosse um animal de estimação para eles se deliciarem com guloseimas e um tapinha suave em sua cabeça.

Ela era mais do que isso. Ela sempre foi mais do que isso.

O pai dela se aproximou dela, com uma expressão de decepção no rosto. Mas quando ele olhou para ela com outra expressão?

— Sua mãe teria sido mais adequada — ele disse, e ela conseguia ouvir o que ele estava dizendo. De todas as vozes que ela tinha esquecido, o som do pai nunca foi uma delas. Porque ele disse essas palavras antes que ela perdesse a audição. Ele as disse logo antes de ela ser a estúpida que se machucou tanto que ele nunca mais olharia para ela do mesmo jeito.

E então, de repente, ela estava de volta àquela memória. A pior memória que ela já teve.

Ela era muito menor, parada na frente da porta que levava ao arsenal onde seu pai guardava todas as armas. Ele olhou para ela e repetiu as palavras que a cortaram até o âmago.

— Sua mãe teria sido mais adequada — disse ele, seu rosto franzindo-se profundamente, o que o fez parecer muito mais severo. Toda vez. — Ela saberia que até mesmo falar sobre os ondinos em público era uma atitude tola. Você nunca deixou de me decepcionar, garota, e isso não é algo de que você deva se orgulhar.

Ela não estava. Mas ele nunca a fez sentir orgulho de si mesma.

Anya se encolheu, encurvando os ombros quando a mão dele se levantou. Ele ia bater nela, como sempre fazia. Um tapa forte na bochecha dela, e ninguém nunca mencionou que havia marcas vermelhas toda vez que a viam. Eles apenas olhavam para o General e sabiam, com

fé cega, que ele faria o que fosse preciso para mantê-los seguros.

Até bater na própria filha.

A dor não veio. Em vez disso, a porta do arsenal se abriu e um jovem congelou na entrada. Ele olhou entre ela e seu pai, e ela viu a pena em seu rosto. Ela sabia que era para ela, e isso doeu muito mais do que ela esperava.

Ele era bonito. Jovem. Ele tinha ombros largos e um maxilar afiado que ela sempre achou tão atraente. Em outra circunstância, ela poderia ter empinado seu quadril adolescente e torcido para não parecer uma pequena erva daninha que ainda não tinha desenvolvido seu corpo.

— Senhor? — ele perguntou. E oh, ela não pensava na voz dele há tanto tempo. Era tão suave como manteiga. A voz de um homem que sabia cantar e ela teria ficado cativada pelo som das palavras dele.

— Sim, sim, — seu pai resmungou, levando-os para dentro do arsenal. — Não toque em nada, Anya. Por uma vez, mantenha suas mãos para si mesma.

Ela se curvou ainda mais em seu corpo com vergonha. Anya não queria que aquele rapaz pensasse que ela era um fardo para seu pai. Ela não tentava decepcionar ninguém, mas às vezes ficava curiosa e não achava que isso fosse algo tão ruim. A curiosidade a fez querer ver mais coisas. Acreditar que ela era mais do que apenas uma boneca para seu pai colocar em um canto e para outras pessoas olharem.

Mas então ela viu.

O canto de trás da sala tinha uma mesa onde todos os protótipos estavam dispostos. Eles eram... maravilhosos. Lindos. Eles a faziam querer tocar nas coisas, mesmo que seu pai tivesse dito para não fazer isso.

Por um tempo, ela fechou as mãos em punhos e prometeu a si mesma que seria boa. Dessa vez, ela seria boa.

Talvez ela pudesse pedir ao guarda do pai, que normalmente a

seguia, para trazê-la de volta. Ela poderia fazer perguntas sobre os protótipos, o que eles eram, o que eles deveriam fazer.

O pai dela saiu da sala com o belo rapaz. Ele saiu imediatamente, deixando-a ali parada com as mãos se contorcendo em suas saias verde-claras.

Não, elas eram azuis. Ela estava usando seu vestido azul favorito com gola branca e sapatos que a faziam se sentir mais alta. Não eram exatamente saltos, porque seu pai disse que ela quebraria o tornozelo, mas eram pretos e tinham tiras finas que a faziam se sentir tão bonita.

O pai e o rapaz saíram da sala e ela pegou um dos protótipos. Eles geralmente eram armas para lutar contra os ondinos e qualquer outra criatura que pudesse atacar sua cidade. Mas este não parecia uma arma. Era uma pequena bola prateada, com cores brilhando entre as placas.

Ela achou que parecia bem bonito e o segurou na frente do rosto. Havia um botão na lateral, ela descobriu. Tão pequeno que ela poderia ter perdido.

No sonho, ela gritou consigo mesma para não tocar. Largar. Não seja a filha que seu pai sempre acreditou que você era.

Mas é claro que ela apertou o botão.

Um oceano de dor queimou seu corpo. O som que saiu daquela bola foi tão explosivamente alto que ela sentiu seu corpo inteiro simplesmente... parar de funcionar. Em um segundo, ela podia ouvir a fúria estridente do brinquedo mais novo de seu pai, e no próximo, nada.

Apenas uma pancada no crânio que era diferente de qualquer dor de cabeça que ela já teve, e uma vibração nas costelas que ela pensou que poderia ser da própria bola. Ela pensou que talvez tivesse desmaiado, porque piscou e de repente estava no chão. A bola tinha rolado para longe de sua mão e o primeiro pensamento que ela teve foi que tinha que fingir que não tinha tocado em nada. Seu pai iria descobrir. Ele iria matá-la se ela não fingisse que nada disso tinha acontecido.

Correndo pelo chão, ela tentou pegá-la. Mas ela ainda estava piscando aquela cor vermelha horrível que ela tinha visto logo antes de fazer o barulho horrível. Então ela apertou o botão novamente, e o barulho em suas costelas parou quando ele ficou azul.

Ela pensou que estava tudo bem até que notou um movimento à sua esquerda e percebeu que a boca do pai estava se movendo. Mas ela não conseguia ouvir uma palavra do que ele dizia.

Tremendo, ela levou as mãos aos ouvidos e, quando as abaixou novamente, seus dedos estavam cobertos de sangue.

Deus, ela odiava essa lembrança. Não porque tivesse vergonha de perder a audição, mas porque era culpa dela. Ela foi quem se machucou, e não podia culpar mais ninguém. Claro, seu pai provavelmente não deveria tê-la deixado em uma sala cheia de armas perigosas. Ela era uma criança, e deixar uma criança em uma sala como aquela certamente seria terrível.

E ainda assim, a culpa era dela. Ela carregaria isso nos ombros pelo resto da vida.

Lentamente, ela percebeu que havia dedos correndo por seus cabelos. Não no sonho, não naquele lugar de dor e memórias que fez seu coração doer. Não. Havia dedos escovando os emaranhados de seu cabelo no mundo desperto.

Por um segundo, o tempo se fundiu. Ela devia estar de volta a Alfa, onde havia uma empregada mais gentil que queria acordá-la de um pesadelo. Mas esses dedos eram mais largos, mais grossos, e havia garras delicadas arranhando gentilmente seu couro cabeludo.

Dedos que não podiam pertencer a nada além da criatura monstruosa da qual ela deveria ter medo. E, no entanto, ela nunca conseguiu se assustar com ele.

Abrindo os olhos, ela rolou lentamente para ver que ele tinha se arrastado para fora da água e pelo corredor. Sua cauda enorme ainda

estava na metade do corredor, a nadadeira achatada contra o chão, com água pingando das escamas tingidas de vermelho. Ele tinha enganchado o coto do braço faltante entre a estrutura da cama e o colchão e estava gentilmente, muito gentilmente, escovando o cabelo dela com suas garras.

Sua respiração ficou presa nos pulmões. Ela não tinha ideia do porquê ele estava tocando nela, apenas que isso fez tudo nela parar. Toda a ansiedade. Todo o medo. Todo o ódio por si mesma derreteu com a tensão em seu corpo enquanto ela afundava em seu toque.

A expressão dele era quase serena quando ela se virou, seu olhar nas longas mechas de seu cabelo loiro. Ela nunca tinha visto aquela expressão em seu rosto, e ela desapareceu no momento em que ele encontrou o olhar dela com aqueles olhos negros e percebeu que ela estava olhando de volta para ele.

Ele disse algo, deslizando de volta para o chão e começando a se empurrar para trás com aquele braço. Parecia estranho e trabalhoso e não era nem um pouco o que ela queria que ele fizesse.

— Espere, — ela disse, lutando para alcançar Bitsy e antes de deslizar a lente sobre o olho dela. — Espere, você não precisa ir.

Ele ainda estava se movendo, no entanto, e ela não queria que ele fosse embora. Ainda não. Algo dentro dela gritava que ela queria senti-lo escovando seus cabelos novamente, e não era justo que ele tivesse parado.

Aquele toque a tirou de um pesadelo. Ela não se sentiu um fracasso quando acordou. Tudo o que sentiu foram os dedos dele e a gloriosa sensação de ser tocada.

— Daios, por favor.

Ele congelou onde estava, deitado no chão mesmo quando ela se juntou a ele. Anya saiu de sua cama quente e sentou-se no chão frio, apenas olhando para ele. Ela não sabia o que dizer. Tudo o que sabia era

que ele tinha que ficar, ou todos aqueles sentimentos voltariam.

— Eu não sabia que você conseguia sair da água — ela tentou, com a garganta doendo com as palavras.

Seu grunhido profundo passou diante dos olhos dela, antes que ele dissesse:

— É isso que você tem a dizer?

— Parece um detalhe bastante surpreendente que eu não sabia sobre você, então sim.

Outro grunhido ilustrado por uma massa vibrante de linhas enroladas ao redor dele.

Ele permaneceu firme, apoiado em um braço enquanto todos os seus músculos flexionavam para mantê-lo ereto. Ela pensou, talvez fosse mais confortável se ele simplesmente se soltasse. Ele não precisava inclinar o corpo para longe dela. Ele não precisava esconder o braço faltante do qual ele estava claramente tão envergonhado.

Em vez de dizer qualquer coisa disso, ou mesmo tentar falar com ele, ela puxou o travesseiro da cama e o socou algumas vezes. Enfiando-o sob a cabeça, ela deitou no chão frio de metal e balançou os ombros como se estivesse ficando confortável.

Palavras passaram diante de seus olhos.

— O que você está fazendo?

— Você pode continuar escovando meu cabelo, por favor? Não foi um sonho agradável e não me sinto eu mesma. — Ela manteve o olhar no teto, esperando que ele se aproximasse um pouco mais dela. Ela uma vez conseguiu que um cachorro de rua tirasse comida da mão dela desse jeito.

Basta não olhar para o predador perigoso, e talvez ele confie nela.

Houve a mais leve vibração de escamas raspando contra o chão de metal, e então a delicada sensação de suas garras correndo por seu cabelo.

— Não olhe, — ele disse, sua voz um zumbido baixo contra seu ouvido. — Qual foi o sonho?

Claro, ela ia olhar quando alguém lhe dissesse isso. Ele congelou novamente, seus dedos ainda em seu cabelo. Ele estava esticado o máximo que podia. Deitado de bruços, o coto de seu braço apoiando levemente seu corpo para cima. Mas sua bochecha descansava contra seu bíceps e seu braço bom se estendia todo para o lado, então apenas seus dedos estavam perto dela.

Apoiando a própria bochecha na mão, ela rolou na direção dele.

— Não estou incomodada com isso, sabia?

Ele engoliu em seco.

— O sonho?

— Seu braço. — Ela deixou seu olhar realmente ir até o fim dele, e ele não conseguia se mover para escondê-lo. Não nessa posição. — Isso não faz de você menos do que você já é.

Daios estremeceu.

— Você é uma das poucas que acredita nisso.

— Você acredita nisso?

Ela observou as emoções passarem pelo rosto dele. Surpresa. Mágoa. Choque de que talvez ele não tivesse.

Lambendo os lábios, ela acrescentou:

— Por que você não acredita?

— Agora? — A voz dele se aprofundou ainda mais, um estrondo de alguma criatura nas profundezas. Ela sentiu aquela voz sombria e profunda até o âmago. — Porque se eu estivesse inteiro, eu poderia me apoiar em cima de você e ainda te tocar. Eu não teria que deitar de bruços só para sentir a maciez do seu cabelo.

Oh.

Pressionando as coxas contra a onda repentina de desejo que percorreu todo o seu corpo, ela tentou com muita força não pensar nele

apoiado acima dela. Aqueles músculos flexionando e aqueles dentes afiados à mostra, embora ela soubesse que ele só a morderia se ela quisesse. E estranhamente, ela pensou que talvez não fosse tão ruim se ele a mordesse.

Ele era estranho de se ver, mas ele era... também muito emocionante.

Engolindo em seco, ela assentiu.

— Ah. Eu entendo.

— Eu não acho que você entenda, Kalon. — Os dedos dele se moveram em seu cabelo, gentilmente colocando cada fio em um coque perfeito para descansar contra seu pescoço. — Eu não acho que você consiga entender.

Qualquer que fosse a loucura que havia entre eles, ela queria alimentá-la. Ela se moveu rapidamente, certa de que ele não gostaria do plano dela se soubesse o que ela estava fazendo. Então, com um rápido contrair de músculos, ela se lançou sobre ele. Em um momento, ela estava deitada na frente dele, e no próximo ela tinha rastejado em cima dele.

Daios rolou entre as pernas dela, os olhos arregalados de choque e os dentes à mostra como se achasse que ela o estava atacando. Mas os dedos dele eram gentis nas coxas dela quando ele agarrou uma com a mão.

Com as mãos apoiadas no peito dele, ela se segurou em segurança em cima dele. Não era onde ela pensou que acabaria. Especialmente considerando que ele era tão grande que suas coxas estavam esticadas um pouco mais largas do que era confortável.

E, pelo amor de Deus, isso a fez pensar em coisas que ela realmente não deveria estar pensando.

Levou cada grama de sua força para não gemer quando sentiu os músculos estriados do abdômen superior dele pressionados contra sua

boceta. Ela queria se esfregar nele. Sentir o poder ondulante dos músculos dele embaixo dela, mas não era isso que ela estava provando aqui.

— Viu? — ela disse, sentindo como se sua voz tivesse mudado um pouco. Certamente tinha vindo de uma parte muito mais profunda de sua garganta. — Você não precisa se segurar por mim. Eu posso fazer isso por você.

Aqueles olhos escuros ficaram ainda mais escuros, e ela podia ver a fome nele. Ele tentou o seu melhor para ficar parado e não se mover, mas aquela cauda chicoteou atrás dela uma, duas, três vezes antes que ele a parasse.

— E agora, Kalon?

— Você pode me tocar sem ter que escolher se quer ficar perto de mim ou me tocar. — Ela engoliu em seco. — Meu cabelo, quero dizer. Eu gosto bastante quando você toca no meu cabelo.

Toque-me em todos os lugares, ela pensou. Ela queria que ele deslizasse aquela mão para cima em seu lado. Ela queria saber o que aconteceria se ele segurasse seu seio, ou se ele usaria aquelas garras para rasgar o tecido de suas roupas.

Esses eram pensamentos perigosos. Pensamentos terríveis. Ela sabia que provavelmente havia um lugar especial para mulheres depravadas que olhavam para um monstro e se perguntavam como ele seria entre suas coxas, mas... Porra. Era onde seus pensamentos estavam.

A mão dele se moveu, mas apenas para segurar a bochecha e o maxilar dela naquela palma enorme.

— Tantos pensamentos passando pela sua cabeça agora. Eu me pergunto por quê.

Ela não podia dizer a ele o que realmente estava pensando. Ele... talvez fizesse algo do qual nenhum dos dois pudesse voltar atrás.

— Eu simplesmente não entendo por que você não gosta da sua

aparência. — Ela deu um tapinha na lateral da androide em sua cabeça. — Eu uso isso. Você está sem um braço. Mas eu não penso menos de mim mesma porque não consigo ouvir o que as pessoas estão dizendo.

Suas sobrancelhas franziram.

— Não tenho interesse em falar sobre a perda do meu braço.

— Não estou perguntando como você o perdeu. Estou perguntando por que você o odeia tanto.

Ela o estava pressionando. Longe demais, considerando a tensão enrolada abaixo dela, isso só a fez pensar em como seria se ele estivesse tenso por outro motivo.

A carranca em seu rosto era uma de suas indicações, mas também eram os músculos contraídos de suas guelras. Anya culpou a privação de sono pela razão pela qual ela queria passar os dedos sobre aquela pele estranha e cinza e ver se era tão macia quanto parecia.

Em vez disso, ela usou os dedos para outra coisa. Algo para distrair os dois. Estalando os dedos e torcendo as mãos em um movimento repetitivo. Uma palavra, um nome, palavras que não precisavam de som.

Ele observou o movimento com os olhos semicerrados.

— Já vi você fazer isso antes, mas não com frequência. O que significa?

— Isso significava... uh... Grande homem, — ela disse, suas bochechas queimando. — Ou, Daios. Eu suponho.

— Qual é a língua?

— Sinal. — Ela deu de ombros. — É difícil lembrar de tudo. Como qualquer idioma, quanto menos você o usa, menos fácil é lembrar. Existem apenas algumas pessoas com problemas de audição em Alfa, e a maioria de nós tem um androide como Bitsy. Mas eu lembro de muita coisa.

Ela sinalizava cada palavra que dizia, observando enquanto os olhos dele voavam com seus dedos.

Ele observou cada palavra com muita atenção antes de dizer:

— É uma língua linda.

Anya sorriu.

— Eu também acho. Gosto de falar com as mãos.

— Eu pediria para você me ensinar, Kalon, mas... — Ele soltou o lado da bochecha dela e levantou sua única mão entre eles.

Mas não, isso não daria certo. Ela agarrou os dedos dele nos dela e gentilmente levantou os nós dos dedos dele até os lábios dela. Com um beijo suave nas costas daquelas garras mortais, ela encontrou o olhar escuro dele e disse:

— Você ainda pode fazer sinais com uma mão.

Ele olhou para ela como se ela tivesse dito que poderia devolver o braço. Ou talvez, só talvez, aquela expressão significasse que ele era grato a ela por não o fazer se sentir inferior.

Ela não sabia. Tudo o que sabia era que isso a fez se contorcer em cima dele até que ele agarrou sua coxa mais uma vez. Aqueles dedos grossos e largos apertaram com força antes que ele rosnasse.

— Mostre-me.

Se ela tivesse que passar o resto da noite ensinando a ele o básico da linguagem de sinais, ela o faria. Porque agora, na escuridão desta instalação abandonada, tudo o que ela queria era passar um tempo com este homem curioso que havia capturado sua atenção.

17

DAIOS

Ele não sabia quando ele se tornou tão confortável perto dela. Provavelmente foi o primeiro momento em que ele a viu na água e percebeu quão fraca ela era. Os achromos eram criaturas perigosas que podiam surpreendê-lo com sua violência. Mas Anya?

Anya não tinha um pingo de violência.

Nem mesmo quando ela pulou em cima dele, e ele tinha certeza de que ela queria machucá-lo. Afinal, ele a sequestrou de sua casa. Ele a arrastou para as profundezas geladas onde ela tremia todas as noites.

Em vez disso, ela pediu para ele tocá-la. Só de pensar nisso, seus paus pressionavam contra as escamas que os mantinham no lugar. Ele se fechou várias vezes com a lembrança das caudas gêmeas dela em cada lado do estômago. Ele sentiu o calor dela entre as caudas gêmeas e isso...

Ele não conseguia pensar nisso agora. Não quando estava prestes a vê-la novamente, e não tinha como saber o que poderia fazer. Daios queria puxá-la para cima dele como ela tinha feito antes, mas agora que ele queria usar seus músculos para se esfregar nela. Ele queria puxá-la para a água e mostrar a ela por que o oceano era muito melhor do que estar no ar.

Ele queria prová-la. Não apenas lamber sua pele, mas atrair seu cheiro para suas guelras e se afogar em todos os sabores que ela pudesse lhe dar.

Acalmando seus pensamentos, ele colocou a cabeça para fora da água e espiou o quarto dela. Ele tinha um peixe nas mãos, muito menor desde que ela desperdiçou o último atum que ele trouxe para ela. Mas dessa vez, ele também foi estúpido. Ele trouxe uma fileira de ostras com

ele. Foi uma ideia tola. Uma esperança tola que floresceu em seu peito e que ele esmagou com a mesma rapidez.

Ela estava sentada em frente aos consoles, como ela os chamava, Bitsy na frente do seu rosto e uma projeção na sua frente novamente.

— Não, Ace, você não pode entrar por esse caminho. Não, não estou dizendo isso à toa. Você pode olhar os malditos esquemas de novo antes de começar a gritar? Olhe para eles. — Suas palavras estavam voando no vidro depois que ela as disse, mas nenhuma outra voz respondeu a ela.

Ele colocou o peixe para fora e então tentou o seu melhor para colocar as ostras silenciosamente, mas elas estalaram umas nas outras. As malditas conchas estavam mais altas do que ele queria, e a androide deve ter dito a Anya que ele estava aqui. Ela girou na cadeira apenas alguns momentos depois do som.

Não escapou a sua atenção que ela se virou com um sorriso brilhante no rosto. Um que fez seu coração trovejar em seu peito.

— Ace, eu tenho que ir. — Aquele sorriso se transformou em um olhar penetrante enquanto ela desviava sua atenção dele para o vidro na frente de seus olhos. — Não, eu não vou te deixar na pior hora. Este é um plano terrível. Pense em algo melhor, e conversaremos novamente em breve.

Ela passou um dedo pela projeção antes de olhar para ele com aquele sorriso brilhante.

— Desculpe por isso. Não há descanso para os perversos, como dizem.

— Eu não entendo essa frase. — Ele empurrou as ostras um pouco mais perto dela. — Eu trouxe uma coisa para você.

— Eu posso ver. — Ela deslizou da cadeira para sentar no chão, como fizera muitas vezes desde que ele a trouxera ali. Com suas caudas gêmeas dobradas, ela pegou as ostras. — Eu devo comê-las?

— Você pode. Elas são melhores cruas.

O narizinho dela enrugou, e ele ficou preocupado com o quanto ele achava aquilo adorável. O carinho por ela que se estendia por seu peito era quase doloroso neste momento. Arges estava certo, ele odiava admitir. Ela se contorceu para dentro de sua pele, apenas por ser ela mesma.

Nunca em sua vida ele pensou que uma achromo poderia tratá-lo como uma pessoa. Mas ele supôs que Anya não era como os outros achromos. Ela não podia ser.

Ele sorriu para ela, sem nem perceber a expressão que cruzou seu rosto antes que ela apontasse para ele.

— Você está sorrindo.

— Eu nem sei o que isso significa.

— Você sabe o que é um sorriso. — As rugas acima do nariz dela agora estavam unidas por traços gêmeos entre os olhos. Um sinal claro de que ela estava chateada com ele. — Você estava sorrindo para mim, mas agora ele sumiu.

Ele tentou o máximo que pôde imitar o que achava que ela queria, mas até ele conseguia sentir que os dentes à mostra eram mais uma careta do que um sorriso.

Ela balançou a cabeça.

— Não, não é isso. Você ganha pequenas asas ao redor dos olhos quando sorri.

— Você está dizendo que eu tenho rugas?

— Sim. — Ela sorriu, e dessa vez ele não conseguiu deixar de fazer o mesmo.

Ela olhou para ele com aquela expressão boba e ele podia *sentir* uma igual em seu próprio rosto. Isso era estúpido. Mas enviou uma emoção por todo o seu corpo porque ele meio que amou aquilo ao mesmo tempo.

Ele não se lembrava da última vez que conseguiu apenas... ser. E

Anya queria isso. Ela parecia gostar quando ele era ele mesmo, mesmo que esse eu fosse um bastardo rude com uma veia raivosa. Ela não se importava que ele principalmente resmungasse em resposta às perguntas dela, mesmo que tentasse respondê-las.

Ele estava enferrujado nisso. Conversar. Estar perto de outras pessoas de uma forma que não fosse apenas discutir sobre planos de ataque ou necessidade de violência.

Colocando a mão no chão, ela se empurrou um pouco mais para perto dele. Dessa vez, ela não se ajoelhou sobre aquelas caudas estranhas. Ela as enrolou uma na outra com aqueles ossos horríveis saindo em todas as direções.

— Isso é confortável? — ele perguntou antes que pudesse se conter.

Ela levantou os olhos das ostras que trouxera consigo.

— O que é confortável?

Ele gesticulou para cima e para baixo no corpo dela.

Ela pareceu confusa antes de entender o que ele estava tentando dizer.

— Oh! Você quer dizer minhas pernas?

Pernas, certo. Era assim que Mira sempre as chamava. Ele tinha dificuldade em pensar nelas como algo diferente de caudas, mas elas não funcionavam como caudas. Ele sabia disso.

Franzindo a testa, ele assentiu antes de estender o braço para tocar um dos ossos afiados com um dedo.

— Elas não parecem que deveriam fazer isso.

— Elas estão ótimas — ela respondeu com uma risadinha. Ela arrastou as ostras para o colo, a água fria manchando o tecido ao redor de seus membros com uma cor mais escura. — Às vezes esqueço que somos tão diferentes. Devo parecer tão estranha para você.

— Você é bem feia. — A honestidade a fez inclinar a cabeça para trás e rir tanto que seu rosto ficou vermelho brilhante.

Ele não queria que soasse tão terrível quanto soou. Ela não era tão feia que ele não quisesse olhar para ela, mas ela não era exatamente... Bem, ela não era uma fêmea graciosa e bonita flutuando na água com uma cauda longa e nadadeiras que a ajudavam a patinar nas ondas. Ela era uma achromo.

Era difícil acostumar.

Ela parou de rir, limpando os dedos sob os olhos enquanto juntava as lágrimas que escorriam por suas bochechas. Ele se sentiu um pouco mal por isso, embora não tivesse pensado que isso a faria chorar. Honestidade sempre foi sua maior arma.

E agora ele percebeu que arma isso poderia ser.

Agarrando-a pelo braço, ele gentilmente afastou as mãos dela do rosto para que ele mesmo pudesse enxugar as lágrimas. Elas estavam surpreendentemente quentes em seus dedos.

— Sinto muito. Não queria te deixar chateada.

— Você não fez isso. — Ela segurou o pulso dele, aquele sorriso não saindo do rosto dela. — Rir às vezes me faz chorar. São lágrimas de alegria, não lágrimas de tristeza.

Ah. Bem, pelo menos ele conseguiu tocá-la. E de repente, tudo em que ele conseguia se concentrar era na textura macia da pele dela. A maneira como os cílios dela batiam contra as teias dos dedos dele quando ela piscava, e quão macios e sedosos eram os lábios dela, a apenas um fio de cabelo de suas garras.

Com um suave arrastar de seus dedos, ele a soltou. Mesmo que ele não quisesse parar de tocá-la.

Ele manteve os olhares travados enquanto lentamente lambia as lágrimas dela das pontas dos dedos. Ela observava cada movimento, e ele jurou que o peito dela nem sequer se elevava com uma respiração. Ela apenas o observava, seus olhos lentamente ficando mais fechados enquanto seu olhar se fixava nos dedos dele.

— Você tem gosto de mar, — ele disse asperamente. — Meu sabor favorito.

Ele observou a garganta dela se mover em um gole. Ele se perguntou se era medo ou outra coisa que ele viu nos olhos dela. Era difícil de ler essa achromo, não importa o quanto ele tentasse. Ela o surpreendeu mais do que ele queria admitir.

O olhar dela caiu de volta para as ostras em seu colo, e quando ela respondeu, foi com aquele tom gutural que sempre o deixava dolorosamente duro.

— Por que você me trouxe ostras? Só para comer?

Não. Não só para comer, embora agora ele não achasse que ela deveria comê-las de jeito nenhum. Eram iguarias deliciosas, não para serem vistas com um nariz franzido como se fossem nojentas.

Suspirando, ele pegou o fio e arrancou uma ostra dele.

— Não só para comer.

Usando sua garra, ele equilibrou a ostra no chão de metal e então enfiou sua unha dentro dela. A mão de Anya disparou para fora, segurando a ostra para mantê-la firme para ele.

Ele olhou para ela com uma expressão nada impressionada.

— É mais fácil se eu segurar para você — ela disse.

— Não, não é.

— Definitivamente é. — Ela soltou um suspiro para mover o cabelo que tinha caído na frente dos olhos. — Você vai se cortar ou me cortar. Só me deixe segurar enquanto você abre a coisa.

Mostrando os dentes para ela, ele abriu todas as suas nadadeiras para ficar ainda maior do que já era. Ela deveria ter corrido dele gritando. Em vez disso, ela apenas estufou as bochechas e endireitou os ombros.

Como se ela estivesse imitando-o.

Suas barbatanas achataram-se para os lados com um estalo. Isso

foi… inesperado, mas ele supôs que ela poderia ajudá-lo se quisesse.

— Segure firme então.

— Foi o que pensei.

Resmungando baixinho sobre mulheres tolas que corriam riscos demais, ele finalmente conseguiu abrir a maldita coisa. Ele deixou as conchas caírem para cada lado, escolhendo ignorar a pequena ruga do nariz dela - de novo - enquanto ela olhava para a carne pálida lá dentro.

— Você come isso cru? — ela perguntou, claramente lutando. — Parece tão... tão...

— Delicioso? — ele perguntou, usando sua garra para raspá-la da casca. Ele ficou um pouco desapontado por não conter o que ele esperava, mas ainda teria o mesmo gosto de sempre. — Nutritivo? Tipo comida que é muito melhor do que a comida que eu trouxe para você antes?

— Molhado.

Ele sorveu da concha antes de jogar as metades vazias na água. Ela estava certa, estava um pouco molhada. Ostras eram sempre macias e tinham o gosto do mar onde cresciam. Essas eram particularmente salgadas, o que ele gostava bastante.

Tirando a próxima, ele esperou que ela a equilibrasse antes de abri-la novamente.

— Elas estão molhadas, eu acho.

— Qual é o gosto delas?

— Salgado.

Aquela maldita ruga se aprofundou. Isso o fez querer pressionar o polegar ali, para aliviar a tensão das feições dela.

— Você não está fazendo isso soar bem — ela disse com uma risada suave. — Molhado e salgado não está na minha lista de coisas que eu gosto de comer.

Ele abriu a próxima com um pouco mais de força, e sua garra bateu

no chão de metal.

— Eu sou molhado e salgado.

Ela piscou, sua mente claramente tentando entender o que ele tinha acabado de dizer. Ele nem tinha certeza do porquê tinha dito isso. Ele *era* molhado e salgado, mas o que importava se ela não gostava dessas coisas? Claro, ele tinha provado suas lágrimas. O sabor ainda estava em sua língua como um dos melhores que ele já tinha provado, até melhor do que as ostras que ele tinha trazido para ela.

Não importava se ela não gostava dele. Ele era seu captor. Ele nem sabia o que estava fazendo com ela ali ou por que a estava mantendo ali por tanto tempo.

Estava errado. Ele estava errado. Tudo sobre essa situação estava errado, e ele deveria...

A mão dela tocou o maxilar dele, acariciando gentilmente seu pescoço até as guelras.

— Felizmente, não tenho intenção de comer você. Então não importa se eu não gosto de comidas molhadas e salgadas.

Certo. Ele estava exagerando.

Resmungando, ele correu sua garra sobre a ostra para descobrir que havia exatamente o que ele estava procurando dentro dela. Os nervos se agitaram em sua barriga.

Ela não tinha como saber que, passo a passo, ele estava completando um processo de acasalamento que era tão antigo quanto o tempo. Seus ancestrais fizeram isso anos e anos atrás. Eles foram os que começaram esse ritual ouvindo seus instintos e o mar que os guiava. Ela não sabia o que significava quando ele lhe trazia comida, ou que ele a manteve para si mesmo para que nenhum outro macho concorrente pudesse encontrá-la.

A última vez que ele tentou qualquer uma dessas coisas, ele foi abatido tão rápido que suas guelras doeram. Disseram que ele era muito

grande, muito desajeitado e que suas habilidades de caça eram insuficientes. Naquela época, ele levou para sua escolhida um colar feito de ossos. A parte de trás era uma enorme mandíbula de tubarão, e ela olhou para ele como se ele fosse um idiota.

Talvez ele devesse contar a ela. Ele provavelmente deveria explicar por que estava fazendo tudo isso e, ainda assim, esse mesmo instinto lhe disse para não fazer isso. Enganchando o dedo em volta do tesouro, ele o ergueu para que ela pudesse vê-lo.

Uma pequena pérola pálida empoleirada em sua garra. Ele tinha a sensação de que ela teria a mesma reação que todas as outras fêmeas antes. Era muito pequena, muito opaca. Uma pérola como essa não era nem de longe o suficiente para impressionar uma fêmea como Anya.

Mas então sua respiração saiu de seus pulmões em um longo

— Oh.

Anya estendeu a mão para pegar a pérola, sua mão tremendo enquanto a tirava da garra dele. Como se estivesse com medo de que o menor sopro nela a fizesse cair de seu aperto e ela a perdesse.

Ela a embalou em uma mão, virando-a para um lado e para o outro na luz.

— Eu só vi elas... — Ela perdeu as palavras, suas mãos tremulando com um movimento tão bonito que ele esqueceu que era uma linguagem. Ele deveria estar ouvindo-a, mas, em vez disso, ele estava apenas apreciando a maneira como suas mãos se moviam.

Ele tentou entender o que ela estava dizendo, mas não havia muitas palavras ali que ele conhecesse. Ele só podia esperar até que ela finalmente se recompusesse o suficiente para dizer:

— Isso é tão bonito. Eu já vi pérolas antes. Eu só... eu nunca vi de onde elas vinham.

— Você gosta disso?

— Eu realmente amo — ela murmurou, sua voz o menor sussurro

que era tão difícil de ouvir. — É linda. Tem mais?

Ele gesticulou para todas as ostras ao lado dela.

— Não saberemos até encontrá-las.

— Oh. — Ela fungou forte, e ele a olhou para ter certeza de que ela não estava chorando de novo. — Eu me sinto mal por termos que matá-las para pegar as pérolas.

Seus dentes brilharam em um sorriso sombrio.

— Eu ia comê-las de qualquer jeito, Kalon.

Os olhos dela se arregalaram um pouco, mas então ela sorriu de volta para ele.

— Ok, então. Se você tem certeza.

Ele tocou suas garras em seus corações e então gesticulou para as outras ostras.

— Tenho certeza. Elas não podem sentir muita dor. Agora, vamos juntar um punhado de pérolas para você.

— Por quê? — O olhar dela procurou o dele. — Por que você trouxe isso para mim?

Sua boca se abriu, as palavras prontas para sair de seus lábios.

Porque eu quero ficar com você para mim.

Porque se eu te cuidar, te alimentar, te trouxer tudo o que você sempre sonhou, talvez você me dê uma chance.

Porque ninguém me fez desejar-te tanto quanto eu quero você.

Em vez disso, o que ele disse foi:

— Eu queria.

Seus lábios se torceram em um pequeno meio sorriso.

— Um homem de muitas palavras, não é?

Mas ele conhecia aquela expressão no rosto dela. Ele podia ver como o meio sorriso permanecia, e seus olhos enrugavam um pouco. Havia um brilho em seu olhar enquanto ela estendia a próxima ostra para ele abrir com sua garra. Tudo isso significava que ela estava se

divertindo com ele. Que ela... talvez gostasse de sua companhia.

Daios não sabia o que fazer com nada disso. As pessoas o toleravam, não gostavam de tê-lo por perto. Ele era muito difícil, muito direto e certamente muito bravo para que alguém realmente quisesse passar tempo com ele.

Então, tudo o que ele conseguiu fazer em resposta foi grunhir, abrir a próxima com um giro brusco da unha e sorrir para a risada alegre dela.

— Tem mais uma!

Com o coração apertado, ele disse a si mesmo para guardar essa memória para quando não a tivesse mais. A felicidade dela era um momento fugaz ao qual ele se agarraria pelo resto da vida. Ele pegou a próxima pérola para ela, para que ela não tivesse que tocar na ostra que achava tão nojenta.

— Aqui está, kalon. Outra para sua coleção.

18

ANYA

Ela tinha se acostumado com suas rotinas, embora ela ainda não tivesse certeza do porquê estava ali. Bitsy tinha apontado isso várias vezes. Ele a sequestrou. Levou-a para longe da cidade por um motivo, e ela não tinha se aprofundado no porquê.

Mas isso importava? Ela estava fora de Alfa. Ninguém sabia onde ela estava ainda, e ela conseguia trabalhar com Ace sempre que precisava para descobrir um novo plano. Não que elas estivessem chegando a algum lugar com isso. Alfa foi fechada após seu desaparecimento, aparentemente, e ninguém estava entrando ou saindo da cidade.

— Seu pai está furioso — ela leu na tela enquanto Ace enviava sua mais nova mensagem. — Destruindo a cidade inteira.

Ela apoiou os pés nos consoles à sua frente e enrolou o cobertor em volta dos ombros um pouco mais apertado.

— Ótimo. Ele merece ficar um pouco assustado depois de tudo o que fez.

— Está afetando nosso plano.

— O que você quer que eu faça? — Ela deixou os pés caírem no chão com um baque forte. — Você quer que eu volte?

Houve uma longa pausa antes que três pequenas bolhas piscassem diante de seus olhos. Claramente, Ace estava digitando. E sua pequena androide achou que seria inteligente deixá-la saber que Ace estava digitando, depois apagando, depois digitando mais, enquanto seu parceiro tentava arduamente descobrir o que dizer.

— O que você quer dizer com voltar? — Ace finalmente perguntou.

Merda. Ela não tinha contado a Ace que tinha ido embora, tinha?

Isso era um problema. A mentira que ela tinha contado originalmente à sua contraparte era que ela ainda estava em Alfa, mas ela estava segura em um novo lugar onde seu pai não poderia encontrá-la. Isso era fácil o suficiente para fingir.

Mas ela não podia continuar mentindo se elas quisessem fazer isso funcionar.

— Bitsy, — ela disse, beliscando entre os olhos. — Mande minha localização para Ace.

Quando ela finalmente abriu os olhos, havia palavras pairando na frente dos consoles.

— Você tem certeza?

— Sim, tenho certeza. Alguém precisa saber onde estou, só para o caso de algo dar errado.

Bitsy exibiu uma animação de um envelope se atirando ao vento. Pelo menos agora ela sabia que alguém viria para recuperar seu corpo se ela congelasse até a morte aqui. Seu olhar capturou um movimento na escuridão além da instalação. Ela realmente desejou que houvesse uma luz lá fora. Porque parecia que nada vinha para esta área do oceano. Ela nem tinha visto um peixe, mas tinha certeza de que eles estavam lá fora.

Franzindo a testa, ela se inclinou para frente para olhar para longe.

— Bitsy, você vê alguma coisa na água?

A androide dela voltou sua atenção para o vidro enquanto Ace enviava uma mensagem.

— O que você quer dizer com estar no meio do oceano? Onde diabos você está?

— Uma instalação de pesquisa abandonada, eu acho — ela respondeu, inclinando-se ainda mais para perto do vidro. — Foi um dos experimentos fracassados do meu pai, eu acho.

— Como diabos ninguém te pegou ainda?

— Não sei. Bitsy está usando o mínimo de energia e redirecionou

tudo. A menos que alguém esteja olhando ativamente para este espaço, não acho que eles vão perceber que estou aqui se a saída de energia for a mesma.

Claro, seria bom se ela tivesse um pouco de calor. Ela estava tão cansada de estar com frio o tempo todo.

Havia algo na escuridão, afinal. Ela mal viu a cauda que cortava a poeira, mas a reconheceu. A barbatana em forma de remo com bordas afiadas e leves indícios de buracos irregulares só poderia ser um tipo de criatura que ela tinha visto neste oceano. E então, como ela suspeitava, ela viu o mais leve indício de um clarão vermelho.

Ele estava tentando se aproximar dela? Parecia que sim.

Inclinando-se para trás, ela fingiu que estava relaxando novamente e começou a falar com Ace.

— Escute, só tenho um tempo limitado agora. Vou continuar olhando os mapas, mas ainda acho que entrar furtivamente na cidade e conectar-me ao banco de dados é nossa melhor chance. Se conseguirmos que todas as telas da cidade contem a história de quão terrível meu pai é, então temos um começo.

— Sedenta por sangue, eu gosto.

— É vingança — Anya respondeu. E era.

Por todos aqueles anos em que ele a fez sentir como se não fosse nada nem ninguém. Ela se vingaria do pai mesmo que isso fizesse algo dentro dela doer. Como o ondino havia dito, ela lamentava uma mãe que nunca teve e um pai que deveria ter sido melhor. A dor nunca ia embora de verdade.

A poeira do lado de fora da janela rodou, e uma onda repentina de escuridão se aproximou da janela. Ao mesmo tempo, ela se levantou abruptamente e abriu o cobertor ao redor dela. Espelhando os movimentos dele, ela correu para a janela com uma carranca no rosto e o cobertor esvoaçando para fazê-la parecer maior.

Daios parou do lado de fora da janela, suas luzes brilhando intensamente e suas barbatanas se abrindo em surpresa com a reação dela. Claramente, ele *estava* tentando assustá-la.

Deixando o cobertor cair, ela lhe deu um sorriso brilhante e um pequeno aceno.

Ele abriu os dedos palmados em um aceno também, franzindo a testa para ela. Ele nem se moveu até que ela apontou para a abertura na sala que lhe dava acesso ao mundo dela.

Bitsy alargou as palavras em vermelho brilhante.

— Perigo.

— Nah. — Ela acenou com a mão no ar e se virou em direção à abertura para esperar por ele. — Eu não acho que ele seja tão perigoso assim.

A androide dela estava definitivamente de mau humor quando o ondino emergiu. Ele ainda estava olhando para ela com aquela expressão curiosa no rosto, uma que ela poderia ter pensado ser orgulho se não o conhecesse melhor.

Sentando-se de bunda na frente dele, ela percebeu que não conseguia tirar o sorriso do rosto.

— Eu te assustei?

— De jeito nenhum.

— Você parecia um pouco assustado.

Essas barbatanas se ergueram nas laterais do pescoço dele e então pressionaram para baixo com um estalo forte.

— Eu não estava assustado.

Ela deu de ombros.

— Com certeza parecia pelo menos surpreso.

— Você não deve ameaçar criaturas assim, especialmente quando elas são maiores que você. Elas podem considerar tal comportamento um desafio.

Anya revirou os olhos.

— Acho que ninguém acharia isso um desafio. Se eles estiverem me caçando e perceberem que sou muito maior do que pensavam, a hesitação deles pode funcionar a meu favor.

Um som suave ecoou por suas guelras, mas então ele assentiu relutantemente.

Ela não deveria estar tão feliz por tê-lo impressionado. Especialmente quando ele apareceu de mãos vazias hoje. Normalmente ele trazia comida ou algum tipo de presente, e agora ele estava olhando para ela com aqueles olhos negros profundos, e ela teve a sensação de que ele ia lhe dizer algo que ela não iria gostar.

Ele abriu a boca, e ela correu na frente dele. Por quê? Ela não tinha certeza. Só que ela não queria que isso acabasse e não queria saber o que estava prestes a mudar.

— Posso tocar em você? — ela perguntou, as palavras saindo de seus lábios antes que ela mesma as ouvisse.

— O que?

— Bem, você me tocou. — Seus dedos roçaram as pontas de seu cabelo. — E eu só... Bem, eu nunca estive tão perto de um ondino antes. E acho que nunca mais estarei quando tudo isso acabar.

As sobrancelhas dele franziram um pouco, uma expressão estranhamente humana que a fez prender a respiração por alguns segundos.

— Você não tem medo de mim, tem?

Anya teve que morder os lábios com muita força para não sorrir.

— Não, na verdade, não.

— Por que isso? — Ele se aproximou um pouco mais, o suficiente para que ela pudesse estender a mão e tocá-lo se quisesse.

— Bem. Você nunca me deu nenhuma razão para ter medo de você. — Ela se aproximou também até que pôde sentir o leve frio irradiando da

pele dele.

— Eu tirei você de sua casa.

— Porque eu disse para você fazer isso. — Ela sorriu quando ele revirou os olhos com essa declaração. — O quê? Eu fiz! Você acha que poderia ter se jogado para fora da água, me arrastado para a piscina e ainda ter escapado sem ninguém correndo para lá com todas as armas da cidade prontas?

Com um movimento suave de sua cauda, ele se aproximou dela. Ele estava subitamente mais perto, gotas de água pingando de seus ombros e no peito dela, infiltrando-se no tecido do cobertor.

— Sim. Acredito que eu poderia ter feito isso.

Ah, ela deveria estar apavorada. Ela deveria se encolher em uma bolinha embaixo dele e rezar para que ele não decidisse experimentar carne humana.

Em vez disso, Anya se viu alcançando e passando os dedos ao longo das barbatanas na lateral do rosto dele.

— O que é isso?

Não escapou a ela que os olhos dele reviraram para trás. Ele gostava da sensação dos dedos dela em quaisquer que fossem essas membranas delicadas. Elas eram surpreendentemente macias sob seus dedos. E pareceu bastante natural deslizar o dedo indicador na frente de uma delas, e o dedo médio atrás dela. Com apenas um leve beliscão, ela observou as barbatanas ao redor do rosto dele de repente se abrirem e começarem a tremer.

O rosto dele se contorceu, e quando ele falou, ela pôde sentir suas palavras ecoando por suas costelas.

— Essas são minhas guelras.

— Oh. — Ela franziu a testa, seus olhos percorrendo seu pescoço musculoso e seu peito impressionantemente largo. Linhas tênues gravadas ao longo de suas costelas com a mais tênue sugestão de

membranas delicadas escondidas dentro.

— Eu pensei que essas fossem suas guelras.

Ela estendeu a mão para tocá-las também, apenas para parar quando ele agarrou seu pulso. Olhos se erguendo rapidamente para os dele, ela jurou que a fome estava de volta em seu olhar. As teias de seus dedos roçaram os dela, tão suaves quanto as guelras que ela tinha acabado de tocar.

— Eu tenho dois de tudo — ele disse, sua voz tão baixa que ela jurou que podia sentir isso bem no fundo de seu corpo.

— Dois? — Ela franziu a testa, olhando para frente e para trás entre os dois conjuntos de guelras. — Dois pulmões então? Você está respirando ar?

— Sim.

— Eu tenho dois pulmões. — A loucura a fez pressionar as mãos para frente, achatando-as contra o peito estranhamente escuro com listras no centro, desde a clavícula até encontrar a cauda, muito mais escura.

E então ela os sentiu. Contra suas palmas estava o ritmo de dois corações. Ligeiramente fora do ritmo um do outro. Mas ambos trovejavam contra sua pele, como se ele estivesse nervoso.

— Dois corações — ela sussurrou, sentindo sua voz vibrar na garganta.

— Sim. — A mão dele subiu para cobrir a dela, pressionando-a um pouco mais forte contra seu peito.

Ela sentiu como se estivesse perdendo alguma coisa, mas era difícil para ela pensar em qualquer outra coisa além do fato de que ela podia sentir dois batimentos cardíacos pressionando suas mãos agora. Ele era uma anomalia médica. Ela só conseguia imaginar que havia centenas de cientistas que adorariam colocar as mãos nele.

Como eles nadavam daquele jeito? Como eles suportavam o frio e as pressões do oceano? Ele tinha bexigas de ar como um peixe?

Perguntas se agitaram em sua mente, mas então ela olhou para ele e sua boca ficou seca. Ele estava olhando para as mãos dela em seu peito e ela jurou que aquele olhar dizia que ele desejava que ela movesse as palmas. Ele queria que ela o tocasse, para saber como era, e de repente, todos os pensamentos sobre ciência foram pela janela.

Deslizando as mãos pelo peito dele, ela observou sua reação. Ele ficou tão imóvel, aparentemente sem respirar além daquelas barbatanas alargadas que continuavam a tremer gentilmente. Ela se perguntou se elas faziam algum som.

Lentamente, ela estendeu os braços ao redor dele. Ele ficou exatamente onde estava, deixando-a abraçá-lo, mesmo enquanto suas mãos brincavam sobre suas costas.

— Cuidado. — Bitsy teve que colocar as palavras naquele rosa berrante, então Anya sabia que Daios estava falando. — Há espinhos nas minhas costas.

— O que você quer dizer?

Ela tinha visto as costas dele, não tinha? Não havia nada de anormal... Mas então ele se virou no aperto dela, colocando um pequeno espaço entre eles.

Havia espinhos nas costas dele. Eles *eram* quase transparentes e tão fáceis de não ver. Mas quando ela passou o dedo sobre um, eles saltaram ao seu toque.

Havia uma membrana presa a eles também. Quase como uma barbatana dorsal que ele podia achatar à vontade. Ela correu os dedos por aquela barbatana mortal, tentando não ficar tão satisfeita quando Bitsy enviou um aviso através da lente que ele havia sibilado.

Ela podia ver como isso o afetava. Os toques gentis pareciam ser sua ruína, e ela gostava muito de tocá-lo assim.

Com uma mão espalmada contra o quadril dele para mantê-lo parado, ela continuou sua exploração. Correndo os dedos por todos

aqueles espinhos mortais, ela tocou cada membrana sob cada um enquanto os contava. Doze espinhos mortais. Doze armas afiadas que corriam por toda a extensão de sua espinha.

Demorou até o espinho número seis para que sua determinação rachasse. Ele estremeceu sob o toque dela, seus músculos se contraindo e sua respiração ficando irregular. Ela podia ver a maneira como ele sugava a respiração através daquelas guelras que não se agarravam a nada porque não estavam debaixo d'água. Suas costelas se expandiram sob a palma da mão dela, tão rapidamente que era como se ele tivesse acabado de nadar por todo o oceano.

Ela teve que se ajoelhar, tentando ignorar a sensação escorregadia entre as coxas e controlar a própria respiração. Ela não pensou que iria gostar tanto disso. Mas tê-lo à sua mercê? Saber que ele só estava se segurando porque precisava?

Isso fez coisas com ela que nenhum homem jamais havia inspirado. Ela estava tão molhada entre as pernas que era quase constrangedor, e ainda assim, sua respiração ficou presa na garganta quando ela terminou com a última espinha na parte inferior das costas dele.

— Tão perigoso — ela disse, esperando estar dizendo as palavras corretamente.

Ele se virou no último segundo, e o menor espinho na base das costas dele pegou o dedo dela. Com um silvo agudo, ela recuou em choque.

Sangue brilhante brotou na ponta do dedo dela. Era um pequeno arranhão. Ela duvidava que precisaria de algo além de alguns momentos de pressão firme e que se fecharia sozinho.

Mas ele gemeu, o som longo, baixo e delicioso enquanto se enrolava baixo em sua barriga. Ela não tinha percebido o quão emocionante era ouvir seu parceiro enquanto ele tinha prazer. Então todos os seus pensamentos se dispersaram quando ele agarrou seu pulso e o puxou

para si.

Aquela língua longa e preta saiu da boca dele. E ela estava certa. Era estriada. Havia caroços por toda parte, pequenos caroços que se moviam por conta própria enquanto ele enrolava aquela língua em volta do dedo ensanguentado dela.

— Porra — ela sussurrou.

Isso não deveria ser tão sensual quanto era. Ela não deveria tremer de necessidade ao som da voz dele e do jeito que os olhos dele se fecharam de prazer enquanto ele sugava o sangue da pele dela.

Isso era errado. Ela não deveria gostar tanto disso, e ele também não. Eles não deveriam estar entretendo esse calor entre eles, mas estavam. E ela não queria que ele parasse.

Os olhos dele se abriram lentamente, encontrando os dela com o dedo dela ainda em sua boca. Mais um golpe quente e molhado e ele a soltou.

— Voltarei com comida para você — ele disse, aquela voz estridente fazendo com ela todo tipo de coisa que não deveria.

— Você acabou de voltar.

— Esqueci de trazer algo para você comer, Kalon.

Ela o observou afundar na água e pensou que talvez tivesse imaginado tudo. Ou talvez, só talvez, ambos tivessem perdido a cabeça por alguns momentos.

E ela gostou.

19

DAIOS

Daios disparou pela água, com um peixe amarrado em sua cintura para ela enquanto sua mente se revoltava.

Agora ele entendia.

Ele entendeu o que Arges quis dizer quando disse que esse sentimento era avassalador. Que lutar contra essa conexão era uma lição de futilidade porque era mesmo. Com o gosto do sangue dela na língua e a sensação das mãos dela na pele, ele estava perdido. Completa e inteiramente.

Ele queria acasalar com ela. Ele queria mantê-la para si para sempre. Cada parte do seu corpo gritava que ele precisava consumir cada gota do que ela era e implorar por seu perdão mais tarde.

Mas não era assim que o acasalamento funcionava. Não importava o quanto ele a quisesse, não importava o quanto ele lutasse por ela, a escolha sempre terminaria no colo dela. Ela tinha todo o poder aqui, e ele sabia como essa história terminaria.

Ele não era a primeira escolha. O instinto dentro dele de levá-la e mantê-la longe dos outros era enganá-la em pensar que ele era sua melhor opção. Ele deveria mostrar a ela o quão útil ele poderia ser. Tudo isso estava em seu sangue para mantê-la longe de qualquer outra pessoa que pudesse influenciar seus olhos. Mas não era justo.

O Povo da Água não fazia mais coisas assim. Eles permitiam que as fêmeas escolhessem entre a menor quantidade de machos disponíveis. E ele nunca tinha sido escolhido.

Ela também não o escolheria se pudesse ver todos os outros machos. Ela eventualmente cumprimentaria seu grupo e colocaria seus

olhos em alguém como Maketes. Alguém brilhante, leve e gentil.

Ela nunca teria deixado Daios tocá-la se soubesse que havia outras opções. Se houvesse outra pessoa que pudesse desviar seus pensamentos de Daios.

Ele sabia disso. Ela sabia disso.

E ainda assim, ele não a levou de volta. Porque de alguma forma fodida, ele queria mantê-la para si.

Suspirando, ele olhou para a entrada da instalação. Ele sabia que tinha terminado de lutar contra isso. Ele queria tocá-la. Prová-la. Saber tudo sobre ela. Ele queria roubar o pouco que pudesse antes que fossem forçados a se separar. E eles seriam forçados. Ele tinha certeza disso.

Chegando ao topo da superfície, ele a procurou. Como se seus olhos nem vissem mais ameaças, apenas a esperança de que ela estivesse em algum lugar por perto. Ela estava sentada naquela cadeira estranha novamente; suas pernas cruzadas e seu cabelo desgrenhado ao redor de sua cabeça. Murmurando baixinho, ela apertou botões no console à sua frente e então murmurou um pouco mais quando nada aconteceu.

Colocando os peixes menores e mais consumíveis de lado na água para mantê-los frios, ele jogou algumas gotas de água nela.

Elas voaram pelo ar, mais longe do que ele esperava, e caíram no próprio console. Com um grunhido, ela imediatamente limpou as manchas com a manga antes de perceber de onde elas tinham vindo.

Girando na cadeira, seus olhos encontraram os dele.

— Daios — ela disse, ofegante e animada demais por ver alguém como ele.

Mas ele foi o monstro que encorajou isso.

Acenando para ela, ele apontou para o peixe. Ele deveria ir. Ele não deveria se entregar assim porque não tinha certeza se iria embora. Ele poderia até implorar para ela que ela o deixasse tocá-la, só dessa vez. Só para saber.

Ela tirou a escolha dele. De repente, ela estava bem ali na frente dele, como sempre. Cruzando as pernas e enrolando aquele cobertor em volta dos ombros enquanto começava a balbuciar sobre alguém que ele não conhecia e a ideia de que ela tinha que entrar em Alfa. Ela estava sempre trabalhando para descobrir uma maneira de derrubar seu pai.

Ele admirava a dedicação dela, mas agora não conseguia entender uma única palavra que ela dizia. Não enquanto a observava torcer o cabelo nas mãos. Ela entrelaçou os fios, enrolando e curvando até formar uma trança intrincada caindo sobre o ombro.

Então ela continuou falando, suas mãos voando, não com palavras, mas com excitação enquanto ela divagava sobre alguma entrada de serviço que não estava sendo tão fortemente vigiada quanto antes. Tudo o que eles tinham que fazer era colocar alguém de dentro que pudesse anexar mais uma coisa em alguma coisa, e ele não se importava com nada disso.

Porque os fios do cabelo dela estavam caindo daquela trança torcida. Ela não tinha prendido com nada, então é claro que eles estavam se despedaçando. Ele queria envolvê-lo em sua mão e arrastar a cabeça dela para trás. Ele queria saber qual era o gosto da garganta dela e se ele conseguia sentir a batida do coração dela contra sua língua.

— Daios?

O som do nome dele o tirou desses pensamentos. Ele não moveu nada além dos olhos para encará-la.

— Sim?

— Você quer escová-lo novamente?

Certamente ele não a tinha ouvido direito. Essas palavras eram fruto da imaginação dele e sua maior esperança de que ela o deixasse tocá-la.

— O quê?

O rosto de Anya queimou com aquela cor vermelha, e ele não sabia

o que isso significava. Suas palavras foram um pouco gaguejadas quando ela disse:

— Você fez isso antes quando estava emaranhado. Eu estava dormindo, então. Mas está... Bem, está emaranhado de novo e eu não encontrei uma escova aqui. Eu pensei, talvez, se você não se importasse?

Ele faria qualquer coisa que ela pedisse. Se ela quisesse que ele ficasse deitado na lama enquanto ela usava aquelas caudas estranhas para afundá-lo mais fundo, ele ficaria feliz em se deitar na terra fria.

Com um leve aceno, ele sentiu sua boca ficar seca enquanto ela se virava. Ela usou as mãos para inclinar o corpo para longe dele, e então, de repente, ele teve todo o acesso que queria aquele cabelo que o havia cativado desde o começo.

Ela começou a falar novamente, mas ele não estava ouvindo. Não quando suas garras trêmulas estavam tão perto do cabelo dela. Ele gentilmente tocou apenas as pontas, sentindo a maciez deslizar por entre seus dedos como água. Ele nunca tinha visto cabelo dessa cor, e talvez tenha sido isso que o cativou desde o começo.

Ele não queria machucar Anya. De forma alguma. Então ele foi cuidadoso enquanto começou a trabalhar nos nós. Ele tentou muito ouvir o que ela estava dizendo, mas honestamente não se importou.

O plano dela de derrubar Alfa não funcionaria. Ele conhecia homens como o pai dela, porque Daios era assustadoramente parecido com o homem. A única coisa que pararia pessoas como eles era sangue ou troca.

E ele segurava o maior tesouro do General entre suas garras naquele momento.

Ela continuou falando até que ele desembaraçou a maioria dos nós. Agora, ele podia passar as garras pelos cabelos dela sem nenhum emaranhado no caminho entre ele e a textura luxuosa.

Cuidadosamente, ele raspou suas garras ao longo do couro cabeludo dela. Ela se inclinou para trás em seu toque, suas palavras gaguejando enquanto ele fazia isso de novo.

Ele sorriu, mesmo que ela não pudesse vê-lo. Ela gostava quando ele sorria, e ele esperava que ela olhasse para o reflexo deles no vidro. Ele era uma figura ameaçadora atrás dela, um monstro com a mão sobre ela, e ela *gostava disso.*

Ele ignorou os impulsos do próprio corpo enquanto fazia isso de novo. Correndo os dedos pela cabeça dela e então beliscando os fios entre os nós dos dedos um pouco mais forte, então houve um puxão bem fraco enquanto ele continuava descendo pelos cabelos dela. Ele fez isso de novo e de novo até que ela soltou um pequeno gemido ofegante que fez os dois congelarem.

Mas aquele *som.* Ele queria ouvi-lo cem vezes. Mil. Ele queria se banhar no som até que não conseguisse pensar em nada além daquele gemido ofegante de prazer que havia escapado dos lábios dela sem que ela percebesse. E ele sabia que ela não havia planejado que isso saísse.

— Desculpe, — ela sussurrou. — Você pode continuar, eu só... Ninguém esfrega minha cabeça há muito tempo.

Ela queria afastar isso? Sacudir com suas caudas como se não tivesse acontecido entre eles?

Aquela raiva repentina e perigosa cresceu em seu peito. Ele não gostou que ela estivesse tentando esconder sua reação dele, mesmo que ele logicamente soubesse que tinha feito o mesmo há apenas alguns dias quando ela escolheu roçar os dedos ao longo das membranas de sua espinha.

Ele não tinha o direito de exigir mais dela. Não tinha o direito de ouvir mais daquele som, mas, droga, ele queria. Ele queria ouvir o prazer dela, e ele queria... ela.

A loucura pressionou sua mente e ele percebeu que nem mesmo

aquela parte de si queria machucá-la. Não a menos que ela gostasse.

Ele cravou os dedos no cabelo dela, massageando seu couro cabeludo novamente até ouvir o menor gemido novamente. Ela estava se segurando. Tentando manter aqueles sons longe dele quando ele queria ouvi-los. Ele merecia ouvi-los. Ele merecia o som do prazer dela e da dor dela e cada pedaço de som entre eles.

A cabeça dela se inclinou para trás enquanto ele trabalhava em sua cabeça e com um movimento de sua cauda, ele se moveu ainda mais para perto dela. O longo e gracioso cordão de seu pescoço o chamava. Ele... queria.

A parte lógica de sua mente não sabia o que ele estava planejando fazer, mas isso importava? Ela estava deitada na frente dele como um banquete. Seu corpo coberto por aquele cobertor idiota que não tinha o direito de escondê-la de sua vista.

Inclinando-se, ele pressionou os lábios naquele arco gracioso do pescoço dela. Ele deixou a boca demorar, e então não conseguiu se impedir de passar a língua contra a pele dela.

O gemido dela vibrou no ouvido dele enquanto o gosto dela explodia na língua dele. Ela tinha um gosto tão bom.

Quente e doce, seu pulso contra sua língua onde seu coração disparava como se ela soubesse o quanto de perigo ela corria. Não, não perigo. Ele empurrou a névoa para longe de sua mente para perceber que ela tinha se arqueado na frente dele. Suas costas se curvando, ela se apresentou a ele como se ela também não tivesse nenhuma restrição.

Um rosnado baixo ecoou em seu peito. Ele lambeu o pulso dela com a língua. Lento e metódico, ele deslizou toda a textura irregular pelo pescoço até a clavícula. Recuando, ele sabia que sua expiração brusca enviaria arrepios frios dançando pela carne dela. E ele não conseguia se conter agora.

Ele tinha provado, mas não era o bastante. Não era nem de longe o

bastante.

Outro rosnado retumbou através dele enquanto ele curvava sua mão com garras em volta da cintura dela. O cobertor ainda os separava, e ele não ousou movê-lo. A barreira era boa. A barreira o lembrava de que ele não poderia ir longe demais com isso, não importa o quanto ambos desejassem.

A textura da cintura dela era tão delicada, empurrada para dentro como estava. A sensação do osso afiado do quadril dela pressionado contra a palma da mão dele, ondulando com os movimentos dela.

Segurando-a um pouco mais forte, ele pressionou a cabeça dela contra seu ombro ruim. Então ela estava apoiada nele enquanto seus instintos ficavam selvagens.

Ele observou a expressão dela, sua boca se abrindo enquanto ela encarava a mão palmada dele, movendo-se para sua barriga. A maciez ali só o lembrava de quão delicada ela era, e quão facilmente ele poderia machucá-la.

Mas não era isso que ele queria. Não quando pequenos e suaves sons ofegantes irrompiam dos lábios dela. Aqueles eram bons sons. Ele gostava de ouvir aqueles sons ofegantes, mas queria o gemido dela.

Ele soltou um pequeno grunhido quando seus paus saíram. Ele não conseguia mais pará-los ou segurá-los atrás de suas escamas quando ela estava... assim.

O cobertor caiu para o lado enquanto a mão dele subia pelo tronco dela. Ele podia senti-la ainda mais agora. A delicada caixa de suas costelas, expandindo e contraindo a cada respiração irregular que ela puxava para se firmar. A maneira como a pele dela cedia sob a mão calejada dele. A pressão exuberante do seio dela contra a palma dele quando ele finalmente o segurou, sentindo as marcas dos dedos dele enquanto a agarrava talvez com um pouco de força demais.

Lá estava. O gemido que fez seus quadris balançarem para frente e

pressionarem seus paus contra o metal frio. Ele queria sentir o aperto dela ao redor dele. Ela apenas se arqueou em seu toque, um de seus braços se levantando para enlaçar seu pescoço e arrastá-lo para mais perto dela.

Ele escovou os dentes pela garganta dela. Seu polegar encontrou o pico do seio dela, provocando-o gentilmente enquanto ela se contorcia em seus braços.

Ambos precisavam dessa liberação que ele podia dar a eles. Balançando os quadris, ele respirou forte contra a garganta dela e sabia que ela podia sentir o hálito quente viajando pelo seu pescoço. Outro gemido, este terminando em uma súplica.

Pressionando o polegar um pouco mais forte contra o mamilo dela, ela soltou aquele gemido novamente. Os dedos dela agarraram o cabelo dele, e a loucura o fez mover a mão.

Ele abriu bem aqueles dedos, deslizando por baixo das roupas que a mantinham longe dele. A textura macia da pele dela quase o distraiu até que seus dedos roçaram em algo quente e úmido. Pele lisa que a fez sibilar um longo suspiro.

Ele tinha garras. Ele não sabia do que ela gostava, mas podia sentir a maciez dela e sabia que ela era delicada.

Arqueada como ela estava, foi fácil para ele acomodá-la em sua palma. As teias entre seus dedos criavam sulcos quando seus dedos eram mantidos fechados, como estavam agora. E outro silvo de prazer o fez ter certeza de que ela gostava de seu toque. Ela gostava quando ele lentamente deslizava seus dedos contra aquele calor ardente em seu núcleo.

— Kalon, — ele rosnou, as palavras baixas e tão profundas que ele sabia que ela podia ouvi-las. — Mova seus quadris, pequena. Eu quero ver você cavalgar na minha mão.

Esse era um som novo. Um gemido que fazia seus paus chutarem

contra o chão gelado e *foder*. Se ele não tomasse cuidado, poderia gozar assim. Sentindo aquela pele sedosa deslizar sobre seus dedos enquanto ela movia seu corpo como uma onda. Ondulante e tão graciosa enquanto ela se esfregava em seus dedos.

Linda.

Os pequenos gemidos, os sons chorosos que ficaram presos em sua garganta. Ele a observou no reflexo do vidro. Sua cabeça jogada para trás contra seu ombro machucado, um braço segurando a parte de trás do seu pescoço. Ela mordeu o lábio enquanto desesperadamente se esfregava contra seus dedos e caralho. Era perfeito.

Ele nunca tinha visto uma criatura mais adorável, nem tinha visto uma visão mais adorável do que quando se inclinou e lambeu a coluna da garganta dela.

— Mantenha os olhos fechados, — ele rosnou em seu ouvido, sentindo-a estremecer com o tom de sua voz. — Só sinta.

Ele queria estar dentro dela. Tanto que doía. Mas agora, tudo o que ele queria era vê-la cavalgar sua mão e, enquanto ele rosnava em seu ouvido, ele sabia que ela estava perto.

Aquelas pequenas manchas vermelhas em suas bochechas queimaram mais intensamente e então, de repente, seu ritmo mudou. Ela estava ofegante agora, então prendendo a respiração enquanto se movia um pouco mais rápido, um pouco mais forte.

E ele observou com atenção total enquanto ela gozava em sua mão com um gemido longo e prolongado que quase o deixou descontrolado.

— Linda, — ele disse. — Você é tão linda gozando, Kalon.

Os consoles começaram a tocar, o grito alto enchendo seus ouvidos assim que ela soltou outro daqueles gemidos que faziam seus paus doerem e seu desejo inchar profundamente dentro dele. Ele queria apenas mais alguns momentos. Mais alguns segundos onde eles poderiam se perder um no outro enquanto ele sabia que não deveria

estar fazendo isso.

Mas aqueles barulhos altos e luzes vermelhas piscando geralmente eram um aviso. E ele sabia que ela não conseguia ouvi-los.

— Anya, — ele disse, afastando a mão dela e segurando seu queixo. Ele a forçou a olhar para os consoles. — Algo está errado.

Levou alguns segundos. Sua respiração estava tão irregular que ele temeu que pudesse haver algo errado com ela. Mas então finalmente ela assentiu e se lançou para frente em direção aos consoles. O cobertor caiu completamente no chão e ele afundou mais fundo na água para que ela não soubesse o quanto ele era afetado por ela. Ainda não, pelo menos.

Ela bateu as mãos em alguns botões, xingamentos saindo de seus lábios até que as portas à esquerda deles se fecharam. Então ele ouviu. O estalo. A corrente de água que fluía pelo túnel além e para dentro do quarto em que ela normalmente dormia.

O estrondo alto sacudiu toda a instalação com tanta força que a coisa toda se moveu. A água correu ao redor dele, quase o empurrando para dentro do quarto e encharcando-a até as coxas. Ele ficou exatamente onde estava, ambos congelados enquanto toda a instalação gemia. O som era profundo e doloroso, um que ele tinha certeza de que ela podia ouvir.

Eles se entreolharam, ambos em silêncio, certos de que toda a instalação estava prestes a desabar.

20

ANYA

Anya se apoiou nos consoles e rezou. Ela não fazia isso há anos, mas queria ter certeza de que alguém estaria lá fora cuidando dela se todo esse lugar implodisse de repente. Pelo menos seria uma morte rápida. Quase fácil demais, na verdade. Seu corpo inteiro seria esmagado em uma névoa de sangue e ninguém saberia. Seu pai não tinha ideia de onde ela estava. Ninguém em Alfa também.

Eles seriam apenas dois mortos no mar, com apenas caranguejos para catar os pedaços aquosos do que restava deles.

Mas eventualmente o tremor diminuiu. A água parou de se agitar do outro lado da porta e, por um momento, ela pôde respirar novamente.

Eles quase morreram. De novo. Bastaria um leve empurrão na água ou um movimento errado, e tudo naquela instalação desligaria. A água entraria correndo e não havia nada que ele pudesse fazer para ajudá-la. Não quando todo aquele caos provavelmente jogaria a máscara para longe do alcance dela.

A máscara.

— Porra — ela sussurrou, sentindo quão trêmula a palavra estava em sua garganta.

A máscara estava naquele outro quarto. Ela não tinha como sair dali agora, e não havia como ele conseguir outra. Pelo menos, não sem que ele saísse por um longo tempo e a recolhesse de onde quer que a tivesse conseguido antes. Mas isso significaria que ele teria que ir embora.

Ela não tinha comida. Apenas uma pequena ferramenta para purificar a água que estava cheia de areia e fuligem.

A situação dela pesava muito sobre seus ombros agora. Ela estava

tão contente em deixar sua casa e ter essa aventura pela primeira vez na vida que não tinha percebido o quão perigoso isso era.

E então houve o tremor nas pernas dela que não tinha nada a ver com medo. O tremor que veio do orgasmo alucinante que quase pareceu doloroso contra os dedos dele. Ele mal a tocou, e ela gozou como não gozava há anos.

Daios a observou com aqueles olhos escuros estreitados, como se estivesse lendo cada emoção que passava pelo rosto dela. Ela não queria que ele pensasse que ela estava duvidando do que tinha acabado de acontecer entre eles. Mas também não conseguia se concentrar em nada além dos pequenos tremores que ainda sacudiam o prédio.

Ela não podia ficar aqui. Ambos sabiam disso.

Este era apenas um lar temporário para ela, e mesmo assim, ainda era muito perigoso para ela viver por muito mais tempo. Uma instalação abandonada com buracos perfurados por toda parte e problemas de inundação não era um lugar para ficar a longo prazo.

O que ela estava pensando? Que mundo ela havia criado dentro de sua cabeça para que isso fosse aceitável?

Respirando com dificuldade, ela se sentou na cadeira e se abraçou o mais forte que pôde.

— Acho que você sabe que não posso ficar aqui.

Ele não respondeu, apenas a encarou como sempre fazia. Mas ela conseguia lê-lo um pouco melhor agora. Ela conseguia ver o tique-taque dos músculos em sua mandíbula e como sua cauda chicoteava sob a água. Qualquer momento que eles tinham acabado de compartilhar desmoronou enquanto seu mundo se torcia em outra direção.

Sua respiração ficou embaçada na frente da boca, lembrando-a de outro problema. Virando-se para o console, ela disse:

— Bitsy. O que está acontecendo com o aquecedor?

Pequenos dardos se moviam na tela enquanto Bitsy fazia o melhor

que podia para descobrir o que deu errado.

— O suporte de vida caiu para dez por cento. Os elementos de aquecimento foram danificados no colapso do tubo.

— Merda, — ela sussurrou, empurrando a cadeira para longe dos consoles. Ela mal sentiu o movimento em suas costas até que alguém de repente estendeu a mão na frente dela e arrancou Bitsy de sua cabeça.

A androide dela!

— Ei! — Anya repreendeu, antes de perceber que Daios estava segurando a androide na frente do próprio olho. Pelo que ela podia ver do outro lado do vidro, Bitsy automaticamente mudou a linguagem que foi apresentada. A linguagem dos ondinos, aparentemente, tinha palavras escritas.

Ela não poderia ter imaginado isso.

— Tenha cuidado com ela. — Anya se apertou um pouco mais antes de se abaixar para pegar o cobertor do chão. Estava encharcado agora, sem ajuda contra o frio. — Ela é minha única maneira de entender as pessoas.

Ele assentiu, antes de voltar sua atenção para ler o que passou diante de seus olhos. Então ele devolveu a androide para ela. Anya podia ver o quão cuidadosamente ele beliscou a delicada robô em sua mão enorme, mal conseguindo segurá-la enquanto ela pegava Bitsy e depositava a androide de volta em sua cabeça.

Palavras ganharam vida na lente quando ele começou a falar.

— Sua androide parece pensar que este lugar pode cair a qualquer momento.

— Eu concordo com ela.

— Então precisamos nos mudar.

— Não consigo entrar na água desse jeito. — Ela acenou com a mão para cima e para baixo no traje que ainda usava, então apontou para a parte desabada do túnel. — E meu traje de mergulho estava lá. Então

estou meio presa.

O coração dela começou a bater de novo. Ele estava batendo forte do jeito errado enquanto o pânico se instalava. Ela realmente estava presa. Ela não sairia dali viva.

— E as... — Palavras lhe faltaram, então ela apenas acenou com a mão na frente da boca. Talvez ele entendesse porque ela não conseguia se concentrar em fazer os sons certos para as palavras quando ela ia morrer.

A mão dele acenou na frente do rosto dela, mas ela não estava olhando até perceber que havia um padrão em seus movimentos. Eles não estavam... certos, exatamente. Não realmente. Ele não era preciso em sua linguagem de sinais, mas ela ainda conseguia entender vagamente o que ele estava tentando dizer.

— Cuidar. Eu. Você.

Sua respiração ficou presa na garganta, irregular e crua, enquanto ela tentava dizer:

— O que você está dizendo?

Ele se puxou um pouco para fora da água para poder olhá-la nos olhos.

— Eu vou cuidar de você, Anya.

Tudo se acalmou. Ela conseguiu respirar novamente enquanto fixava seu olhar no dele e respirava fundo e firmemente enquanto ele fazia isso. Lentamente. Inspirando e expirando. Era fácil confiar nele, mesmo que parecesse um pouco loucura fazer isso.

Finalmente, ela assentiu.

— Ok. Ok, eu confio em você.

— Bom. — Com seu braço mais curto, ele gesticulou para que ela olhasse para a esquerda. — Observe-me enquanto procuro a roupa de mergulho. Você não está sozinha.

— Eu não estou sozinha — ela repetiu.

— Não estarei longe. Se esta sala inundar, eu irei buscá-la.

— Não consigo respirar debaixo d'água — ela sussurrou, sem ter certeza se ele conseguia ouvir suas palavras. — Não sou como você.

— Eu não quero que você seja como eu, Kalon. — E pela primeira vez, ele estendeu o braço machucado para ela.

Ela não hesitou. Ela apenas caminhou até ele, mesmo sabendo que ele estava molhado e frio e que ela já estava congelando. Ele a puxou para si, seu braço curto hesitando apenas um momento antes de usá-lo para puxá-la para si.

Ainda parecia um abraço. Ele era muito maior que ela, e ela não se importava se ele não tivesse uma mão ou um cotovelo daquele lado do corpo. Tudo o que ela queria era estar aconchegada nele assim, onde ela pudesse senti-lo respirando fundo. Ele estava vivo. Ele era forte.

E ele não deixaria nada acontecer com ela.

Ele a soltou, embora ela tenha notado o quão relutante o movimento era. Ele não queria deixá-la ir mais do que ela queria que ele a deixasse ir.

— Volto já — ele disse, sua voz baixa e retumbante enquanto afundava na água e então desaparecia.

Anya se orgulhava de ser resiliente. Foi isso que a manteve viva por tanto tempo sob o domínio do pai, e ela não seria diferente nessas circunstâncias. Ela era uma pessoa capaz que havia passado por muitas dificuldades. Isso não era nada diferente.

E ainda assim ela correu até a janela e o observou enquanto ele se movia pela água. Ao contrário da vez em que ele tentou assustá-la, ele manteve todas as suas luzes tão brilhantes quanto pôde. O brilho vermelho penetrou através da escuridão. Ela podia vê-lo o tempo todo. Ele estava bem ali, ao seu alcance.

Levou alguns momentos para ele descobrir um jeito de entrar na sala inundada, mas então ela viu a mesma coisa que ele. Falha estrutural. Havia uma grande parte do metal que tinha se dobrado sob a pressão.

Ele pegou o metal deformado e o torceu.

Ela não sabia quanta força isso exigia. Ela provavelmente deveria estar horrorizada que ele pudesse simplesmente dobrar metal grosso sem nem mesmo se esforçar para fazê-lo. Em vez disso, ela apenas sentiu aquele fogo nela queimar ainda mais quente.

Ele entrou no quarto e então ela não conseguiu vê-lo por um tempo. Aquele sentimento opressivo de morte estava de volta no momento em que ele estava fora de sua vista. O que era bobo.

— Você nem o conhece — ela disse a si mesma, mas seus olhos nunca se moveram do local onde ele desapareceu. — Você não falou sobre quem ele é ou de onde ele veio. Isso é apenas... Síndrome de Estocolmo.

Bitsy lançou algumas palavras.

— Você está perdendo a cabeça?

Provavelmente.

Ela estava olhando para um ondino como se ele fosse o próximo lanche que ela quisesse dar uma mordida, então sim. Ela estava perdendo a cabeça. Ele tinha salvado a vida dela, no entanto. Ele a tirou da cidade e isso era tudo o que importava na hora.

Mas então ele trouxe comida para ela para mantê-la viva. Ele escovou seus cabelos e a tocou de maneiras que a fizeram queimar. Ela não tinha pensado...

Nada disso fazia sentido. Ela não deveria se sentir assim sobre alguém que não conhecia. Ela só tinha descoberto o *nome dele recentemente.* Isso era insanidade. Ela não sabia nada sobre seu povo ou de onde ele veio.

Era a mente dela. Ela estava confusa por estar tão fundo no mar e a pressão estava a afetando. Só isso.

Mas ela não podia negar que toda a tensão em seu corpo diminuiu quando o viu saindo do quarto com sua roupa de mergulho e máscara na

mão.

Ela prendeu a respiração até que ele voltasse para a sala onde ela estava. O único ar que restava em toda a instalação estava nesta sala e eles estavam com apenas dez por cento de suporte de vida. Logo, esse ar acabaria.

Ele entregou a máscara a ela e então se puxou para fora da água. Desajeitadamente, ele se apoiou no toco que não conseguia suportar todo o seu peso, e então começou a pressionar a água para fora do traje dela.

Infelizmente, a máscara não sobreviveu tão bem quanto ela esperava.

— Bitsy? — ela perguntou. — Qual é o dano?

A androide dela olhou antes que lágrimas animadas aparecessem por toda a lente.

— Quebrado.

— Reparável?

— Não aqui.

Soltando um longo suspiro, ela olhou para Daios, que estava fazendo o melhor que podia para garantir que a roupa de mergulho não fosse uma perda total. Mas ele não sabia que ela ficaria ali. Para sempre.

E em sua mente, ela ouviu uma voz lhe dizendo que se ela fosse morrer, ela deveria fazê-lo sem arrependimentos.

Endireitando os ombros, ela marchou em direção a ele com uma intenção única. Ele olhou para cima quando ela se aproximou, mas então voltou sua atenção para a roupa de mergulho.

— Não sei como essas coisas funcionam. A água vai ser um problema? Há pouco tempo para secar.

Sentando-se em cima do traje de mergulho, ela emoldurou o rosto dele com as mãos e o virou para olhá-la. Ele piscou, aqueles olhos escuros refletindo a determinação em suas feições.

— Anya? — ele perguntou, sua voz baixa e lenta. — O que você está

fazendo?

— Conte-me algo sobre você.

— O que?

— Me conte algo sobre você, — ela repetiu. — Eu quero saber mais do que apenas que você é meu sequestrador. Eu quero saber quem você é como pessoa, não apenas do que você é capaz.

Ele balançou a cabeça.

— Não entendi o que você está perguntando. O que você quer saber?

Ela não sabia. Tudo. Nada. E se o que ele disse a decepcionasse? E se ela ouvisse seus pensamentos sobre o mundo e percebesse que eles eram tão diferentes que isso nunca poderia dar certo?

Mas ela supôs que não importava, de qualquer forma. Ela iria morrer, e ele iria vê-la se afogar.

Engolindo em seco, ela forçou os pensamentos para longe e tentou sorrir.

— Qual é sua cor favorita?

Os olhos dele se moveram para os dela, e ele ficou tão quieto que Bitsy pareceu ter dificuldade para entender a palavra

— Azul.

A cor dos seus olhos.

— Quantos anos você tem?

— Em algum momento na casa dos trinta, parei de contar há muito tempo.

O que mais ela precisava saber?

— Com o que você sonha?

O olhar dele deslizou para os lábios dela. Talvez ela não tivesse percebido o movimento se não o conhecesse tão bem, mas ela o fez. Ela tinha chegado a ler essa criatura tão bem quanto conseguia ler a si mesma.

Ele lambeu os lábios, aquela língua negra fazendo mais com ela do que deveria.

— Quero encontrar alguém que não tenha medo de mim. Quero saber que quando eu chegar em casa, haverá um lugar macio para descansar minha cabeça, e alguém que se importe se eu tive um dia difícil, ou se estou chateado. Quero alguém para cuidar, e que cuide de mim em troca. É com isso que eu sonho, Kalon.

Lágrimas picaram seus olhos. Este homem doce e aterrorizante viveu uma vida que ela não conseguia imaginar. O que o levou a este ponto? A pensar que deve ser impossível para alguém vê-lo como uma pessoa e não apenas uma arma?

Quão profundamente ele deve ter enterrado esse sonho para ter chegado tão longe. Ela deixou seu olhar vagar sobre o coto do braço dele que devia ser tão doloroso enquanto ele se apoiava nele daquele jeito, mas ele nem sequer vacilou. Ele apenas suportou a dor sem reclamar, porque estava com medo de que a roupa de mergulho fosse fria demais para ela, ou que não funcionasse direito.

Ele cuidava dela. Não importa o que.

E foi por isso que ela segurou o maxilar dele um pouco mais forte e voltou a atenção dele inteiramente para ela.

— Eu não quero morrer com arrependimentos. — Ela deixou as palavras voarem. De alguma forma, elas eram ainda mais verdadeiras quando ela podia ouvi-las ditas.

Respirando fundo, ela se inclinou para mais perto, dando-lhe tempo para recuar. Quando seus lábios estavam a apenas um sopro dos dele, e ela podia ver o choque irradiando por todo o seu corpo, ela sussurrou:

— E acima de tudo, eu não quero ter arrependimentos com você.

Anya se inclinou para frente e o beijou com cada gota de desejo cru e irregular que queimava dentro dela.

Por ele. Somente por ele.

21

DAIOS

Daios já tinha visto Mira e Arges se beijando antes. Ele até perguntou a Maketes o que eles estavam fazendo, considerando o quão nojento era assistir. Bocas eram para comer, nada mais que isso. Era repugnante assistir os dois se encaixarem daquele jeito. Ele também achava que era um risco toda vez que eles faziam isso debaixo d'água, considerando que Mira não conseguia respirar como eles conseguiam.

Tudo isso o levou a acreditar que beijos eram, sem surpresa, algo que só os humanos faziam e que ele nunca faria.

Mas no momento em que os lábios dela pressionaram os dele, algo estalou dentro dele.

Como se ele estivesse apenas esperando por esse momento para sentir aquela boca macia contra a sua. Como se a almofada dos lábios dela tivesse destrancado algum demônio no fundo do seu peito que ele só tinha mantido mal controlado até esse ponto.

Ele agarrou-a, sua mão com garras rasgando o tecido de sua roupa. Ele não se importou se ela voasse para o chão porque ela foi subitamente pressionada contra ele novamente. Ele podia ouvir o pequeno gemido suave que balançava no fundo da garganta dela e a maneira como ela se arqueava contra ele.

As mãos dela pressionaram o peito dele, tão pequenas que mesmo que ela tentasse afastá-lo, ele poderia não sentir a pressão. A língua dela varreu o lábio inferior dele e de repente ela estava chupando o lábio inferior dele e tudo o que ele conseguia pensar era como seria se ela chupasse outra coisa. Mas isso não foi feito. Nenhum do seu povo era tão suave quando eles fodiam, e nem quando eles acasalavam.

Ainda assim, ele gostou da sensação da maciez dela se espalhando por todo o seu corpo. As mãos dela subiram em volta do pescoço dele, puxando-o para mais perto dela enquanto as garras dele espasmavam contra as costas dela.

Ela não estava o destruindo. Não estava dilacerando. Não estava lutando do jeito que seu povo faria, e ele não tinha certeza se isso era um bom ou mau sinal. Ele estava flutuando em uma névoa de desejo e paixão, e ele sentia que talvez estivesse fazendo isso errado.

Até que ele abriu a boca para dizer isso a ela, e a língua dela invadiu a boca dele.

O sabor dela explodiu em seus sentidos. Aquele gosto quente e doce o lembrava tanto de casa. Ela era um doce que ele queria lamber de baixo para cima, só para conhecer aquele sabor doce que nunca, jamais deixaria sua memória.

Soltando um gemido baixo, ele a puxou ainda mais para perto dele. Ele estava esmagando-a? Provavelmente. Mas ela lhe diria se ele estivesse fazendo isso errado. Por enquanto, ele queria apenas se entregar e se afogar nela.

As unhas minúsculas dela cravaram-se na parte de trás do pescoço dele e arrastaram para baixo os cordões musculares ali. O gemido de resposta dele misturado ao som ofegante do prazer dela fez todas as suas guelras se abrirem. Elas tremeram, tremendo com tanta intensidade que ele quase conseguia sentir o vento delas enquanto seu corpo inteiro lhe dizia para reivindicar, tomar, foder.

Anya percebeu. Seu pequeno suspiro suave e a maneira como ela se afastou lhe disseram que ela não tinha ideia do porquê suas guelras se moviam para ela. Mas seus olhos nele... Ele amava isso. Ele amava quando ela olhava para ele sem medo ou preocupação ou mesmo desgosto, como ele esperava que sua espécie fizesse.

Em vez disso, ela apenas olhou para as guelras dele eretas e as

diferenças entre elas com um sorriso suave no rosto.

— Elas são lindas, sabia?

Ele balançou a cabeça, sem saber se estava negando que havia algo bonito nele ou apenas que ela havia se afastado dele.

Os lábios dela estavam inchados e manchados de vermelho como suas escamas. Ele não conseguia parar de olhar para aqueles lábios e para aquela fêmea que o surpreendeu tanto, quando tudo o que ele esperava dela era hesitação. Mas, por outro lado, ela o deixou tocá-la. E essa memória estava tão gravada em seu cérebro que ele nunca seria capaz de esquecê-la.

Ela respirou fundo, seus olhos o examinando, embora seu olhar sempre terminasse em sua boca.

Ela queria beijá-lo novamente.

Garras apertando a parte de trás de suas roupas, ele se deu mil razões para não a puxar de volta para seus braços. Ela era muito delicada. Ele não tinha como saber se os achromos tinham que descansar depois de... beijar. Ele não tinha certeza se poderia quebrá-la com sua afeição. Ele deveria ter feito muito mais perguntas a Arges quando seu irmão ofereceu seu conselho, e em vez disso, ele foi forçado a esperar que ela assumisse a liderança.

Não era assim que um guerreiro agiria. Era assim que um companheiro agiria, no entanto. A diferença gritante de repente esfriou sua paixão e o congelou até o âmago. Ele sempre foi um guerreiro. Não um amante. E certamente não um companheiro. Ele não tinha certeza se sabia como ser outra coisa.

Ela passou o dedo sobre os lábios dele, um dedo tão delicado que ele poderia facilmente quebrar com apenas um estalar de seus dentes afiados.

— Obrigada por isso, — ela sussurrou quando ele não respondeu às suas palavras originais. — Eu não queria morrer sem saber como era.

Ele mordeu o dedo dela, então se forçou a soltá-la. Embora sua mão tenha se arrastado lentamente do corpo dela para empurrar a pequena androide para baixo do rosto dela para que ela pudesse ouvir o que ele estava dizendo.

— Você não vai morrer, Kalon.

— Você continua me chamando assim. Não é meu nome.

— Eu sei que esse não é seu nome. — Ele fez os gestos com as mãos que ela havia feito para ele. — Homem grande também não é meu nome.

Ela estalou a língua, o som cortado por um arrepio violento que percorreu seu corpo.

— Esse é o nome que eu te dei.

— Kalon é o nome que eu te dei. — Daios pegou a roupa de mergulho do chão e entregou a ela. — Você vai congelar se não vestir isso.

— Mas o que isso significa? — Ela pegou a roupa de mergulho dele, no entanto. No mínimo, ela estava seguindo suas instruções. — Você sabe o significado do nome que eu te dei.

Resmungando, ele ignorou a pergunta dela e esperou até que ela lhe desse um olhar que dizia que queria que ele se virasse. Mas, dessa vez, ele não iria ouvi-la.

Ele não queria se virar. Não depois daquele beijo. Não depois de ouvir seus doces gemidos e sentir aquele calor suave e úmido. Não, ele queria olhar, e queria que ela confiasse nele.

Anya virou a roupa de mergulho para um lado e para o outro em suas mãos, sua respiração embaçando na frente de seu rosto enquanto ela se recompunha. Ele podia dizer que ela queria lhe contar algo. Ela sempre parecia assim quando tinha algo em mente.

Finalmente, ela soltou um longo suspiro.

— Você disse que eu não vou morrer, mas a máscara está quebrada.

Bitsy não pode consertá-la.

Quando ela olhou para ele com aqueles orbes tristes e azuis, ele sentiu como se pudesse ter lutado contra o mar inteiro por ela. Mesmo que ele tivesse dito a si mesmo que não cairia mais fundo nessa loucura de acasalamento, ele suspirou.

— Está tudo bem.

— Está tudo bem? — Ela jogou os braços para o lado, a roupa de mergulho batendo contra o chão de metal. — Não consigo respirar debaixo d'água, Daios!

— Eu sei que você não pode. — Ele estendeu a mão para ela, arrastando os dedos pela lateral do pescoço dela, onde seu tentáculo afundaria em sua pele. — Mas eu posso.

— Você não faz sentido, — ela resmungou. Mas ela ainda virou as costas para ele e começou a arrancar o tecido que a escondia do olhar dele.

Por um tempo, ele pensou que tinha imaginado como ela parecia. Que aqueles longos membros e sombras entre os músculos das costas dela tinham sido sua imaginação. Nenhum achromo poderia ser bonito. Mas ele estava errado.

Toda aquela pele pálida foi revelada com um puxão rápido que mostrou cada centímetro dela ao seu olhar faminto. E por todos os deuses do mar, ele estava faminto por ela.

As costas dela ficariam tão bonitas, com linhas vermelhas das garras dele correndo por elas. Ele sabia que ela iria sangrar. Ele já podia ver as marcas sobre os ossos do quadril dela que ele tinha deixado só de arranhar ela. Ao vê-las, ele quis criar mais. Ele queria arranhar as laterais dela só para ver as linhas vermelhas que permaneceriam por dias depois que ele terminasse com ela.

Um rosnado baixo ecoou em sua garganta enquanto seu olhar seguia até os ombros dela. Aquele lindo cabelo dourado balançava contra

sua espinha, e ele queria envolvê-lo em seu punho. Ele queria enredar seus dedos naqueles lindos cachos e virar seu pescoço para o lado para que ele pudesse mordê-la. Ele queria que todos olhassem para ela e soubessem que ela estava comprometida.

Que ela era dele.

Mas então ela se curvou na cintura e qualquer pensamento desapareceu completamente da mente dele. Essas caudas. Pernas, ele se corrigiu. Um homem cometeria assassinato para ter um vislumbre dessas pernas.

Alta e magra, ele não queria nada mais do que tê-la montada nele novamente. Desta vez sem as camadas de roupa que mantinham a visão da pele dela longe dos seus olhos. Ele queria envolver sua mão em volta delas, para ver como seria ter suas pontas de garras pressionando a carne macia ali. Ele se perguntou que tipo de som ela faria quando o sentisse pressionando a ponto de romper a pele.

Talvez ele fosse violento demais para a maioria de sua espécie, mas ele tinha a sensação de que era o tipo certo de violência para ela.

Ela olhou por cima do ombro, ainda abaixada e dando a ele a visão mais perfeita de seus globos musculosos que pareciam a lua.

— Você se viraria agora?

Até para ele, sua voz soou rouca.

— Absolutamente não.

— Colocar uma roupa de mergulho não é o processo mais gracioso. Sei que você acha que estou bonita agora, mas estou prestes a fazer papel de boba.

— Eu vou assistir. — Ele tinha dificuldade em acreditar que qualquer coisa que ela fizesse o afastaria. Ela o cativou com apenas um movimento de seu cabelo sobre o ombro.

Até que ele a viu vestir a roupa de mergulho. E de repente ele soube o que significava ter controle, porque ele quase caiu na gargalhada várias

vezes. Ela tremeu, balançou, empurrou e ficou com o rosto vermelho brilhante enquanto tentava por longos momentos vestir a roupa de mergulho.

Ele mordeu os lábios e tentou muito não dizer uma palavra enquanto ela pulava para cima e para baixo, apenas levantando o material alguns centímetros de cada vez. Embora o movimento balançasse seus seios de forma bem divertida, era difícil se concentrar nisso quando ela estava xingando a cada movimento.

Quando sua roupa de mergulho prendeu em seus quadris, ela estava sem fôlego e furiosa.

— Você tira esse sorriso do seu rosto, Daios.

Ele não fez isso.

— É sério. Eu vou até aí e... e...

Inclinando a cabeça para o lado, ele lhe deu um sorriso selvagem que normalmente fazia as pessoas tremerem de medo.

— O que você vai fazer, Kalon?

Ela bateu o pezinho, adoravelmente enfurecida.

— Não sei! Vou até aí e faço o que for preciso. Agora, você vai me ajudar, ou vai só me assistir lutar?

— Eu não sabia que deveria ajudar. — Ele não parou de sorrir enquanto gesticulava para que ela se virasse, e então segurou o braço frouxo do traje dela. — De qualquer forma, princesa. Permita-me.

— Princesa, — ela murmurou, puxando-o um pouco mais para perto, de modo que seu braço finalmente estava no lugar. — Você sabia que meu pai costumava me chamar assim o tempo todo? Especialmente quando eu reclamava.

Ele conseguia entender o porquê. Mas ele não queria ser comparado àquele homem. Então, em vez disso, ele se inclinou para frente e, no tom mais baixo e gutural que conseguiu alcançar, ronronou no ouvido dela:

— Kalon, então.

O tremor que percorreu todo o seu corpo foi delicioso demais. Mas então o prédio inteiro deu outro gemido, e ele soube que eles tinham ficado sem tempo.

— Anya, sua ocular sobreviverá no mar?

— O quê? — ela perguntou, olhando por cima do ombro com os olhos um pouco vidrados. Claramente ela não conseguia ouvir o rangido mais agudo do prédio.

— Sua... — Ele gesticulou sobre o rosto.

— Ah, Bitsy?

As duas pareceram conversar por um momento, palavras brilhando diante dos olhos de Anya antes que ela lhe desse um rápido aceno.

— Acho que sim? Ela disse que ficará bem, mas quando estivermos em algum lugar seco, eu vou ter que arejar suas placas de circuito. Mas elas devem ser à prova d'água. Pelo menos por um tempo.

— Bom. Eu não quero machucá-la.... — Mesmo que parecesse um tanto anormal se preocupar com algo que era feito de metal e ainda assim tinha vida. As coisas que ele fez por essa achromo que ela nunca entenderia eram estranhas.

Assim que vestiram a roupa de mergulho, ele a envolveu em seu braço bom e deslizou de volta para a abertura. Ele soube o instante em que ela parou de confiar nele. Ou talvez quando seu instinto de sobrevivência entrou em ação.

— Espera, Daios. Não consigo respirar debaixo d'água, lembra? Não quero...

Ele pressionou o dedo nos lábios dela.

— Eu não vou te matar, Anya. Eu só quero cuidar de você, lembra?

O olhar arregalado dela se fixou no dele, mas então ela cerrou o maxilar. Ele sabia que ela estava pronta, mesmo que estivesse apavorada.

— Confie em mim.

Ele a puxou para a água com ele, segurando-a mais perto quando os

tremores começaram. Logo ela se aqueceria. O corpo dele aqueceria o dela, mas por enquanto, ela precisava tremer para aumentar sua temperatura. Colocando-a sob seu queixo, ele a aninhou contra seu ombro para que não pudesse ver seu rosto. Se ela recuasse ou ficasse muito nervosa, ele não seria capaz de fazer isso.

— O Povo da Água sempre foi solitário. Os achromos, como chamamos seu povo, sempre foram separados da nossa espécie. Mas, há um ano, uma fêmeas chegou. Meu irmão a tomou como companheira e eles têm descoberto todas as maneiras pelas quais nós... nos encaixamos.

Ele estremeceu com a escolha das palavras. Essa foi uma maneira terrível de explicar isso a ela, e ela provavelmente pensaria... Bem, ele não queria saber o que ela pensava.

Balançando a cabeça, ele continuou enquanto a abaixava mais para dentro da água. As ondas batiam em seu pescoço agora, e ela se agarrou a ele como não fizera quando fugiram de sua cidade pela primeira vez.

— Há partes de mim que podem ajudar você. — Ele limpou a garganta. — Não vai doer muito, mas vai ser estranho.

Ela lutou para se afastar dele, mas ele não deixou. Ele não podia. Se ele pensasse por um momento que a estava machucando, então ele não seria capaz de fazer isso.

Mordendo o lábio, ele sussurrou novamente:

— Eu prometo que não vai doer.

Ela se contorceu, mas ele a segurou com seu braço curto enquanto erguia o tentáculo até seu pescoço. Ele se certificaria de que ela pudesse respirar. Era tudo o que ele podia fazer por ela enquanto fugiam daquele prédio moribundo.

Anya enrijeceu em seus braços enquanto o cordão deslizava em sua garganta. Ele podia sentir que o selo era bom. Eles estavam conectados. Mais do que ele jamais esperou estar conectado a ela porque agora, ele estava respirando por ela. Ele os puxou para baixo da água,

pressionando um beijo em seus lábios enquanto a carregava para as profundezas.

Baixo e ressoando na água, ele murmurou:

— Como eu queria poder ficar com você. Mas não posso. Não importa o quanto eu queira.

22

ANYA

Anya não conseguia parar de tocar na ferida pungente em seu pescoço. Não que estivesse tão ruim assim. Agora era apenas uma sensação de hematoma em sua garganta, mas havia a sensação muito enervante e estranha de outra pessoa respirando *por ela.*

O tentáculo parecia ser algum tipo de tubo que permitia que o ar dele fosse transferido para os pulmões dela. Bem no cordão da garganta dela, de onde ela normalmente respiraria, mas agora era ele quem fazia isso por ela.

E quão horrível era isso? A sensação era aterrorizante e tão antinatural, e ainda assim, ali estava ela. Sem lutar, mesmo sabendo que poderia arrancá-lo.

Como um dente solto, ela tinha dificuldade em se concentrar em qualquer outra coisa. Havia um tubo em seu pescoço. Daios estava respirando por ela. Eles estavam sob montanhas de água, e se aquele tubo se soltasse, ela não teria chance de chegar à superfície sozinha.

O braço dele se moveu em volta das costas dela, e então ele agarrou seu cotovelo e puxou sua mão para longe do local onde o tubo estava, estava grudado debaixo da pele dela. Aparentemente, ela não deveria mexer tanto nisso. Ela precisava de uma distração, ou ela ia arrancar a maldita coisa sem pensar.

Respirando fundo, ela voltou sua atenção para as palavras que ele disse. O que ele quis dizer com não poder mantê-la? Anya manteve o braço em volta do pescoço dele, abraçando-se com força ao calor do corpo dele enquanto se moviam pelo mar.

Enquanto nadavam, ela achou difícil dizer qualquer coisa. O mar

corroía sua sanidade em pequenas mordidas, como se estivessem cercados por peixinhos mortais que queriam que ela perdesse a cabeça. Ela odiava o quão pouco conseguia ver. Ela não tinha a menor ideia de para onde estavam indo, ou mesmo como ele sabia para onde estavam indo.

Ele certamente parecia confiante, no entanto. Mas ela tinha uma suspeita furtiva de que esse era seu superpoder.

Quanto mais tempo ela ficava perto desse homem estranho, mais ela percebia isso sobre ele. Ele olhava para o mundo como se ele tivesse algo a lhe dar. Daios tirava o que podia de cada interação, de cada momento. Ela sempre teve medo de fazer isso. Mas ele simplesmente não se importava. Ele pegava o que queria, e não se importava que os outros pudessem não gostar disso nele.

Anya desejou, por apenas alguns segundos, que talvez ela também pudesse ser assim.

O braço dele apertou a cintura dela, talvez suspeitando para onde os pensamentos dela tinham ido, ou apenas sabendo que ela precisava dele. Aquele braço forte envolvendo as costas dela era mais do que suficiente para aliviar a ansiedade rolando no estômago. Talvez não devesse ser tão fácil.

Por um lado, ela percebeu que não sabia nada sobre o homem. Ou sobre sua espécie. Ele não era exatamente um falador, e isso certamente não tornava mais fácil para ela saber de nenhuma dessas coisas.

Por outro lado, ele parecia conhecê-la intuitivamente. Toda vez que ela ficava nervosa, ele acendia aquelas luzes para ela contar. Quando ela estava com frio, ele a levava para mais perto do seu calor e se certificava de que todos os seus membros estivessem apropriadamente enfiados nas partes mais quentes dele. Mesmo quando ela estava com os olhos abertos, ele olhava para ela como se soubesse que ela estava olhando para ele.

Ela não sabia o que isso significava. Eles mal se conheciam, e ainda assim, ele a *conhecia*.

Era inquietante; ela decidiu. Muito inquietante.

Mas outra voz sussurrou em seu ouvido que era isso que ela sempre quis. Ela queria alguém que soubesse exatamente o que ela precisava. Assim como ela poderia fazer o mesmo com ele.

Ela podia sentir o momento em que estavam chegando perto do destino. Ele enrijeceu contra ela, cada músculo do corpo dele tenso de raiva ou medo. Ela ainda não sabia qual. Ele parou quando a água clareou na frente deles, revelando uma parte do oceano onde uma cidade havia sido engolida pelo mar.

Não era bem uma cidade, mais como uma vila, ela supôs. Havia pelo menos vinte prédios, todos em vários estados de decadência. Mas era claramente uma cidade onde as pessoas viveram antes que o nível do mar subisse.

Ela já tinha visto um lugar como esse antes em artigos de pesquisa. Uma equipe de cientistas de Alfa tinha encontrado uma cidade parecida. Mas esta parecia estar submersa há muito mais tempo. Raios de luz do sol brilhavam através da água, destacando as paredes quebradas e os cacos de vidro que mal eram visíveis na areia que lentamente levou tudo de volta.

Mas então sua atenção se voltou para outra coisa.

Uma cúpula.

Uma pequena, é claro. Nem remotamente perto do tamanho de sua cidade, mas era um domo como Alfa. Claramente construída pela mesma pessoa que projetou sua cidade. Mesmo dessa distância, ela podia ver que havia luzes funcionando dentro dela. E havia outro ondino flutuando acima dela.

Ou melhor, drapeado em cima. Dessa distância, ela presumiu que ele era um macho, assim como aquele que a tinha em seus braços. O

peito plano era a única coisa que ela tinha para se basear. Mas este era amarelo brilhante em vez de vermelho.

O outro ondino estava dramaticamente esparramado em cima do vidro, uma mão erguida sobre a cabeça enquanto a outra traçava algo acima dele na água. Sua cauda balançava de vez em quando, talvez uma demonstração de reconhecimento de que estavam olhando para ele.

Pressionando sua mão um pouco mais firmemente contra o peito de Daios, ela olhou para ele com uma carranca.

— Nós vamos para sua casa?

Ele olhou para ela, e aquela voz profunda ecoou pela água.

— Esta não é minha casa.

Certo, o homem de poucas palavras que tão facilmente entendeu mal o que ela estava perguntando.

— Então onde estamos?

Os olhos dele encontraram os dela, e ela sabia que ele não se sentia confortável em contar a ela. Ele não queria que ela soubesse onde eles estavam, ou quem iria encontrá-la. Ou talvez, apenas talvez, fosse isso que ele queria dizer. Ele não podia ficar com ela, não importa o quanto quisesse.

Merda. Ele ia deixá-la aqui?

— Daios? — ela perguntou calmamente. — Onde estamos?

Uma estranha onda de pressão roçou seu lado antes que ela percebesse que algo havia se aproximado deles. Foi preciso toda a coragem que havia nela para não gritar, e mesmo assim, ela se aconchegou um pouco mais perto da parede de Daios antes de perceber que havia outro ondino na frente deles. Outro ondino que estava muito perto de seu rosto.

Aqueles olhos negros a olharam de cima a baixo, o amarelo ao redor de suas barbatanas parecendo clarear antes que ele sorrisse. Pelo menos, ela pensou que era um sorriso. Havia muitos dentes envolvidos

naquela expressão e eles eram tão afiados quanto os de Daios.

— Então você a manteve viva, — o ondino disse, e ela ficou surpresa ao perceber que podia ouvi-lo também. Sua voz não era tão profunda quanto a de Daios, embora ainda fosse profunda. — Eu estava me perguntando quando veríamos vocês dois.

— Saia do caminho, — Daios rosnou.

— Ela tem um dos seus tubos de ar nela, não há pressa. Por que não posso me apresentar? — Com um floreio, o ondino fez algum tipo de movimento que quase parecia uma reverência antes de estender a mão para ela pegar. — Meu nome é Maketes, pequena. Bem-vinda ao seu novo lar.

Ele era quase charmoso, se não fosse tão assustador de se olhar. Mas ela não tinha medo de Daios, então ela definitivamente não teria medo desse macho menor.

Estendendo a mão, ela o deixou pegar seus dedos e então pressionar um beijo casto nas costas deles. Um estrondo escuro moveu-se através do peito de Daios e em seu torso antes que o outro ondino a soltasse.

— Agora, Daios, — Maketes disse, sua voz se tornando repreensiva mesmo quando Bitsy mudou todas as palavras para amarelo para ele. — Você não tem nenhuma palavra a dizer sobre isso. Afinal, você deveria apenas trazê-la aqui e deixá-la. Não era?

— Cuidado, irmão.

— Irmão? — ela repetiu, olhando entre os dois. Confusão franziu suas sobrancelhas, e ela tentou o seu melhor para ver a semelhança.

Simplesmente... não estava lá. Maketes era muito menor que ele, não quer dizer que ele era pequeno, mas pelo menos um metro menor. Ele não tinha as nadadeiras impressionantes em volta da cintura e as em volta do rosto eram muito menos proeminentes. Ele era muito mais elegante, uma criatura de movimentos rápidos, em vez do touro que a

segurava. Ela até sugeriria que eles nem eram da mesma linhagem de espécies de ondinos ao vê-los juntos.

A genética dos ondinos era realmente tão diferente?

Ambos a encararam com confusão sobre suas próprias feições. Então ela lambeu os lábios e acrescentou:

— Vocês não se parecem em nada.

Um som estrondoso ecoou atrás de todos eles. Dessa vez, ela estremeceu. Abaixando-se sob o queixo de Daios enquanto tentava se acostumar a ouvir que havia pessoas ao seu redor.

Bitsy lançou uma flecha para cima, apontando para trás dela, como se não soubesse que havia outro ondino que havia se juntado aos outros dois.

Daios não se virou, mas seu braço apertou em volta dela um pouco mais, como se ele não gostasse do outro ondino que os estava interrompendo. Deveria ter sido um aviso suficiente para ela levantar a guarda. Não foi, infelizmente.

A criatura que nadava ao redor deles era significativamente maior que Maketes. Ele era quase tão grande quanto Daios, embora ela não achasse que houvesse muitos que pudessem atingir o tamanho do homem que a segurava. Barbatanas azuis brilhavam na luz, refletindo os raios de sol que pareciam acariciar suas feições. Seus ombros enormes afinavam em uma cintura atraentemente estreita, mas foi a suavidade em sua expressão quando ele olhou para ela que fez Anya relaxar um pouco.

— Eu sou seu companheiro de ninhada, — disse este novo ondino. — Embora ele não tenha vontade de admitir.

Maketes revirou aqueles olhos escuros, ou pelo menos, o movimento pareceu que ele fez isso.

— Nós todos crescemos juntos. Só porque eu não dividi a mesma bolsa que você, não significa que eu seja menos seu irmão.

As palavras eram confusas.

— Bolsa? — ela perguntou, olhando para Daios.

— Nós... — Suas sobrancelhas franziram. — Em que seus filhos nascem?

— Eles simplesmente... saem. — Ela gesticulou entre as pernas e ficou feliz pela água fria contra suas bochechas. — Você quer dizer que nasceu em uma bolsa como um tubarão?

— A tradução através deste chip não é perfeita. — Ele inclinou a cabeça para o lado e gesticulou para sua orelha com seu braço curto. — Mas sim. Nós nascemos externamente após o crescimento, e então emergimos do que você chama de bolsa.

— Vocês simplesmente saem? — Um grito quase chocado os interrompeu.

Ela olhou para o ondino azul, percebendo que suas cores estavam subitamente vívidas. As luzes sob sua pele brilharam tão intensamente que era quase difícil olhar para ele antes que ele as diminuísse.

Ele balançou o rabo, nadando quase perto demais dela, então olhou nos olhos dela.

— O que você acabou de dizer?

— Não sei o que você está perguntando — ela gaguejou.

— Nos partos humanos os bebês nascem vivos?

Ela arqueou uma sobrancelha. Isso dificilmente parecia algo em que ele precisava se concentrar, mas...

— Sim?

Daios usou seu braço mais curto para empurrar o outro ondino para longe, fazendo seu irmão de verdade derrapar pela água até que ele esbarrou em Maketes.

— Espaço, Arges. Você nunca aprendeu muito sobre isso.

Arges, ela pensou, guardando o nome para mais tarde. Todos eles tinham nomes tão interessantes, mas é claro que tinham.

Os ondinos eram pessoas. Elas tinham uma cultura e uma vasta

história sobre as quais ela nada sabia. E, ainda assim, elas agiam como os homens que ela conhecera antes em sua vida. Empurrando, gesticulando e se posicionando o tempo todo até que ela quase esqueceu que eles não eram humanos. Seus relacionamentos eram semelhantes. O suficiente para ela perceber rapidamente que essa vida poderia ser fácil demais para ela se acostumar.

Maketes agarrou Arges pelos ombros, girando-o.

— Você não sabia disso?

— Não, eu não sabia disso! — Arges correu os dedos pelos cabelos, os longos cachos ondulando ao redor dele como uma nuvem. — Por que ela não me contaria?

— Bem, eu não sei. Talvez ela tenha pensado que você sabia que era... era...

Com um movimento suave da cauda entre as pernas, Daios passou pelos outros dois. Seus argumentos foram levados pela água, mas o ondino de escamas vermelhas que a tinha em seu braço não tinha planos de ouvir, aparentemente.

— Você não quer que eu fique e esclareça? — ela perguntou, apoiando os braços contra o peito dele para que a corrente não a empurrasse contra a pele dele.

— Não — ele resmungou.

— Por que não?

Um leve sorriso irônico surgiu em seus lábios, desaparecendo tão rápido quanto.

— Eu gosto de vê-lo sofrer.

Batendo no peito dele, ela balançou a cabeça.

— Ele é seu irmão.

— E isso não muda meu prazer. — Ele olhou para ela, aquela expressão suavizando novamente enquanto ele apenas... olhava. — Mas se você quiser que eu me vire, eu o farei.

Incapaz de segurar o olhar dele, ela mordeu o lábio e balançou a cabeça.

— Para onde você está me levando?

Ele apontou para o domo, e ela ficou tão aliviada em saber que logo estaria seca.

— Tem uma fêmea aqui. Mira. Ela é a companheira de Arges. Foi ela quem desejou que eu te encontrasse.

— É mesmo? Eu a conheço? — Anya não conseguia imaginar por que alguém pediria isso a ela, a menos que talvez trabalhassem com Ace. Mas Ace não era alguém que ela já tivesse conhecido pessoalmente, então como Daios saberia que deveria agarrá-la?

— Não, — ele respondeu rispidamente, movendo-se para que estivessem sob a cúpula dourada e logo abaixo de uma piscina lunar. — Você não a conhece.

— Então por que estamos aqui?

Anya não poderia estar mais confusa. Especialmente quando ele hesitou. Daios suspirou, então se inclinou para pressionar suas testas juntas. Ele a inspirou. Ela podia vê-lo fazendo isso, suas guelras se movendo e sugando todo o ar ao redor dela.

Com um longo suspiro, ele girou a cabeça contra a dela. Como se estivesse esfregando seu cheiro na carne dela.

— Não pense menos de mim, minha kalon. Não por isso, e não depois de nada que te disserem.

— Por que eu pensaria menos de você? — Tentativamente, ela segurou os lados do pescoço dele, logo abaixo das guelras. Ela teve que esperar que ele expirasse em seus pulmões antes de continuar. — Eu posso não te conhecer tão bem quanto eu gostaria, mas minha alma conhece a sua, Daios.

— Veremos, — ele murmurou, sua voz baixa enquanto sua mão envolvia a cintura dela. Com um empurrão suave, ele a guiou em direção

à superfície da piscina lunar. — Espero que você esteja certa.

23

DAIOS

Ele a deixou sair de seu aperto, e foi uma das coisas mais difíceis que ele já fez em sua vida. Ele, um guerreiro aterrorizante que passou a vida inteira defendendo o Povo da Água de qualquer besta que os caçasse. Daios lutou contra tubarões com suas próprias mãos. Rasgou achromos com suas garras e os observou sangrar até a morte nas águas enquanto lulas gigantes se alimentavam deles. Ele lutou e batalhou a vida inteira.

Mas seus dedos queriam se prender em torno de sua pequena forma. Ele odiava vê-la subir à superfície sem ele. Ele odiava ainda mais tirar aquele tentáculo do pescoço dela onde estavam conectados.

Ele puxou lentamente, certificando-se de que não havia dor para ela enquanto fazia isso. E com essa conexão cortada, ele sabia que deveria ir embora.

Agora era a hora de ele voltar para sua vida antes de Anya. A maioria dos outros aqui tinha estabelecido um lar temporário para si. Alguns nas velhas casas dos achromos, outros fazendo ninhos na areia com pedras que eles trouxeram de todos os mares. Mas ele não tinha feito nada disso ainda.

A única maneira que ele sentia que conseguia se controlar era quando estava se movendo. Então ele a deixaria ir para os braços de sua própria espécie, e então ele voltaria sua atenção para o próximo trabalho onde ele teria que arriscar sua vida. A próxima missão onde ele poderia morrer. Mas tudo bem. Se ele morresse salvando seu povo, então essa seria uma morte digna.

A superfície aquosa acima dele refletia a imagem de Mira

caminhando até a borda da piscina lunar. Aquela achromo cuidaria dela. Mira era uma coisinha briguenta com mais mordida do que a maioria, mas ela protegeria ferozmente aqueles que eram dela.

Ela queria Anya, afinal. Todos eles queriam. Eles realmente acreditavam que a filha do General era a peça-chave no quebra-cabeça deles. Talvez eles a resgatassem para o pai dela. Ou talvez eles fingissem matá-la, então o General cometeria um erro em sua raiva. Havia muitas opções, e ele tinha certeza de que Arges já havia pensado em todas elas.

— Psst. — O barulho de clique interrompeu seus pensamentos.

Franzindo a testa, ele olhou para baixo para ver que Maketes estava enfiando a cabeça embaixo da piscina lunar também. Seu irmão olhou para as pernas de Anya chutando na água acima de suas cabeças.

— Ela está lá em cima? — Os olhos de seu irmão de barbatanas amarelas brilharam. — Com certeza é bonita.

— Ela pode ouvir você.

— Achei que você tivesse dito que ela não conseguia ouvir? — As guelras de Maketes se alargaram, fingindo uma vibração, embora fosse quase convincente. — Bonita o suficiente para alguém como você ou eu achar tentador o suficiente. Quanto tempo você acha que vai levar para ela se acostumar?

Pensamentos passaram por sua mente. Maketes podia ser menor que ele, mas era disso que todas as mulheres gostavam. Escamas lisas, menos barbatanas que se projetavam em todas as direções. Bonito tanto para os achromos quanto para o Povo da Água, Maketes era um bom companheiro. Ninguém sabia por que ele não tinha escolhido um deles para o seu próprio povo, embora Daios tivesse a sensação de que Maketes não achava que conseguiria sobreviver a um acasalamento.

Ainda assim, isso o deixou desconfortável. Maketes queria dar atenção a Anya, e isso o deixou nervoso.

Esta era alguém com quem ela poderia construir uma vida. Alguém

que a trataria gentilmente. Maketes a faria rir. Não seria tão difícil para ela sentir que o conhecia, mesmo que Daios tivesse feito tudo o que podia para compartilhar pedaços de si mesmo. Ele havia lhe contado sobre si mesmo, mas ele não era um homem de palavras. Ele não sabia como lhe dizer que ele...

Mostrando os dentes em um rosnado raivoso, ele disparou para o ar acima da piscina lunar. Rápido demais, na verdade. Água jorrava ao redor dele e ele sabia que estava com um olhar desagradável que deixaria todos no domo nervosos. Até os olhos de Anya se arregalaram por um momento antes que suas sobrancelhas se franzissem.

— Daios? — ela perguntou, sua voz um pouco incerta.

Agora que ele estava ali em cima, ele não sabia o que fazer. Tudo o que sabia era que estava tão bravo com a ideia de Maketes ganhar um pouco da atenção dela. Ele não queria que ninguém soubesse dos pequenos sorrisos que ela lhe dava, ou do jeito como seus olhos enrugavam nos cantos quando ela estava mais feliz. Ele não queria que soubessem qual era sua comida favorita ou como ela soava quando cantarolava tão desafinado.

Ele a queria só para ele, e isso era egoísmo. Daios sabia disso. Mas ele não estava disposto a compartilhar nada da alegria dela com os outros.

— Eu… — Lutando para encontrar as palavras, ele grunhiu em vez disso. Ele colocou a mão nas costas dela debaixo d'água, esperando que o calor da palma dele aliviasse os medos dela.

Mira havia mudado algumas coisas desde a última vez que ele enfiou a cabeça em seu domínio. Havia mais plantas do que nunca, penduradas no teto e criando gavinhas de videiras que pingavam acima de suas cabeças. A cama estava escondida agora em seu próprio quartinho, um lençol pendurado no teto que parecia ter sido desgastado pelo mar. Alguém deve ter encontrado isso na água para ela, ou roubado

de um dos montes de lixo da cidade.

Pedaços e pedaços de metal estavam por todo lugar. Jogados em todas as direções que ele podia ver, junto com as ferramentas que ela usava para consertá-los. Ele podia ver pelo menos quatro soldadores de onde estava, e tinha certeza de que havia mais se olhasse um pouco mais atentamente.

Mira estava um pouco além do alcance. Com os braços cruzados sobre o peito e o cabelo vermelho brilhante ondulando ao redor da cabeça, ela era uma criatura intimidadora de se olhar. Aquela carranca atingiu fundo sua alma, deixando-o saber que ela pensava que ele não passava de um incômodo.

Ela tinha mais algumas sardas espalhadas pelo nariz, uma visão que ele achou intensamente desconfortável. Humanos não deveriam ser capazes de mudar suas cores tão facilmente. Sua espécie não conseguia.

— Daios, — Mira disse, sua voz enferrujada até mesmo para seus ouvidos. — Vejo que você realmente a trouxe de volta. Você tem alguma ideia de quão puta eu fiquei quando Arges me contou seu plano?

— Não mais do que você sempre foi.

— Okay, babaca. Escute-me. Da próxima vez que você quiser foder o plano que temos, talvez considere que você está fodendo muito mais do que apenas minha vida pessoal. Já que você parece gostar de fazer isso mais do que qualquer outra pessoa.

Pelo menos o discurso de Mira parou quando um guincho enferrujado encheu a sala. Sem pensar, ele se inclinou para cutucar o queixo de Anya para que ela olhasse para o som que não conseguia ouvir.

Byte entrou na sala. Ele tinha ganhado rodas novas há um tempo, algumas maiores que Arges tinha encontrado no fundo do mar. Mas elas eram mais barulhentas que as últimas, e isso queria dizer alguma coisa.

— Oh, — Anya murmurou, sua voz um pouco alta demais. — Você

não disse?

Obviamente, ela não estava falando com ele ou com Mira. Apoiando-se na borda da piscina lunar com seu braço ruim, ele alcançou o androide dela e gentilmente o puxou da cabeça dela.

As palavras no vidro eram cem marcas de arco-íris, todas dançando para cima e para baixo com uma única palavra. O nome de Byte. Ela dançava ao redor da lente, batendo em todos os arco-íris e fazendo-os se espalharem em sua excitação.

— Ela conhece o androide? — ele perguntou, antes de perceber que estava segurando Bitsy, então Anya não conseguia entendê-lo.

Devolvendo Bitsy, ele mostrou alguns dos sinais que ela lhe ensinou. Ele ainda sabia muito pouco da língua dela, mas sabia o suficiente para gesticular entre os dois androides e então sinalizou metade da palavra "amigo". Ele completou a palavra imitando o que sua outra mão deveria ter feito depois.

O sorriso satisfeito no rosto de Anya valeu cada grama de poder cerebral necessária para lembrar daquela palavra.

Fixando Bitsy de volta em sua cabeça, ela ajustou a lente antes de dizer,

— Sim, acho que Bitsy o conhece. O nome do seu androide é Byte?

Mira olhou entre os dois, claramente confusa.

— Sim, esse é o nome dele.

— Eles devem se conhecer há muito tempo. — Anya sorriu, então deu um tapinha na mão de Bitsy, onde seu corpo descansava no topo de sua cabeça. — Ela é doce com ele, ao que parece, então deveríamos deixá-los conversar quando puderem.

Byte rolou até parar no meio da sala, e seus pequenos olhos binoculares se ergueram para piscar para a androide no topo de sua cabeça.

— Todos os modelos dela foram desativados anos atrás. — O

androide disse.

— Nem todos eles. — Anya sorriu. — Além disso, Bitsy teve algumas atualizações desde então.

Daios se inclinou, espiando através das lentes por trás da cabeça de Anya e vendo corações rosas brilhantes irradiando ao redor do corpinho de Byte.

Ele não tinha certeza de como se sentir sobre isso. Os androides já eram abominações aos seus olhos. Criações de metal com almas eram de alguma forma ainda mais difíceis de engolir.

— Bem, — Mira murmurou. — Isso é inesperado. De qualquer forma, meu nome é Mira e estou feliz em recebê-la em nossa casa. Ainda não a nomeamos, mas talvez você possa ajudar nisso. Vamos tirá-la da água primeiro, ok?

Ela deu um passo para mais perto de Anya, mas ele também não gostou disso. Com um rosnado baixo retumbando em seu peito, ele plantou sua mão sob as coxas de Anya e a levantou para fora da água ele mesmo. Ela era tão leve que ele não precisava de outra pessoa para ajudá-la.

O pequeno guincho que saiu dela quando ele fez isso foi decididamente satisfatório, de qualquer forma. Valeu cada grama de pressão que colocou em seu ombro.

Com uma sobrancelha arqueada, ele a observou sentar-se na borda da piscina lunar e encará-lo.

— Eu poderia fazer isso sozinha.

— Eu sei.

Ela inclinou a cabeça para o lado, estreitando os olhos.

— Você está agindo de forma estranha.

Mira bufou atrás dela.

— Você não está brincando. Nunca vi o grandão falar tanto.

— Ele fala. — O tom de Anya era quase... defensivo. Ela olhou feio

para a mulher atrás dela antes de se levantar. A água saiu correndo de sua roupa de mergulho, espirrando no chão e rolando para dentro da água ao redor das guelras das costelas dele.

Ele não era tão orgulhoso a ponto de não sugar aquela água para dentro de si, cobrindo suas guelras com o cheiro dela para mais tarde. Para quando ele não tivesse mais permissão para vê-la.

— Ele fala? — Mira repetiu, antes de outro bufo seguir suas palavras. — O homem não fala. Ele mal respira na minha direção.

— É porque eu não gosto de você, — ele rosnou antes de voltar sua atenção para Anya. — Você está bem?

Ela ainda estava olhando para ele com aquela expressão chocada. Como se não soubesse por que ele estava perguntando, ou que não esperava que ele fosse até ela. E isso o fez se sentir... horrível. Ela não deveria esperar que ele a deixasse em um lugar onde ela nunca tinha estado antes, com pessoas que ela nunca tinha conhecido, e então simplesmente fosse embora.

Claro, era isso que ele tinha planejado fazer. Mas ele não queria mais fazer isso.

Talvez fosse porque ele pensou que a tinha visto se enrolar um pouco nele. Como se ela também não quisesse soltá-lo de seu aperto. Mas agora, ela parecia bem. Ela ficou de pé sobre os próprios pés, olhando para ele com surpresa, mas não com medo. Ela não estava implorando para que ele a levasse de volta para a água.

Talvez ele tenha interpretado a situação de forma errada.

Suas pequenas sobrancelhas franziram diante da pergunta dele.

— Estou bem, — ela disse, dando de ombros. — Não é tão diferente de Alfa, só é bem menor.

— É? — Mira andou para frente e estendeu a mão. — Desculpe, de novo, eu sou Mira.

— Anya. — As duas mulheres apertaram as mãos, enquanto ele

estreitava os olhos e não conseguia parar de olhar para onde Mira a tocava.

Ela estava segurando Anya com muita força? Ela não era tão delicada a ponto de não conseguir lidar com um aperto de mão firme, mas ele não queria que ela se sentisse desconfortável ali. Ele não queria que ela tivesse medo de ninguém ali.

A água se agitou ao lado dele e Arges se levantou sobre as esteiras ao lado da piscina da lua. O movimento gracioso para não assustar as outras duas mulheres nem um pouco, não como Daios tinha feito. Em vez disso, Arges sacudiu o cabelo para trás e sorriu para Anya.

— Fazendo amigos, ainda?

— Não sei. — Anya respondeu com uma risada. Ela ajustou Bitsy novamente, o único sinal de que estava um pouco nervosa. — Ainda não tenho certeza do que você quer que eu faça aqui.

— Nós também não. — Arges deu de ombros. — Acho que há muita coisa que você poderia fazer por nós, mas queremos falar com você sobre isso primeiro. Vamos deixar você se acomodar antes de encher sua mente com todas as possibilidades. Não queremos que você pense que está presa aqui.

Certo. Porque todos ainda tinham a impressão de que ele a havia sequestrado. Roubado-a de sua casa como uma criatura que havia escapado das profundezas para arrastá-la para as correntes subterrâneas com ele.

Ele também se puxou desajeitadamente para fora da água, tendo que se apoiar em seu braço bom enquanto suas guelras se alargavam um pouco mais.

— Ela não tem medo de nós. — Ele rosnou.

Mira cruzou os braços na frente do peito e ele notou como ela se moveu apenas ligeiramente entre ele e Anya.

— Daios. É muita coisa para qualquer um processar, especialmente

alguém que cresceu em Alfa. Eu sei que você acha que está ajudando, mas você é muito grande e intimidador.

— Ela não tem medo de *mim* — ele sibilou.

Todas as suas barbatanas se alargaram ainda mais. Ele queria se inflar ainda mais. Intimidar pra caramba essa achromo que achava que tinha o direito de ficar entre ele e Anya.

Ele sabia que isso era ridículo. Anya estava em algum lugar seguro. Ele deveria estar feliz e satisfeito sabendo que nada aconteceria com ela aqui. Mas ele queria... algo. Algo que ele não conseguia descobrir e que era tão frustrante.

Anya contornou Mira, caminhando até ele até que ela fosse tudo o que ele podia ver. Ela bloqueou todos os outros na sala, com seu rosto doce e cabelo dourado que sempre lembrava ele de luz do sol. Sua expressão era suave, não como os outras, que o olhavam com desconfiança e às vezes desgosto em suas feições.

Ele sabia que lhe faltava muitas coisas. Gentileza, suavidade, a habilidade de ver o que as outras pessoas estavam sentindo e reagir de acordo. Seu exterior agora combinava com aquele interior monstruoso, e alguns dias ele tinha vergonha disso.

Mas quando ela colocou a mão em seu ombro ferido, tão coberto de cicatrizes que algumas de suas escamas tinham se levantado sobre a pele desgastada, ele não se sentiu tão feio. Daios esqueceu como ele parecia quando ela o tocava daquele jeito.

— Eu vou ficar bem aqui — ela disse, com um sorriso suave no rosto. — Mas eles estão certos. Você é muito grande e ocupa bastante espaço.

Ele não se importou tanto quando ela disse isso. Na verdade, quase pareceu um elogio. Especialmente quando os dedos dela apertaram os músculos largos dos ombros dele e dançaram até a lateral do pescoço dele.

O menor roçar em suas guelras fez seus olhos revirarem para trás. Em companhia mista, ela não deveria tocá-lo assim. Mas ela não sabia... não podia saber...

Quando ele finalmente abriu os olhos novamente, viu um sorriso de raposa nos lábios dela. Ela sabia o que fazia com ele. E ela gostava de ter esse controle.

— Prometo que não vou falar muito sobre isso enquanto você não estiver aqui — ela disse. — Mas acho que quero me acomodar e talvez deixar Bitsy e Byte se atualizarem. Gostaria de me aquecer, trocar esta roupa de mergulho por algo mais confortável. Depois, te chamo de volta para que possamos conversar todos juntos. O que você acha?

Mesmo que ele não tenha gostado, ele assentiu do mesmo jeito.

— Vou encontrar algo para você comer.

— Acho que ela tem comida aqui.

— Nada como o que eu posso te dar. — Ele passou seu braço mais curto pelo dela, gentilmente traçando a pele macia ali. E ele imaginou que sua mão fantasma também deslizava pelas costas dela. — Fique segura, Kalon.

Ele viu seu irmão se contorcer com a palavra, mas então Daios já estava afundando na água da piscina lunar. Ele teve que fingir que não ouviu Mira exclamar.

— Bem, você é uma domadora de feras, não é?

24

ANYA

Assim que Daios saiu, um turbilhão de movimentos a varreu. Mira tinha as melhores intenções, Anya percebeu. A outra mulher era uma verdadeira tempestade de ser humano, no entanto. Ela era barulhenta e turbulenta, ou pelo menos era o que Anya pensava, pela maneira como usava as mãos quando falava e pelos pontos de exclamação constantes que Bitsy vomitava. Ela só conseguia imaginar que Mira estava quase gritando sempre que abria a boca.

A quantidade de xingamentos que aquela mulher proferiu, era impressionante para dizer o mínimo. E eles geralmente eram direcionados a Arges, que ficava na borda da piscina lunar com uma expressão divertida no rosto. Mira não tinha medo dele nem um pouco.

Nem Anya, quando olhou para dentro de si mesma. Ela deveria ter tido alguma apreensão saudável sobre os novos ondinos. Afinal, esse era um grupo de pessoas que ordenou que ela fosse sequestrada e então levada até a porta deles. Ela não tinha ideia do que eles queriam com ela, ou quais eram seus planos.

Mas eles não pareciam querer machucá-la. E ela também não achava que Daios deixaria.

— Certo?

Anya piscou, e Bitsy vomitou uma confusão de palavras que deve ter sido uma conversa unilateral inteira que ela tinha acabado de perder porque estava pensando em Daios. Felizmente, ela tinha a velha história em que podia se apoiar.

— Desculpe. — Anya deu um tapinha nas orelhas. — Eu tenho dificuldade de ouvir, então não entendi o que você disse.

Claro, Bitsy não tinha. Ela não podia usar essa desculpa se alguém a conhecesse. Daios lhe daria um olhar que dizia que não estava impressionado antes de cruzar os braços e esperar que ela lesse o que ele havia dito antes. O homem era um de poucas palavras, e não tinha intenção de se repetir se pudesse evitar.

A expressão de Mira se transformou em surpresa, suas sobrancelhas se ergueram e revelaram rugas na testa antes de assentir.

— Certo, desculpe. Eu esqueci. Eu estava dizendo, este é o banheiro. Vou deixar algumas roupas aqui para você trocar quando estiver pronta. Tenho certeza de que foi uma experiência angustiante para você.

— Não foi tão ruim, na verdade. Frio. O suporte de vida na instalação não conseguiu funcionar com força total porque não queríamos que ninguém percebesse que estávamos lá. — Anya deu de ombros. — Mas a companhia não foi terrível, e eu consegui trabalhar no meu próprio plano por um tempo até que tudo explodiu. Espero que você tenha uma ideia melhor do que eu.

A ruiva na frente dela se tornou calculista.

— Você está sugerindo que tem trabalhado contra seu pai?

— Por anos.

— Você e eu vamos nos dar muito bem. — Mira jogou uma braçada de roupas em um banco do lado de fora da pequena cortina. — Vá com calma. Tenho certeza de que você quer lavar o sal. Tem um tubo de gosma ali que parece horrível, mas faz maravilhas para o seu cabelo.

Era tudo o que ela precisava. Colocando Bitsy no chão, ela deu um tapinha no topo da cabeça da sua androide.

— Vá falar com Byte enquanto eu tomo banho.

Anya não tinha outras palavras. Além disso, tudo era difícil de ouvir nesta cúpula. Quando ela entrou no quarto e se fechou para longe da vista, ela suspirou. Havia um murmúrio indistinto de pessoas, uma

sensação de som que ela não conseguia ouvir direito. Sem mencionar o chuveiro em si. Ela se lembrava de metal fazendo barulho quando ela girava os botões, mas ela não conseguia ouvir nada disso.

Seu tempo com Daios lhe dera um pequeno alívio do que sua vida realmente era. Se ela inclinasse a cabeça para trás e deixasse a água correr pelo rosto, ela quase poderia assumir que tudo tinha sido um sonho.

Um sonho realmente adorável e maravilhoso que ela guardaria para o resto da vida. Mas um sonho, ainda assim. Agora ela estava aqui, e sentia que devia algo a todos eles.

Suspirando, ela deixou a cabeça cair para frente contra a pequena parede do chuveiro que era apenas um pequeno cômodo com uma pequena cortina de chuveiro para evitar que a vissem. Testa contra o metal frio, quase parecia que ela estava em casa.

Mas isso não a fez se sentir melhor. Na verdade, a fez se sentir pior. Ela odiava estar em Alfa, mas agora que estava livre, ainda se sentia acorrentada. Essas pessoas a tiraram de uma situação terrível e isso significava que ela tinha que retribuí-las. De alguma forma. O que significava que ela ainda estava em dívida com alguém e algo e um quadro maior quando ela só queria ser ela mesma por um tempo.

Ela não podia ficar no chuveiro para sempre, e certamente não podia voltar para casa. O único caminho a seguir era... bem, seguir em frente. Isso significava que ela tinha que se encontrar com essas pessoas.

Suspirando, ela desligou a água e pegou a toalha que estava pendurada fora do alcance. Pelo menos seu cabelo ficou melhor usando aquela estranha "gosma" como Mira a chamava.

Uma parte dela sussurrou que ela deveria fingir que Bitsy precisava trabalhar e ela não conseguia ouvir nada do que eles estavam dizendo. Então ela poderia ter alguns momentos de descanso.

Mas só havia uma cúpula que ela tinha visto. E considerando que Mira já estava nessa, ela presumiu que ficaria aqui com a outra mulher

bastante intimidadora.

As roupas eram boas. Elas lhe serviam bem o suficiente. Apenas uma camisa branca simples e calças que já tinham visto dias melhores, mas ainda eram vagamente da cor jeans. Saindo do chuveiro, ela foi em direção aos outros dois no lado oposto do pequeno casulo.

Arges ainda estava fora da água, embora estivesse brilhando como se tivesse acabado de mergulhar seu corpo de volta na piscina lunar. Ele observou os movimentos de Mira com interesse óbvio, e talvez um pouco de atenção arrebatada que sugeria que ele apenas gostava de observá-la. Não importava o que ela fizesse.

O que ela estava fazendo? Mira parecia gostar mais de trabalhar com metal, mas seu braço estava levantando como se ela estivesse cortando algo e então...

— Oh! — O suspiro chocado de Anya talvez tenha sido um pouco alto demais, já que os outros dois se viraram para ela.

Mira sorriu.

— Eu tinha a sensação de que você não via vegetais há um tempo.

Felizmente, Anya conseguia ler seus lábios bem o suficiente para saber o que ela queria dizer. Mira a encarou diretamente, e isso certamente tornou tudo mais fácil.

Talvez seus pensamentos tenham passado por seu rosto um pouco alto demais, porque o sorriso de Mira se abriu um pouco mais.

— Eu era engenheira em Beta. — Ela disse cada palavra lentamente, dando a Anya bastante tempo para entender o que cada palavra significava. — Muitos engenheiros tinham problemas de audição. Então eu sei que é importante que eu fique de frente para você quando falo com você.

Isso fazia sentido. Tudo o que ela tinha ouvido sobre Beta era que era um lugar difícil de se viver. Ela sabia que as pessoas de lá tinham poucos recursos, em particular comida e água. Mas eles trabalhavam

duro e consertavam tudo que Alfa precisava consertar.

Foi preciso cada grama de seu autocontrole para caminhar calmamente até aquela mesa carregada de comida verde.

— Ouvi dizer que Beta acabou de passar por um momento bem difícil.

Os apêndices afiados de Bitsy subiram por sua perna e todo o caminho até seu ombro. Com um clarão dramático, ela deixou cair a lente sobre o olho de Anya e enrolou uma de suas pernas finas em volta de seu pescoço.

Bom o suficiente, ela supôs. Anya sentou-se e tentou não deixar suas mãos tremerem enquanto pegava o que podia. Alface. Pimentões fatiados para colocar por cima. Tomates, mais maduros do que ela já tinha visto em Alfa. Pimentões, bananas de cores brilhantes e até o que parecia morangos. Ela não sabia como isso era possível, considerando que eles estavam muito fora de estação agora.

Mira sentou-se em frente a ela, braços cruzados sobre o peito com aquele sorriso sempre presente no rosto.

— Pode não ser Alfa, mas temos comida aqui. Boa comida.

Ela nem se importava se não havia molho para salada. Ela estava sentindo tanta falta de vegetais que seu estômago se contraiu e sua boca encheu d'água de vergonha. Ainda assim, ela colocou um bom pedaço no garfo e o segurou enquanto dizia:

— Para ser honesta, eu não sabia no que estava me metendo quando concordei em deixar minha casa.

E então ela enfiou o garfo inteiro na boca para não poder dizer mais nada. Talvez ela tivesse aprendido uma coisa ou duas com Daios, afinal.

A cabeça de Mira se inclinou para o lado.

— Bem, no começo pensamos em vender você de volta para seu pai. Deixa-lo todo irritado pois a princesa de Alfa foi tirada bem debaixo do seu nariz, e o forçou a fazer um acordo que permitiu que os ondinos

vivessem sem o envolvimento do achromos.

— Achromos? — ela perguntou, com a boca cheia de comida. — Eu ouvi Daios dizer isso.

— É como eles chamam os humanos.

— Certo. — Ela se lembrava disso, lembrava mesmo. Talvez estivesse bêbada de vegetais.

— Então é o seguinte. Seu pai não parece tão chateado com sua ausência, o que vai contra tudo o que ouvi sobre ele e você. Toda cidade sabe que o General e sua filha são duas ervilhas em uma vagem, mais próximos do que uma família normal deveria ser. — Mira apoiou os cotovelos na mesa, seus olhos procurando os de Anya como se ela pudesse ver diretamente em sua mente. — Por que eu sinto que não é esse o caso? Pelo que ouvi, ele não está em pânico.

Ela só queria comer em paz. Por que não podiam deixá-la fazer isso pelo menos? Com outra boca cheia de comida, ela respondeu:

— Papai já sabe onde estou.

— Aqui?

— Bem, não exatamente. Ele tem câmeras do lado de fora de Alfa, então ele viu Daios me levar. Eles enviaram naves atrás de nós, mas nenhuma delas conseguiu nos encontrar. Nós estávamos no... — Ela balançou o garfo no ar, cutucando o ar. — Coral espinhoso.

— Ah. Então ele sabe que você não está na cidade. É por isso que ele não está enviando mensagens para as outras cidades para que as pessoas encontrem você. — Mira e Arges trocaram um olhar. — Isso torna as coisas um pouco mais complicadas. Mas Byte deve ser capaz de enviar mensagens para Alfa se ainda quisermos tentar isso.

— Não vai funcionar, de qualquer forma. — Anya largou o garfo, deixando a tentação de lado para essa longa conversa. — Ele não se importa se eu estiver desaparecida. Ele se importa se eu me comportar. A única maneira de fazer a cidade trabalhar contra ele é mostrar a eles

todas as coisas terríveis que ele já fez. E a única maneira de fazer isso é por meio de uma transmissão de dentro. Já pensei em tudo isso com as outras pessoas com quem trabalho. Confie em mim quando digo que sei exatamente como derrubar meu pai com o mínimo de derramamento de sangue.

Arges se inclinou para frente, e ela percebeu que ele fez isso especificamente para que ela pudesse ver seus lábios enquanto ele repetia:

— As pessoas com quem você trabalha?

Ela queria dizer a ele que não importava se ela pudesse ver seus lábios. Ele estava falando em uma língua que ela não conhecia. Mas em vez de ser irritada e cansada, ela disse:

— Há um grupo de nós que trabalhamos juntos há eras. Este é o melhor plano.

— Então como você espera que a gente coloque alguém em Alfa? Nós mal conseguimos tirar você de lá. — Mira abriu bem as mãos, como se o problema estivesse ficando maior. — A menos que você e seus amigos tenham um plano para isso?

Eles não pensaram. Ela não pensou, pelo menos.

— Eu posso perguntar.

— Por favor, faça.

Anya se levantou, afastando-se um pouco para poder falar com Ace, mas então ela se virou de volta para a mesa e pegou a tigela para levar consigo.

Vagando em direção a uma parede dos fundos, ela se assustou quando a parede se moveu. O painel deve ter sensor de movimento, e ele deslizou para revelar um enorme jardim do outro lado. Mas melhor ainda, havia um teto de vidro neste.

Ela podia enviar mensagens muito mais facilmente sem todo aquele metal atrapalhando. Isso era perfeito.

— Bitsy, — ela disse, mastigando outro pedaço. — Mande uma mensagem para Ace para ver se podemos nos conectar.

— Vamos lá. — As palavras flutuavam junto com pequenos corações borbulhando das plantas. Claramente, Bitsy estava de bom humor. Logo, ela perguntaria sobre Byte e qual era aquela história. Só não agora.

Enquanto ela estava no jardim, olhando para o vidro, ela viu uma sombra à distância. E ela reconheceria aquele corpo em qualquer lugar. A sombra enorme brilhou vermelha no momento em que seus olhos se fixaram nela, como se ele soubesse que ela estava olhando para ele.

Com um aceno de mão, ela esperou que ele imitasse o movimento. Mesmo dessa distância, ela se sentiu melhor sabendo que ele estava lá fora. Esperando que ela entrasse na água e o visse novamente.

Bolhas apareceram enquanto Ace rabiscava uma mensagem rápida.

— Estou tentando entrar em contato com você.

— Tenho estado um pouco ocupada.

— Temos um problema.

— O que você quer dizer com temos um problema? O cara novo não entrou na cidade?

Bitsy até pareceu hesitar antes que a mensagem aparecesse diante de seus olhos. Uma mensagem longa que fez seu coração se partir.

— Ele está morto, Queenie. Nós o enviamos, como planejamos, mas seu pai tem tudo trancado. Em um momento ele estava lá, e no outro, tudo o que eu vi foi nada. Eu vi a filmagem depois de hackear. Seu pai mandou um de seus capangas cortar sua cabeça e o deixou lá no porto para outras pessoas encontrarem. Era uma mensagem. Alguém que ficar no caminho do seu pai? Morre.

— Sinto muito em ouvir isso. — Um arrepio percorreu sua espinha, e ela não conseguia identificar o porquê. Seu pai sempre fora implacável. Mas isso? Isso era mais do que ele já havia sido antes.

— Acabou.

As palavras passaram diante de seus olhos e ela teve que lê-las seis vezes antes de dizer abruptamente:

— Acabou? O que você quer dizer com acabou?

— Ninguém vai trabalhar conosco. Estou tentando conseguir outra pessoa, mas ninguém quer correr o risco. Muitas pessoas morreram, e todo mundo sabe. Estamos mortos na água com a lâmina do seu pai nas costas.

— Não pode acabar. Estou tão perto, Ace. Encontrei outras pessoas que estão dispostas a nos ajudar. Você não pode desistir de mim agora. Você me ouviu? — Ela quase quis bater em alguma coisa. Ela queria jogar a tigela em suas mãos e vê-la se estilhaçar no chão. — Preciso que você fique nisso. Comigo.

Silêncio. Tanto silêncio do outro lado que o zumbido dela começou a agir. Ou talvez fosse porque não havia mais ninguém com ela, e ela estava sozinha mais uma vez.

Sempre sozinha. Agora Ace também a deixaria, e ninguém jamais faria nada sobre seu pai. Ninguém jamais faria nada sobre... nada.

Com as mãos tremendo, ela colocou a tigela no chão antes de quebrar o que provavelmente era um dos poucos que Mira possuía.

— Ace? — ela tentou de novo. — Ace, fale comigo.

Bitsy deixou gotas de chuva caírem na tela, e foi quando ela soube que Ace havia desconectado a ligação. Ela não receberia nenhuma ajuda da amiga. Ela estava sozinha nisso, como estivera desde o começo.

Engolindo em seco, ela tentou não chorar, mesmo sentindo o som pressionando sua garganta.

Até que Bitsy colocou uma flecha na frente do rosto dela e ela viu que a sombra tinha se movido muito, muito mais perto. Daios estava do outro lado do vidro, ainda um pouco acima dela. Mas ele tinha sua mão palmada pressionada contra ele. E ela sabia, ela simplesmente sabia, que

ele sabia que ela precisava dele com ela.

Alcançando o vidro, ela pressionou a mão no lado oposto como se estivesse segurando-o. Ou talvez, como se ele a estivesse segurando.

25

DAIOS

Como ele mostraria a ela como se sentia? Parecia uma pergunta impossível de uma mulher que deveria saber apenas pela linguagem corporal dele. Daios não era bom em contar nada a ninguém. Ele nunca foi um falador, mesmo quando era apenas um garoto. Sua mãe costumava dizer que ele era tão estoico quanto uma parede de pedra, imóvel e às vezes um pouco frio.

Ele não via valor em conversar com as pessoas quando podia mostrar a elas o que queria. Claro, isso não o levou muito longe com as fêmeas. E não o levaria muito longe com sua pequena achromo.

Afinal, Anya havia se adaptado muito bem.

Ele odiava o quanto isso o deixava chateado. Logicamente, Daios sabia que ela se saía melhor com uma tarefa em mãos. Ele olhou para como ela havia trabalhado na instalação, e sabia que isso a fazia se sentir mais confortável em ser necessária. Ele até entendia, porque ele era muito parecido.

Suspirando, ele abanou sua cauda sobre a poeira que havia se acomodado neste pequeno e profundo cânion marinho. Ele estava fazendo a mesma coisa agora mesmo. Tentando apaziguar suas emoções e seus pensamentos mantendo-se ocupado.

Essa não era uma tarefa que mantinha sua mente ocupada, no entanto. Tudo o que ele tinha que fazer era descobrir itens perdidos no fundo do mar, se houvesse algum. E abanar a poeira com sua cauda certamente não o fazia sentir que tinha algo para fazer. Em vez disso, tudo o que ele conseguia pensar era nela.

A distância dela havia criado efeitos colaterais indesejados. As

visões estavam de volta. As memórias de todos aqueles corpos mortos que flutuavam nas correntes, tudo por causa do que ele havia feito. Tudo porque ele não tinha autocontrole quando se tratava de seu próprio ódio. Mesmo agora, ele conseguia sentir aqueles dedos gelados agarrando seus ombros, puxando a mão que ainda deveria estar lá.

— Daios, — eles sussurraram. — Venha, busque sua retribuição.

Ele não queria fazer isso. Ele queria voltar para casa, para uma fêmea com um sorriso dourado e uma alma que aliviasse a sua. Apenas algumas semanas atrás ele teria dito que era uma pena que a fêmea fosse uma achromo. Ele teria dito a si mesmo para cortar essa conexão e se libertar do chamado da sereia dela.

Mas agora? Agora ele sabia o que era ficar na luz do sorriso dela e aproveitar o brilho da alegria dela. Ele trocaria o mar inteiro por alguns momentos com ela.

— Por que estamos fazendo isso de novo? — As palavras tiraram Daios de seu estado de fuga. Uma barbatana amarela caiu sobre sua cabeça, apenas para ser levada embora quando ele a golpeou com suas garras.

— Mira acha que isso era um depósito de androides como Byte e Bitsy, — ele resmungou. — Se pudermos encontrar um deles... parentes, então ela ficará satisfeita.

Maketes flutuava à sua frente, com o rabo balançando para mantê-lo deitado na corrente. Ele tinha os braços atrás da cabeça, confiando totalmente no oceano para mantê-lo embalado em seus braços. Se ao menos o oceano estivesse tão contente com Daios.

— Ah, certo, — Maketes levantou uma das mãos no ar como se estivesse tirando um pensamento da cabeça. — Fabricadores. Era assim que ela os chamava. Fascinante o que os humanos conseguem fazer, não é? Nunca pensei que seriam pessoas tão interessantes.

— Não são — ele resmungou.

— Você parece ter achado uma em particular muito fascinante. Ou você acha que ninguém notou o quanto você fica perto do domo? — Ele girou na água, colocando uma carranca ridícula no rosto. — Você está muito deprimido ultimamente, Daios.

— Não estou deprimido. — Daios fez o melhor que pôde para manter a emoção longe de suas palavras, mas sabia que Maketes conseguia ver através dele.

Seu irmão sorriu, a expressão era de triunfo absoluto.

— Nem um pouco deprimido? Não quando você está se arrastando pelo mar como se tivesse o peso do mundo em seus ombros? Nunca tive tanta dificuldade em fazer você sair do nosso casulo. Não desde que os achromos encontraram nosso primeiro lar. Você sabe o que isso me faz pensar?

Ele não se importava. Ele não queria saber o que seu irmão pensava, e certamente não se importava com o que Maketes havia dito a si mesmo. Não havia história. Não havia nada mesmo.

Resmungando, ele passou por Maketes e foi para uma área deste cemitério que eles ainda não tinham revistado. Mas ele sabia que seu irmão não desistiria dessa provocação. Não quando ele tinha tanta certeza de que tinha algo para destruir.

— Daios, — Maketes chamou, prolongando cada som de seu nome. — Você gosta da fêmea! Muito mais do que qualquer outro achromo que conhecemos antes.

— Eu não.

— Você acha que eu não vi você observando-a? A casa de Mira é de vidro. Eu posso ver que seus olhos estão nela o tempo todo. Não apenas quando ela está olhando para você. — Maketes flutuou por ele novamente, seus braços atrás da cabeça como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo. — Ela não te observa tanto. Por que será?

— Ela é uma achromo. Ela não tem consciência do que está ao seu

redor e não tem nossa habilidade natural de ver longe na água. — Pelo menos, era isso que ele estava dizendo a si mesmo.

Porque ele tinha notado que ela não olhava para ele tanto quanto ele queria. Daios estava nadando perto do domo de vidro várias vezes ao dia na esperança de que ele vislumbrasse seus lindos olhos. Mas não, ele não teve tanta sorte. Se ela olhava para ele dia sim, dia não, isso era uma surpresa.

— Arges disse que ela está se adaptando bem, mas parece um pouco desligada. Imagino se vocês dois estão deprimidos pelo mesmo motivo.

— Não estamos, — Daios retrucou. — Isso é ridículo.

— Você tem tanta certeza? Vocês ficaram sozinhos juntos por um tempo terrivelmente longo. — Maketes pressionou as duas mãos em cada lado do rosto, apertando as bochechas para frente. — Só consigo imaginar todas as coisas em que vocês se meteram! Tanta... conversa.

Ele sabia o que Maketes queria dizer, e não queria dizer que eles estavam conversando. Mas ainda assim, havia uma parte dele que se lançou para frente para dizer:

— Eu não sei como falar com ela.

— Você... — Maketes franziu a testa, torcendo o corpo para ficar de pé na água. — O que você quer dizer?

— Eu... — Exasperado, ele gesticulou em direção ao seu rosto. — Isto.

— Essa sua cara feia é o motivo de você não conseguir falar?

Rosnando, ele se virou para começar a procurar novamente.

— Esqueça que eu disse isso.

— Não, não, me desculpe. Eu não queria tirar sarro da situação. Eu só nunca vi vocês todos com a língua presa por uma fêmea antes. — Maketes nadou para frente, tomando cuidado para não tocar em Daios e deixá-lo ainda mais bravo, mas claramente querendo mostrar apoio. —

Você não pode falar com ela? Você parecia bem quando a trouxe aqui. Tenho certeza de que vi você falando com ela.

— Isso foi diferente.

Quando eram só os dois, era mais fácil. Ele não pensava em todas as coisas que o povo dela tinha feito com o dele. Ele mal notava as diferenças quando ela estava rindo ou fixando seu olhar no dela. Ela tinha um jeito que o fazia esquecer de ficar desconfortável.

Mas aqui? Tudo isso era diferente.

Todos olhavam para ele o tempo todo. Como se estivessem apenas esperando que ele explodisse e a matasse. E ele não gostava disso. Ele não queria que as pessoas pensassem que ele poderia machucá-la, muito menos que ele tinha pensado nisso.

Sim, ele odiava os achromos. O povo dela era uma praga neste mar e ele ficaria feliz em vê-los todos mortos. Só não... ela. E essa era uma emoção estranha para superar sozinho, independentemente de todos o julgarem enquanto ele fazia isso.

— Bem, — Maketes disse, sua voz baixa e lenta. — Por que nós não... praticamos?

— O que?

— Finja que eu sou a adorável Srta. Anya. — Ele agitou os cílios, as guelras batendo contra o pescoço como se estivesse tentando se fazer parecer mais com uma fêmea. — Oh, Daios, não te vejo há semanas!

Ele piscou para Maketes uma, duas vezes, então apenas resmungou:

— Não.

Novamente, seu irmão nadou na frente dele, abrindo todas as nadadeiras para o lado como se isso pudesse impedir Daios de nadar para longe.

— Estou levando isso a sério. Você precisa praticar como vai falar com ela se é isso que quer fazer. Eu sou bom em conversar.

— Não.

— Eu sou melhor que você. — Maketes até esticou os braços, forçando Daios a permanecer onde estava. — Você precisa de mim, Daios. Deixe-me ajudar.

Ele não queria que ninguém o ajudasse. Ele queria chafurdar um pouco e então descobrir isso sozinho. Mas Maketes estava certo, ele era um conversador melhor...

Suspirando, ele revirou os olhos acima da cabeça de Maketes e tentou reprimir seu orgulho.

— Não sei como dizer a ela que prefiro a companhia dela.

— Sobre?

— Todos os outros. — Por que isso era tão difícil de dizer? Tudo o que ele tinha que fazer era deixar as palavras saírem da sua língua. Era isso. Mas, em vez disso, elas pressionaram contra o fundo da sua garganta como um aviso de que contar a alguém como ele realmente se sentia só terminaria em desastre.

— Oh, bem, isso é fácil o bastante. Você poderia simplesmente dizer a ela que sente falta dela.

Daios olhou para Maketes. A expressão do irmão dele tinha se suavizado, suas sobrancelhas descendo para criar rugas entre os olhos. Era quase uma expressão de pena, que ele se recusava a olhar muito.

— Eu não... — Ele não conseguiu nem terminar a frase.

Claro que ele sentia falta dela. A sensação aumentava a cada dia desde a última vez que ele falara com ela, mesmo que ele pudesse vê-la de longe. Suas guelras pareciam não conseguir sugar ar o suficiente, e não importava o quanto ele fizesse, ele não estava cansado à noite. Seu corpo estava exausto, mas sua mente se perguntava o que ela tinha feito durante o dia. Se ela estava confortável ali. Se Mira e Arges estavam enchendo sua cabeça com histórias sobre o quão perigoso ele era quando tudo o que ele queria era falar com ela.

Ele só queria ouvir a voz dela. E isso era assustador por si só.

Maketes inclinou a cabeça para o lado.

— Você sente falta dela. Bastante, parece.

A poeira se instalou ao redor deles. Daios nem ousou respirar porquê de repente tudo estava exposto bem na frente dele. Ele sentia falta dela, e não sabia como dizer isso a ela.

Era estúpido ficar tão chocado com tudo isso, e ainda assim ele estava. Ele não sabia como fazer... isso.

Maketes agitou suas nadadeiras de cintura, chegando um pouco mais perto.

— Sentir falta dela não te torna fraco, irmão. Mas você deveria contar a ela. Talvez ela esteja sentindo sua falta tanto quanto você está sentindo falta dela.

— Não há como nenhum de nós saber disso.

— Eu suponho que eu poderia perguntar a ela por você, mas isso parece um tanto infantil, você não acha? Você deveria apenas falar com ela, Daios.

— Não posso fazer isso. — Era muito arriscado. E se ela não sentisse falta dele? Ele a devolvera para alguém que pelo menos parecia com ela. Estava quente no casulo de Mira, e era seguro lá também.

Muitos de seu povo aqui eram mais adequados para ela, independentemente. Eles poderiam cuidar dela mais facilmente do que o guerreiro de um braço só que não sabia como lhe dizer como se sentia, ou mesmo que havia palavras que ele gostaria de poder dizer a ela. Ela estava melhor sem ele, assim como ele estava melhor sem ela.

Este era o lugar dele. Ele deveria pegar os trabalhos arriscados e fugir de casa. Era como sempre tinha sido.

E como deveria ser sempre.

Balançando a cabeça, ele expeliu areia das guelras com força e se virou para longe de Maketes.

— Ela está bem onde está.

Maketes gemeu.

— Oh, seu cabeça de barbatana teimoso! Talvez ela estivesse melhor se estivesse com você!

Ele não conseguia acreditar nisso, nem por um momento. Porque se acreditasse, então ele correria de volta para aquele domo de vidro. Ele a levaria embora novamente, enterrando-a tão fundo no mar que ninguém jamais a encontraria novamente, a não ser ele.

Daios sabia que esses pensamentos eram errados. Depravadas. Coisas horríveis de se fazer a alguém com quem ele se importava, então ele tinha que se manter longe dela. Ele não podia fazer isso com ela.

— Continue procurando — ele resmungou. — Estou indo mais fundo.

— Você não pode ir mais fundo, e você sabe disso. Já estamos no limite do nosso território. Não precisamos que os andarilhos das profundezas se envolvam em nada disso. — Maketes arqueou a sobrancelha. — A menos que você esteja indo na direção deles de novo?

Ele não pensava nos andarilhos das profundezas há algum tempo, mas... Bem, talvez não tenha sido uma ideia terrível.

— Talvez eu devesse procurar os tratamentos deles — ele murmurou. — Poderia clarear minha cabeça.

— Daios...

Ele sabia que seu irmão estava preocupado. A última vez que ele ficou tão confuso, ele desceu para a escuridão para encontrar os andarilhos das profundezas. Eles eram os poucos que guardavam as aberturas gasosas no fundo do mar. Eles alegavam que inalar os vapores lhes dava visões do futuro e visões que ninguém mais podia ver.

Daios não tinha encontrado nada para fazer isso. Em vez disso, o deixou flutuar. Em sua mente, em suas escamas, tudo desapareceu, então ele não precisava existir.

Foi uma sensação inebriante. E viciante.

Ele sabia que havia se perdido nisso por um tempo, mas nunca havia deixado que isso tomasse decisões por ele. Ou pelo menos, era isso que ele dizia a si mesmo.

Maketes o observou com muita atenção e se perguntou o quão longe ele tinha ido naqueles dias de deriva.

— Eu só... — Maketes engoliu em seco. — Eu só quero ter certeza de que você não vá embora muito longe.

— Eu não vou.

Mas ele provavelmente iria. Se ele fosse honesto consigo mesmo, os andarilhos pareciam mais uma família do que seu próprio povo. Talvez fosse porque eles eram criaturas de poucas palavras. Ou talvez ele sempre tenha pensado que eles se enterravam na escuridão por razões que eram muito próximas de seus próprios problemas.

Com um rápido aceno para seu irmão, ele flexionou sua cauda e foi embora. Afundando cada vez mais fundo até que não havia mais luz. Apenas o tênue brilho vermelho de seu corpo enquanto ele procurava na escuridão.

Ele se perdeu em seus pensamentos. Eles se revoltavam em sua mente. O sobe e desce da emoção enquanto ele pensava em dizer a ela como se sentia, e o que ela significava para ele. Ele queria que ela soubesse que se sentia mais livre com ela do que há muito tempo. Ela não o julgava. Não havia medo de rejeição entre os dois porque ela não sabia o quão sanguinário ele era, e todos os erros que ele havia cometido.

Mas ele não sabia como dizer nada disso.

Daios levantou um pedaço de metal enferrujado do chão, então o deixou cair de volta no fundo do mar com uma nuvem de lodo. Ele estava desperdiçando seu tempo aqui embaixo. Ele sabia disso. Mira sabia disso. E ainda assim, ela o havia enviado nessa missão para mantê-lo longe de problemas.

Ela quase teria conseguido fazer isso, se ele não tivesse descido sozinho até as profundezas.

Daios só teve um segundo para perceber que havia uma corrente correndo em sua direção. Ele enrolou sua cauda firmemente em seu corpo enquanto uma parede sólida de músculos e raiva o atingia e o arrastava ainda mais fundo no abismo.

26

ANYA

Anya deitou sua bochecha na mesa e observou os dois androides enquanto eles interagiam um com o outro. Bitsy não conseguia falar alto, o que ela havia sido informada que Byte conseguia fazer. Então os dois androides acabaram falando em projeções.

Parecia que eles estavam contando um ao outro a história do que tinha acontecido desde a última vez que se viram. Apenas os destaques. Muito do que Byte projetou na parede eram imagens de baixo do mar. Baleias gigantes nadavam acima de suas cabeças, lulas se enroscavam em seu pequeno corpo de metal e como ele tinha sido arrastado ainda mais fundo na água.

Em contraste, Bitsy projetou Alfa. Ela mostrou a eles a cidade toda, e Anya tentou ler os lábios de Mira e Arges por um tempo antes de desistir. Mira não estava olhando para ela. Ela estava andando pela cidade projetada de ouro com êxtase nos olhos. Arges nem estava falando a mesma língua que ela para que ela conseguisse ler os lábios, então não importava o que ela pensava que ele estava dizendo.

Em vez disso, ela deitou a cabeça na mesa e tentou o máximo para não se sentir... estranha.

Ela já sentia isso há algum tempo, e não fazia sentido algum. Ela tinha saído da cidade. Agora ela estava aqui, com essas pessoas, que queriam a mesma coisa que ela queria. Eles pretendiam derrubar seu pai e reconstruir Alfa em uma nova imagem.

Claro, era perigoso. Eles queriam que os ondinos fossem completamente despreocupados, e Anya não sabia se conseguiria convencer alguém disso. Mas pelo menos havia esperança agora que ela

estava aqui.

Infelizmente, isso não significava... nada. Ace não estava falando com ela. Ninguém se importava em ouvir o que ela pensava, porque ela sempre fora destinada a ser nada mais do que um peão. Eles já sabiam o que queriam fazer.

Onde isso a deixava? Olhando para longe enquanto seu único meio de comunicação falava com um perdido há muito tempo... Como ela chamava Byte? Os androides tinham amantes?

Suspirando, ela inclinou a cabeça para longe deles um pouco e olhou para cima através do vidro. Pelo menos ela tinha um vislumbre de Daios todos os dias. Ele nadava perto do domo de vidro frequentemente. Sempre que ela chamava a atenção dele, ele acenava para ela e inclinava o corpo para longe da vista dela. Assim como ele costumava fazer.

Todo aquele ímpeto para frente foi perdido. Ela se preocupou que talvez ele nem quisesse vê-la. Ele a entregou como um pacote do qual queria se livrar. Então ele desapareceu no oceano.

Como ela deveria se sentir? Depois daquele beijo, do jeito que ele a tocou, e como ela se desfez em seus braços... Ele a largou e foi embora, como se não quisesse mais ficar perto dela. Depois de tudo o que eles conversaram e tudo...

Bem, talvez ela só tivesse sido entretenimento enquanto eles se escondiam para que os submarinos do pai dela não pudessem encontrá-los. Talvez ela fosse a única estranha que viu um homem que precisava que alguém o visse.

Assim como ela queria que alguém a visse.

Soltando um suspiro, ela percebeu que o murmúrio quase inexistente de conversas havia parado. Ela tinha ficado tão perdida em seus pensamentos que tinha esquecido de ficar ciente do resto da sala.

Sentando-se e tirando o cabelo do rosto, ela tentou parecer que estava envolvida. No mínimo, ela podia assumir o que eles estavam

dizendo. Bitsy estava mostrando Alfa a eles, o que significava que eles provavelmente estavam perguntando sobre a cidade de sua casa. Não havia necessidade de perguntar a ela, no entanto. Eles poderiam simplesmente perguntar a androide.

Anya era um pouco mais difícil de entender do que Bitsy ou Byte, de qualquer forma. Suas palavras talvez fossem ditas de forma um pouco diferente, apenas o suficiente para as pessoas ficarem desconfortáveis. Elas tinham que se concentrar em encará-la, pelo menos enquanto Bitsy não estivesse em sua cabeça. E então, é claro, havia o conhecimento sempre presente de que ela não conseguia ouvi-los.

Talvez ela estivesse muito cansada. Ela normalmente não se importava tanto.

— Ah, certo, — ela leu dos lábios de Mira. — Bitsy… — e então algumas palavras que realmente não faziam muito sentido porque Mira tinha se inclinado para olhar os androides na mesa e sua boca não estava mais voltada para Anya.

Considerando que Bitsy correu em sua direção e subiu em seu braço, ela podia presumir que Mira havia ordenado que a pequena androide subisse para que pudessem conversar.

A lente desceu sobre o olho dela e Anya tentou um sorriso que parecia falso em seu rosto.

— Desculpe, não achei que fosse necessário que eu participasse da conversa.

Mira estremeceu.

— Não é assim que queremos que você se sinta, e peço desculpas se foi isso que pareceu. Bitsy estava nos mostrando o interior da sua casa. É muito diferente de onde eu cresci.

— Beta?

Mira deu de ombros.

— Eu simplesmente presumi que todos nós estávamos vivendo em

latas de conserva que estavam caindo aos pedaços.

Certo. Claro, era isso que Alfa queria que todos pensassem. A última coisa que eles precisavam era que as outras cidades percebessem que havia uma em particular que era verde e cheia de vida.

— Meu pai não queria que as pessoas soubessem o quanto tínhamos. — Ela torceu as mãos no colo, tentando evitar que tremessem. — Ele queria manter Alfa como uma utopia onde apenas os ricos e os mais abastados pudessem ir. Dessa forma, quando ele precisasse de alguém talentoso como um médico ou um artista, eles estariam recebendo um presente que ninguém mais recebia. Isso torna o controle das pessoas muito fácil.

Uma sombra de dúvida cruzou a expressão de Mira. Ela lançou seu olhar para o ondino metade na água e metade na área de pouso da piscina lunar.

Talvez eles não achassem que ela entendia suas expressões faciais, mas Anya tinha passado a maior parte de sua vida observando os outros. Ela tinha que saber ler rostos tanto quanto tinha que saber ler lábios. O que ela tinha acabado de dizer os preocupou, como deveria.

Tossindo na mão para chamar atenção, ela ajustou Bitsy, então ficou mais fácil ler muitas palavras muito rapidamente.

— Algum problema?

Mira mordeu o lábio, aquele movimento preocupante já dizendo a Anya o que ela ia dizer.

— Não temos certeza do que fazer neste momento. Você diz que seu contato é incapaz de fazer mais do que eles já fizeram. Não há um caminho fácil para a cidade. Não podemos usar sua ideia de propaganda sem sua amiga. E se o que você diz for verdade, seu pai tem muito pouco interesse em tê-la de volta.

— Eu diria que meu desaparecimento está apenas ajudando-o a espalhar a ideia de que os ondinos são perigosos — ela disse com um

aceno lento. — Olhe para a realidade de tudo isso. Ele tem imagens de Daios me sequestrando. As pessoas da cidade já foram informadas de que os ondinos são monstros perigosos que se banqueteariam com a carne de seus filhos se pudessem. Eles viram filmagens de ataques em outras cidades. E agora eu desapareci.

— Então nossa única outra escolha é levar você de volta. — Mira franziu a testa, no entanto. Como se até ela tivesse ouvido a falha naquele plano.

— Não podemos me fazer voltar para dentro — Anya respondeu, mesmo com Bitsy enviando sinais de alerta por toda a lente. — Não acho que ele me deixaria voltar para a cidade, para ser honesta. É mais fácil para ele agora dizer que estou morta.

Havia a pior parte de tudo isso. Era mais fácil reivindicar a morte de sua filha. Era mais fácil para ele bancar o mártir, o pai que havia perdido uma filha querida e que não poderia se recuperar disso sem a ajuda de sua cidade leal.

Eles caíram direto nos seus maiores sonhos e agora tinham que sofrer as consequências.

As guelras de Arges se dilataram e então achataram.

— Vou procurar meus irmãos. Talvez eles tenham alguma ideia.

Mira deu-lhe um beijo antes de ele sair. Isso fez as bochechas de Anya ficarem vermelhas, e ela não sabia bem o porquê. Mas, por outro lado, sim, ela sabia. O ciúme queimava em seu coração toda vez que ela olhava para eles. Era tão fácil para eles, e doloroso demais assistir às interações deles quando ela desejava que fosse ela mesma e outro ondino que tinha esquecido que ela existia.

Bitsy se remexeu na cabeça enquanto Anya se levantou e andou pela pequena área do jardim. Isso precisava ser expandido muito. Dois humanos comiam muito mais do que um humano. Se ela fosse ficar por um tempo, então eles precisavam de mais plantas. Mais espaço.

Infelizmente, não parecia que isso seria muito fácil.

Bitsy colocou uma flecha na frente do rosto, apontando para trás. Claro, Mira a seguiria. Claro, ela também gostaria de falar sobre... seja lá o que Mira falasse.

Suspirando, ela se virou e colou aquele sorriso falso no rosto.

— Oi. Imagino que ele tenha ido embora?

Ela ainda não tinha descoberto como dizer "Arges". Os ondinos usavam os lábios de uma forma tão estranha, e era difícil adivinhar como isso poderia soar. Ela disse isso algumas vezes, mas considerando a forma como os olhos dele se estreitaram, ela sabia que tinha dito errado.

— Ele está saindo. — Mira se encostou na parede, os braços em volta do peito e os tornozelos cruzados também. — Então você está aqui. Só posso imaginar que é um alívio estar conosco em vez de onde quer que Daios tivesse metido você.

Ela havia mencionado isso algumas vezes, e isso sempre deixava Anya estranhamente na defensiva.

— Não foi tão ruim.

— A instalação da qual você falou? Eu pesquisei. Você mal tinha energia suficiente para aquecimento, muito menos para qualquer outra coisa que estivesse fazendo. Então não consigo imaginar que tenha sido fácil. Especialmente com...

Era quando Mira sempre parava de falar, como se estivesse pescando informações sobre Daios. Anya conhecia pessoas assim em Alfa. Elas sempre se interessavam por fofocas, embora nunca dissessem nada. Elas acumulavam informações, provavelmente porque sentiam que isso lhes dava poder.

Infelizmente, isso deu poder a Mira. E ela não queria contar nada a ninguém, mas também...

Ela queria uma amiga.

Bitsy desenhou um grande círculo ao redor de Mira com as

palavras:

— Você pode confiar nela.

Respirando fundo, ela olhou para o domo de vidro e desejou que houvesse um ondino vermelho escamoso familiar flutuando acima de sua cabeça.

— Ele me faz sentir segura.

Bitsy teve que destacar alguns pontos de exclamação, e a figura animada de uma pessoa tremendo de rir. Ela podia ver a imagem de Mira rindo no reflexo do vidro acima de sua cabeça.

Deixe-a rir. Ela não precisava que a outra mulher entendesse como ela se sentia.

Mas então Bitsy ficou mais insistente e ela olhou de volta para Mira.

A ruiva ficou quieta de repente, olhando para ela com uma expressão que dizia que ela estava chocada, horrorizada e talvez um pouco doente.

— Espera, você não está brincando?

Anya balançou a cabeça.

— Não, não estou. Ele me fez sentir muito segura o tempo todo que estive lá.

— Ele é enorme, no entanto. Você deve ter ficado apavorada quando o viu pela primeira vez.

Anya tentou se lembrar se estava ou não. Era difícil lembrar daqueles momentos em que o viu pela primeira vez e pensou nele como um monstro, agora que conhecia Daios um pouco melhor. Mas ela não achava que já tivesse ficado aterrorizada.

— Na verdade, não. — Ela deu de ombros. — Ele era minha melhor opção de fuga. Eu cresci com os monstros de verdade, Mira. Eu vi o que eles fazem e o quão terríveis eles são. Um ondino nunca pareceu tão ruim quando eu sabia o quão poderoso ele poderia ser. Eu estava procurando por um protetor, eu suponho, e ele se encaixou muito bem nesse papel.

O fantasma dos lábios dele contra os dela pressionados contra sua pele. Ela ainda podia sentir a força daquele braço poderoso enquanto ele a arrastava para mais perto. A pressão de suas garras contra sua carne. Mas não eram apenas essas memórias que a faziam se sentir tão macia perto dele. Era também acordar com ele roçando suas garras em seu cabelo para que não houvesse nenhum emaranhado quando ela acordasse. Era o murmúrio baixo de sua voz que ela realmente podia ouvir, e a maneira como ele se suavizava quando olhava para ela.

— Eu nunca me senti tão querida — ela disse, nem mesmo certa de que sua voz estava alta o suficiente para ser ouvida. — Eu sei que isso é loucura. Ele é alguém que eu não conheço, não realmente. Eu não conversei muito com ele sobre sua vida ou de onde ele veio. Eu não sei suas lutas ou sua família ou como foi para ele crescer. Tudo o que eu sei que o cerne dele... — Ela bateu o punho contra o peito. — É o mesmo que está aqui.

Mira a observou com olhos arregalados, e pensou que talvez a outra mulher não acreditasse nela. Talvez todas aquelas palavras parecessem mentira.

Mas então Mira assentiu, lentamente, mas ainda um aceno.

— Quando Arges me sequestrou pela primeira vez, ele me levou para uma instalação subaquática também. Ele me escondeu dos outros para ver se conseguia me convencer a me voltar contra nossa espécie. Mas então, algo aconteceu. Quanto mais eu via sua resiliência, a ferocidade estoica que o tornava quem ele era, isso me chamava. Eu sei o que você quer dizer quando diz que algo aqui parece o mesmo que o que vive neles.

Anya observou Mira pressionar uma mão em seu coração também, e sentiu algo dentro de si se desfazer.

— Não deveria existir.

— Talvez não. Seu pai nos chamaria de abominações por sentir isso.

— Mira deu de ombros. — Mas eu nunca segui as regras, e não vou começar agora. Ainda não consigo acreditar que você se sinta assim sobre Daios, no entanto. Ele é péssimo.

Uma risadinha escapou, e depois outra. Então, logo em seguida, Anya perdeu todo o controle sobre sua alegria. O riso borbulhou para cima e para fora de sua boca, fervendo em histeria. Ela quase se controlou quando viu que Mira também estava rindo, e então isso a fez se irritar de novo.

Finalmente, elas pararam de rir depois que os músculos do estômago dela gritaram em protesto. Mira tinha deslizado pela parede para sentar-se em sua bunda, e Anya estava apoiada contra uma caixa de manjericão em crescimento. Seu nariz estava cheio do cheiro de coisas verdes crescendo, de terra e argila e o cheiro calmante de ervas.

Enxugando as lágrimas dos olhos, Anya finalmente conseguiu dizer:

— Ele não é péssimo.

— Ele é! Ele tentou me matar várias vezes quando cheguei aqui pela primeira vez. Mesmo depois de decidir que não faria isso, ele sempre foi um bastardo rude.

— Não para mim, — ela respondeu, o riso provavelmente tornando suas palavras quase impossíveis de entender. — Ele sempre foi tão doce comigo.

— É tão difícil imaginar.

Ela não conseguia imaginar o porquê. Ele sempre parecia ciente de sua própria força perto dela. E ele era mais gentil do que qualquer pessoa em sua cidade, porque ele era gentil sem segundas intenções. Ele não queria nada dela. Ele só queria que ela sorrisse.

Suspirando, ela deslizou para baixo até que estava sentada no chão também. Inclinando a cabeça para trás contra a madeira gasta, ela respondeu:

— Ele escovou meu cabelo.

— Ele o quê? — Mira até se inclinou para frente com a força da palavra. — Quando?

— O tempo todo. — Ela deu de ombros. — Ele gosta do meu cabelo.

— Isso é... — Mira balançou a cabeça. — Conte-me tudo. Tudo o que sei é o babaca resmungão que tentou me matar. Claramente, não conheço essa versão dele.

E pela primeira vez desde que foi sequestrada, Anya simplesmente relaxou. Ela contou tudo à sua nova amiga, bem, exceto os aspectos mais físicos em que eles se entregaram. Ela contou todas as histórias e toda a gentileza e toda a estranheza que ela estava sentindo.

Mira nunca a julgou, nem uma vez. Tudo o que ela viu foi outra mulher que se apaixonou por um ondino, e Anya sabia que seria aceita aqui.

Foi uma sensação boa, mesmo que um pouco assustadora.

27

DAIOS

Daios foi jogado na lama e no lodo da casa dos andarilhos das profundezas. Há muito tempo, quando ele era apenas uma criança, ele se lembrava de ouvir tantas histórias sobre essas criaturas. Elas eram pálidas pela falta de luz solar. Elas eram perigosas, com garras muito maiores que as dele, e olhos que viam o futuro.

Havia rumores de que a mulher que comandava o grupo deles, Mitera, era descendente deles. Era por isso que ela parecia mais uma água-viva do que os outros Povos da Água. Ela conseguia ver o futuro com seus olhos multicoloridos girando enquanto olhava para a alma de

uma pessoa.

Criaturas perigosas, de fato. Elas podiam olhar para dentro de alguém que tocavam e saber o que, como e quando elas iriam nadar durante toda a vida. Ele tinha medo delas. Ou talvez tivesse mais medo do que elas veriam.

Suas costas doeram quando ele atingiu o chão. Poeira se acumulava ao redor dele, pressionando cada parte de seu corpo e ameaçando sufocá-lo através de suas guelras. Isso foi o mesmo que a primeira vez que os andarilhos das profundezas o trouxeram aqui. Anos atrás. Ele era jovem e tolo.

Uma parte dele sempre pensou que ele era melhor que os outros. O orgulho tinha sido sua ruína. E quando Arges recebeu a posição estimada de assumir seu grupo de guerreiros, ele perdeu a cabeça. Seu ego o fez cair nas profundezas como se pudesse mudar o que tinha acontecido. Assim como agora, ele foi atingido na lateral e jogado na terra.

Daios era grande. Esta criatura era muito maior.

Respirando com dificuldade, ele enrolou os dedos na lama no fundo do mar. Ele sabia o que encontraria quando olhasse para cima, e ainda assim ele tinha que se preparar para o que veria.

A pele pálida no peito do macho afinava para um roxo profundo que só era visto até aqui no abismo. O andarilho das profundezas que pairava acima dele não tinha barbatanas que se alargavam nas laterais como os outros ondinos, mas gavinhas. Tentáculos que terminavam com pontas bulbosas que se iluminavam com sua raiva. Embora ele ainda tivesse as barbatanas reveladoras nas laterais do rosto, seu cabelo era muito mais fino. Onde os cachos de Daios estavam emaranhados em seus próprios tentáculos semelhantes, este tinha fios finos que ondulavam ao redor de sua cabeça como uma pluma de tinta escura.

Um rosto severo, branco como a lua, com linhas de um roxo profundo que desciam de seus olhos como lágrimas, o encarava.

Músculos poderosos flexionados, sua cauda esticada tão atrás dele que desaparecia na luz escassa que ambos os corpos emitiam.

— Fortis — ele rosnou.

— Você retornou cedo demais, — Fortis respondeu, sua voz estalando com o uso indevido. — Ou talvez tarde demais.

As pontas de seus tentáculos brilharam mais intensamente, suas extremidades alcançando-o com o que ele sabia que seria um choque elétrico que o deixaria inconsciente.

Rolando, ele sacudiu o rabo para se afastar do macho muito maior. Era raro encontrar algo neste mar que fosse maior do que ele, e isso sempre o deixava desconfortável.

Fortis agarrou sua nadadeira, garras cravando-se impiedosamente na delicada membrana ali. Daios arqueou as costas, os dentes à mostra enquanto uma dor branca e quente corria por sua espinha até a parte inferior das costas.

Ele lutou. Se contorcendo e se enrolando como se pudesse escapar dessa criatura muito maior que não tinha a mínima intenção de deixá-lo ir. Ele lutou até que o sangue encheu suas guelras, fluindo das feridas profundas que Fortis continuava a abrir nele. E ainda assim, ele estava preso. Como um peixe no anzol.

Sibilando um suspiro de raiva, ele se acalmou.

— O que você quer comigo, Fortis?

— Eu desejo que você veja.

— Já vi o bastante da sua espécie — ele cuspiu. Virando-se para poder ver o outro macho, ele mostrou as presas e rangeu o maxilar. — Ou você esqueceu quanto tempo fiquei aqui da última vez? Porque eu não esqueci. Eu sei exatamente quanto tempo fiquei aqui e o quanto você me encheu com seu remédio sulfúrico. Levei meses para tirá-lo do meu sistema.

— Porque você ainda não tinha visto, — Fortis respondeu, aqueles

olhos negros sem alma encontrando os dele e indiferentes ao desconforto que ele causou. — Agora você viu um pouco, mas não o suficiente. Você foi convocado.

— Por quem? — Daios rosnou.

— Por todos aqueles que já existiram, todos aqueles que sofrem agora, e aqueles que você pretendia salvar. — A voz de Fortis se elevou até que o som estrondoso quase fez os ouvidos de Daios sangrarem.

O andarilho das profundezas o puxou para perto, garras sobre garras, cravando-se em suas escamas e rasgando sua cauda até que a criatura muito maior conseguiu segurá-lo na frente de seu rosto e rosnar:

— Você não escutou da primeira vez.

Naqueles orbes negros, ele podia ver cores se movendo. Ele lutou mais, envolvendo suas próprias garras em volta do pulso que o segurava. Daios cravou suas garras, provando o sangue negro do andarilho das profundezas que estava tão contaminado com enxofre e veneno metálico que encheu seus pulmões como se ele próprio tivesse ingerido a droga.

Talvez se ele tivesse os dois braços, ele teria sido capaz de lutar mais forte. Ele teria sido capaz de lutar com a outra criatura melhor, em vez de apenas usar seu corpo como um aríete. Ele não conseguia se livrar do aperto desse andarilho das profundezas, e ele não conseguia parar a escuridão que varria os dois.

As cores nos olhos de Fortis diminuíram, depois pararam. Aquela escuridão o sugou e de repente ele não era mais Daios. Ele não era mais ninguém.

Houve um breve momento em que ele ainda podia sentir ódio pelo fato de os andarilhos das profundezas fazerem isso. Que eles eram tão conectados ao próprio mar que podiam tirar uma pessoa de seu corpo e mostrar a ela algo que o mar desejava que ela soubesse. Ele sempre odiou o quão impotente momentos como esse o faziam se sentir. E Daios estava cansado de se sentir fraco.

Fortis o fez disparar não pelo oceano, mas por uma memória que passou pela sua mente como se ele estivesse lá. Em um momento, ele era Daios no fundo do mar com uma criatura que tinha a mão enrolada em seu pescoço. No outro, ele estava de volta a Alfa.

Ou pelo menos, ele pensou que era Alfa. A sala ainda estava cheia de riqueza e paredes brilhantes como ele tinha visto antes. A opulência era quase ofuscante. Mas esta sala não era como a que ele tinha visto, ou qualquer uma das outras que ele tinha visto enquanto procurava por Anya.

Ele flutuava na água como se a sala estivesse cheia dela, mas certamente isso não era possível. Grogue, ele podia sentir os dois ombros subindo e descendo a cada respiração. Flexionando seus dedos, ele os sentiu tremer, mas não conseguia levantá-los. Não, ele havia perdido um braço. Não era ele, era outra pessoa.

Piscando os olhos abertos, ele olhou para o comprimento de seu corpo pálido e roxo apenas para olhar para cima e ver dois achromos parados bem na sua frente. Sua visão estava turva, mas ele podia ver que eles estavam de pé, não nadando. Dois deles. Ambos homens, um com o cabelo mal cobrindo seu crânio brilhante e o outro, um homem mais jovem olhando para ele com um sorriso escuro no rosto.

Eles usavam roupas brancas e seguravam algo retangular nas mãos. Ele podia ver que eles estavam falando, mas nessa memória, ele não tinha o chip preso à cabeça. Ele não sabia o que eles estavam dizendo, apenas que eles estavam dizendo alguma coisa.

Ele respirou fundo, se firmando para alcançá-los, para lutar. Mas havia algo na água. Algo amargo que tinha gosto de bile depois que seu corpo se rebelou contra algo que ele comeu. Encheu suas guelras e de repente ele quis dormir de novo. Ele queria deixar sua cabeça pender para o lado e nem mesmo pensar no que era ou poderia ser.

Tardiamente, ele sabia que deveria estender a mão para alguém.

Mas Daios não sabia como fazer isso. Seu povo não tinha as habilidades dos andarilhos das profundezas para estender a mão através das distâncias. Ele sabia que não havia nada nem ninguém que pudesse ouvi-lo.

O achromo falou por mais um tempo, então estendeu a mão e bateu com as mãos em orbes vermelhos gêmeos de cada lado do recipiente. Em um momento ele estava cercado por água, e no outro, ele estava se derramando no chão. Ele não conseguia se conter. Seu corpo estava estranhamente mole, como se não houvesse uma fibra de seu ser que pudesse lutar por mais tempo.

Com as guelras se abrindo, ele tentou respirar, mas não conseguiu. Não havia água ao redor dele, apenas ar. Seu corpo apenas reagiu. Água expeliu por suas guelras, encharcando seu corpo enquanto ele tremia. Pulmões que ele não usava há anos se encheram de ar enquanto ele respirava através de sua boca, uma sensação sobrenatural que pareceu emocionar os achromos agora parados acima dele.

Outros tentaram alcançá-lo. Mas ele não conseguia fazer nada com este corpo. Tudo o que ele podia fazer era ficar ali, mole e tentando lutar. Estava em seu sangue lutar. Ele mal conseguia mostrar os dentes para deixá-los saber que ele pretendia arrancar suas entranhas e fazê-los usá-las como um colar.

Eles não tinham medo dele. Foram necessários seis deles para levantar seu corpo, e nem mesmo achromos menores. Os que o cercavam eram os maiores de sua espécie, e ainda assim não tinham medo.

Ele foi colocado em um objeto frio e duro. Mais alto. Ele podia sentir sua cauda pendurada nele, mole enquanto a nadadeira batia pesadamente contra o chão. Os achromos convergiram para ele, tocando seu corpo como se tivessem o direito.

E então ele sentiu. A primeira pontada de dor que irradiou por seu corpo. Foi o suficiente para fazer seu pescoço se curvar, só para olhar

para o achromo que havia *arrancado uma de suas escamas.*

A criatura levantou o espécime roxo. Ele podia ver a luz brilhando nele, e havia gestos feitos como se o achromo estivesse surpreso com o quão grosso ele era. Eles arrancaram um pedaço dele. Como tubarões na água.

Mas então ele viu ao lado deles uma mesa de implementos que tinha sido trazida. Lâminas e facas e metal brilhante que eram todos feitos para rasgar e mutilar. O que ele deveria fazer?

Ele não conseguia se mover. Ele não conseguia dizer para eles pararem. Ele não conseguia nem implorar por misericórdia depois que eles tinham feito tudo o que pretendiam fazer.

Daios resistiu. Cada centímetro daquela memória foi forçada a ser repetida como se ele próprio a tivesse vivido. Ele sentiu suas lâminas cortando sua pele enquanto ele estava bem acordado. Elas o observavam em busca de qualquer sensação de que ele pudesse se mover, mas ele nunca foi capaz de se defender. Em um momento ele estava nadando no mar e no outro ele estava aqui.

Lâminas afiadas cortaram sua barriga. E sua ameaça anterior se tornou sua realidade. Ele viu suas entranhas serem arrancadas de seu corpo, então medidas e pesadas em uma balança brilhante que rapidamente ficou manchada com seu sangue preto. Durante tudo isso, eles o observaram como se estivessem esperando que ele morresse. Mas seu povo era uma raça resistente. Era preciso muito para matá-lo, então ele suportou.

Longas horas de tormento. O que pareceu uma eternidade enquanto ele sofria e silenciosamente implorava para que parassem.

Quando a primeira e última lágrima escorreu por sua têmpora, ele sentiu o espasmo da morte levá-lo. Sua cauda poderosa se enrolou em direção ao seu corpo, os músculos se contraindo apesar das drogas com as quais o encheram. Então, e somente então, ele sentiu o mar chegar

para levá-lo de volta.

Batendo de volta em seu corpo, ele engasgou e cambaleou para longe da criatura que o segurava. Fortis o deixou ir. Ele sabia que Daios precisava de alguns minutos para juntar sua alma e corpo novamente. Ele precisava sacudir a sensação das garras da morte de seu ombro e reunir o gosto do mar em sua língua.

— Quem? — ele chiou, suas guelras se dilatando e o oxigênio na água não alimentando seus pulmões o suficiente.

— Um amigo — Fortis respondeu. Até mesmo essa criatura estoica parecia tocada pela lembrança. Gavinhas amarelas balançavam em seus lados, enviando um estranho efeito estroboscópico pelo mar enquanto piscavam em sua raiva. — Encontrei seu corpo no fundo do mar. Meio podre com caranguejos rastejando por sua caixa torácica.

A imagem fez a mente de Daios girar. Ele viu o rosto apodrecido de Hamartia. Ele ouviu seus gritos e viu a água ficando preta ao redor deles. Sua respiração ficou presa nos pulmões quando ele sentiu as garras frias dos mortos raspando sua nuca.

E ele sabia que se ele se virasse, ele a veria novamente. Ou talvez fosse outra pessoa. Mais uma pessoa que tinha confiado nele porque ele tinha ouvido os andarilhos das profundezas na primeira vez que eles lhe deram memórias.

— Eu fiz o que você pediu, — ele sussurrou. — Eu fiz o que você pediu, e falhei. O que te faz pensar que eu posso fazer melhor dessa vez?

— Porquê dessa vez você tem mais informações. Dessa vez, não estou dizendo o que fazer com as informações que estou lhe dando. Estou mostrando o que aconteceu e agora cabe a você consertar.

— Por que você não conserta? — ele rosnou, todas as suas barbatanas se abrindo como se ele estivesse se preparando para lutar. — Você é quem me contou tudo isso. Você descobriu a verdade do futuro

que aconteceria se não os parássemos. O que você está fazendo, Fortis? Além de plantar as sementes do descontentamento para um futuro que você sabe que acontecerá não importa o que façamos?

Pela primeira vez, a expressão no rosto de Fortis mudou. Não era muito, apenas um movimento de sua bochecha, mas Daios teve um pressentimento que dizia muito mais do que ele podia imaginar.

— Eu tenho minha própria batalha para lutar.

— Que batalha, Fortis? — ele gritou. — Eu vejo todos nós arriscando nossas vidas por esse futuro que você viu. Eu vejo todos nós lá em cima tendo que lidar com os achromos muito mais do que com a sua espécie, e ainda assim vocês não fazem nada além de sentar na sua lama e profetizar futuros que ainda estão por vir!

Um borrão de cor pálida e raiva crescente avançou. Fortis parou bem na frente de seu rosto, tão perto que Daios podia ver as linhas em suas bochechas pulsando com uma luz mais escura.

— Você realmente acredita que existem apenas três cidades? Existem mais, meu irmão. Não me faça matá-lo e encontrar outro mensageiro. Os andarilhos das profundezas estão fazendo o que podem aqui embaixo para que aqueles lá em cima não tenham que ser atacados da mesma forma.

— Você já me fez perder meu braço, — ele respondeu, suas próprias cores brilhando intensamente. — Não estou disposto a perder mais nada por você.

— Ah, por causa da fêmea? É isso? Você vai perdê-la e tudo mais se não controlar isso. Eu poderia lhe mostrar seu futuro sem ela, se você quiser. Eu poderia lhe mostrar um com ela também. Os antigos já deram esse presente ao seu irmão, mas não é um que eu compartilho tão prontamente com aqueles que não apreciam o que eu posso dar a eles.

— Não ouse falar dela.

— Ou o quê? Você vai me matar? — Fortis o empurrou com força,

fazendo-o flutuar alguns metros para trás antes que ele abrisse suas nadadeiras para se conter. — Você está carente de mais do que apenas seu braço, Daios. Mas o mar timidamente o colocou a seu favor mais uma vez. Então não desperdice esta oportunidade, ou ele mesmo o engolirá.

Com um movimento de sua cauda enorme, a criatura pálida desapareceu na escuridão. Mas Daios ficou onde estava até que os pontinhos de luz desapareceram completamente. Até que restaram apenas ele e o mar, no fundo das profundezas geladas onde ele jurou que ainda conseguia sentir os braços de Anya ao seu redor.

Então tudo o atingiu. Mais forte do que o andarilho das profundezas que o agarrou.

Seu povo estava morrendo. O povo de Anya não estava apenas matando-os, mas fazendo experimentos com eles. Não havia nada que qualquer um deles pudesse fazer para impedi-los, mas eles tinham que tentar.

Eles lutariam novamente. Batalhariam e travariam guerra até que nada restasse além de sangue neste oceano. Ele deveria reunir seus guerreiros, criar um grupo próprio e atacar cada cidade até que não restasse nada além de escombros.

Em vez disso, tudo o que ele queria era vê-la.

28

ANYA

— Anya. — A palavra brilhou diante de seus olhos e ela não sabia se foi dita por Bitsy ou Mira. Ela realmente não se importou.

Já fazia dias desde que alguém tinha visto Daios. Maketes tinha voltado, com a cabeça baixa, e ele tinha falado com Arges, que parecia perturbado. Mira nem tinha contado a ela até agora que Daios tinha ido para as profundezas com Maketes. Por alguma razão, Maketes tinha voltado para casa sozinho, e ninguém tinha pensado em dizer a ela que Daios estava desaparecido.

— Anya. — A palavra brilhou novamente, e dessa vez Bitsy adicionou uma seta para que ela soubesse que era Mira falando.

— Você não vai me impedir — ela disse, puxando a roupa de mergulho. Ela o fez um pouco bruscamente, e já estava sem fôlego.

Ele estava lá fora, em algum lugar, sozinho. E ninguém pensou que isso era um problema? Nenhuma pessoa em todo esse lugar pensou que talvez devesse enviar alguém para procurá-lo?

— Maketes vai encontrá-lo — disse Mira, movendo-se na frente dela com as mãos erguidas. Ela se aproximou dela como se fosse um animal selvagem, tentando ao máximo mantê-la calma. — Eles já têm uma ideia de para onde ele foi, então está tudo bem. Eles vão trazê-lo de volta e não há nada que você ou eu possamos fazer.

— Não há nada que você possa fazer — ela respondeu com um olhar penetrante. — Mas eu vou lá. Me dê seu respirador.

— E se eu não der?

Anya teve que respirar fundo e se acalmar.

— Então eu vou tirar isso de você.

Mira inclinou a cabeça para o lado em um encolher de ombros.

— Eu sou muito maior do que você. Eu sou mais forte também. Sem ofensa, mas você tem vivido em Alfa enquanto todos cuidavam de você. Eu cresci como engenheira, e mantive esses músculos desde que vivi aqui. Se você quiser lutar comigo, eu prometo que não vai acabar do jeito que você pensa.

Talvez não. Mas ela tinha que tentar. Ela podia ser briguenta se quisesse, e Anya não estava acima de jogar sujo.

Os olhos dela se voltaram para o respirador do lado oposto de Mira. Se ela acertasse a outra mulher na cabeça com alguma coisa, ela definitivamente poderia escapar antes que Mira conseguisse se recuperar.

Bitsy colocou exclamações ao redor de Mira, o que sugeria que a outra mulher poderia estar rindo.

Mira balançou a cabeça.

— Se você realmente vai me atacar, então pegue o respirador. Mas não há nada que você ou eu possamos fazer agora. Tudo o que você vai fazer é sumir.

Claro. Ela poderia. Mas talvez se ela se perdesse, ele a encontraria novamente.

Olhando feio, ela pegou o respirador no momento em que o capuz de sua roupa de mergulho cobriu seu rosto.

— Eu posso me perder — ela disse, as palavras provavelmente embaralhadas enquanto ela arrastava o respirador. — Mas pelo menos eu não estou sentada aqui sem fazer nada.

— Sim, sim. — Mira acenou com a mão para ela. — Vá em frente, então. Eu vou com você. Só me dê um segundo.

Ela não se importava se Mira saísse com ela. Havia apenas uma pessoa que ela pretendia ver naquela água, e essa era a única pessoa que poderia ter uma ideia do que aconteceu com Daios. Ela mergulhou na

piscina da lua sem nem perceber o quão frio estava. Os calafrios gelados que corriam por seu corpo não tinham nada a ver com a temperatura, e tudo a ver com o medo.

Maketes não estava muito longe. Ela podia ver o brilho amarelo de suas escamas como se ele estivesse esperando por ela. Como se ele soubesse que ela iria atrás dele.

Anya não nadava sozinha há algum tempo, no entanto. Daios sempre a carregou porque ele era muito mais rápido. Mas ela não percebeu que se acostumaria a essa velocidade tão rápida. Parecia que algo a estava segurando enquanto ela tentava chegar ao lado de Maketes.

Pelo menos o homem teve pena dela. Com um movimento de sua cauda e um movimento gracioso de giro que o fez virar em um círculo, ele estava ao lado dela em segundos.

— Anya, — ele disse, as palavras passando rapidamente por sua lente enquanto ele falava quase rápido demais para ela ler. — Eu sinto muito. Ele estava lá em um segundo e então ele se foi no outro. Eu não tenho ideia do que aconteceu.

— Por que você estava em um lugar perigoso para começar? — A raiva aumentou, e ela o empurrou. Mas ele nem se moveu, e isso a deixou ainda mais irritada. Batendo nele novamente no peito, ela se sentiu marginalmente melhor quando ele pelo menos estremeceu. — Vocês todos viveram aqui a vida inteira e perderam *alguém?*

— Acontece mais do que você imagina…

— Não me importo se isso acontecer com outras pessoas! Onde ele está?

Maketes olhou para ela, sua expressão um pouco perdida e obviamente tão afetada.

— Eu não sei! Tudo o que vi foi um lampejo de escamas pálidas e então ambos estavam mergulhando da beira de um penhasco. Não tenho ideia de onde ele o levou.

Sua respiração ficou presa nos pulmões, e ela sabia que não tinha nada a ver com o mau funcionamento do respirador.

— E?

Ele hesitou, seus olhos passando rapidamente por cima da cabeça dela antes de olhar de volta para ela. Claro, havia outro ondino atrás dela. Eles tinham uma audiência, porque por que não teriam? Uma pequena humana como ela empurrando um ondino certamente seria um espetáculo que todos queriam ver.

Deixe-os assistir. Ela foi observada a vida inteira por mais pessoas do que ela conseguia contar nos dedos das mãos e dos pés. Eles podiam julgá-la, pensar mal dela, eles podiam alegar que ela tinha perdido a cabeça. Nada disso importava.

— O que você quer dizer com "*ele* o levou"? — ela repetiu.

— A... — Novamente ele hesitou, sua garganta balançando em uma dura engolida. — Nós os chamamos de andarilhos das profundezas.

— O que é um andarilho das profundezas?

Parecia que ela havia pedido para ele arrancar os próprios dentes.

— Eles ainda são Pessoas da Água, mas são... diferentes de nós.

Bitsy vomitou palavras em uma cor diferente. O azul que ela usou combinava com a coloração de Arges, então Anya se virou para ver o outro ondino nadando até eles também.

— Eles são um grupo perigoso, que se mantém no abismo onde pertencem. Daios já se encontrou com eles antes, mas eles não são como nós. Eles veem coisas que os outros não veem. E eles pegam aqueles que acreditam que podem ajudá-los em sua causa.

— Então foi para lá que ele desapareceu? Para as mãos de alguns fanáticos?

Ela queria arrancar a máscara do rosto só para que todos pudessem ver quão brava ela estava. Ela queria gritar e berrar e jogar alguma coisa nessas pessoas que estavam apenas flutuando aqui e não fazendo

absolutamente nada.

— Todos vocês o chamam de irmão, — ela disse, sentindo a dor na garganta como se as palavras estivessem presas. — E vocês não estão fazendo absolutamente nada para salvá-lo.

Bitsy lançou uma imagem que deveria acalmá-la, uma xícara de chá quente com vapor saindo dela, mas ela balançou a cabeça com força para limpar a imagem. Ela queria olhar diretamente para eles enquanto os repreendia. Ela queria que eles soubessem o quanto isso a irritava.

Arges não mordeu a isca, no entanto.

— Não sabemos para onde o levaram, e como eu disse, eles são perigosos. Imprevisíveis. Eu poderia enviar uma centena de pessoas nossas atrás dele e nenhum deles provavelmente descobriria para onde o levaram. Daios já esteve lá antes, e ele é o único que sabe onde suas casas estão escondidas. É mais seguro para todos nós esperar até que ele retorne.

— E se ele não voltar? — Ninguém parecia saber como responder a isso, e isso a deixou ainda mais furiosa. — E se ele não voltar dessa vez, Arges? E então? Você vai tentar encontrá-lo quando já faz uma semana? Um mês? Quanto tempo até você decidir que é hora de procurar o irmão que você deixou sozinho?

Bitsy circulou uma pequena área atrás de Arges onde Mira estava nadando até todos eles. E ela sabia que isso seria ainda mais uma discussão. Porque se ela tivesse visto alguém gritando com Daios, e insinuando o que Anya estava insinuando, então ela teria nadado para resgatá-lo também.

A ruiva nem tinha colocado uma roupa de mergulho. Ela estava com suas calças marrons normais e uma blusa branca esvoaçante que grudava em seu corpo enquanto seu cabelo criava uma nuvem vermelha ao redor de sua cabeça. O respirador em seu rosto era a única coisa que escondia a raiva que irradiava por seu corpo.

— Cuidado com o que você diz, Anya. Nós a acolhemos e lhe demos toda essa margem de manobra, mas não pense que não podemos fazer de você uma cativa involuntária.

— Onde você vai me colocar? — ela praticamente gritou. — Só tem uma cúpula. O que vem depois? Me acorrentar na parede? Você pode fazer isso se quiser, mas nós duas sabemos que você foi quem enviou um soldado ferido para uma cidade perigosa para encontrar alguém que inevitavelmente se mostrou *inútil.*

As palavras caíram entre eles e despencaram como pedras.

Aí estava o pior de suas emoções. O pior de sua mágoa.

Anya sempre quis ser a solução para seu povo. Mesmo que isso fosse apenas um sonho de uma princesa que nunca enfrentou o que seria necessário para realmente salvá-los. Mas ela ainda queria fazer isso. Ela ainda suportou os olhares e o julgamento. Ela foi para o meio do mar com uma criatura que ela deveria ter pensado que era um monstro porque poderia ajudar alguém algum dia.

Ela tinha sido a única na periferia por toda a sua vida, a única que era diferente e talvez até um pouco errada. Agora ela estava aqui, e ela ainda era a diferente. Ela era uma de dois humanos que estavam tentando justificar seu uso. A qualquer momento, os ondinos poderiam decidir que ela não valia a pena.

E o único ondino que tinha se importado até então estava desaparecido.

O respirador não estava recebendo oxigênio suficiente para seus pulmões. Ela sentia que não conseguia respirar. Tudo o que ela queria era alcançar e arrancar a maldita coisa porque estava sufocando-a, mas ela não conseguia fazer isso sem se afogar.

Como alguém vivia assim? Como Mira ficava com eles quando era assim que ela tinha que se sentir o tempo todo?

Com os dedos já arranhando as bordas do respirador, ela congelou

de repente quando Maketes agarrou seus braços.

— Anya, estamos fazendo tudo o que podemos. Espero que você saiba disso.

— Não, você não está, — ela respondeu, sua voz quebrando apenas um pouco. — Você não está fazendo nada.

Então, por cima do ombro de Arges e além do cabelo vermelho esvoaçante de Mira, ela jurou ter visto uma luz vermelha. Um farol brilhante que poderia ter deixado outras pessoas cautelosas, mas ela conhecia aquela luz.

Ela o vira na escuridão muitas vezes, e sempre se levantara para enfrentá-lo sem medo. Porque como ela poderia temê-lo? Para ela, ele não era um monstro. Ele nunca foi.

— Lá, — ela sussurrou, seus olhos se arregalando acima do respirador até a água salgada arder. — Não é o...

Ela não conseguia nem dizer as palavras, mas sabia que era. Os outros dois ondinos com ela se viraram, e Arges envolveu um dos braços em volta de Mira para ancorá-la ao seu lado. Todos esperaram ali, congelados, enquanto o ondino vermelho se aproximava lentamente deles.

Mesmo dali, ela podia ver que ele estava se movendo muito devagar. Havia um rastro preto tênue que o seguia, como fitas de seda balançando na brisa. Mas ele estava vivo, e isso era tudo o que importava.

Ele estava vivo e voltaria para ela.

Anya prendeu a respiração até ver o rosto dele. Até ver o braço faltante que sempre a fez ter tanta certeza de que esse ondino vermelho era dela, e ela não teve que se esforçar para olhar para o rosto dele ou fingir que conhecia a voz dele acima de todas as outras.

Ele olhou para cima e seus olhos se encontraram. Ela podia sentir sua exaustão, a dor que se espalhava por seu corpo, mas ainda mais, ela

podia sentir o alívio que o percorreu ao vê-la. Porque era a mesma emoção que ela sentia.

Com um movimento repentino de sua cauda e um lampejo de sorte, ele correu em direção a ela com o dobro da velocidade. Ela mal teve tempo de abrir os braços antes que ele batesse nela. Forte o suficiente para que bolhas irrompessem do selo ao redor do respirador, e seu peito doeu com o impacto. Ela envolveu seus braços e pernas ao redor dele, segurando-se enquanto ele não diminuía a velocidade.

Ele simplesmente a atingiu com toda a força de um furacão e a levou para longe dos outros sem dizer uma palavra.

— Daios! — Arges gritou, e ela sabia que Maketes estava tentando segui-los. Nenhum deles conseguia acompanhar seu ondino, no entanto. Uma explosão de energia e poder renovou sua velocidade, e logo, os outros eram apenas pontos à distância.

Ele estava tremendo, ela percebeu. Tremendo contra seu peito até que ela se sentiu tão abalada quanto ele. Lágrimas picaram seus olhos, e ela o segurou firmemente, esfregando suas palmas para cima e para baixo em suas costas porque ela não sabia mais o que fazer. O que dizer.

Em vez disso, ela apenas o segurou em seu coração e deixou que ele a segurasse contra o dele.

Em um ponto da corrida louca, ele levantou a mão e arrancou o respirador do rosto dela. Antes que ela pudesse protestar, ele conectou aquele tentáculo à garganta dela, e ela o sentiu respirando por ela. Talvez um pouco rápido demais, e certamente irregular. Mas estava lá.

— Só preciso sentir você — ele rosnou contra o ouvido dela, os tons tão baixos que praticamente vibravam através dela.

Ela ficou mole em seus braços. Como ela poderia fazer outra coisa? Ela estava tão preocupada, tão frenética, que ele poderia ser ferido. O que ele estava. Ele chegou com faixas de sangue arrastando atrás de seu corpo e ainda assim ele a carregou através do mar. Talvez para algum

lugar que ele considerasse seguro.

Anya não parou de acariciar suas costas por um segundo, nem mesmo quando ele mergulhou em uma alta floresta de algas. Nem mesmo quando os tentáculos pegajosos roçaram seu rosto e se enrolaram em seus braços. Nem mesmo quando ela sentiu que talvez estivesse um pouco presa.

Porque se ela estivesse presa com ele, ela sabia, sem sombra de dúvidas, que estava segura.

Ela sentiu o suspiro enorme dele irradiar por ambos os corpos. Daios os enroscou na alga até que flutuassem juntos sem que ele precisasse mover um único músculo. Ele envolveu a alga em um padrão intrincadamente tecido, quase como se estivessem deitados em uma rede, com ela pendurada em seu peito.

Só então ela segurou o rosto dele entre as mãos e o forçou a olhar para ela. Soprando cuidadosamente suas palavras, ela falou junto com os movimentos para que ele pudesse ter certeza do que ela estava dizendo.

— O que aconteceu?

Ele suspirou novamente, e sua mão quente segurou sua coxa. Ele a puxou um pouco mais para cima em seu corpo e então deslizou sua mão por suas costas. Lentamente, quase reverentemente, ele pressionou sua mão na parte de trás de sua cabeça e a puxou para baixo para descansar contra seu ombro.

— Estou desgastado e esfarrapado. Minha kalon, deixe-me descansar com você antes que eu tenha que encarar o que vi.

29

DAIOS

Era notável como as vozes silenciaram de repente no momento em que ele a abraçou. E isso era loucura. Ele a sequestrou de sua casa, a roubou para o oceano onde ela estava constantemente em perigo. Ele a fez depender dele para tudo - calor, respiração e comida. Ela deveria odiá-lo. Ela deveria querer vê-lo apodrecendo no fundo do oceano e se deleitar com a visão de sua contorção moribunda.

Mas ela não o fez. Anya envolveu os braços ao redor dele e o segurou como se sentisse falta dele tanto quanto ele sentia falta dela.

Talvez ambos estivessem loucos. Perdidos no futuro que o oceano havia prometido a eles quando ambos sabiam que não seria tão fácil pegar esse futuro. Não importava o que fizessem, havia uma jornada à frente deles que não podia e não seria interrompida.

Ele era um dos Povos da Água. Ele sempre lutaria contra a espécie dela, assim como Arges ainda lutava. Mas Mira não tinha laços reais com seu povo, enquanto Anya tinha. Anya amava sua cidade e cada pessoa nela.

Caso contrário, ela não teria lutado tanto para mantê-los todos vivos. Ela não teria lutado e se levantado toda vez que algo deu errado. Ela não teria lutado com unhas e dentes para derrubar seu pai e libertá-los do líder que estava destruindo suas vidas.

Ela não teria fugido daquela cidade com um monstro.

Apertando o braço em volta dela, ele relaxou de volta na alga e disse a si mesmo que este era um lugar fora do tempo. Ele poderia deitar com ela enrolada em volta dele. Ele poderia fingir que eles não precisavam deixar este lugar. Tudo o que ele tinha que fazer era senti-la.

E oh, ele fez. A pressão suave da barriga dela contra a dele. A sensação das costelas dela se movendo a cada respiração que ele dava a ela. Os dedos minúsculos dela brincando com as pontas do cabelo dele, separando delicadamente os nós e então colocando os fios sobre o ombro mutilado dele.

Daios disse a si mesmo que ela nem sequer viu a antiga ferida. Que ela o tocou sem medo porque seu braço ainda estava lá. Que ele era um homem inteiro que poderia fazer o que fosse preciso para mantê-la segura e feliz. Juntos, eles viveriam suas vidas sem luta ou medo. Eram apenas... eles. Respirando o oceano enquanto ele exalava em seus pulmões.

Ele tinha esquecido como era o verdadeiro relaxamento. Há quanto tempo ele não sentia que precisava ficar em guarda? Mas ele conhecia esse lugar como conhecia seu próprio coração. Não havia perigos aqui para os quais ele tivesse que manter seus ouvidos e sentidos despertos. Ele podia abrir bem as guelras e se encher com o cheiro dela. Para mais tarde. Para quando tudo isso desmoronasse novamente.

— O que aconteceu? — ela perguntou novamente algum tempo depois, suas palavras abafadas pela água que pressionava seus lábios.

Ele não queria falar sobre isso. Ele não queria dizer nada. Ele só queria ficar ali, abraçá-la e ouvi-la respirar. Mas ele sabia que isso não era possível, não quando sua pequena kalon tinha uma curiosidade que a queimava.

Suspirando, ele apertou seu aperto na cintura dela.

— Eu acredito que meus irmãos lhe contaram sobre os andarilhos das profundezas?

— Quase nada, — ela resmungou. Então ela estendeu a mão para ajustar Bitsy, batendo no vidro como se suas palavras não tivessem saído claramente. — Eles não gostam de me contar muito. Acho que eles ainda não confiam em mim.

— Provavelmente não o farão por um tempo. — Embora odiasse deixá-la ir, ele também sabia que era importante para ele falar a língua dela.

Arges nunca tinha feito isso por Mira. E de repente, ele queria ser melhor que seu irmão em alguma coisa.

Então ele a cutucou, rolando-a sobre seu peito largo até que ela estivesse deitada na curva de seu braço mais curto. Ele a apoiou ali, grato pelo traje de mergulho que a impedia de ser pressionada pele a pele com suas cicatrizes retorcidas. Então ele levantou a mão e sinalizou entrecortadamente as palavras que conhecia enquanto falava.

— Os Andarilhos das Profundezas são como nós e não como nós. A mulher que controla nossos cardumes, nós a chamamos de Mitera, ela também é da espécie deles. Eles veem o futuro de uma forma que nenhum de nós consegue. Eles... me contataram antes. — Ele conhecia tão poucas dessas palavras. A frustração afundou em sua voz antes que ela estendesse a mão e segurasse a dele na dela. Juntos, eles sinalizaram as outras palavras, enquanto ela o ensinava qual era a maneira certa de mover a mão, e preenchia as palavras quando ele precisava de um segundo. — Eu falhei com eles antes, e temo que falharei com eles novamente.

— Por que você estaria com medo? O que eles estão pedindo para você fazer?

Ele desembaraçou os dedos deles e passou a mão pelo rosto em frustração.

— Eles não costumam nos dizer o que fazer, apenas o que está por vir. Somos feitos para discernir por nós mesmos qual é o próximo passo correto e, a partir daí, fazemos o que achamos certo.

— Eles não parecem ser oráculos muito bons — ela resmungou.

Com uma risada suave, ele balançou a cabeça diante da blasfêmia dela.

— Talvez não. Mas eu suportei algum tipo de amizade com um por anos, então eles têm seu lugar.

— Você é amigo de um? — Ela sentou-se no peito dele, o cabelo flutuando na frente do rosto antes de jogá-lo para trás. — O que você quer dizer com amigos?

— Não do jeito que você está pensando. Eles não são uma espécie de criatura que mantém relacionamentos com qualquer um. Eles são criaturas solitárias. — Ele não conseguiu se conter. Daios alisou o cabelo dela para trás do rosto enquanto ele começava a flutuar para frente novamente, mesmo que apenas para que ele pudesse sentir seus dedos dançando perto da orelha dela. — Mas Fortis e eu já trabalhamos juntos antes. Eu não gosto de decepcionar as pessoas, se você ainda não percebeu isso em mim.

— Oh, eu sei bem.

Para seu deleite total, ela imitou o que ele estava fazendo. Os dedos dela se moveram pelos cabelos dele, pressionando suavemente contra seu crânio antes de arrastar as unhas dela pela parte de trás do pescoço dele. Ele se arqueou em seu toque, deixando seus olhos se fecharem enquanto ela arrastava seu toque leve pelo rosto dele e pelos delicados babados que o emolduravam.

— Vocês todos têm nomes tão interessantes, — ela murmurou, sua voz leve como chuva. — Todos eles parecem terminar em um sibilo.

— A maioria tem. Todos eles têm um grande significado para eles. Meu povo acredita que nomes têm poder.

— Claro que sim. Humanos não acreditam tanto nisso, mas muitos de nós acreditam que há poder nos nomes.

Ele piscou um dos olhos, mantendo aquela suspeita estreita sobre ela.

— O que Anya quer dizer?

O rosto dela se abriu em um sorriso brilhante.

— Eu realmente não acho que seja tão profundo quanto o significado do seu nome. Anya significa 'graça', me disseram. Eu não me desenvolvi muito bem com esse nome.

Ele discordou. Para o povo deles, graça era algo que era dado na hora de necessidade de outra pessoa. Ela certamente tinha feito isso por ele.

Lambendo os lábios, ele assentiu.

— O nome do meu irmão, Arges, significa brilhante e reluzente. Eu cresci com um companheiro de ninhada que compartilhava o mesmo nome, significando como descreveríamos um raio, ou o brilho das escamas de um peixe. Ele sempre nasceu para ser o melhor de nós dois.

Daios sabia que a estava provocando. Ele queria que ela perguntasse o que ele não queria lhe contar. Era uma coisa tola de se fazer, um esforço que só terminaria em dor para ele.

E então ela perguntou:

— O que significa Daios?

Ele segurou a bochecha dela na mão, observando enquanto ela inclinava o rosto na palma da mão dele. Os lábios dela pressionaram contra a pele dele. Nenhuma parte dela se afastou dele, e talvez tenha sido por isso que ele deixou as palavras escaparem da língua.

— Inimigo, — ele sussurrou, as palavras subitamente saindo dele. — É uma palavra que usamos para descrever seres hostis ou destrutivos. Criaturas que consomem tudo que está em seu caminho. Então significa inimigo da maneira como você chama os seres malignos de demônios.

A pele ao redor dos olhos dela se apertou.

— Eles te nomearam inimigo do seu povo desde o dia em que você nasceu?

— Não, minha kalon. — Segurando a nuca dela, ele a puxou para baixo até que pudesse pressionar suas testas juntas. Aqui ele poderia respirar o ar dela. Aqui ele poderia esperar que isso não arruinasse tudo

o que eles tinham construído. — Eles me nomearam seu inimigo.

Ele sentiu o arrepio percorrer o corpo dela como se percorresse o seu próprio. E ele sabia o que isso significava.

Pela primeira vez desde que o conheceu, talvez ela tenha entendido que deveria temê-lo. Ele foi criado para ser uma arma, e ele tinha sido mirado em seu povo por toda a sua vida. Daios tinha matado mais achromos do que qualquer outro ondino. E ele os matou com prazer.

Mesmo agora, ele não achava que hesitaria em matar um de sua espécie. O prazer e a alegria que ele extraía do sofrimento deles eram os mesmos de sempre. Ele ansiava por provar o sangue metálico deles nas correntes. Ele ainda gostava de ver o horror em seus olhos enquanto suas vidas fugiam deles enquanto suas garras rasgavam seus seres.

Mas ela? Ela não era uma que ele desejava matar. Ele só queria vê-la segura e tão longe de sua violência que ela nunca seria tocada por ela.

Ele a ouviu engolir, o estalo de sua garganta um aviso.

— Você me chamou de kalon mais vezes do que posso contar. Se todos os seus nomes têm significado, o que esse significa?

Dizer isso a ela desnudaria sua alma. Isso significaria muito mais do que ele estava disposto a dizer naquele momento, porque ele sabia que aquela palavra era especial. Ele tinha visto os rostos dos outros ondinos quando eles o ouviram dizer isso. Eles sabiam o que aquela palavra significava.

Ele quase não contou a ela. Ele quase guardou o segredo para si mesmo por mais um tempo, porque para todos e agora para ela, ele era uma fera. Uma arma. O bruto que atacava e matava quem e o que quer que lhe mandassem matar. Ele era um assassino e um monstro por completo.

Mas quando ela se afastou e olhou para ele, sua mão segurando a palma dele em sua bochecha, tudo isso desapareceu. Todos os gritos. Todas as criaturas que ele matou centenas de vezes, e todas as vidas que

foram perdidas porque ele fez a escolha errada. Tudo isso se foi.

Só ela permaneceu.

Ele acariciou o maxilar dela com o polegar, traçando o contorno do lábio inferior com a ponta dele. Sua garra preta arqueou sobre a boca dela e ela não pareceu ter medo dele.

Talvez fosse por isso que ele conseguiu murmurar:

— É uma palavra especial. Nós a guardamos apenas para uma pérola rara que encontramos apenas uma vez na vida. Significa uma beleza que é mais do que superficial. Refere-se a uma alma que irradia dentro de uma pessoa, tanto que você pode vê-la do lado de fora também.

— Daios, — ela sussurrou, com os olhos arregalados.

— Eu odeio sua espécie. — Ele precisava que ela soubesse disso. — Eu os matarei novamente. Eu lutarei até que não haja mais fôlego neste corpo e eu tenha perdido todos os membros que posso suportar perder. Isso nunca vai mudar.

— Eu sei.

— Eu acho seu povo nojento. Dos seus dedos feios até a horrível cor branca que envolve seus olhos. Cada pedacinho do seu povo é revoltante, e seus corpos são um pesadelo de se olhar.

Seus lábios se torceram com um sorriso suave.

— Se você diz.

Ele deslizou a mão no cabelo dela, puxando-a para perto dele novamente.

— Mas eu não acho você feia.

— Você não acha?

— Como eu poderia? Quando seu cabelo é da cor do sol em um dia sem nuvens? Quando seu sorriso aquece todo o oceano ao meu redor? Quando eu toco em você, sua alma é tão familiar para mim. É como se eu tivesse te conhecido em cem vidas antes desta, e uma parte de mim que

eu esqueci deseja se enterrar dentro de você. Ela me diz para me agarrar à curva da sua cintura, para agarrar a sensação no meu peito que permanece quando você está perto. Minha alma deseja mantê-la e nunca a deixar ir.

De alguma forma, eles se aproximaram mais um do outro. Ele podia sentir o calor dos lábios dela através do fino véu de água que os separava. As palavras dela eram pequenas correntes que ondulavam sobre seu rosto.

— Do que você tem tanto medo? — ela perguntou. — Você tem se segurado, e eu quero saber o porquê.

Ele engoliu em seco.

— Eu sou feito de raiva e dor. Não quero te dar nada disso, minha kalon.

— Eu quero você, Daios. Não sei por que ou como, mas eu quero. Cada pedaço de você. Sua raiva, sua fúria, sua dor. Eu quero isso tanto quanto quero sua atenção e sua adoração. — A mão dela pressionou contra o peito dele, a palma dela quente contra a pele dele. — Eu não tenho medo de você.

— Eu tenho.

As palavras o queimavam. Às vezes, a verdade queimava. Era pior do que quando ele perdeu o braço, sabendo que ele estava com tanto medo de tocá-la, mesmo quando ela estava deitada em cima dele e implorava.

— De mim? — ela perguntou.

— Não.

— Então do que você tem medo?

Ele olhou fixamente para aqueles olhos estranhos e respondeu:

— De machucar você.

Anya olhou de volta para ele, e ele sabia que ela olhava para sua alma. Aqueles orbes azuis viam muito dele. Naquele olhar, ela viu que

ele estava com medo de machucá-la com suas garras, seus espinhos, com cada pedacinho do que ele era. Ele poderia facilmente rasgar sua carne e por um longo tempo, ele pensou que isso não era justo.

Agora ele sabia que não era o único com garras. Porque com uma palavra, ela poderia quebrá-lo. Quebrá-lo em mil pedaços e estilhaçar sua alma em cacos que polvilhavam as areias de sua casa.

Ele lhe dera esse poder. Ele lhe dera a coleira do seu coração e agora não podia retirá-la.

— Você não vai me machucar, — ela sussurrou, usando ambas as mãos para segurar o rosto dele. — Você sabe como eu sei disso?

— Você não pode saber disso.

— Mas eu sei. Sei que você não vai me machucar porque não quer. E isso é bom o suficiente para mim.

Ele olhou para essa mulher corajosa e se perguntou até onde ela estava disposta a levar isso.

— Então o que você está propondo, minha kalon?

Ela lambeu os lábios, aquela língua rosada tremeluzindo de um jeito que ele queria seguir.

— Deixe-me aliviar sua dor, Daios. De qualquer jeito que eu desejar.

Quem era ele para negar essa sereia?

— O que você desejar, Anya.

Daios a inspirou, aquele cheiro cítrico que envolvia seu coração e inundava sua língua com seu sabor, e ele se perguntou se era assim que se sentia quando se apaixonava.

30

ANYA

Anya estava cansada de tentar negar isso. O que quer que houvesse entre eles, ela pretendia ver até o fim.

Eles não precisavam de mais palavras. Ela estava com tanto medo de que se eles dissessem mais uma coisa, ela deixaria escapar que estava apaixonada por ele. E isso era loucura.

Ela era humana. Ele era um ondino. Eles eram duas criaturas muito diferentes que não deveriam estar juntas. Não deveria ser possível que eles estivessem conversando debaixo d'água, muito menos o que ela estava prestes a encorajá-lo a fazer.

Mas ela tinha visto Mira e Arges juntos. Ela tinha visto o jeito como eles se olhavam e isso fez uma parte dela despertar e gritar dentro do peito. Ela queria isso.

Ela o queria.

Então, foi preciso tão pouco esforço para abrir bem as pernas em volta da cintura grossa dele e beijá-lo. Ela não sabia se os ondinos faziam isso, mas da última vez ele tinha sido muito bom nisso. Tudo o que ela queria era senti-lo contra ela como tinham feito naquela instalação onde ele tinha perdido o controle por alguns momentos.

Ela queria saber se isso tinha sido um erro ou se tinha sido real. Ela esperava que fosse real.

A mão dele na parte de trás do pescoço dela apertou, e ela pôde sentir o momento em que ele deixou de lado toda a sua hesitação. Em um momento, ele a beijou tão suavemente, e no próximo, ele a devorou.

Com lábios e língua, dentes e mordidas afiadas, ele consumia tudo o que ela lhe dava. Como se estivesse tentando engoli-la inteira. Como se

quisesse rastejar para dentro dela e nunca mais sair e, naquele momento, ela não conseguia pensar em uma razão pela qual ele não deveria.

— O que você deseja de mim? — ele disse entre beijos, e ela podia sentir o quão contidas as palavras eram.

Ele estava se segurando. Tentando desesperadamente manter algumas correntes ao redor de si para não a machucar. Mas não era isso que ela queria.

Ela o queria solto. Ela queria ser dominada em todos os sentidos por ele. Só ele. Então ela o beijou de volta, sua língua traçando as pontas mortais de suas presas, antes de sussurrar:

— Eu quero tudo isso, Daios. Não quero pensar em mais nada além de você.

O clima mudou. Ela podia sentir isso na corrente e na maneira como a mão dele apertava a parte de trás do seu pescoço. Com um movimento de sua cauda, ele rolou para cima dela. Kelp se enroscou em suas costas, mantendo-a exatamente onde ele a queria.

Daios pairava sobre sua cabeça. Todas as cores brilhantes de vermelho que transformavam seu mundo inteiro em um carmesim profundo. Ele lambeu os lábios, aquela língua negra chamando sua atenção porque ela sabia que os sulcos nela seriam incríveis.

Ela observou suas guelras se alargando, todas elas. Seu pescoço, suas costelas, até que ela pôde ver as delicadas membranas rosadas bem no fundo de seu corpo.

— Você cheira tão bem — ele rosnou, sua voz tão baixa que vibrou entre suas pernas. — Seja lá qual for esse cheiro, eu quero me cobrir com ele.

— Você consegue me cheirar? — Isso não soou bem. Mas considerando a maneira como ele inalou e arqueou para trás, ela teve a sensação de que era uma coisa muito boa.

— Sim, — ele rosnou. — Eu posso sentir seu cheiro.

Então ele mergulhou sobre ela e ela sabia como era ser a presa. Suas garras deslizaram pelo corpo dela, sua mão tocando tudo que podia antes que ela percebesse que ele estava cortando cirurgicamente a roupa de mergulho para longe dela. Ela queria dizer a ele para parar. Ela teria que voltar para o domo nua, mas no momento ela não se importava.

Água fria fluiu sobre sua pele, pedregando os picos de seus seios enquanto ele puxava o tecido para longe de seu corpo. Ele observou cada centímetro de pele revelado como se possuído. Até mesmo seus olhos consumiam cada pedacinho dela.

Anya quase disse algo, mas então ele puxou a roupa de mergulho até a cintura dela. A mão dele teve espasmos contra o quadril dela, onde ele a segurou e então se inclinou para pressionar uma longa lambida contra o seio dela. Ela se arqueou para ele, suas costas se curvando enquanto as cristas da língua dele se arrastavam contra o mamilo dela. O rosnado que ele soltou fez cada parte do corpo dela esquentar. Ela sentiu como se pudesse ferver o oceano enquanto ele a puxava para dentro da boca e chupava.

A ponta da língua dele estalou para ela enquanto a mão dele cravava na pele dela para que ela não conseguisse pensar. Ela agarrou a cabeça dele com as duas mãos, segurando-o contra ela enquanto se contorcia.

Essas cristas. Elas eram tão distrativas. Tão diferentes. Um lembrete de que ele não era um homem humano e tudo o que ela queria era saber o que havia de tão diferente no resto dele.

Arrastando as unhas pela nuca dele, ela agarrou o que podia. Outro rosnado baixo irrompeu do peito dele, as vibrações a fazendo querer cravá-lo com mais força. Mais.

Até que ele congelou e se afastou. Seus olhos estavam arregalados enquanto ele olhava para onde a tocava.

Por que ele estava parando? Mas então ela olhou para baixo com ele

e viu pequenos furos onde suas garras a haviam cravado. Pequenos tentáculos de sangue flutuavam dos buracos. Pequenas ondulações, assim como ela tinha visto em sua cauda.

— Está tudo bem, — ela disse, cobrindo a mão dele com a dela. — Daios, olhe para mim.

— Era isso que eu temia.

— Daios, — ela disse novamente, sua voz mais áspera dessa vez. E quando ele olhou para ela, ela disse, — Eu gosto.

Os olhos dele estavam tão nublados de emoção que ela achou que ele não a ouviu.

Então ela disse de novo, dessa vez cravando as garras dele nela com a mão. Ele lutou contra ela, mas ela persistiu.

— Não dói. Eu gosto do que você faz comigo. Isso não vai me machucar, ouviu? Eu gosto de saber que você me tocou. Só não arraste suas garras pela minha pele, e está tudo bem.

Realmente estava. Ela não se importava com as pequenas picadas salgadas de dor. Na verdade, era... emocionante. Elas eram um lembrete de que ela estava levando um ondino para sua cama. Ele não era um homem humano, ele era algo completamente diferente e a tomaria como quisesse.

Ele estava olhando para ela como se estivesse tentando sentir a mentira, mas então algo nele cedeu. Aquelas guelras se abriram novamente, e ela observou os tentáculos de seu sangue sugando seus pulmões, e então ele lambeu os lábios como se pudesse sentir o gosto.

— Bom o suficiente, — ele murmurou, antes de puxar a roupa de mergulho dela até as coxas, então os joelhos, onde ela prendeu os pés dela juntos. — Eu me perco quando você me toca, kalon.

— Por mim, tudo bem.

— Eu quero saborear você, não apressar isso. — Ele alcançou acima da cabeça dela e agarrou algo. Então ele levantou os braços dela, um por

um, apertando seus pulsos gentilmente quando eles estavam sobre sua cabeça para que ela soubesse que não deveria movê-los. Ele balançou sobre ela, dando-lhe a visão de músculos ondulantes enquanto ele flexionava e se movia. Inclinando-se, ela lambeu uma linha de suas costelas até aquelas guelras delicadas.

Um arrepio passou por ele ao mesmo tempo em que ela sentiu um laço de algas marinhas enrolar-se em cada um de seus pulsos. Ele os apertou até que ela não conseguia mover os braços.

Então ele deslizou pelo corpo dela, com um brilho perverso nos olhos.

— Chega de tocar, Kalon. Não dessa vez.

Ela deu um puxão na alga, surpresa em como algo tão escorregadio poderia ser tão eficaz. Mas então ele deslizou pelo corpo dela, e ela parou de pensar na alga.

Ele descansou entre as pernas dela, seu olhar no dela enquanto ele tirava sua roupa de mergulho completamente. Abrindo suas coxas, ele se certificou de que ela estava olhando enquanto ele lhe dava uma longa lambida entre suas dobras. Então seus olhos rolaram e suas pálpebras se fecharam.

— Deuses, Kalon. Você tem um gosto tão perfeito. Eu queria te provar desde que você montou na minha mão.

Aquela língua rugosa traçou cada centímetro dela. Ele não devorou como ela queria. Em vez disso, ele levou seu tempo. Ele a traçou. Aprendendo cada parte que a fez ofegar ou se contorcer em seu aperto. Ele cantarolou, aquele som baixo vibrando sua língua enquanto ele a pressionava contra seu clitóris e a mantinha ali. A vibração fez um grito agudo irromper de sua boca.

— Bom, — ele murmurou contra ela, outra longa lambida a deixando louca. — É isso que eu gosto de ouvir.

Ele a havia aprendido o suficiente então, porque o ataque de sua

paixão foi desencadeado com aquelas palavras. Ela ficou incoerente quando ele mergulhou sua língua nela. Aquele apêndice pertencia a um homem possuído. Garras cravaram-se em sua coxa e a única vez que ela abriu os olhos e olhou para a besta entre suas pernas, ela pôde vê-lo respirando seu sangue em suas guelras.

Ele olhou para ela, aqueles dentes brilhantes brilhando acima do seu monte, e então sorriu.

Daios a fodeu com a língua, mergulhando fundo dentro dela. E era grande. Maior do que uma língua tinha o direito de ser, porque parecia do mesmo tamanho do pau de um homem humano. Ela deveria se preocupar? E se todo ele fosse tão grande?

Mas oh, esse pensamento era tão tentador. Tão tentador.

— Daios, — ela choramingou, torcendo a alga em volta dos braços enquanto tentava alcançá-lo. — Eu vou... vou...

— Sim, — ele rosnou. — Mais.

Ela se esfregou contra o rosto dele, procurando por aquela pressão, necessidade e desejo, e então se despedaçou na língua dele enquanto os dentes dele cravavam um pouco em sua pele, e ela não conseguia pensar além da dor e do prazer de tudo aquilo.

Graças a Deus ele estava respirando por ela, porque ela pode ter esquecido de fazer isso.

Respirando com dificuldade, ela finalmente abriu os olhos enquanto a água fluía sobre seu corpo. Foi substituída por um calor escaldante quando ele se acomodou contra ela. Seu abdômen pressionou contra ela, os músculos duros pressionando contra seu clitóris com tanta força que era uma distração. E ainda assim, ela percebeu que ele puxou o cabelo dela para fora do rosto para fazê-la olhar para ele novamente.

— Linda — ele disse enquanto arrastava uma única garra pela têmpora dela.

Ela não sabia o que dizer. Além de:

— Eu ainda preciso de você.

— Então você me terá. Mas não somos iguais aos machos achromo.

— Bom, — ela respondeu, sua voz áspera e crua. — Eu não quero um deles.

Como ela poderia? Não quando ele soltou os pulsos dela das algas para que ela pudesse arrastar a mão pelo peito dele e sobre aqueles abdominais ondulados. Ele era uma criatura enorme, e ela sabia que isso deveria apavorar, mas não importava. Quando ela chegou em algum lugar perto de onde os quadris dele estavam, tudo o que sentiu foram escamas. Mas então ela foi um pouco mais abaixo - porque ele era muito maior que ela - e colocou a mão em seu pau.

Ah, ele era enorme. Significativamente maior do que até mesmo sua imaginação poderia conjurar, mas a ponta cônica a fez pensar que eles poderiam funcionar dessa vez. Poderia doer, mas claramente ela gostava da dor quando se tratava dele. Isso era factível. Ela conseguiria.

Então algo esbarrou nas costas dos dedos dela. Ele deve ter visto o leve arregalar do olhar dela porque ele sorriu para ela.

— É isso mesmo, Kalon. Eu tenho dois.

— Dois, — ela sussurrou, todas as possibilidades correndo soltas em sua cabeça. — Bem, esse é um acontecimento interessante.

Anya acariciou sua mão para cima e para baixo nele, maravilhada com a largura e o comprimento do pau que poderia facilmente rasgá-la em duas. Mas ela queria tentar. Com sua textura lisa, ela sentiu que isso poderia deslizar sem esforço e o pensamento fez tudo dentro dela se apertar.

Ele gemeu, seus quadris se sacudindo contra ela, e ela não tinha certeza do que fazer agora. Ela o guiaria até ela? Sim, era isso que ela já estava fazendo. Como se seu corpo soubesse o que ela queria.

Ela o puxou para mais perto, a selvageria dentro dela gritando que ela precisava dele.

Daios se inclinou, seu peito arqueando para longe do dela porque ele era muito grande e precisava de espaço. Através da névoa de desejo, ela notou que ele amarrou outro fio de alga marinha em volta do braço mais curto, tecendo-o em volta de outro para que pudesse puxá-lo como se tivesse uma segunda mão. Então ele deslizou sua mão livre por baixo do pescoço dela, seus dentes mordiscando o longo comprimento enquanto ela se movia com ele entre suas pernas.

Os dedos dela roçaram seu clitóris, enviando fogo acendendo por todo o seu corpo enquanto a cabeça do pau dele roçava nela. Não era tão grande, comparado à espessura da base. Mas ela sabia que havia muito mais que a faria ir além do fôlego.

— Devagar, — ela sussurrou contra a boca dele. — Mais devagar do que você já fez antes.

— Nós lutamos para procriar, — ele rosnou contra ela. Seus quadris balançavam, arrastando seu pau para cima e para baixo em sua entrada, deslizando ao longo de seu clitóris. — Nós batalhamos e quem vence é aquele que imobiliza o outro. Não é natural foder com alguém amarrado assim.

— É? Porque você parece gostar.

— Oh, eu amo, Kalon. Não há nada que eu ame mais do que ver você indefesa e se contorcendo.

Então ele alcançou entre eles. Ela se recostou na rede de algas, observando enquanto ele apresentava seus paus a ela. Aquela enorme mão com garras agarrou o inferior, apertando-o com força suficiente para que uma gota de líquido perolado aparecesse no final. Alinhando-o com sua entrada, ele gaguejou um suspiro que ela sentiu por todo o seu corpo.

Ele empurrou para dentro dela, só a ponta, só o suficiente para que ela arqueasse as costas e sentisse cada músculo da sua boceta espasmar em volta dele. Ela olhou para baixo, observando a carne escura

afundando dentro dela. O pau de cima dele deslizou sobre o clitóris dela, pressionando para baixo e se movendo escorregadio sobre a pele dela.

Ele era uma marca ardente que ela sabia que ninguém mais se compararia. Ele afundou mais fundo até que ela engasgou, sua boca se abrindo enquanto ela tinha que se lembrar de que não precisava respirar. Ele estava fazendo isso por ela.

— Diga-me como é, — ela sussurrou, as palavras ásperas e cruas em sua garganta. — Diga-me.

Ela olhou para cima e o viu balançando a cabeça. Em vez disso, seu braço mais curto empurrou a cabeça dela para o lado e ela mal conseguia ver os dedos dele se movendo enquanto ele falava, sua cabeça balançando enquanto ele afundava ainda mais.

— Casa. Parece um lar.

Ele afundou mais fundo, aquele alongamento sempre presente à fazendo ver estrelas. Era mais e mais, mas ele continuou. Toda vez que ele parava, ela pensava que era isso, mas havia mais a cada vez. Ele a consumia. Cada centímetro dele deslizando profundamente em seu corpo até que ela não sabia onde ele começava e onde ela terminava. Era tanto e então ela sentiu o calor de suas escamas pressionando entre suas pernas, abrindo suas coxas tão amplamente que queimavam.

A expiração profunda dele encheu os pulmões dela, e então eles apenas se encararam. Eles tinham conseguido. Ela tinha certeza de que cada pedacinho de si estava abarrotado dele e...

— Por favor, mova-se — ela sussurrou.

— Nós não…

— Não me importa o que os ondinos fazem. Quero sentir você se movendo dentro de mim.

Houve um leve indício de confusão antes que seus quadris flexionassem e ele começasse a se retirar. Quando ele chegou ao ponto em que ela tinha certeza de que ele realmente iria se retirar, ela trancou

as pernas ao redor dele. Com um rápido aperto de seus quadris, ela o empurrou de volta para dentro dela com um deslizamento longo e lento.

Ambos gemeram com isso, e ela parou de enxergar. Tudo o que ela conseguia fazer era senti-lo enquanto ele fazia isso de novo. E de novo. Cada vez esfregando nela um pouco mais forte, um pouco mais vigorosamente.

A cabeça dele abaixou, pegando um dos mamilos dela entre os dentes e mordendo-o para que bolhas duras saíssem dos lábios dela. Com os olhos se abrindo rapidamente, ela sentiu aquela espiral apertada se formando novamente.

— Daios, — ela choramingou. — Por favor, eu…

— Eu sei, Kalon. — Ele soltou o mamilo dela para capturar sua boca com a dele. Aqueles dentes afiados mordiscaram seus lábios, sorvendo sua boca como se ele estivesse bêbado. — Deuses, você me aceita tão bem.

— Eu não posso... Eu estou... — Ela não conseguia pensar direito enquanto ele a penetrava novamente.

O braço dele flexionou, inclinando a cabeça dela para que ele pudesse alcançá-la melhor para beijá-la. E então ela não tinha certeza do que aconteceu, mas um momento ela estava bem e no próximo ela gozou tão forte que ela mordeu o lábio dele. Forte.

O rosnado baixo que vibrou através dele foi direto para o coração dela. Aquele som não era um que ela esqueceria. Aquele som vivia dentro dela agora.

Anya não tinha percebido que poderia gozar novamente. Não tão forte, não tão cedo. Ele gozou com ela, inundando-a com um calor enquanto seu pau latejava fundo dentro dela. Mas seu orgasmo continuou e continuou até que mal começou a diminuir. Então ele se retirou, e ela pôde sentir o gemido na garganta até que de repente foi preenchida novamente. Desta vez com um pau que era ainda maior, mais

duro, como...

O segundo pau. Oh, porra, ele tinha um segundo pau e de repente seu orgasmo explodiu novamente. Suas coxas começaram a tremer, seus dedos dos pés se curvando sobre si mesma enquanto de repente a vibração de seu rosnado ficou ainda mais forte e ela o sentiu gozando novamente dentro dela. Um surto de calor que a virou do avesso. Ele arqueou, sua parte inferior das costas apertando tanto que ela pôde sentir antes que sua respiração irregular diminuísse.

— Isso foi... — Ela não tinha palavras.

— Sim, — ele respondeu enquanto desamarrava os pulsos dela. — Foi, minha kalon.

Ela queria ficar acordada por mais tempo. Queria saber o que aconteceria se perguntasse sobre seu segundo pau, ou se poderia pegá-los ao mesmo tempo. Mas seus olhos já estavam se fechando. O calor lânguido de seus músculos fazia com que parecesse que ela estava flutuando em uma nuvem. E quando ele a pegou e a arrastou contra seu peito, ela não conseguiria ficar acordada se tentasse.

Então ela permaneceu mole em cima dele, com a cabeça pressionada ao som de um coração batendo e sua mão pressionando o outro.

31

DAIOS

Ele poderia tê-la segurado assim para sempre. Daios nunca teve uma manhã tão pacífica quando acordou com a luz do sol filtrando-se através da água acima deles. A alga marinha deixou tudo verde-esmeralda. Raios de luz iluminaram o pequeno cardume de peixes prateados que disparavam acima de suas cabeças. Seus cabelos emaranhados, flutuando acima deles. Fios de escuridão e raios de sol enquanto o cabelo dourado dela se prendia no dele.

Quando ele olhou para baixo, ele ficou surpreso com a beleza dela. Ela estava deitada em cima dele, todos os membros longos e corpo magro. Embora houvesse pequenas saliências pontilhando seu corpo, ele sabia que a tinha aquecido o suficiente durante a noite com seu próprio calor.

Uma das nadadeiras do quadril dele tinha caído naturalmente sobre a cintura dela. A nadadeira tingida de vermelho parecia um tecido transparente, drapeada sobre o corpo dela para escondê-la de qualquer olhar passageiro. A perna dela estava erguida sobre o quadril dele, o pé dela pressionado contra a cauda dele. Um dos braços dela o envolveu e o abraçou com força enquanto o rosto dela descansava tão perto das guelras dele que tudo o que ele conseguia sentir era o gosto dela.

E oh, ele não esqueceria o gosto dela tão cedo.

Suspirando, ele enfiou as garras nas costas dela e tudo nele se acalmou enquanto ela se aproximava. Mesmo dormindo, ela queria estar perto dele. Isso aliviou uma parte animalesca da mente dele que estava com tanto medo que ela acordasse e gritasse. Ou pior, se arrependesse do que eles tinham feito. Mas depois de tudo que eles tinham passado

juntos, agora ele sabia com certeza que ela era dele.

Por que ele questionou isso, ele não tinha ideia. Porque a cada momento do tempo que passaram juntos, ela provou que queria estar com ele. Não importa o quão louco fosse esse desejo.

Eles estavam juntos. E isso era tudo o que importava.

Uma sombra passou sobre sua cabeça, e ele olhou para cima para ver uma barbatana amarela voltada para a direção oposta. Maketes até mesmo colocou a mão sobre os olhos enquanto se aproximava cegamente deles, nadando pelo cheiro em vez da visão. Ele segurava um vestido amarelo na mão, o tecido tremendo com o movimento do mar.

— Aqui, — Maketes disse, sua voz baixa e quieta. — Eu não estou olhando. Eu não ousaria.

Revirando os olhos, ele colocou a outra nadadeira sobre as pernas de Anya, cobrindo-a completamente de vista.

— Você pode olhar.

— Ah, nós costumávamos jogar esse jogo quando éramos crianças. Você me dizia para fazer algo, eu fazia, e então você me batia. Não vou cair nessa como adulto.

— Eu não vou bater em você, Maketes.

Anya se mexeu em seus braços, apoiando-se em seu estômago e abrindo bem a boca. Ele não tinha certeza do que era, mas ela sugou uma quantidade impressionante de ar de seus pulmões. Seu longo cabelo loiro emaranhado contra seu peito, mas aqueles olhos sonolentos e aquele sorriso suave apenas o lembraram de que ele realmente não queria que Maketes a visse.

Esse lado sonolento dela, essa versão suave da mulher que ele adorava, era apenas para seus olhos.

— Deixa pra lá — ele resmungou. — Não quero que você olhe.

— Viu? Eu sabia que era uma armadilha, — Maketes resmungou. — Só me diga quando eu estiver acima de você para que eu possa largar o

vestido.

Anya se esticou ao redor dele para agarrar Bitsy, onde ele havia tirado a androide da cabeça dela e a pendurado na alga marinha. Ele estava com medo de que eles a esmagassem durante o sono.

Ele estava quase enojado consigo mesmo, cuidando de uma androide como se fosse uma pessoa. Mas a androide significava algo para ela, e isso significava que ele tinha que cuidar dela tanto quanto tinha que cuidar de Anya.

Nojento, sim. Fraco? Não.

Anya colocou Bitsy sobre sua cabeça, seus olhos passando rapidamente pelas palavras que Bitsy estava gravando para ela. Seus lábios se contraíram antes que ela olhasse acima deles e notasse Maketes flutuando ali, de costas para eles e o vestido em suas mãos.

— Se você se afastar um pouco, ele vai ficar bem em cima de nós.

— Bom o suficiente para mim, — Maketes resmungou, segurando o vestido atrás de si e deixando-o cair. — Voltem a tempo para o café da manhã, sim? Mira e Arges querem tomar uma decisão sobre Alfa em breve. Aparentemente, seu pai tem causado muitos problemas.

E tudo isso voltou correndo. Tudo o que Fortis lhe dissera, tudo o que o andarilho das profundezas lhe mostrara. Ele precisava contar aos outros. Ele precisava contar *a ela.*

Mas ele não os apressou para sair daquela manhã quente e reconfortante. Então ele não disse nada enquanto estendia a mão para agarrar o vestido que flutuava na direção deles. Ele a ajudou a vesti-lo o máximo que pôde com um braço, mas ele a segurou onde ela estava sentada em cima dele, segurando-a parada para que ela pudesse movê-lo sobre seu corpo.

Dedos se abriram amplamente em volta de sua caixa torácica, ele não conseguiu evitar de tomá-la. Cada centímetro dela era tão adorável, e ele tocou e lambeu cada parte dela na noite passada. Ainda assim, ele

sentiu como se houvesse muito dela que ele ainda tinha que explorar.

— Não me olhe assim — ela disse, sua voz um murmúrio baixo enquanto terminava de abotoar as pequenas pérolas em seu torso e entre seus seios.

— Assim como?

— Assim. — Anya se inclinou e o beijou com força. — Nós nunca vamos sair deste lugar se você continuar me olhando como se quisesse me possuir de novo.

Seus paus chutavam contra suas escamas, e em um instante ele estava pronto para ir de novo. Ele queria pegá-la na alga, talvez dessa vez amarrá-la de uma forma que a deixasse mais à sua mercê. Ele gostou disso.

As mulheres de seu povo lutavam tanto enquanto acasalavam, e poucas delas tinham sido tentadas a testá-lo. Daios era grande demais para elas dominarem, e era isso que elas queriam. Dominar, controlar e deixar cicatrizes que durariam a vida inteira. Ele não tinha tais cicatrizes. Alguns de seu povo alegariam que isso era um sinal de desgraça.

Mas sua pequena kalon estava muito feliz por estar presa. Ela se contorceu embaixo dele, aqueles pequenos gemidos saindo de sua boca como uma sinfonia de canções sagradas.

Suas garras agarraram o vestido emprestado, arrastando-a para perto dele novamente para que ele pudesse mordiscar seus lábios.

— Se você deseja ficar, então certamente podemos.

— Eu amo o quanto isso parece uma bolha onde só você e eu existimos. — Anya passou as mãos pelos cabelos dele, separando gentilmente os cachos emaranhados. — Mas o mundo existe. E provavelmente deveríamos voltar para eles antes que algo pior aconteça.

Ele gemeu, chutando seus quadris para cima nos dela antes de se acalmar.

— Eu odeio concordar com você.

— Vamos, grandão.

Ela se moveu como se fosse chutá-lo para longe e começar a nadar, o que era absolutamente ridículo. O mero pensamento de que ela poderia acompanhá-lo era risível, mas também...

Um estrondo baixo vibrou em seu peito antes que ele a pegasse contra ele.

— Não estou pronto para você ficar tão longe de mim, Kalon.

Anya mordeu o lábio, olhando para ele através daqueles cílios grossos.

— É mesmo?

— Não me tente — ele resmungou.

— E se eu quiser te tentar?

Ele irrompeu da alga e começou a nadar em direção à casa deles, balançando a cabeça enquanto ela se enroscava nele tão forte quanto a alga.

— Deuses do mar, tenham piedade de mim. Eu encontrei uma mulher que ousa me testar a cada passo.

A risada dela encheu seus ouvidos e coração com uma sensação de paz. Assim como ele sentiu quando acordaram juntos. E embora ele não tenha rido ou sorrido com ela, ele sentiu o calor da felicidade dela florescendo em seu peito. Era difícil não se sentir aquecido perto dela, e um dia ele lhe diria isso.

Ele demorou para voltar ao casulo e ao domo, ele tentou dizer a si mesmo que era porque queria mais tempo com ela sozinho. Não que ele estivesse com medo do que tinha visto.

Mas eventualmente eles conseguiram voltar. Alguns de seus companheiros que haviam se mudado de seu casulo original lhe deram olhares surpresos. Talvez na primeira vez que ele chegou com ela, eles presumiram que era meramente parte de sua missão para a qual ele

havia sido enviado. Mas dessa vez, era difícil ignorar o fato de que ambos cheiravam um ao outro. Eles estavam interligados, como só amantes poderiam estar.

Ele tentou não estremecer. Ele fez o melhor que pôde para não olhar para aquelas feições chocadas e sentir como se o julgassem por isso. Uma parte dele se perguntava se eles achavam que ele estava acima de cair sob o feitiço de uma achromo. Outra parte se perguntava se eles achavam que ele era realmente desagradável e, portanto, nem mesmo um achromo o consideraria aceitável.

Mas então a mão dela se abriu sobre um dos corações dele e ele olhou para o sorriso suave dela.

— Eles não importam, — ela disse, um pouco alto demais. — Tudo o que importa é você e eu. Certo?

Ele assentiu.

— Só você e eu.

Talvez fosse um pouco engraçado como era fácil nadar com ela até o domo. Ele nem se importava em sair da água com ela. Daios agitou sua cauda, impulsionando-os alto o suficiente para que ele pudesse deslizar para cima da plataforma da piscina da lua com ela ainda em seu braço. Não foi gracioso, e talvez a sacudisse um pouco, mas pelo menos ele não teve que soltá-la.

As outras duas pessoas na sala olharam para ele com olhos arregalados. Mira porque ele raramente aparecia sem alguma tentativa de matá-la. E Arges porque ele estava olhando para Anya, ainda presa em seu braço, e provavelmente considerando como ele poderia tirá-la de Daios sem machucá-la na luta.

Outro borbulhar de água sugeriu que Maketes tinha se juntado a eles. Seu irmão enganchou os braços na borda de metal da piscina lunar, inclinando-se confortavelmente enquanto dizia:

— Encontrei-os.

— Encontrou-os? — Arges repetiu.

— Sim. Na alga. — Maketes deu de ombros. — Todos nós sabíamos que isso aconteceria em algum momento. É realmente tão surpreendente?

Arges olhou para ele, depois de volta para Anya, depois de volta para Maketes. Ele podia ver para onde os pensamentos do irmão estavam indo e havia algo nele que queria negar o que estava exposto tão obviamente. Ele queria manter o momento deles, a paixão deles, para si mesmo. Ele não queria que ninguém mais os julgasse por isso.

Então seu irmão azul deixou escapar:

— Isso não é possível.

Ele se abaixou e gesticulou na frente de Anya:

— Isso vai levar um tempo.

Ela revirou os olhos e disse em voz alta:

— Você acha que é porque eles sabem o quanto você odeia meu povo?

Arges apontou para ela com uma garra longa.

— Isso. Esse é exatamente o problema aqui. Você odeia achromos. Eu vi você matar mais deles do que eu vi você matar peixes!

Com um aceno, Daios gentilmente colocou Anya sozinha para que ela pudesse ficar de pé.

— Eu ainda os odeio, sim.

Outra provocação em Anya foi a única resposta de seu irmão.

Daios se encheu de orgulho quando percebeu que ela não se moveu para muito longe do seu lado. Em vez disso, ela ficou ao lado dele com as mãos firmemente plantadas nos quadris.

Ela olhou o irmão dele nos olhos sem medo algum e declarou:

— Eu posso escolher ficar com quem eu quiser. Eu sou adulta.

— Você não é o problema aqui, — Arges rosnou. — Eu conheço meu irmão, e sei que ele sempre tem algum plano. Você acha que isso

fará com que ela trabalhe conosco? Já descobrimos isso. Ela tem sido mais do que prestativa desde que chegou aqui, Daios.

— Certo, — ele disse. — Vou ignorar que você disse isso porque ainda o respeito como irmão. Mas diga mais uma coisa e eu removerei sua mandíbula do seu crânio.

Todas as luzes no corpo de Arges piscaram para a vida, e ele sabia que eles estavam acerca de mais duas frases de se lançarem um contra o outro. Eles sempre discutiram assim, mesmo quando eram meninos. Os dois foram para a garganta, e era assim que eles eram. Mas agora, ele não queria arriscar as duas achromos na sala que eram claramente muito mais delicadas do que sua espécie.

— Pare de falar. — Daios respirou fundo e se preparou. — Eu me encontrei com os andarilhos das profundezas.

Isso deixou todos na sala sóbrios. Anya ainda olhava para ele com perguntas nos olhos. Ela não entendia por que a palavra deixava todos tão desconfortáveis. Ele explicaria tudo a ela em breve.

Os outros dois machos na sala o observavam com atenção arrebatada, no entanto. Rapidamente e eficientemente, com o mínimo de palavras possível, ele contou a eles tudo o que Fortis havia revelado.

E enquanto ele fazia isso, ele podia ver Anya ficando tensa a cada palavra. Os olhos dela voavam sobre a lente, então ele sabia que Bitsy estava adicionando seu próprio comentário a cada palavra que ele dizia.

Ele não queria machucá-la. Ele não queria que ela soubesse o que seu povo estava fazendo, porque ele sabia o quanto isso a impactaria. Ele podia ver seu coração sangrando através de seus olhos, mas não havia nada que ele pudesse fazer para impedi-la de sentir essa ferida.

Talvez fosse melhor esfaquear com força e rapidez do que enfiar a faca lentamente.

Lágrimas brotaram em seus olhos e escorreram por suas bochechas no final da história dele. Arges e Maketes estavam ambos inflamados.

Suas cores iluminavam a sala tanto quanto as dele, transformando seus azuis, vermelhos e amarelos em laranjas e violetas que brincavam ao longo das paredes. Mira tinha a mão sobre a boca, e ele tinha uma sensação de náusea pressionada contra o fundo da garganta dela.

— Eles estão fazendo experimentos com seu povo? — Anya finalmente disse, aquelas lágrimas ainda escorrendo pelo seu rosto.

— Foi isso que Fortis viu. — Ele estendeu a mão para ela. Daios não conseguia mais suportar ver aquela expressão, não sem tocá-la. Acalmá-la.

Ela foi até ele sem hesitar, aconchegando-se ao seu lado enquanto os outros começaram a falar uns com os outros.

— Anya, — Mira disse. — Você tinha alguma ideia de que isso estava acontecendo?

Um clarão azul brilhante iluminou aquele canto da sala enquanto Arges dizia:

— Não podemos perder mais tempo. Temos que nos mover agora se eles já estão capturando pessoas há tanto tempo.

Mas foi a voz de Maketes que fez seu coração se partir.

— Eu me pergunto quantas pessoas nós achamos que estavam perdidas em ataques que na verdade estavam apenas esperando que nós as salvássemos.

As palavras calmas terminaram com um silêncio que queimava. Aquela raiva e ódio que sempre fluíram nele se fundiram com os outros. Ele sabia que seu povo não pararia por nada para se vingar. Ele sabia, sem sombra de dúvida, que a batalha logo inundaria este mar.

Mas seus corações também trovejaram com aviso. Porque pequenas mãos estavam pressionadas contra seu peito, sentindo a raiva que percorria sua pele e ele sabia que ela estava bem aqui com ele. Ela podia ouvir cada palavra. Ela sofreu cada injustiça que seu povo havia feito ao dele.

Os sentimentos de Anya eram diferentes dos de Mira. A cidade de onde ela veio foi a que fez o pior para sua espécie, mas ainda mais, foi sua própria família que segurou a lâmina.

Todos permaneceram em silêncio. Tudo o que ele conseguia ouvir era a respiração vacilante dos lábios de Anya que passava por seu pescoço molhado e esfriava sua pele. O fogo que queimava dentro dele era um que ela poderia facilmente atiçar ou extinguir.

Ele sempre pensou que sua raiva e ódio viriam antes de qualquer outra coisa. Mas essa fêmea poderia fazê-lo parar se quisesse. Uma única ordem dela, e ele a tiraria de tudo isso.

Em vez disso, Anya levantou a cabeça do pescoço dele. Seus olhos estavam vermelhos e suas bochechas estavam molhadas de lágrimas.

Sua voz, quando ela falou, era áspera e crua.

— Isso não me surpreende. Por mais que eu desejasse que surpreendesse. Sempre soube que meu pai era sanguinário tanto em batalha quanto em conhecimento. Sinto muito. Se eu soubesse, teria feito... mais.

— Não há nada que você pudesse ter feito. — Ele levantou a mão e alisou as lágrimas do rosto dela, apoiando-a com seu braço mais curto. — Seu pai teria matado você. Nós já provamos que a falta de você só o tornou mais forte. Ele teria descoberto isso com ou sem nós.

A voz de Mira o interrompeu com um sibilante:

— Essa é a maior quantidade de palavras que já o ouvi dizer de uma só vez.

Ele a silenciou com um olhar antes de retornar sua atenção para a mulher em seus braços.

— Isso não é culpa sua, Kalon.

— Não, não é minha culpa, mas ainda é meu povo. — Algo mudou em seus olhos. Algo duro e familiar ao mesmo tempo. Ela olhou para os outros na sala antes de, com um tom monótono, anunciar: — Explodam

tudo.

Silêncio foi sua resposta antes de Mira zombar.

— O quê? O que você quer dizer com explodir?

— Eu posso entrar. Eu sei onde tudo está. Você quer Alfa fora de cena? Você quer salvar seu povo? Atacar Beta com um punhado de ondinos não leva você a lugar nenhum. Você tem que tomar decisões drásticas que ecoarão por todo o oceano.

Mira balançou a cabeça.

— Você está pedindo uma guerra.

Em seus braços, ela tremia. Ele podia senti-la tremendo de emoção, e uma parte dele sussurrou que poderia ser medo.

— Não, — Anya respondeu. — Estou pedindo um massacre. Eu sei onde atacar, então algumas pessoas ainda conseguirão sair se forem rápidas. Você quer que elas te levem a sério? Que saibam que elas não podem e não devem nunca mais foder com os ondinos? — Ela fez contato visual com cada um deles na sala, deixando-o para o final. O olhar dela encontrou o dele, e ele sabia que aquela dureza era a mesma raiva que ele sentia queimando em seu próprio peito. — Então você precisa destruir a cidade dourada.

32

ANYA

Tudo se tornou um turbilhão depois disso. Anya tinha vergonha de admitir que ficou ali parada em choque.

Ela sempre soube que seu pai era implacável. Mas experimentos? Em espécimes vivos? Era errado em tantos níveis, e era doloroso ouvir. Ela não queria pensar em todas aquelas pessoas que sofreram, tudo porque seu pai não conseguia ver seu povo como vivo. Ou pelo menos, pessoas dignas de respeito.

E então tudo caiu sobre ela.

Não importa o que ela fizesse, ela não conseguiria salvar a cidade.

Ela não podia salvar seu povo. Eles estariam para sempre nas garras do homem que tornara sua vida tão terrível. E então ela percebeu que eles não queriam ser salvos.

O pai dela não era cientista. Ele não era capaz de encontrar os ondinos, cortá-los ou pesquisar sobre eles sozinho. Havia inúmeras pessoas que o ajudaram.

Seu próprio povo. Pessoas boas que ela sempre pensou que valiam a pena salvar. Elas o ajudaram, e então elas andaram por aquelas ruas douradas com sangue nas mãos e sorriam como se nada tivesse acontecido.

Ela ficou arrasada ao perceber que talvez não valesse a pena salvar seu povo, afinal.

Ela contou aos ondinos tudo o que eles queriam saber. Mira foi rápida em aprender sobre a cidade, e Anya não tinha intenção de esconder nada. Ela conectou Bitsy a Byte e deixou os dois androides trabalharem. Eles baixaram todos os esquemas e mapas aos quais Bitsy

tinha acesso. Então Anya a fez ligar para Ace para envolver sua amiga. Demorou um pouco até que Ace respondesse, mas ela sabia que sua amiga não ficaria em silêncio por muito tempo.

— Sei que parece loucura, mas preciso saber que este é um canal seguro — disse ela enquanto Bitsy projetava as palavras na tela.

— Sempre.

— Bom. Estou trabalhando com os ondinos, e acho que sei como quebrar Alfa.

Houve uma longa pausa depois que ela disse as palavras, três bolhas saltando na tela, o que significava que Ace estava digitando. Considerando o tempo que levou, ela presumiu que Ace estava digitando um monólogo inteiro.

Então tudo o que ouvi foi:

— Que porra você acabou de dizer?

Os lábios de Mira se curvaram com um sorriso irônico.

— Sua amiga parece legal.

— Sim, ela é muito boa. — Anya deu de ombros antes de responder. — Eu sei que parece loucura, mas os ondinos são nossa passagem. Vamos destruir a cidade, e preciso que você descubra os arranjos para refugiados.

Mais uma vez, mais bolhas. Mais tempo que sua amiga precisava para descobrir o que dizer. No final, Anya decidiu contar tudo a Ace.

Isso fez os ondinos atrás dela se arrepiarem. Claramente, eles não queriam confiar em mais uma humana com mais informações sobre seu paradeiro ou quem eles eram. Mas Ace era alguém que ela confiaria sua vida, então foi bem fácil entregar essa conexão para Mira e Byte.

Quase dois dias se passaram antes que ela percebesse quão cansada estava. Antes que ela olhasse para o mapa de sua cidade e percebesse que havia apenas uma maneira de isso acontecer. Ela olhou para Mira quando todos os homens foram embora, todos concordando que as duas

mulheres precisavam comer e descansar.

— Eles vão caçar a maior coisa que puderem encontrar — disse Mira, suspirando enquanto estalava o pescoço. — Eles precisam desabafar e nós duas precisamos descansar.

Anya não precisava de descanso. Ela precisava de um milagre.

— Você vê a mesma coisa aqui que eu vejo, não vê?

Ela não precisou perguntar duas vezes. Ficou claro na maneira como os ombros de Mira ficaram tensos e se ergueram até as orelhas.

— É. Acho que sim. Mas estou fazendo o meu melhor para encontrar outra opção, porque não gosto do que você está planejando.

Nem ela. Anya sabia que havia chances muito limitadas para eles atacarem Alfa. Eles teriam mais uma chance de causar impacto antes de serem trancados para fora da cidade para sempre.

Ela não podia correr esse risco. Não com tantas vidas em jogo.

Mira a observou, seus olhos vendo demais.

— Você sabe que ele não vai deixar você fazer isso sem lutar.

— Eu sei.

— Eu não gosto do cara. Ele fez da minha vida um inferno quando Arges me sequestrou pela primeira vez, e ele tentou me matar várias vezes. — Então ela se acalmou um pouco, as rugas entre seus olhos se suavizando um pouco e seus ombros caindo de volta. — Mas até eu posso ver o quanto você significa para ele, e eu não sou tão sem coração. Você o amolece, e eu me preocupo que se ele te perder...

— Não vou aceitar essa pressão — ela interrompeu. — Nós dois somos adultos e sempre tivemos o mesmo objetivo. Não gosto de Alfa mais do que você, e pretendo salvar meu povo e o seu fazendo isso. Eu sei que destruição parece insano, mas acredito que esse é o único caminho que podemos tomar.

— Então você realmente acha que é a única que pode detonar uma bomba?

Deus, era muito pior quando outra pessoa dizia isso. Anya levantou Bitsy para que ela pudesse esfregar os olhos antes de concordar.

— Sim, eu sei. Eu sei onde meu pai guarda todas as armas na cidade. Foi lá que perdi minha audição. Eu posso entrar. Eu posso detonar as bombas antes que alguém tenha a chance de me impedir.

— E você acha que pode entrar sem que seu pai te encontre?

Não. Ela não achava. Ela tinha a sensação de que seu pai saberia que ela estava chegando no momento em que as câmeras os flagrassem. E não havia como entrar na cidade sem que alguém a visse.

Mas era isso que ela esperava. Ela queria que seu pai a visse. Ela queria que ele soubesse que ela estava vindo e que ele precisaria poupar a cara porque ele já tinha dito a todos que ela estava morta.

Talvez ele soubesse, de alguma forma profunda e horrível, que ela estava tentando se livrar dele. Talvez ele tivesse esperança de que eventualmente eles precisariam lutar como iriam fazer no final. Isso se encaixava em tudo o que ela sabia sobre o homem.

— E você acha que Daios vai deixar você fazer isso? — Mira perguntou, sua voz ecoando pela sala.

Uma sombra passou sobre o vidro. Ela olhou para cima e viu que Daios foi o primeiro a retornar. Ele carregava consigo um atum de tamanho razoável, e um que ela absolutamente não comeria. Ela não conseguia engolir nada agora.

Suspirando, ela balançou a cabeça.

— Não, não acho que ele vá gostar nem um pouco disso.

Ambas as mulheres esperaram até que ele enfiasse a cabeça pela piscina lunar, muito mais devagar do que quando chegou com Anya. Jogando o peixe no chão de metal, ele olhou para as duas antes de rosnar:

— Por que vocês duas parecem culpadas?

Lançando seu olhar para Mira, ela tentou transmitir que precisava

que a outra mulher interviesse. Ela não podia fazer isso sozinha. Ela não podia contar a ele agora, quando ela estava tão vulnerável e tudo parecia tão cru.

Mira assentiu, sua mão batendo na mesa no que provavelmente foi um aplauso muito alto antes de se levantar. Bitsy correu palavras pelos olhos que assustaram até Anya.

— Tenho algo para você, Daios. Estou trabalhando nisso há um tempo, mas não estava funcionando do jeito que eu queria. Mas é bom o suficiente para o que estamos prestes a fazer.

Ela desapareceu em uma sala lateral, que sempre cheirava a metal e óleo.

Daios arqueou uma sobrancelha.

— Do que se trata?

— Eu não sei. — Mas não importava. Ela tinha que contar a ele. Ela não podia ficar ali e olhar para ele como se não estivesse mentindo, só por não contar a ele qual era o plano. — Daios...

Levantando-se, ela sentou-se ao lado dele no metal. Ele estendeu a mão para ela sem pensar. Aquele braço enorme dele agarrou por baixo das pernas dela e a puxou para mais perto.

Ele cheirava como o mar. Um cheiro ardido misturado com sal que queimava seu nariz, ou talvez fossem as lágrimas que ela se recusava a deixar cair. Porque ele estava segurando-a sem hesitação. Como se ela estivesse exatamente onde pertencia.

A testa dela desceu sobre o ombro dele, e ela o deixou apoiá-la como se pudesse tirar o peso sobre os ombros dela. Sem Mira no quarto, ele foi tão rápido em passar a mão na parte de trás da cabeça dela. Ele alisou o cabelo dela para trás do rosto, prendendo os fios atrás das orelhas.

— Minha kalon, — ele sussurrou, e ela podia sentir os lábios dele pressionando o topo da cabeça dela. — Você sentiu minha falta?

— Sim, — ela disse com uma risada ofegante. — Isso não é loucura?

— Não tão louco.

— Você só ficou fora por algumas horas, se tanto. E já me sinto como... — Ela não sabia como dizer as palavras. Só que não gostava quando não estavam juntos.

E talvez isso fosse em parte porque ela estava com medo de que tudo isso fosse se despedaçar ao redor deles. O que ela sabia que tinha que fazer só tornaria todo o resto difícil. Ou ela perderia sua vida nessa batalha insana que não era necessariamente dela para lutar e, no entanto, aqui estava ela. Lutando.

Ele cantarolou longo e baixo, seu peito vibrando com o som que ela ainda conseguia ouvir. Se ela falhasse em fazer isso, ela nunca mais ouviria alguém falar tão claramente. Seu pai nunca a deixaria sair de casa e ela ficaria presa de volta em sua gaiola. Como ela poderia perder o som dele quando sabia o quão querido era agora?

Engolindo em seco, ela se forçou a recuar.

— Daios, acho que a única maneira de…

Bitsy brilhou vermelho por toda a lente, assustando-a tanto com a luz brilhante que ela parou de falar no meio da frase, apenas para perceber que a androide tinha jogado uma flecha. E Daios estava olhando por cima do ombro dela com uma carranca no rosto que quase a aterrorizou.

— O quê? — Anya perguntou, virando-se para ver Mira parada na porta daquela sala com um... braço.

Ou pelo menos, um braço de metal.

Era enorme, e seus braços tremiam enquanto ela o segurava para que ambos vissem. Estranhamente, parecia um braço de ondino. O pulso caía, e os dedos estavam claramente articulados com membranas finas entre eles.

— Eu não ia te mostrar por um tempo, porque ainda é muito um protótipo. — Mira franziu a testa para o braço. — Há muita coisa que ele não pode fazer. Por favor, não use este braço em nada que possa ser machucado, quebrado ou morto. A tensão nele é realmente delicada.

— O que é isso? — Daios sibilou.

— É um braço, — Mira resmungou, caminhando em direção a eles enquanto inclinava a cabeça para baixo. Bitsy colocou um pequeno aviso que dizia "murmurando" antes de ler, — Bem, óbvio pra caralho, eu pensei.

Nem Anya nem Daios disseram nada quando Mira se aproximou dele. Eles observaram enquanto ela levantava o buraco no braço falso até o meio braço dele, e algo parecia... errado dentro dela.

Anya não sabia como se sentir sobre ele ser "consertado" quando ela nunca pensou nele como quebrado. Ele não tinha um braço, sim, mas isso não o tornava menos pessoa. Ele tinha descoberto como viver sem um e agora parecia um pouco cruel entregar a ele algo assim. Mesmo se ele quisesse, ela não tinha certeza de como se sentir.

Se alguém lhe tivesse oferecido uma ferramenta para recuperar a audição depois de todos esses anos, ela nem tinha certeza se aceitaria. Havia riscos em usar qualquer ferramenta nova. E ela estava bem do jeito que estava. Claro, ela tinha Bitsy para traduzir para ela, mas isso não era a mesma coisa que algo para "consertar" o que a havia feito... melhor.

Anos e anos de prática a transformaram em uma pessoa diferente. Sua falta de audição era parte dela, tanto quanto a cor dos olhos ou a comida que ela gostava. Ela não gostaria que alguém viesse e a salvasse.

Mas a maneira como seus olhos se iluminaram quando ele deslizou o braço na abertura e como ele ficou tão parado para Mira prender uma tipoia em seu pescoço para segurar o metal um pouco mais apertado contra sua pele? Isso fez algo em seu peito apertar muito forte. Porque essa não era a expressão de um homem que concordava com ela. Essa era

a expressão de um homem que estava se lembrando de como era ser inteiro.

E de repente, ela estava sozinha novamente. Anos e anos de prática em não se sentir como se fosse a única pessoa no planeta que havia sofrido, e agora ela assistia outra pessoa ser consertada.

Os sentimentos eram tão complicados, e ela não gostava deles.

— Isso tem que se conectar aos seus nervos — disse Mira, inclinando a cabeça para olhar por baixo do braço dele. — Gostaria de afixá-lo de forma mais permanente para você, mas isso terá que servir por enquanto. Uma injeção rápida.

Daios estremeceu, e então levantou o braço. O cotovelo dobrou-se à sua vontade, e quando ele ergueu os dedos de metal no ar, ele conseguiu abri-los e fechá-los. Os dedos tilintaram, e eles eram definitivamente desajeitados. Ele só conseguia movê-los todos ao mesmo tempo, mas era só isso. Talvez com a prática, ele melhorasse.

Ele encontrou o olhar dela, aqueles olhos cheios de esperança, e ela se sentiu uma pessoa horrível por não querer que ele usasse aquilo.

Daios viu através dela, no entanto. Ele sempre viu desde o primeiro dia.

— Mira? — ele perguntou. — Você pode nos dar um tempo a sós?

— Claro.

Ambos se encararam enquanto Mira se retirava para sua oficina. E então eles estavam sozinhos. Duas almas que eram diferentes das outras pessoas, e agora uma que estava mais próxima do normal do que a outra.

Por que os olhos dela estavam lacrimejando?

Enxugando as lágrimas, ela sorriu para ele.

— Como se sente?

— Você está chateada.

— Não, eu só estou... feliz por você. — Ela se afastou dele, observando-o. — Parece bom. Com um pouco de prática, aposto que

você conseguirá usá-lo como um braço normal.

— Por que você está chateada?

— Eu não estou.

Daios suspirou, seus ombros se erguendo e descendo com a rajada de ar que ela não conseguia ouvir.

— Anya.

— Estou muito feliz por você. — Ela sorriu, mas podia sentir quão aguada era a expressão. — Sério.

Ele estendeu a mão para a alça sobre o ombro, balançando a cabeça.

— Isso não pode funcionar.

— Daios, não tire isso. — Ela se lançou para frente, seus dedos agarrando os dele e o parando. — Vai ser útil. Eu tenho que voltar para a cidade, de qualquer forma, e quem sabe o que nos espera lá? Você pode precisar disso.

Ele olhou fixamente nos olhos dela, congelados enquanto estavam presos um ao outro.

— Você vai voltar?

— Eu vou ser aquela que vai explodir a cidade.

Os lábios dele se separaram, e por um momento ela pensou que ele fosse dizer não. Ele argumentaria que não era seguro. Ela lhe diria que nada que fizessem era seguro. Eles iriam para a cama com raiva um do outro e talvez arruinariam tudo isso antes que tivesse a chance de realmente começar.

Em vez disso, sua mão quente subiu para segurar o queixo dela.

— Você é corajosa, Kalon. Muito mais do que você tem o direito de ser.

Alívio, diferente de tudo que ela já havia sentido, a inundou. Com um aceno brusco, ela parou de olhar nos olhos dele e, em vez disso, fixou seu olhar no braço.

— Estou feliz por você. É um sentimento complicado, só isso. Ver você assim... inteiro agora...

Ele se moveu tão rápido que ela nem o viu se contorcer. A tira subiu e passou por cima da cabeça dele. Ele arrancou o braço, e ela pôde ver que havia pequenos fios que se contorciam em sua pele. Ele os puxou sem pestanejar. Sangue pingou dos pequenos buracos que ficaram para trás quando ele deixou o braço cair no chão.

— Inteiro? — ele rosnou, envolvendo sua mão em volta da cintura dela e puxando-a contra ele. Água espirrou até os joelhos dela com a força de seu movimento enquanto ele a arrastava contra seu peito. — Minha falta de braço não tem nada a ver com me sentir inteiro. Um dispositivo de metal ou não, eu nunca fui inteiro antes de você. Você foi a primeira pessoa a olhar para mim e ver um homem depois do meu ferimento. Não foi um erro, não foi uma falha. Você foi quem *me viu.* Minha kalon, se você desejasse que eu trocasse de pele, eu trocaria. Se o braço te deixa desconfortável, então eu o jogarei nas profundezas do mar.

— Não é isso que eu quero, — ela disse com uma risada aguada. — Eu não quero que você não fique inteiro novamente por minha causa.

— Só estou inteiro *por* sua causa. — Ele pressionou os lábios nos dela, o longo beijo com gosto de lágrimas salgadas e água do mar. Quando ele se afastou, ele pressionou suas testas juntas e respirou fundo com ela. Inspirando e expirando. — Anya. É apenas um braço. Uma ferramenta para ser usada, mas nunca algo que seja parte de mim. Eu o usarei para levá-la à vitória, mas isso não muda quem eu sou.

Assentindo freneticamente, ela lambeu os lábios antes de responder:

— Eu sei. Eu sei disso.

— Você sabe?

Ela esperava que sim. Porque ela iria precisar dele, e ela estava com

tanto medo que o amava muito mais do que era aceitável.

33

ANYA

Anya estava aterrorizada. Era um risco voltar para Alfa. Um risco até mesmo pensar que seu pai a deixaria andar pela cidade sem jogá-la imediatamente em uma prisão. Daios não discutiu muito com ela. E ainda assim, ele nadou com ela tão apertada contra seu peito que não era difícil adivinhar quais eram seus pensamentos mais íntimos.

Ele não queria que ela fizesse isso mais do que ela queria. Ambos sabiam que essa poderia ser a última vez que se veriam. E eles tinham acabado de se encontrar.

Uma parte dela queria dar meia-volta. Ela queria dizer a ele para levá-la de volta para sua casa e então eles poderiam deixar tudo isso para trás. Havia outras instalações abandonadas lá fora. Talvez eles pudessem até investigar para ver se a terra acima era mais habitável agora que havia séculos entre quando os humanos viviam acima e não. Ela não sabia.

Todos esses pensamentos eram fantasias, no entanto. Porque ela sabia que eles não conseguiriam viver consigo mesmos se deixassem seu povo para trás.

Os braços dele se apertaram ao redor dela, seus sentimentos provavelmente se voltando para a mesma direção que os dela conforme se aproximavam de Alfa.

Ela ainda não estava acostumada com a sensação do braço de metal em volta de suas costas. Não era uma sensação anormal. Ela não conseguia dizer que era diferente do outro braço dele com sua roupa de mergulho emprestada. Mas ela estava tão acostumada a saber que ele só tinha metade do braço daquele lado. Parecia... diferente.

Além do braço, Mira havia dado a ambos equipamentos mais do que suficiente para completar a missão. Byte e Bitsy haviam passado pelos sistemas que antes teriam confundido o androide de Anya. Mas Byte também havia sido atualizado e, como ele era um androne de pesquisa, tinha muito mais acesso do que Bitsy. Juntos, e com alguma ajuda de Ace, eles haviam dado informações suficientes para Mira criar algo que ela chamou de jammer.

Era grande e volumosa, uma caixa quadrada que era difícil de manejar na melhor das hipóteses. Ela atualmente a carregava para que Daios pudesse carregá-la. O bloco gigante virou gelo no momento em que atingiram a água, e estava queimando suas mãos desde então.

— Você está pronta? — ele perguntou, sua voz profunda e gutural. As palavras tremeluziram na frente do rosto dela enquanto Bitsy reagia ao frio também.

Ela notou que a androide estava ficando mais lenta. Levou mais tempo para traduzir as palavras, e ela não tinha certeza se deveria se preocupar com isso ou não. Considerando que havia muito mais com o que se preocupar, ela tinha que se concentrar no momento e não no que poderia acontecer depois.

Ainda assim, ela achou difícil mentir para ele.

— Não, — ela respondeu com uma risada suave. — Eu não estou pronta de jeito nenhum. Mas estamos aqui e eu tenho que fazer isso.

— Podemos ir embora.

Ela olhou para ele e para aquele maxilar forte que já estava afiado de frustração.

— Você sabe que não podemos. Eu tenho que fazer isso para todos naquela cidade e para o seu povo. Não há outra escolha, Daios.

Os músculos do maxilar dele saltaram ainda mais até que ele olhou para ela. Então tudo nele pareceu congelar. Parando enquanto seus olhos dançavam sobre as feições dela.

— Se não nos vermos novamente, minha kalon, desejo que saiba que nunca me senti mais honrado do que ter uma fêmea como você ao meu lado. — Ele engoliu em seco novamente, seus olhos ainda passando rapidamente pelos dela. — Não sei como seu povo diz isso.

Oh, esse homem doce e maravilhoso que não tinha ideia do quanto ele tinha se contorcido para entrar no coração dela. Ela levantou a mão e emoldurou o rosto dele com as duas mãos, encarando aqueles olhos negros que mostravam muito mais do que ele sabia dizer.

— Nós dizemos eu te amo.

— Já ouvi isso de Mira antes.

— De Mira? — ela repetiu com uma risada.

Ele balançou a cabeça.

— Ela disse isso a Arges. Diga-me o que essa palavra significa.

— Não é sobre a palavra em si. É sobre o sentimento aqui. — Ela moveu uma das mãos para o peito dele. — Significa que viver sem você parece errado. Que estar longe do seu lado me faz sentir mais sua falta do que respirar ar fresco. E que sempre pensarei em você, não importa o quão longe eu esteja.

— Isso parece certo — ele disse. Sua mão agarrou o cabelo dela e a puxou para perto dele, respirando o cheiro dela. — Saiba que, enquanto você mergulha no perigo, eu te amo, minha kalon. Eu te segurarei em meu coração até que você retorne para o meu lado.

Ela o beijou ferozmente, porque não havia palavras que ela pudesse dizer para dizer o quanto ela o amava. O quanto ela admirava sua força e seu valor. E como, mesmo agora, ele a estava deixando fazer o que era certo, mesmo que isso pudesse tirar tudo dos dois.

Daios era um guerreiro. Era ele quem consertava as coisas quando elas davam errado e era ele quem se colocava em perigo pelos outros. Ele permitiu que ela fizesse isso sem discussão, sem brigas, apenas uma tensão irradiando em seu corpo e suas garras agarrando-se aos lados dela

como se ele tivesse que se forçar a deixá-la ir.

— Eu encontrarei meu caminho de volta para você, — ela sussurrou contra seus lábios, quase desesperadamente. — Eu voltarei para casa, Daios.

— Casa, — ele respondeu, aquela voz profunda irradiando por todo o corpo dela. — É isso que você me deu, kalon. Onde quer que você esteja, eu estou em casa.

Eles se encararam por mais alguns momentos antes que ela sentisse o braço dele se estender entre eles. Ele clicou no pequeno botão que ligaria o dispositivo que Mira havia construído, e ela sabia que era hora.

Hora de deixá-lo ir. De seguir em frente com esse plano. De arriscar a vida para salvar o povo dele e o dela. Seria fácil? Absolutamente não. Ela faria todo o possível para voltar para ele? Com certeza faria.

Juntos, eles correram pelas torres que atiraram nele na primeira vez que ele fez isso. Mas o bloqueador de Mira pareceu funcionar. As torres não ativaram perto deles, e as que estavam longe também não reagiram. Talvez qualquer sinal que a caixa em seus braços estivesse emitindo tivesse funcionado. Ou talvez seu pai simplesmente não quisesse mostrar que sabia que eles estavam chegando.

De qualquer forma, eles chegaram ao túnel original de onde tinham escapado. E lá ela pôde ver que alguém o havia tampado. Uma enorme porta de metal estava no caminho do plano deles.

Daios a colocou no chão com a caixa ao lado dela. Ele deslizou o respirador sobre o rosto dela e desconectou o cordão do pescoço, deixando-a se sentindo desolada sem a respiração dele.

A correnteza aqui era excepcionalmente forte, então ela teve que se segurar na lateral do prédio e afundar as pernas na lama enquanto observou-o se mover acima dela. Sua cauda balançou, e então ele estava agarrando ambos os lados daquela tampa de metal.

Estava soldada no prédio. Ela podia ver quanto metal eles tinham

despejado nele. Os parafusos cravaram fundo no concreto que compunha o exterior de Alfa. Músculos salientes, dentes à mostra, Daios arfava.

Seu corpo inteiro se iluminou com seus esforços. Toda a sua forma estava nua, aqueles músculos se esticando com esforço, e ela podia ver as cordas enquanto seus peitorais se esticavam. O braço de metal dele estava reagindo melhor do que o natural. Mas até aqueles fios faiscavam na água. E então a tampa cedeu. Ela observou em choque e um pouco de horror enquanto ele a puxava para trás o suficiente para que o ar saísse dela.

As bolhas estouraram e eles desistiriam de suas posições mais facilmente com aquela bandeira branca de bolhas. Ele estendeu a mão para ela pegar, e ela chutou o fundo, alcançando-o.

A correnteza ameaçou afastá-la do prédio e levá-la para o meio do nada. Mas ele agarrou o pulso dela e a puxou para perto dele. Ele segurou Alfa com aquele braço de metal que não parecia se mover, mesmo que ambos estivessem arremessados contra a lateral do prédio até que ele os puxou para mais perto da abertura.

— Volte para mim, — ele rosnou, antes de empurrar o respirador para o lado com o nariz e beijá-la mais uma vez. Parecia uma marca. Como se ele soubesse que esta poderia ser a última vez que qualquer um deles se veria, e ele se recusou a deixar isso acabar sem que ela soubesse o quanto ele a queria.

Com o coração batendo forte no peito, ela o beijou de volta com cada gota de esperança em seu peito. Ela voltaria para ele, não importa o quão difícil fosse.

Daios a empurrou para mais perto da pressão que saía do respiradouro. Ela sabia que havia apenas alguns momentos para ela passar por essa abertura antes que ele tivesse que fechá-la. Anya puxou o respirador de volta sobre seu rosto, focando em seu novo obstáculo. Ela podia ver em seus olhos que ele iria selá-la dentro da cidade de onde ela

veio, e então era com ela.

Ela. Uma garota que foi mimada a vida inteira e gostava de fingir ser uma heroína. Todos esperavam que nada desse errado e que ela pudesse descobrir tudo isso, sem mais ninguém para ajudá-la.

Engolindo em seco, ela agarrou a borda do respiradouro e puxou com ele. Os dois a empurraram através da parede de ar e para dentro do respiradouro. De quatro no túnel agora vazio, ela arrancou o respirador antes de girar.

A sucção do túnel ameaçava jogá-la de volta ao mar. Mas ela queria vê-lo. Precisava ver o calor em seus olhos, a paixão que queimava ali mesmo agora. E a esperança que ardia em seu peito enquanto todos os seus músculos se contraíam novamente.

Ela se afastou dele, observando até o último segundo. Mas então a ventilação fechou, e todas as luzes se apagaram.

Ela estava sozinha. Fria e congelando nos túneis abaixo de Alfa, onde ela sabia que tantas coisas terríveis tinham acontecido.

Com uma respiração trêmula, ela estendeu a mão para tocar em Bitsy.

— Você tem alguma luz?

Sua lente piscou para a vida novamente, dessa vez com um pouco mais de força.

— Tão frio.

As palavras flutuavam em um breu e atravessavam seu coração. Ela odiava que isso estivesse machucando sua amiga mais velha também, mas havia apenas algumas coisas que ela poderia fazer para ajudar a pequena androide.

Ela deveria se apressar. Alguém pode estar se perguntando o que aconteceu.

Mas ela levou um tempo para remover sua androide da cabeça e pressionar a pequena contra o peito. Respirando cuidadosamente em

Bitsy, ela aqueceu a androide até senti-la se mexendo em seu aperto. Só então ela colocou as costas na cabeça e leu as mensagens na lente.

— Ok, — Bitsy colocou a lente. — Estou bem.

— Bom, — ela sussurrou. — Luz?

Uma pequena luz surgiu de um dos braços de Bitsy. Elas só precisaram usá-la uma vez quando a energia acabou em Alfa, e ela nunca pensou em usá-la novamente. O feixe de luz iluminou os túneis que claramente ninguém estava cuidando. Eles apenas o selaram e o encheram de ar. Ela não conseguia imaginar a tensão nos sistemas de filtragem.

Os túneis estavam completamente secos agora. E quando ela começou a subir, os corpos de caranguejos mortos estalaram sob seus pés. Tanta morte, tudo porque seu pai estava bravo com ela.

Anya olhou para baixo e viu o pequeno padrão de ondas esculpido em suas conchas. Esses eram os que a ajudaram a encontrar Daios, todas aquelas semanas atrás. E eles morreram por causa dela.

Determinação se acomodou em seus ombros como um peso pesado. Ela não deixaria ninguém morrer por sua causa. Não se ela conseguisse colocar as mãos na garganta dessa situação.

— Entre em contato com Ace — ela disse, apoiando-se nas paredes de concreto.

Bitsy fez o trabalho rápido, e Ace estava esperando por ela.

— Você está dentro?

— Estou dentro. Mostre-me o mapa para voltar aos meus antigos aposentos.

Um mapa projetado bem na frente dela. As linhas azuis mostravam a ela quais túneis traçar para voltar ao seu antigo quarto, embora provavelmente houvesse um problema assim que ela chegasse lá. Afinal, não havia mais entrada para os sistemas de piscinas.

— Você conseguiu drenar a piscina? — ela perguntou, virando à

esquerda e quase escorregando em algumas algas que sobraram.

— Não. Parece que eles selaram a entrada da sua piscina. Não sei se tem água nela. Mas parece que há túneis de serviço que podem ser úteis.

— Só me diga quais devo invadir.

— Você tem as ferramentas que Mira lhe deu?

Sim, mas ela não era muito boa em usá-las. Mira a tinha dado instruções sobre como usar todas as ferramentas, mas agora que ela estava congelando com mãos trêmulas e terror absoluto perseguindo seus passos, ela não tinha certeza se conseguiria fazer isso.

— Sim, — ela respondeu, virando-se novamente. — Eu tenho as ferramentas.

— Bom.

— Não tenho certeza se consigo... — ela parou, sem saber o que dizer.

Houve algumas luzes piscando antes de Ace responder:

— Você tem que fazer isso.

Claro que ela tinha. Porque ninguém mais poderia fazer isso tão facilmente quanto ela. Nenhuma outra vida merecia ser arriscada porque ela estava com medo de encarar seu pai.

Anya se preparou e continuou andando. Havia uma entrada de serviço, assim como Ace havia sugerido. A escada curta a levou direto para a pequena escotilha que aparentemente estava escondida atrás de uma parede perto de sua piscina durante toda a sua vida. Quantas vezes alguém tinha entrado ali? Seu pai já tinha mandado alguém espioná-la?

Ela levou quatro tentativas para colocar a chave de fenda nas marcas que Mira havia dito para ela fazer. Suas mãos tremiam tanto que ela quase deixou a ferramenta automática cair.

Com uma respiração profunda, ela deixou a escotilha cair e então soltou Bitsy no quarto. Mesmo que sua androide estivesse um pouco pior

devido ao desgaste, e se movendo mais devagar do que deveria, ela fez seu trabalho rápido. Escalando a parede, ela embaralhou a câmera tempo suficiente para Anya sair da escotilha e entrar em seu antigo banheiro.

Enquanto tirava a roupa de mergulho, ela se maravilhou com o quanto nada havia mudado. Se ela ficasse parada, ela quase poderia fingir que nada havia acontecido. Ela tinha estado ali a vida inteira. Talvez ela tivesse caído e batido a cabeça na lateral da piscina e sonhado com tudo isso. Mas então ela sentiu o hematoma dolorido em seu pescoço onde o tentáculo de Daios afundou sob sua pele, e ela sabia que tinha sido real.

E ela tinha um trabalho a fazer.

Mira lhe ofereceu um de seus poucos vestidos que ainda estava em bom estado. O tecido azul brilhante era bonito e quase parecia servir em Anya. Ainda estava seco o suficiente para convencer seu pai de que ela estava ali há algum tempo.

— Vamos lá, — ela disse, esticando o braço para que Bitsy pudesse pular nele. — É hora do show.

Alisando o cabelo para trás, ela fez mais uma verificação para ter certeza de que não havia uma gota d'água nela, e então caminhou para o quarto. Nada havia mudado aqui também. Tudo estava exatamente onde ela havia deixado. Como se ela tivesse acabado de sair ontem.

Isso só tornaria mais fácil para seu argumento. Sentando-se em sua cômoda, ela começou a tirar pequenos pedaços de maquiagem. Batom. Delineador. Pedaços que ela não tinha à disposição há algum tempo.

Levou exatamente três minutos e quarenta e dois segundos antes que a porta do quarto dela se abrisse com força e seu pai entrasse com raiva, deixando seu rosto feio.

— Onde você estava?

Ela fingiu parecer assustada, nem mesmo lutando quando dois homens de seu pai pisaram forte atrás dele e a agarraram pelos braços.

— Pai? O que está acontecendo? Você disse que sabia para onde eu estava indo! Eu disse que passaria alguns dias com minha amiga.

— Dias? Você se foi por semanas!

Claro que ela tinha. Ela sabia disso. Mas ela piscou para ele, deixando seus olhos um pouco mais arregalados e ainda mais inocentes.

— Eu perdi noção do tempo, papai! Sinto muito por ter preocupado você. Mas já faz um tempo que estou de volta. Certamente você notou?

Que os jogos comecem.

34

DAIOS

Deixá-la foi a coisa mais difícil que ele já fez na vida. Todas as vozes dentro dele se enfureceram na frente, gritando uma miríade de queixas. Ele a mataria, assim como ele os matou. Ele a estava deixando para sua perdição como um covarde. Se ele não estivesse lá com ela, então ela morreria. Ela chafurdaria nas profundezas do mar com o resto deles. Sua alma nunca descansaria.

As mãos deles puxaram seus ombros, tentando virá-lo em direção a eles. Eles queriam arrancar seus olhos, rasgar sua garganta, fazê-lo sentir a dor deles.

De todas as coisas que ele tinha feito, essa era a que ele sabia que mais se arrependeria. Porque se ele a perdesse, se ele perdesse o único controle da realidade que ele ainda tinha... ele não tinha certeza do que faria.

Respirando com dificuldade, ele disparou pelo mar, de volta para seus irmãos. Ele não deveria ficar perto da cidade, e sabia que era o melhor. Ele deveria voltar para onde Mira havia armado Byte para ter uma conexão direta com Bitsy.

Os dois androides agora podiam falar a longas distâncias, e isso permitiria que eles vissem o que Anya via. Eles poderiam ter certeza de que ela estava segura e que nada estava acontecendo com ela.

Mas suas barbatanas pararam de funcionar, congelando no lugar com o pensamento de que ele estaria tão longe dela que se algo desse errado, não haveria nada que ele pudesse fazer para impedir. Ele ficaria preso bem longe, forçado a assistir enquanto ela era assassinada ou torturada como os machos de Fortis tinham sido.

Seu corpo não funcionava. Ele simplesmente não conseguia deixar este lugar, não importa o quanto tentasse se forçar. Daios queria ficar ali em uma vigília silenciosa, sem comer, sem dormir, apenas esperando até que soubesse que ela estava segura em seus braços.

Engolindo em seco, ele se virou para ver o pequeno ponto de Alfa à distância. Ele queria... Porra. Ele não sabia o que queria.

Ele queria que ela salvasse seu povo. Cada grama daquela glória seria dela. O orgulho cresceu nele só de pensar nisso. Seu povo aceitaria muito mais uma achromo que os ajudou, e entenderia muito mais seu amor por ela também.

Mas esses pensamentos foram perseguidos pelo conhecimento de que ela estava sozinha e poderia facilmente ser machucada. Ele se lembrou de como ela era quando eles finalmente se uniram. A maciez de sua pele, a maneira como seu corpo tinha covinhas sob seu toque.

Como ela sangrava facilmente.

Ele ainda podia sentir o gosto do sangue dela em suas guelras e agora temia que o sentiria fora do prazer. O cheiro fantasma brincava sobre suas guelras, enchendo sua boca de sangue, e ele temia que algo estivesse errado. Ela já poderia ter falhado. Seu pai os viu chegando. Quem sabia o que aquele homem maligno havia planejado para ela? Daios tinha que voltar para ela.

Agora.

Ele se virou, mas havia uma escuridão bloqueando seu caminho. A princípio, ele pensou que fosse outro dos fantasmas que o seguiam ele. Uma parte de sua culpa que se manifestou no tamanho de um grande macho que provavelmente morreu na primeira batalha com Beta.

Mas então um brilho azul surgiu, e ele sabia exatamente quem o estava impedindo.

— Arges, — ele rosnou. — Mova-se.

— Não, — seu irmão de ninhada respondeu. — Eu não vou. Você

não pode voltar para ela, Daios. Você tem que voltar para o domo.

— Meu lugar é com ela.

— Como o mar ordena, — Arges disse em concordância. Mas ele não se moveu. — Você não pode arruinar tudo pelo que trabalhamos. Há mais pessoas em jogo do que apenas Anya.

— Se você não se mover, eu farei você se mover.

Suas garras já estavam flexionadas ao seu lado. Talvez uma luta o fizesse se sentir melhor. Se ele atacasse seu irmão, expressando toda sua frustração, talvez ele pudesse se segurar para não nadar até o lado dela.

— Você não pode me fazer mover, Daios.

Arreganhando os dentes de raiva, ele rosnou:

— Você se esqueceu da última vez que lutamos? Eu não. Mesmo recém-saído da batalha e sem um braço, eu te joguei no ar como se você não fosse nada mais do que uma criança.

Parecia a coisa certa a fazer no momento. Ele tinha certeza de que Mira era um presságio do fim. Os andarilhos das profundezas o avisaram que os achromos só trariam destruição. Fortis lhe dissera isso uma e outra vez enquanto inalava o vapor do coração do mar. Os achromos eram uma ameaça para todas as suas vidas.

Talvez Fortis não tivesse se referido especificamente a Mira, mas o que mais Daios deveria pensar? Ela tinha aparecido no pior momento possível. E de certa forma, ela tinha mudado tudo. Em sua mente, isso tinha sido o suficiente.

Mas se seu irmão quisesse lutar novamente, então era isso que eles fariam. Ele rasgaria e rasgaria as escamas de Arges e o jogaria no abismo se fosse necessário.

— Daios, — Arges disse, sua voz pouco mais que um suspiro. — Eu sei como você está se sentindo. Eu entendo sua necessidade, mas você não pode voltar.

Seu peito já subia e descia de raiva. Ele podia sentir suas guelras se

dilatando mais enquanto ele puxava ar para os pulmões para uma batalha. Ele não se importava se Arges sabia como ele se sentia.

— Mira está segura! — ele quase gritou. — Sua companheira está ao seu alcance. Ela fica em sua cúpula. Se ela sair, ela sai com você. Você nunca a enviou diretamente para o perigo sem você.

— O que você acha que aconteceu quando ela voltou para sua cidade? Você esqueceu que tivemos que invadir Beta para trazê-la de volta. Que eu rastejei por aquele lugar sem água, espremendo meu corpo através de portas para que eu pudesse trazê-la de volta! — Arges trovejou. — Eu quase a perdi e sei o que se passa em seu coração. Mas ninguém pode ajudá-lo se você não nos deixar.

Mas ele não precisava da ajuda deles. Nem queria a ajuda de Arges. Ele só queria Anya em casa.

Seus corações doíam no peito. Esfregando-os, ele balançou a cabeça e atacou Arges. Dor era o que ele precisava agora, e ele sabia uma maneira fácil de obtê-la.

Eles se uniram em duas forças massivas que o atingiram com tanta força que ele viu estrelas. Arges lutou com ele como ele esperava. Seu irmão sempre lutava da mesma forma, não importava quantas vezes eles batalhassem. Com um movimento de sua cauda, ele jogou Arges por cima do ombro e avançou em direção à cidade.

Mas Arges era menor, e isso o tornava um pouco mais ágil. Uma barbatana azul desceu sobre seu ombro, a cauda de Arges se enrolando na sua e prendendo suas barbatanas de quadril em seus lados. Com um movimento deslizante, Arges os ancorou juntos e apertou sua cauda enquanto se enrolava em torno de Daios.

Soltando um suspiro de raiva, Daios estendeu seu braço de metal para trás e agarrou uma das nadadeiras de Arges.

— Lembra quando eu quase arranquei isso? — ele rosnou, sede de sangue correndo por ele. — Dessa vez eu vou ficar com ela para que você

não possa costurar de volta.

Ele teria puxado a barbatana se Arges não tivesse se inclinado para frente e apertado um botão no braço. Ele morreu. Frouxo e inútil, exceto como um peso que de repente o arrastou na direção oposta.

Seu irmão o soltou com um flash selvagem de presas.

— Você acha que Mira construiria algo para você que eu não pudesse desligar?

Aqueles dois seriam a morte dele. Um rosnado raivoso percorreu seu corpo enquanto ele arrancava o braço. Ele o deixou cair na areia abaixo deles e soltou um suspiro raivoso que limpou suas guelras de detritos.

Ele encarou seu irmão através da água. Arges estava agora mais uma vez entre ele e a cidade que mantinha sua companheira longe dele.

Sua companheira.

Porra, essa foi a primeira vez que ele pensou nela desse jeito. Mas era verdade. Ela era uma parte tão grande dele que ele não sabia como ficar sem ela. Anya tinha pegado sua dor e raiva e transformado em algo que ele poderia usar. Ele era outra pessoa quando a tinha e agora ele podia... ele podia perdê-la.

Suas luzes piscaram. Uma vez, duas vezes, então queimaram novamente enquanto ele se forçava a lutar novamente. Ele precisava chegar até ela.

Mas dessa vez, Arges agarrou seu braço enquanto ele disparava para frente e segurava Daios perto. Seu irmão enrolou sua cauda em volta dele quantas vezes pôde, apertando forte o suficiente para congelar a respiração em seus pulmões. O braço de Daios estava preso ao seu lado, e embora ele provavelmente pudesse ter quebrado esse aperto, ele percebeu que algo nele estava quebrando.

Tudo o que ele queria era saber que ela estava viva.

Respirando fundo, Arges sibilou em seu ouvido:

— Estamos fazendo tudo o que podemos para mantê-la segura. Você tem que voltar comigo para poder ver por si mesmo.

— Estamos tão longe — ele chiou. — Se ela estiver em perigo, o que você quer que eu faça? Ficar lá e vê-la morrer?

Uma ondulação se espalhou de seu corpo para o de Arges. Ele soube o momento em que seu irmão entendeu de onde vinha o medo de Daios.

— Teremos mais avisos do que isso.

— Não vamos, e você sabe disso. O pai dela é uma enguia nas profundezas, esperando para morder. Ela não saberá o que está acontecendo até o último momento, e todos nós a perderemos. — Sua voz quebrou na última palavra. E então ele parou de falar.

Porque falar nunca o levou a lugar nenhum. Daios nunca disse a coisa certa, não importa o quanto ele tentasse fazer isso. A única pessoa que entendia o que ele estava tentando dizer estava trancada onde ele não podia pegá-la.

Embora Arges conhecesse o medo, Arges não conseguia entender a profundidade das emoções de Daios. Pelo menos em Beta, havia uma chance. Arges havia escalado a cidade e ele havia conseguido sua mulher.

Alfa era uma cidade construída de ar e espaços amplos. Um de seus povos só saudaria a morte se conseguisse entrar dentro daquelas paredes.

Arges o soltou lentamente, seu rabo caindo até que apenas seus braços ao redor dos ombros de Daios permaneceram. Aquele aperto forte aliviou, apenas o suficiente para parecer o abraço que era.

— Ela é uma mulher corajosa — disse Arges, sua voz um murmúrio baixo que o mar captou e ecoou. — Ela honra você, irmão, ao entrar naquela cidade sem medo. Sua memória é uma que todo o nosso povo falará por muitos anos. Honra, irmão. Isso é importante.

— A vida é importante. — Algo nele se despedaçou quando ele acrescentou: — A vida dela é importante.

Os braços de Arges apertaram um pouco mais forte. E por um momento, eles apenas flutuaram ali juntos. Observando a cidade que logo não seria nada mais do que uma ruína. Ele repassou o plano em sua mente pela centésima vez. Maketes e a amiga de Anya estavam prontos para levar os sobreviventes para algum lugar seguro. Havia uma pequena cápsula que eles tinham dado a Maketes para salvar qualquer pessoa que pudesse acabar se afogando. Eles queriam que as outras cidades ouvissem que o Povo da Água tinha feito um esforço para salvar os achromos.

Anya seria a primeira em uma cápsula de fuga. Ela sabia onde todos estavam. Ele estaria esperando por ela quando chegasse a hora, mas eles tinham que se certificar de que tudo estava em ordem primeiro. Mas nenhum deles sabia quanto tempo isso levaria.

Era melhor que ele ficasse ali. Ele tinha que esperar que ela lhe desse algum tipo de sinal para se preparar e ele estaria pronto.

— Nós depositamos tanta confiança em uma única pessoa — ele sussurrou. — Tudo repousa sobre os ombros dela.

— E ela é forte o suficiente para fazer isso — respondeu Arges.

— Mas ela é tão pequena. Seus ombros mal caberiam em minhas mãos se eu quisesse segurá-la. Ela fica com frio nas águas mais quentes. Ela não gosta de peixe cru ou ostras, e não sabe como coletar sua própria comida. Se alguém tenta atacá-la, ela não sabe como lutar. Minha fêmea é mole.

Ele amava isso nela. Ele amava como ela era um lugar suave para seus corações atormentados descansarem, mas ele não sabia o que isso significaria para ela enquanto ela não estivesse segura em seus braços.

— Só porque ela é macia não significa que ela seja facilmente quebrada, — Arges disse enquanto seus braços caíam. — O máximo que

você pode fazer agora é confiar nela. Volte comigo, Daios. Juntos, nós cuidaremos da sua pequena kalon.

Ele assentiu, lentamente. Mas levou muito tempo para que ele desviasse o olhar da cidade de luz que brilhava no horizonte. Se só ele poderia capturá-la em suas palmas, talvez ele pudesse segurá-la contra seus corações um pouco mais.

Por fim, ele se virou. Ele se juntou ao irmão na jornada de muitas horas de volta para sua própria casa. O domo ainda estava iluminado, e mesmo de fora, ele podia ver a projeção que Byte havia colocado na parede. Era uma sala familiar. Um lugar familiar.

Talvez ele tivesse tomado um pouco de Anya para si. Porque ele podia sentir a suavidade dela em seu peito enquanto olhava para a mesma visão onde ele a tinha visto pela segunda vez. Onde ele a tinha tomado em seus braços e nunca a tinha deixado ir. Até agora.

Maketes o viu primeiro, deslizando para dentro da água através da piscina lunar e disparando em direção a eles. Todas as suas barbatanas e guelras estavam bem abertas, e seus olhos estavam um pouco loucos de alegria.

— Funciona. Daios, Arges, funciona.

— O que funciona? — ele perguntou.

— A conexão entre os androides. Enquanto Bitsy estiver na cabeça, podemos ver tudo o que ela pode ver. Podemos guiá-la também, porque Byte pode se conectar com Bitsy. — Maketes parou na frente deles, sua nadadeira ainda se contorcendo de excitação e sacudindo-o para a esquerda e para a direita. — Podemos ver tudo.

— Ela está viva? — ele perguntou, embora seu estômago se revoltasse ao perguntar.

— É claro que ela está viva — disse Maketes. — E ela já convenceu o pai a deixá-la ficar com Bitsy. Estão todos muito confusos porque ela mentiu descaradamente tão bem. Quase parecia que talvez o pai dela

acreditasse nela e que ela estivesse apenas visitando uma amiga.

Ele não achava que isso fosse possível. O velho era mais astuto do que isso, mas por enquanto, parecia que sua companheira veria outro nascer do sol.

Arges passou o braço em volta dos ombros dele novamente, dessa vez impedindo-o de ceder de alívio na frente dos outros. Inclinando-se, ele murmurou no ouvido de Daios,

— Respire, meu irmão. Eu acredito que você pode fazer isso. Sim?

— Sim — ele respondeu, atordoado e um pouco chocado.

Ela estava viva. E ele tinha que garantir que ela continuasse assim.

35

ANYA

Duas semanas.

Foi esse o tempo que levou para o pai dela cometer um erro.

Duas semanas de vigilância constante e alguém até mesmo de pé em seu quarto enquanto ela dormia. Duas semanas de desconfiança e todos olhando para ela como se ela tivesse se transformado em uma bruxa no curto espaço de tempo desde que a viram pela última vez.

Na primeira semana, ela foi ao escritório do pai várias vezes por dia. Só para vê-lo. Para fingir que implorava por seu perdão enquanto ela fingia chorar e lhe dizia o quanto sentia falta dele e que ela realmente estava apenas se divertindo muito.

Anya inventou uma história sobre onde ela estava. Ela tinha ficado com uma amiga chamada Jessica que a convidou para ir a Beta porque ela nunca tinha visto. Ela jurou de pés juntos que tinha falado com ele sobre isso, até mesmo mencionado a história para suas empregadas, que

aparentemente tinham esquecido também. Seu pai não acreditou nela nem um pouco. Nem um único detalhe, embora ela fosse meticulosa em lembrar de tudo o que havia dito a ele.

Porque ele perguntou. Todos os dias ele fazia perguntas diferentes, cada uma com a intenção de fazê-la tropeçar. Mas Anya tinha vivido com esse homem a vida inteira. Ela sabia exatamente o que ele ia perguntar e por que ele ia perguntar. Ele tinha suas próprias opiniões sobre onde ela estava.

E ele tinha a filmagem.

Mas ele não queria que ninguém soubesse que ele tinha a filmagem dela saindo com um ondino. Então ela continuou a zombar dele. Para contar a ele essa história que ela sabia que ele nunca acreditaria, mas talvez aqueles que tinham visto a filmagem começariam a questionar sua própria sanidade.

Uma mulher arrastada para as profundezas do mar por um ondino? Como ela poderia sobreviver? Ela até mesmo entrou em algumas conversas sobre como Beta era tão fria comparada à aqui, e ela não conseguia suportar o frio.

Pequenos detalhes que ela achava que fariam as pessoas ganharem seu favor. Esse sempre foi o jogo com seu pai.

Quem era mais popular? Ele era o velho que governava todos eles. O General que os mantinha seguros.

Mas ela era a filha de ouro que estava sentada no pilar que ele havia construído para ela.

No final da primeira semana, ela roubou um cartão-chave da mesa do pai. Ela o deixou tão bravo de propósito que ele agarrou a nuca dela e jogou seu rosto na mesa. Mesmo sabendo que a visão desse tratamento faria Daios ficar furioso, ela precisava que acontecesse. Ele sempre mantinha os cartões-chave no mesmo lugar escondido embaixo da mesa, onde suas pernas se encaixavam nas ranhuras da enorme quantidade de

madeira que deveria ter sido usada para qualquer coisa que não fosse uma mesa.

Ela a tinha palmeado, e então levado os gritos enfurecidos e os hematomas por suas costas e ombros. Ele nunca a machucaria de uma forma que qualquer outra pessoa pudesse ver, no entanto.

Quando ela saiu da sala, ela olhou para sua mão e mostrou a eles. Um cartão-chave. Um dos cartões pessoais de seu pai, o que significava que ele deveria abrir todas as portas em Alfa.

Tudo isso, e ainda levou mais uma semana para que ela pudesse sair do quarto. Essa era a chance dela, se ela não a aproveitasse agora, talvez tivesse que esperar mais duas semanas para fazer isso.

Mas ela estava cansada de esperar. E ela estava cansada de estar aqui. Agora que ela tinha experimentado um gostinho da liberdade, essa vida parecia ainda mais controlada. Anya estava cansada da gaiola. Agora ela queria ir para casa.

Bitsy fixada em sua cabeça, ela se certificou de que todas as suas roupas pretas a cobrissem quase completamente. Ela até rasgou um pedaço de tecido preto de um de seus vestidos para envolver seu rosto. A única coisa que alguém seria capaz de ver eram seus olhos, e o brilho fraco das lentes enquanto Bitsy a guiava pela cidade.

— Pronta? — ela sussurrou, sabendo que seria a última coisa que diria até ter certeza de que ninguém poderia ouvi-la.

Bitsy fez um pequeno sinal de positivo com a lente e então elas partiram. O guarda do lado de fora da porta dela tinha adormecido. O pobre homem estava ali há três noites seguidas, e ela presumiu que outra pessoa tinha trocado de turno para que ele estivesse ali novamente. Havia um segundo homem, mas ele tinha ido fazer xixi, o que significava que este tinha caído em um sono profundo sem a distração.

Tudo o que ela tinha que fazer era abrir a porta e passar por ele. Não era exatamente fácil quando ela não conseguia ouvir o que estava

fazendo, mas era simples o suficiente. Deslizando pela menor fresta, ela confiou em Bitsy para lhe mostrar uma pequena barra com o nível do som que ela estava fazendo.

Na rua abaixo de sua pequena casa, ela ainda tinha que ficar quieta. Havia pessoas aqui que seu pai provavelmente tinha plantado. Então ela puxou seu capuz preto sobre o rosto e seguiu pela rua como se estivesse correndo para casa.

— Rápido — disse Bitsy. — Vá para a direita, tem outra pessoa vindo na sua direção.

Ela não hesitou. Ela se virava toda vez que sua androide mandava.

Anya fez seu caminho por Alfa na calada da noite, guiada por Bitsy e todos os esquemas que ela havia baixado antes de elas partirem. Cada passo, cada som, tudo dependia de sua androide.

A luz artificial das estrelas iluminou seu caminho. Todas as luzes cintilantes no topo de sua maior gaiola a lembraram do motivo pelo qual ela estava fazendo isso. Todos aqui estavam em uma gaiola; eles só não sabiam ainda. Em breve, ela os libertaria.

Eles se juntariam a outras cidades. Eles aprenderiam o que significava trabalhar pelo que tinham, e logo perceberiam que a vida era muito mais do que indulgência e festas mesquinhas onde todos se odiavam.

Ela estava dando a eles um presente. Eles podem não saber agora, mas em breve, eles saberiam.

— Certo de novo — disse Bitsy. — Há uma entrada de serviço na parede. Pressione a quarta flor no mural.

Eles discutiram como isso aconteceria. Se quisessem que tudo corresse bem, ela teria que se mover como se não estivesse recebendo ordens. Fluida e natural era o plano. Bitsy lhe diria algo momentos antes de ela ter que fazer. Se alguém estivesse observando, pensariam que ela era uma engenheira de serviço se ela não hesitasse. Então ela plantou a

palma da mão na quarta flor e uma pequena porta se abriu à direita dela.

Ela teve que mergulhar na escuridão prendendo a respiração, sem saber o que a esperava do outro lado.

E então ela estava nas profundezas da cidade. Ela se lembrou desses corredores desgastados do dia em que perdeu a audição. Eles não eram como o resto de Alfa. Barras de metal nuas se sobrepunham sobre sua cabeça, levemente tingidas de laranja com as lâmpadas nuas penduradas ao longo do teto do corredor de metal. O vapor encheu a sala, fazendo o tecido de suas roupas grudar em sua pele. O suor já escorria por suas têmporas, mas isso poderia ser nervosismo.

— Cartão-chave — disse Bitsy.

Ela enfiou a mão no bolso para pegá-lo e rapidamente o tirou, como se soubesse que em breve uma porta se abriria e exigiria suas credenciais.

— Cabeça baixa, pessoa chegando.

Abaixando o rosto na sombra do moletom, ela assentiu para o homem que passou por ela. Ele também tinha uma bandana no pescoço, provavelmente porque a usava para limpar o suor do rosto. A expressão exausta do homem não mudou quando ele retribuiu o aceno.

Um pouco da tensão nas costas dela diminuiu quando ele se afastou.

— Duas portas abaixo, finja que está descansando. Pegue a porta à esquerda quando o grupo de pessoas passar por você. Seja rápida.

Rápida não era fácil quanto mais fundo eles entravam neste lugar. Seus passos provavelmente ecoavam enquanto ela andava, botas batendo contra o metal. Mas aqui ela deveria fazer barulho. Afinal, ela era apenas mais uma trabalhadora. Apenas mais uma pessoa que tinha vindo para Alfa esperando por utopia e, em vez disso, tinha sido jogada nas entranhas do próprio Inferno.

Anya se encostou na parede, um pé pressionado contra ela e os braços cruzados sobre o peito. Um grupo de pessoas passou por ela,

todos homens provavelmente indo para casa. Embora suas casas não estivessem nem perto de onde ela tinha vindo.

Um deles parou enquanto a olhava de cima a baixo. Os outros continuaram se movendo, mas ele não. Nenhuma palavra apareceu em sua lente, então ela teve que ler os lábios dele. Felizmente, ele estava olhando diretamente para ela.

— Você está bem?

Ela assentiu, sem saber se deveria confiar em sua voz.

— Se você estiver ferida, você deve ir para a enfermaria. — Ele apontou um dedo na direção de onde o grupo tinha vindo. — Você precisa de ajuda para chegar lá?

Bitsy lançou uma pequena luz vermelha sobre o olho, provavelmente tentando fingir ser um dos dispositivos que as pessoas usavam para ver através das paredes para encontrar canos quebrados. Mas ela não conseguia colocar nenhuma palavra ali ou o homem também as veria.

— Estou bem, — ela respondeu, tentando engrossar a voz, mas sem ter ideia se conseguiu. — Só precisava de um respiro.

— Eu quem o diga. Foi um longo dia. — Ele colocou a palma da mão na nuca e abaixou a cabeça. Foi quando ela perdeu de vista os lábios dele. De repente, ela não conseguia entender o que ele estava dizendo. Então ele olhou para ela, e ela sabia que ele tinha dito algo que ela deveria responder.

Porra.

O que ele disse? O que ela deveria dizer em resposta? Ele ia saber que algo estava errado e que ela não pertencia ali. Ela estava tão fodida. Então...

Ele inclinou a cabeça para o lado.

— Você não consegue me ouvir, consegue?

Ela balançou a cabeça. Por que ela mentiria? Ela não conseguia

ouvi-lo, e só conseguia entender um pouco do que ele estava dizendo agora. Não era como se ela pudesse dizer qualquer coisa, e ele acreditaria que ela estava realisticamente continuando a conversa.

— Está tudo bem. — Ele enunciou as palavras melhor dessa vez. — Meu irmão perdeu a audição aqui embaixo também. Todos nós levamos algo para casa de Alfa. Tem certeza de que está bem?

Assentindo, Anya se perguntou se seria realmente tão fácil convencê-lo a deixá-la em paz.

— Boa noite, então.

E então ele foi embora.

Ele simplesmente foi embora, e ela esperou algumas respirações até que Bitsy explodisse novamente.

— Porta esquerda.

— Certo — ela sussurrou antes de usar o cartão-chave do pai para entrar no laboratório.

Nenhum dos técnicos ou cientistas estava aqui a essa hora da noite. Mas ela ainda fez Bitsy fazer uma varredura para quaisquer assinaturas de calor antes que ela se sentisse segura o suficiente para arrancar o tecido sufocante de seu rosto. Só então ela respirou um pouco mais facilmente.

Elas entraram na sala onde ela havia perdido a audição e onde tudo em sua vida havia mudado. Ela nem olhou para a área onde a explosão havia ocorrido. Tudo o que ela fez foi caminhar direto para os fundos, onde ela nunca tinha estado. Era uma das poucas salas não listadas nos esquemas que eles encontraram.

Outro conjunto de palavras brilhou diante de seus olhos enquanto ela se aproximava, estas na cor rosa avermelhada que geralmente era Daios.

— O que você está fazendo, Kalon?

— Essa é a única hora, grandão. — Ela mostrou o cartão do pai e

observou a porta se abrir. — Eu sei que é madrugada, mas estou ficando cansada de esperar.

— Espere até eu pegar os outros.

— Não posso fazer isso.

— Espere. — Bitsy até sublinhou a palavra, como se tivesse dito com mais comando do que o normal. — Você *vai* esperar, Anya. É muito arriscado. E se algo acontecer enquanto você estiver aí? E se seu pai entrar? Não posso te ajudar daqui.

— Eu sei, — ela sussurrou, as palavras quebrando em sua garganta. — Mas é isso que eu vim fazer aqui. Bitsy, acabe com o contato com o domo. Forneça apenas visuais.

— Anya, espere…

E então o contato foi cortado. Ela sentiu um pouco como se tivesse cortado um dos próprios membros, mas isso tinha que ser feito. Ela não podia se distrair, nem mesmo com ele.

Entrando na sala, ela cobriu a boca com a mão. Eles nem estavam escondendo o que estavam fazendo. Uma ondina deitada sobre uma mesa, dissecada. Sua cauda estava mole no chão, a adorável cor lavanda pálida opaca em um tom de cinza doentio na morte. Era uma fêmea, ela pensou, considerando os seios que faziam o peito escancarado cair.

Anya não conseguiu olhar para ela por muito tempo, então ela virou a lente naquela direção e fechou os olhos. Ela contou até vinte, virando a cabeça lentamente para cima e para baixo para que pudessem ver a totalidade da fêmea que havia sido morta. E então, quando sua cabeça foi virada para o outro lado novamente, ela abriu os olhos.

Havia quatro tanques cilíndricos na parede oposta a ela. Pareciam tubos, exceto que três deles tinham ondinos dentro. Um já parecia morto. Ela não tinha certeza de como poderia dizer, mas não havia uma centelha de vida no corpo flutuante. Os outros dois estavam vivos, no entanto.

Um ainda estava dormindo. Ela andou até o tanque, com lágrimas

já queimando em seus olhos porque sabia que o que estava dormindo provavelmente seria o próximo a ser experimentado. Se ela não fizesse isso a tempo, então a vida desse ondino estaria em suas mãos.

O macho era tão bonito. Delicadas barbatanas verdes se espalhavam ao redor de seu rosto jovem, sem uma única marca de cicatriz em suas feições. Não como Daios.

— O domo está tentando contatá-la — disse Bitsy. — Eles estão dizendo que você deveria se concentrar em obter os explosivos. Eu concordo. Você está se arriscando a cada momento que está aqui.

— Eu sei — ela respondeu. Então ela voltou sua atenção para o último tanque.

Este ondino estava acordado. Mostrou seus dentes afiados para ela, aqueles olhos negros brilhando de ódio. Uma cor roxa profunda subiu de sua cauda para sua barriga. Era significativamente mais pálida do que os outros ondinos que ela tinha visto até então, e não tinha o mesmo tipo de barbatanas.

Ela só podia imaginar que era um andarilho das profundezas. Essa era uma das criaturas que todos tinham tanto medo e, ainda assim, estava presa, assim como as outras.

Anya levantou a mão e a pressionou contra o vidro do tubo. Ela sabia que Daios provavelmente estava rosnando e se enfurecendo onde quer que estivesse porque ela estava correndo um risco. Mas o andarilho das profundezas se acalmou. Seus olhos giravam com uma centena de cores enquanto ele pressionava a mão oposta à dela, e ela sabia que, de alguma forma, ele entendia que ela queria ajudá-los.

Num piscar de olhos, ela viu de onde vinha. O mar escuro e profundo com todas as luzes brilhantes das criaturas arco-íris que viviam com eles. Ela viu uma criança pequena, segurada nos braços de uma ondina fêmea, que olhou para ela com um sorriso suave no rosto. E ela sabia... ela *sabia* que não podia deixá-los ali.

Engolindo em seco, ela balançou a cabeça para limpá-la da visão que o andarilho das profundezas lhe dera e suspirou com dificuldade.

— Pequena?

Um lampejo de luz iluminou a lente do sua androide.

Sua garganta estava grossa de emoção, e ela não tinha certeza se suas palavras eram algo além de uma confusão confusa.

— Diga aos outros que houve uma mudança de planos. Estamos indo agora. Prepare Maketes e Ace. No momento em que eles puderem chegar aqui, traga-os aqui. Muitos alarmes vão disparar.

— O que você está fazendo? — Bitsy perguntou, mas ela podia ver que as mensagens eram enviadas para o éter, onde os outros as receberiam.

— Daios? Eu sei que você pode me ouvir. — Anya caminhou até o broto perto do corpo morto. Seu pai sempre foi eficiente. Ela sabia que havia um túnel para eles despejarem esses corpos no mar. Apertando o botão de liberação, ela agarrou a bandeja de ferramentas ao lado e a enfiou no broto para mantê-lo aberto. — Eu te amo. Tente não ficar bravo comigo por muito tempo.

Ela sabia onde estavam os explosivos. Ela sabia onde tudo estava porque eles não os tinham movido desde o acidente dela. Todos aqui eram tão arrogantes. Eles não acreditavam nem por um segundo que sua princesinha dourada seria a única a destruir tudo de dentro para fora.

Bolhas apareceram na lente, e ela sabia que Bitsy o havia deixado passar pelo canal para enviar uma última mensagem a ela.

— Kalon, o que você vai fazer?

Saindo da sala, ela pegou o machado que estava pendurado em uma caixa de vidro para o caso de emergências. Era muito mais pesado do que ela pensava, e ela teve que arrastá-lo pelo chão atrás dela até a sala de munições.

Os explosivos eram pequenas bolas prateadas, assim como as que

danificaram sua audição. Mas ela sabia que elas deveriam ser lançadas no mar, onde detonariam um explosivo poderoso o suficiente para limpar um campo de pelo menos cem ondinos.

Esse era o plano, pelo menos. Seu pai nunca precisou usá-las, mas ele gostava de ter armas para o caso de precisar. Ela passou o dedo sobre uma delas e ela se iluminou com números no topo. Bitsy ajudou, mostrando exatamente onde apertar para dar tempo de salvar os ondinos e sair.

Ajustando um cronômetro para trinta minutos, ela supôs que seria tempo suficiente. Além disso, ela só precisava disparar um. Havia pelo menos quinze deles um ao lado do outro. Um único explosivo dispararia todos os outros até que se tornasse uma bomba enorme.

Erguendo o machado no ombro, ela voltou para a sala onde os dois ondinos vivos permaneciam.

— Vou tirá-los de lá. Não importa o que aconteça.

36

DAIOS

Daios observou a projeção em tamanho real com horror, fazendo seu sangue gelar.

Fortis não mentiu. Os achromos tinham as mãos em ondinos, e eles os estavam despedaçando. Por quê? Ele não tinha ideia. Eles provavelmente não obteriam respostas desses monstros que não pensavam em matar apenas para descobrir respostas sobre seu povo.

Se mais alguém estivesse naquela sala, ele teria dito para procurarem mais. Ele teria querido uma resposta para o porquê de os corpos estarem ali como lixo. Mas era Anya quem estava olhando para eles. Era sua mulher que arriscou a vida só por estar naquela sala com os outros.

Ele se moveu onde estava encostado na piscina lunar, fazendo o melhor para não esbarrar em Maketes, que estava segurando outro fone de ouvido que Mira tinha montado para que ele pudesse contatar Ace. Seu murmúrio baixo era uma distração, mas não o suficiente para mudar sua real preocupação.

— Byte, — ele resmungou. — Faça uma conexão com Bitsy. Preciso falar com Anya.

Byte emitiu um som descontente.

— Não posso simplesmente fazer isso. É uma grande violação de privacidade e é considerado altamente rude entre os androides.

— Eu não me importo. Conecte-se com ela e force-a a me deixar falar com Anya, ou eu vou te esmagar em cem pedaços que nem Mira pode consertar.

Mira lhe lançou um olhar sujo para a ameaça, mas funcionou. Byte

permitiu que uma conexão passasse.

— Kalon, — ele disse, sua voz baixa e cortante. — O que você vai fazer?

Arges se moveu onde ele havia se apoiado dentro da sala. As escamas de Arges já estavam secando, mas ele não se moveu de seu lugar, encarando a projeção ao lado de Daios. Anya estava arrastando algo atrás dela, e sua respiração estava difícil. O que ela estava fazendo? Ela iria se machucar se não parasse.

Daios deveria estar lá com ela. Ele poderia ter descoberto uma maneira de entrar naquela sala para poder se juntar a ela. Então, o que quer que ela quisesse fazer, ele poderia fazer com ela.

— Vou tirá-los — ela disse, sua voz soando verdadeira e forte através da conexão. — Não importa como.

— O que quer dizer com tirá-los de lá? — ele rosnou. — Você acabou de armar os explosivos. Pudemos ver que você colocou um cronômetro neles, Anya!

Mas ela não respondeu. Ela apenas jogou o machado sobre os ombros, virou-se para o tanque com o ondino acordado e o derrubou no vidro. O andarilho das profundezas lá dentro estremeceu, mas então olhou para o pequeno entalhe no vidro e pareceu saber o que estava acontecendo.

Arges se agitou, sua cauda azul se enrolando mais perto dele enquanto ele se empurrava para mais perto da tela.

— Ela vai quebrar o vidro.

— Ele vai matá-la — Daios rosnou.

— Eu acho que não. Parece que ele entende o que está acontecendo. — Arges apontou para o outro de seus machos preso dentro do outro tubo. — Aquele ainda está dormindo, no entanto.

— Anya, — ele disse, esperando que Bitsy jogasse suas palavras nela novamente. — Pare o que está fazendo. Há apenas dois deles e uma

cidade inteira para você salvar. Maketes está falando com Ace, mas eles precisam de mais tempo.

— Diga a eles que eles têm trinta minutos — ela resmungou enquanto batia o machado no vidro novamente. A teia de aranha de rachaduras se quebrou nas bordas. Não foi bem uma quebra, mas o suficiente para o andarilho das profundezas atingi-la do outro lado também.

— Trinta minutos? — Ele olhou por cima do ombro, ouvindo Maketes repetir as palavras no tradutor e então balançando a cabeça enquanto lia no próprio dispositivo.

Os olhos de seu irmão de barbatanas amarelas estavam arregalados de pânico antes que ele dissesse:

— Não podemos estar prontos em trinta minutos.

— Você ouviu isso, Anya? — Daios gritou, como se ela estivesse bem na frente dele e ele pudesse ficar furioso com ela. — Não há tempo suficiente para eles chegarem lá.

— Há. — Ela soltou um pequeno grito dessa vez enquanto batia o machado no chão. As teias de aranha ficaram maiores, dessa vez com água vazando dos pequenos buracos entre elas. — Eu já calculei com Bitsy. Diga a Ace para usar as naves de segurança de Alfa. Elas podem ser ativadas remotamente. A explosão será bem longe das casas de praticamente todo mundo, então apenas as pessoas perto da explosão serão afetadas. Elas sairão bem, e qualquer um por aqui merece ficar preso.

Algo sobre isso lhe pareceu estranho. Do jeito que ela disse as palavras, tudo parecia errado. Trinta minutos era menos do que o tempo que ela levou para chegar às cápsulas de segurança sozinha.

Tudo o que ele conseguia ouvir era um grito agudo em sua cabeça, e o tempo pareceu desacelerar. Ele olhou para Maketes. Seu irmão estava completamente iluminado, repetindo as palavras para Ace e então

esperando a tradução do que elas disseram. Aparentemente, estava tudo bem. Eles poderiam fazer isso funcionar mesmo se Ace tivesse que hackear o sistema de Alfa novamente.

Mira e Arges estavam dizendo algo para sua companheira, mas ele não estava ouvindo suas palavras. Tudo o que ele sabia era que sentia que precisava se deitar. Porque ele sabia o que ela estava dizendo. Ela havia dito a ele antes de entrar lá e ele estava muito preso em seus hábitos para ouvir o que ela estava dizendo.

Apoiando-se na borda da piscina lunar, ele resmungou:

— Você não vai sair, vai?

Todos congelaram. Até Byte inclinou a cabeça levemente antes de repassar as palavras para Anya, que havia levantado o machado mais uma vez sobre sua cabeça. Ela pareceu hesitar, aquela arma pesada segurada sobre sua cabeça.

Então ela disse,

— Não sei se vou sair dessa, Daios. Minha família foi quem fez isso. Há um velho ditado humano, Mira pode explicar para você. Um capitão afunda com seu submarino. Tenho que garantir que isso aconteça.

O machado voou pelo ar e atingiu o vidro com força. A projeção de repente girou quando a água pegou Anya e ela foi jogada de volta contra a mesa onde a fêmea morta estava. Objetos afiados choveram sobre sua cabeça da mesa e ela sibilou quando um deles cortou sua perna da calça. A flor brilhante de sangue era tudo o que ele podia ver até que uma mão palmada desceu sobre o ferimento.

Novamente ela fez um barulho de dor, e ele pôde ver que o andarilho das profundezas a havia agarrado com muita força.

— Anya, — ele disse, sua voz falhando. — Você tem que me ouvir. Saia, agora. O andarilho das profundezas fará o que deve.

Quando o andarilho das profundezas não fez nada além de manter a mão na perna dela, ela levantou a mão e tirou Bitsy da cabeça. Anya

virou a projeção para si mesma e ele pôde ver o suor escorrendo pelo rosto dela. Havia uma mancha de graxa no nariz dela e sangue preto escorrendo pelo cabelo do corpo morto acima dela. Seus olhos estavam um pouco selvagens, talvez de medo.

— Eu te amo, — ela disse para a câmera, com um sorriso que ele sabia que era falso. — Ace pode me encontrar. Eu vou manter Bitsy. Ainda há uma chance, Daios. Só uma pequena, mas... Me encontre? Mesmo se eu não estiver viva.

— Anya! — ele gritou, mas então a conexão ficou preta.

Byte lutou para se reconectar. Ele podia ver o texto azul e verde voando onde ele tentou fazer Bitsy ouvir, mas então... nada. Não havia conexão. Nenhuma projeção do que Anya estava fazendo.

Nada mesmo.

Ele soltou um som de raiva que explodiu de seu peito como uma raiva diferente de tudo que ele já sentiu, empurrada por todo seu corpo. Ele bateu os punhos no chão, amassando o metal enquanto mostrava os dentes para os outros.

— Vou pegá-la — ele rosnou antes de se virar para a água.

— Você nem sabe onde ela está! — Mira gritou.

Ele não se importava. Ele tinha que fazer alguma coisa. O andarilho das profundezas ali era tão perigoso quanto as pessoas que a cercavam. Ele a tinha mandado para uma piscina de tubarões para nadar enquanto ela sangrava livremente. O que ele esperava?

Maketes se moveu na frente dele, sua cauda se enrolando na de Daios para impedi-lo de se mover.

— Ouça-nos, Daios. Dê-me um momento para falar com Ace, e eu lhe direi onde ela está. Podemos encontrar uma maneira de chegar até ela.

Ele não queria esperar nem mais um segundo. As palavras saíram dele antes que ele pudesse detê-las.

— Cada momento que estou aqui aumenta minha jornada para o lado dela. Se ela morrer, culparei todos vocês. Ferverei o próprio mar em que vocês vivem. Caçarei cada um de vocês até que sua linhagem não passe de isca neste mar.

O peso dos olhares e do silêncio deles o pressionava, mas ele não se curvaria. Ele não se curvaria às expectativas deles quando a vida de sua fêmea estivesse em jogo.

Maketes assentiu.

— Anotado. Deixe-me falar com Ace primeiro, e então descobriremos uma maneira mais rápida de levá-lo até lá.

— Eu posso fazer isso — Mira disse com um estalar de dedos repentino. — Eu tenho trabalhado em um dispositivo para me ajudar a nadar mais rápido. Ele tem um motor. Com você nadando e o motor te puxando, você deve se mover mais rápido do que sem ele. Não é teletransporte, mas pode reduzir em uma hora ou mais.

Uma hora era metade do tempo. Ele conseguia fazer isso rápido o suficiente. Mas ainda eram trinta minutos depois que a bomba explodiu, e o tempo estava passando.

Seus músculos e cauda se contraíram com a necessidade de ação. Ele não se moveu, no entanto, quando Arges se aproximou dele. Seu irmão segurava o braço de metal, recuperado do fundo do mar.

— Você vai precisar disso.

Ele não queria usá-lo. Anya não gostou, e no final, ele também não. Mas ele ainda o jogou sobre a cabeça quando Mira saiu do quarto dos fundos, fixando a terrível sensação de agulhas cravando em sua pele e flexionando os dedos do braço de metal.

Arges tirou o estranho dispositivo das mãos de Mira e se aproximou dele.

— Estamos aqui por você, irmão. — Ele o entregou e então apontou o interruptor para ligá-lo. — Estaremos logo atrás de você. Mas preciso

que você me ouça quando digo que você não está sozinho.

— Eu te ouço, irmão, — ele respondeu. O que ele não disse foi que não achava que eles poderiam ajudá-lo agora.

— Vá buscá-la.

Maketes fez um barulho de *tsck* e entregou o retângulo estranho.

— Este é o mapa da cidade. Ela está em algum lugar aqui. Ace acha que há uma maneira de entrar por esses tubos. Aparentemente, é isso que o pai dela tem usado para despejar aqueles corpos. Contanto que a explosão não os danifique, você deve conseguir passar.

— Tem certeza?

— Tão certo quanto podemos estar em alguns momentos. — Maketes deu de ombros. — É a melhor chance que você tem agora.

— Então eu vou levar.

Ele não olhou para os outros. Ele não conseguia. Não havia tempo para garantias ou para mais palavras. Ele sabia exatamente para onde ir, e era para lá que ele tinha que continuar.

O dispositivo que Mira havia construído o ajudaria a nadar mais rápido. Ele já o estava puxando, e ele só podia esperar que isso o sacudisse pela água com toda a velocidade de um peixe-veleiro. Se ele conseguisse fazer isso e manter essa velocidade, ele poderia chegar até ela. Esperançosamente. Mais cedo do que tarde.

Ele disparou pela água, sentindo as correntes correndo por seus lados. A deusa estava com ele. Enquanto ele disparava para longe de sua casa, arqueando-se em um grande círculo e então mergulhando na corrente mais rápida que ele conseguiu encontrar, ele sabia que isso era verdade. Fazia muito tempo desde que ele teve tanta certeza de que o mar estava do seu lado.

Ele podia sentir a deusa deles na forma como o oceano se movia com ele. Ele podia sentir isso no momento em que o mar soube que ele iria salvar a única mulher que já significou algo para ele. Sua

companheira. Seu coração. Sua alma.

A deusa estava lá com ele quando o primeiro brilho de Alfa apareceu no horizonte. Uma pequena pedra preciosa dourada à distância e ainda estava inteira. Ele conseguiria. Ele poderia ir um pouco mais rápido agora, porque a adrenalina correndo por seu corpo ainda não tinha acabado. As correntes o empurravam, fazendo-o derrapar pela água. Logo ele estaria ao lado dela. Logo.

A cidade era do tamanho do seu punho agora. Não muito longe. Se ao menos suas nadadeiras funcionassem um pouco mais rápido. Ele poderia chegar lá, ele poderia...

A explosão abalou todo o oceano. Ele a viu primeiro. Uma bolha apareceu ao redor de uma grande parte de Alfa e então estourou. Detritos e poeira se acumularam ao redor do ouro. E por um momento, ele não conseguiu ver nada ali. Era a textura cinza da lama que havia sido agitada, então caiu lentamente para revelar a cidade dourada de Alfa. Então tudo se comprimiu. Sugando de volta para a cidade como se a mão de uma deusa a tivesse pressionado de volta. Formando uma pedra preciosa no horizonte que ficou vermelha quando a cidade explodiu em chamas.

Então ele sentiu. A explosão explodiu por todo o mar, empurrando-o para trás por uma distância incontável enquanto detritos e poeira o cercavam. Ela encheu suas guelras, empurrando-o para a terra enquanto ele lutava contra ela. Lutando por ela.

E então tudo se aquietou. Estranhamente calmo novamente quando o som finalmente o atingiu. O estranho som de estalo e o eco do trovão da ruína.

— Não! — ele gritou, a palavra crua e irregular.

Seus corações explodiram com aquela cidade. Porque ela estava lá. Sua fêmea os havia salvado a todos, mas não havia tempo suficiente para ela correr.

Uma fissura se abriu em seu peito. Toda aquela loucura que ela havia trancado fluiu para fora, sufocando-o com a finalidade de que tudo o que ele amava, tudo o que ele tocava, morria. E era culpa dele.

Todos os fantasmas arrastaram as mãos por seu rosto, mas dessa vez, não parecia que estavam tentando cavar sua pele. Em vez disso, estavam limpando lágrimas que ele não conseguia sentir.

— Vá buscá-la — sussurraram em seus ouvidos. Essas vozes não estavam mais cheias de raiva, mas de tristeza e desgosto junto com ele. — Vá levá-la para casa, Daios. Deite-a para descansar conosco. Nós cuidaremos dela.

O som sufocado que saiu dele era diferente de qualquer outro que ele já tinha feito antes. Seus corações se despedaçaram. Ele mal conseguia enxergar através da dor em seu corpo. Tudo isso se foi agora. Toda esperança. Todo sonho. Tudo isso dizimado no rastro daquela linda luz que tinha sido apagada.

O dispositivo em suas mãos chutou, e ele o deixou cair. Talvez eles o encontrassem mais tarde, mas agora, ele nadava com seu próprio corpo. Ele usou cada músculo, cada fibra, cada dor espasmódica para levá-lo para o lado dela.

— Meu amor, — ele gritou, sua voz ecoando pelo oceano e empurrando as correntes. — Estou indo.

Ele esperava que a alma dela soubesse. Que talvez alguma parte dela pudesse encontrar paz em saber que ela poderia ter morrido sozinha, mas ela não ficaria assim. Ele encontraria cada pedaço dela e a traria de volta. Cada osso, mesmo o menor, ele levaria para o seu lugar de descanso final. Com ele, como ela merecia.

Quando ele chegou a Alfa, todas as defesas da cidade estavam baixas. Nenhum dos outros ondinos tinha chegado antes dele, mas estava tudo bem. Agora, ele precisava encontrar um caminho para o submundo desta cidade. Mesmo que isso significasse que ele teria que cavar através

do lodo para chegar até ela.

37

ANYA
30 MINUTOS ANTES

O ondino pairava sobre ela. Não, não ondino. Andarilho das profundezas. Ele estava respirando com dificuldade, todas as suas guelras dilatadas como se ele tivesse esquecido que tinha um segundo par de pulmões que poderia ajudá-lo a respirar melhor aqui. De qualquer forma, importava muito pouco. Ele iria matá-la, e talvez ela merecesse.

O povo dela foi quem o machucou. O povo dela foi quem o capturou, o trouxe para este lugar e então o forçou a assistir a eles fazendo experimentos em todos os seus amigos. Talvez família. A fêmea na mesa atrás dela era alguém que tinha uma vida antes desta.

Uma vida que o povo de Anya havia roubado.

Ele levantou uma mão para o pescoço dela, aquelas garras mortais arrastando sua pele em finas picadas de dor. Ela já tinha desconectado todas as comunicações com Daios e os outros. Ela não queria que eles a vissem morrer. Não assim.

Mas então o andarilho das profundezas tocou Bitsy gentilmente e se virou. Ele se abaixou para pegar o machado com que ela o havia tirado da mala e se arrastou em direção ao outro ondino.

Ela pensou em perguntar se ele precisava de ajuda, mas reconheceu a postura do corpo dele. Ele tinha que fazer isso, assim como ela tinha que deixá-los sair. Um alarme soou de repente sobre suas cabeças. Atrasado, é claro. Mas alguém havia descoberto que a gaiola do ondino havia sido quebrada e, em breve, haveria enxames de pessoas nesta sala com eles.

— Depressa — ela disse, sua garganta doendo com o som.

Ela não precisou dizer nada. O andarilho das profundezas enrolou sua cauda embaixo de si, empurrando-se para uma grande altura, mas ainda capaz de usar seu corpo como uma arma. Ao contrário dela, ele só precisou de um golpe para quebrar o vidro.

O outro ondino caiu no chão com um tapa molhado. Água saiu dessa também, mas ela estava preparada para isso dessa vez. Agarrando-se nas pernas da mesa, sobrecarregada com o enorme corpo morto acima dela, ela se segurou até que a água parasse de fluir.

Soltando um longo suspiro, ela se arrastou para cima. Sua perna estava pegando fogo onde ela tinha sido cortada com aquela ferramenta idiota. Quem sabia o que tinha entrado na ferida, mas isso realmente importava? Seu pai não a deixaria viver depois disso.

O andarilho das profundezas pegou o outro ondino em seus braços. De alguma forma, o macho adormecido parecia tão pequeno nos braços do outro.

Ela apontou para o broto de descarte que ela tinha aberto.

— Eu já abri para você. Não sei se você consegue me entender, mas você tem que ir agora. Eu posso distraí-los o suficiente para você sair.

Mas não havia tempo suficiente para ela sair. Seu pai enviaria inúmeras pessoas para esta sala. Só havia uma maneira desses ondinos saírem, e essa maneira era ela. Seu disfarce foi descoberto. Agora, ela só podia esperar ter detonado bombas suficientes para causar algum dano real.

O andarilho das profundezas assentiu, quase como se a tivesse entendido, e então entrou no cano. Ela já conseguia ouvir botas do lado de fora da sala nos corredores de metal, então esperou até o último momento possível antes de arrancar o metal com o qual a havia prendido. O cano fechou com um baque finalístico, e ela sabia que era isso.

Ela teria que distrair um grupo de homens e mulheres que tinham sido instruídos a pará-la a todo custo. Vidas dependiam disso.

As portas se abriram com estrondo. Metal atingiu metal, a sala tremeu com a força disso enquanto ela se virava para olhar para a última pessoa que ela esperava que andasse pela sala com uma parede de pessoas atrás dele.

— Oi, pai — ela sussurrou.

O General estava na área central de seu laboratório de pesquisa, o rosto vermelho como beterraba, tão bravo que não sabia o que fazer consigo mesmo. Seus olhos examinaram o que ela tinha feito. Os tubos quebrados. O jeito como ela se encostou na mesa com o corpo morto, obviamente ferido. Seus olhos viram tudo, menos a sala com todas as armas.

Por que ela iria ficar no quarto que lhe causou dano permanente? Por que ela se arriscaria daquele jeito de novo? Para ele, ela ainda era uma garotinha tola que tinha muita pena das criaturas que ele odiava.

— Anya, — ele disse, claramente tentando o seu melhor para não gritar com ela. — O que você fez, criança?

— Eu não sou uma criança. E eu os libertei.

— Por que?

— Porque eles são pessoas. Eles têm culturas e vidas intrincadas que não entendemos. E porque você os estava cortando enquanto eles estavam acordados para seus próprios jogos doentios e distorcidos. Não sei por que você quer rasgar algo vivo enquanto ele pode sentir cada corte, mas eu me recuso a deixar você fazer isso por mais tempo.

O rosto dele ficava cada vez mais vermelho a cada palavra que ela dizia. Mas então ele jogou direto na mão dela.

— Todo mundo fora.

O soldado ao lado dele se virou surpreso.

— Senhor?

Ele deve ter sido o mais novo recruta com lavagem cerebral do pai dela. O homem não só pensou que estava exatamente onde precisava estar, mas também estava questionando abertamente o pai dela na frente de outras pessoas.

Alguns soldados nunca aprendem.

— Saia — seu pai retrucou. — Não me faça dizer duas vezes. Este é um assunto de família.

Nos dias em que ela tinha medo dele, ela teria se encolhido com as palavras. Quando criança, ele teria aproveitado esses momentos para aumentar os hematomas que ninguém podia ver. Mas ela era uma mulher adulta, e sabia qual era o gosto da liberdade.

A lembrança disso era o suficiente para lutar por ela. Mesmo que ela nunca mais fosse sentir o gosto disso.

Anya enrolou a mão em volta de um bisturi ainda na mesa. Se isso exigisse que ela sujasse as mãos, então ela faria isso. Seu pai merecia isso.

Demorou um pouco para que todos saíssem novamente pelas portas, mas então eles foram selados na sala juntos. A expressão do pai mudou de uma de aborrecimento repreensivo para uma raiva absoluta.

— Primeiro, você voltou dos mortos, — ele começou, sua voz profunda e áspera. — Então você está liberando experimentos? Eu tenho que perguntar, filha, como você descobriu o que estava acontecendo aqui embaixo?

— Os ondinos falam.

— Nenhum ondino sai vivo desta sala, então você terá que fazer melhor do que isso. — Ele deu alguns passos em direção a ela, apenas para levantar as mãos e parar enquanto ela brandia o bisturi para ele. — Aquele pequeno porco-espinho não fará nada, Anya. Largue isso.

— Não — ela sibilou, ajustando Bitsy para que ela pudesse ver tanto a lente quanto seu pai com mais facilidade.

— Você achou que eu não sabia do seu contato fora da cidade? Eu

tenho observado você desde que você era uma garotinha. Eu sei tudo o que você faz.

Ela não aceitaria esse desafio. Bitsy era incomodada com frequência, é claro, mas ela a consertava todas as vezes.

— Você não tem ideia do que eu faço no meu tempo livre.

— Ace? — Ele levantou a sobrancelha. — Sua amiguinha em Gamma? Ela já foi cuidada, espero que saiba. Enviei homens para remover o problema no dia em que você voltou.

Os primeiros sinais de pânico subiram em sua garganta. Ela podia sentir o aperto como se ele tivesse enrolado as mãos em volta do pescoço dela.

— Você nem sabe quem é Ace.

— Não, Anya. *Você* não sabe quem é Ace. Eu sei exatamente quem ela é, onde ela mora e há quanto tempo ela está te ajudando. Assim como eu sabia onde você estava quando aquele monstro te roubou de mim. Mas funcionou, entende? Eu tinha uma filha que me deu todos os motivos que eu precisava para continuar lutando contra os monstros neste mar. Você poderia ter ficado com eles e eu teria te deixado em paz. Tanto quanto um homem pode deixar sua filha em paz quando ela está lutando do lado errado de uma guerra. — Ele deu de ombros. — Mas você tinha que voltar.

Quanto tempo faltava para as bombas? Ela sabia que deviam ser menos de vinte minutos. Levou um tempo para tirar os ondinos dos tanques. Mas quanto tempo realmente levou? Pareceu apenas um momento, mas ela deve ter desperdiçado mais tempo do que pensava.

— É claro que voltei — ela disse. — Depois que me contaram o que você estava fazendo, eu sabia que era a única que poderia impedir.

— Parar o quê? A morte de dois ondinos? — O sorriso torcendo seus lábios era completamente cruel. — Eles vão nadar para longe e talvez viver mais alguns anos, certamente. Eu só vou pegar mais.

— Farei tudo o que estiver ao meu alcance para garantir que você não faça isso.

— Tenho certeza que sim. Você sempre foi uma tola obstinada.

Foi quando ela percebeu que a mão dele estava na cintura. Os dedos dele brincavam com o cabo de uma arma. E o que ela deveria fazer? Ela tinha que mantê-lo falando.

— Você vai atirar em mim, pai? — Ela atirou as palavras nele, porque eram suas únicas armas. — Sério? Sua filha?

— É uma pena que você tenha enfiado na cabeça que os ondinos eram pessoas de verdade. Quando você voltou, vi a filmagem do seu sequestro e era óbvio que eles fizeram uma lavagem cerebral em você. Os alarmes dispararam e que sensação horrível eu tive no estômago. Uma doença como se eu soubesse que estava prestes a perder minha filha. Eu te encontrei aqui embaixo morta depois que você tentou libertá-los, e eles te mataram na saída. — Ele balançou a cabeça, tirando a arma do cós e apontando para a cabeça dela. — Mas a cidade sempre se lembrará de você.

— Por quê? — ela perguntou. Um certo desespero dentro dela sabia que ela estava prestes a morrer, mas ela tinha que entender o raciocínio por trás disso. — Por que me matar? Por que passar por todo esse trabalho?

— Porque eu sempre precisei de uma figura de proa! — Cuspe voou de sua boca. — Sua mãe nunca entendeu isso também. Eu a persegui por anos. Anos dizendo a ela que eu me tornaria o próximo general e que ela ficaria ao meu lado. Somente os maiores generais da história de Alfa tiveram esposas tão bonitas quanto ela. Eu me tornaria um deus aos olhos deles com ela ao meu lado!

— Mamãe não queria se casar com você? — Ela realmente não se importava tanto, mas isso o manteria falando.

— Não, ela não queria se casar comigo. — Seu rosto se distorceu,

como se ele estivesse tentando fingir estar triste. — Mas quando seu pai morreu tragicamente em um terrível acidente de mergulho, ela não teve para onde ir a não ser rastejar de volta para mim. E ela teria sido a noiva perfeita se não tivesse escolhido a saída covarde e cortado os pulsos naquela porra de banheira! Se ela quisesse morrer, eu poderia tê-la feito uma mártir, mas não. Ela teve que tirar isso de mim também. Felizmente, eu tinha uma substituta pronta.

Bitsy circulou a arma na mão do pai e colocou a palavra "clique". Ele havia tirado a trava de segurança da arma. Ele ia atirar nela. Ele ia dar um tiro na cabeça dela e não havia nada que ela pudesse fazer para impedi-lo.

— Mamãe se matou? — ela sussurrou, dando um passo para trás como se as palavras a machucassem. Mas, na verdade, sua cabeça estava girando com todas essas novas informações. — Você nem é meu pai?

— Não. Era mais fácil dizer que eu era, no entanto. Mantive você bem quieta durante todos esses anos. — Ele gesticulou para cima e para baixo no corpo dela com a arma. — Você se parece com ela. O sonho dourado de Alfa. Prova de que nossa cidade nasceu em nada além de beleza. Anos atrás, eles teriam adorado você como uma modelo. Talvez eles tivessem dito que você foi enviada a nós pelo próprio deus. Você sabia disso? Você sempre exerceu essa beleza tão bem. Assim como ela.

Não. Ela não tinha. Ela não queria nem um pouco de sua aparência, nem nunca quis atenção.

— Mas então eu fui e toquei em algo que eu não deveria, — ela sussurrou. — E eu não era mais perfeita.

Bitsy lançou uma imagem de alguém dando um abraço em outra pessoa, e ela estranhamente esqueceu que a androide estava até mesmo em sua cabeça. Ela estava tão acostumada a ler as palavras dos lábios de seu pai que não tinha notado que estava lendo as palavras transcritas na sua frente. Ela simplesmente... existia.

Os ombros dela se curvaram para frente em derrota. E a cabeça do General se inclinou para trás com uma risada que ela sabia que devia ser cruel e cortante.

— Sim, você estragou um pouco. Mas, surpreendentemente, as pessoas pareciam te amar ainda mais depois do seu pequeno erro. Estranho, eu tinha pensado que isso provaria que você estava tão quebrada quanto todos nós pensávamos que você estava. Mas não. Elas te amavam porque você era um passarinho quebrado que precisava delas para te recompor.

— Eu nunca fui quebrada. — Ela fechou os dedos ainda mais firmemente em volta da lâmina do bisturi, como se para se lembrar de que não estava indefesa. — Eu me tornei muito mais forte. É uma pena que você não tenha reconhecido isso, General. Mas deixe-me dizer que sou muito mais do que você poderia sonhar.

— É bom saber. Vou dizer a todos que essas foram suas últimas palavras. Eles vão adorar isso.

Ele apontou a arma para a cabeça dela novamente, e ela teve a sensação de que agora era a hora. Que tudo estava prestes a acontecer e se ela estivesse certa, ela havia salvado todos eles.

O sorriso suave no rosto dela o fez parar.

— Por que você está sorrindo? — ele rosnou.

— Você não sabe de tudo, General. Embora goste de pensar que sabe.

— Tenho meus olhos em todos os lugares. Até mesmo no seu pequeno casulo. Sei que eles estão vindo atrás de você, e estaremos prontos para derrubá-los com todos os tiros que existem nesta cidade. Eu os destruirei e me tornarei o General que ninguém nunca esquecerá.

— Certo — ela respondeu. — Se eu não tivesse detonado as bombas.

— Que bombas? — Seu rosto se contorceu em um rosnado e ele se

virou, dando a ela a menor janela de tempo.

Anya girou e correu. Ela correu para trás de outra mesa antes de virá-la de lado. Ela podia senti-la tremendo, e só podia supor que seu pai estava atirando nela. Mas ela estava atrás de metal o suficiente para mantê-la segura por alguns momentos, pressionada contra a parede como ela estava. Era a melhor chance para ela sobreviver à explosão que se aproximava.

Enquanto sussurrava uma contagem regressiva para si mesma, ela deixou as memórias de seus poucos momentos com Daios passarem por seus olhos. Ela tentou tanto não pensar nele durante tudo isso, porque se ela se perdesse nessas memórias, não tinha certeza se conseguiria.

Mas agora ela conseguia se lembrar da suave surpresa nos olhos dele ao seu toque. A maneira suave como ele passou os dedos pelos cabelos dela. A expressão de olhos arregalados que ele teve quando ela o tocou. Todas aquelas memórias maravilhosas enquanto ela contava os minutos com Bitsy.

Te amo, apareceu na tela dela.

Tocando os dedos na pequena androide em sua cabeça, ela sussurrou:

— Eu também te amo, sabia?

As palavras pairavam sobre seus olhos enquanto a contagem regressiva chegava a um. E então tudo explodiu.

38

DAIOS

Ele já tinha quase chegado à cidade quando percebeu que havia outros Povos da Água que ele não reconheceu, todos nadando em direção a Alfa com ele. Ele tinha chegado tão rápido. Como os outros conseguiram se juntar a ele?

Eles deviam estar esperando, ele percebeu. Maketes devia ter feito alguma coisa, mas ele não conseguia se concentrar no que seu irmão tinha feito.

Havia um buraco em um dos seus corações que sangrava. Um deles batia pelo outro, porque metade dele tinha morrido no momento em que a bomba explodiu. Ela se foi. Ele tinha tanta certeza disso que nem as luzes em seu corpo funcionariam. Ela estava morta, e ele tinha que encontrar o corpo dela para trazê-la para casa.

Ele observou os outros ondinos se juntarem a ele com uma dormência que se espalhou por todas as suas nadadeiras. Ele mal conseguia nadar. Tudo parecia bastante mecânico, como se a própria deusa do mar puxasse as cordas de seu corpo para movê-lo para frente. Não que ele quisesse.

Ela estaria mole na água quando ele a encontrasse? Ele já podia ver o sangue ao redor dela como um gracioso vestido carmesim. Ela flutuaria para baixo dentro do vidro da cidade, uma criatura presa além da medida. Cabelos dourados se enrolariam em volta de sua cabeça, manchados de vermelho com mais sangue enquanto sua graciosa espinha se enrolaria sobre si mesma.

Mesmo na morte, ele sabia que ela seria a coisa mais linda que ele já tinha visto. Uma criatura de outro mundo que tinha vindo do céu para

lhe dar um momento de luz brilhante.

Como ele poderia voltar para a escuridão sem ela para guiá-lo?

— Irmão. — A palavra o cortou, porque ele conhecia aquela voz. Esses não eram Pessoas da Água, não como ele, pelo menos.

Virando a cabeça enquanto acelerava pelas correntes em direção à cidade, ele percebeu que era Fortis ao seu lado. A coloração roxa escura iluminou-se no momento em que ele olhou para o homem que um dia fora seu amigo.

— Fortis? — ele perguntou, sentindo como se talvez tivesse pronunciado a palavra de forma arrastada. — O que você está fazendo aqui?

— Sabíamos que isso aconteceria. Estamos aqui para ajudar.

— Desde quando os andarilhos das profundezas ajudam alguém além de si mesmos? — Ele balançou a cabeça, tentando se livrar da névoa de raiva e desgosto. — Com o que você poderia ajudar?

— Você não chegará a tempo. — Fortis apontou para a cidade, e foi então que a mente de Daios clareou o suficiente para ver o que estava acontecendo à sua frente.

Ela abriu um buraco na lateral da cidade. Não era um buraco enorme, mas o suficiente para que a água corresse por aquela área. Era tão pequeno que apenas três de sua espécie poderiam ter passado por ele, uma quantidade surpreendentemente pequena de dano pela destruição que havia causado.

Mas então seus olhos se moveram para cima do invólucro de vidro que protegia a cidade. Fraturas rangiam através dele, fissuras se movendo por todo o caminho até o domo de vidro até que ele pôde ver que havia milhares delas.

Rachaduras não apenas na primeira camada, mas na segunda também. Rachaduras que estavam piorando cada vez mais com a pressão do oceano.

— Ela fez isso — ele disse, sua voz pouco mais que um coaxar. — Ela derrubou a cidade.

— Ela fez isso. — Fortis limpou a garganta antes de colocar uma mão em suas costas e empurrá-lo para frente ainda mais rápido. — Talvez tenhamos visto o futuro errado quando se tratava dela. Eu temia que ela cedesse sob o peso da decepção do pai. Mas ela é uma mulher impressionante, irmão. Impressionante o suficiente para ganhar o favor dos andarilhos das profundezas.

Aquele entorpecimento voltou a rastejar em sua alma. Porque como ele poderia dizer sim, ela era, quando sabia que isso era no passado? Ela tinha que estar morta. Aquele buraco era grande o suficiente para afogá-la, mesmo que ela tivesse sobrevivido à explosão.

Ela se foi.

Duas figuras apareceram na escuridão turva que cercava a cidade e, por um momento, seu coração saltou mais uma vez. Talvez ela tivesse conseguido sair. O Povo da Água ela havia salvado. Certamente eles a levaram com eles. Eles tinham que ter...

Mas era um andarilho das profundezas com um de seus machos nos braços. Os dois machos estavam em péssimo estado, magros demais para serem saudáveis e mal conseguiam passar pela água.

Fortis se moveu mais rápido do que ele em direção a eles. Ele agarrou o desacordado dos braços do outro, passando o corpo para outro de sua espécie antes de reunir o andarilho das profundezas em um abraço. Eles se enrolaram um no outro por um momento, suas caudas se enrolando e se retorcendo antes de se separarem.

— Você está bem? — Fortis perguntou, sua voz rouca.

— Estou vivo — disse o jovem andarilho das profundezas.

E Daios percebeu que eles eram a cara um do outro. O mais novo parecia quase idêntico a Fortis, até mesmo nas manchas em sua cauda e nas pontas amarelas de seus tentáculos.

— Você tem um filho? — ele perguntou.

— Eu tenho um filho. E o povo dela o tirou de mim.

— Por que você não disse logo isso? — ele cuspiu. A raiva surgiu novamente, e algumas de suas luzes voltaram à vida com a força dela. — Em vez disso, você inventou essa história de uma criatura morta da qual você arrancou as memórias, quando você poderia ter me dito que seu filho estava em perigo!

— Eu não sabia se poderíamos confiar em você. — Fortis nunca soltou o ombro do filho. — Você estava tão envolvido com ela, eu não sabia se você contaria a ela e ela mandaria uma mensagem para o pai dela para matá-lo. Eu não podia correr o risco.

— E ainda assim ela assumiu o risco por você e seu povo. — Novamente aquela queimação em seu peito, aquela dor que ele não conseguia esfregar para afastar. Ele virou o rosto do amigo, incapaz de olhar para nenhum dos dois. — Eu tenho que entrar e buscá-la.

— Daios, é muito arriscado. Precisamos retornar aos outros e ajudar os achromos com suas cápsulas de fuga. Nós os guiaremos até Gamma, onde é seguro. Esse é o plano, não é?

Ele não queria saber como Fortis sabia disso. Tudo estava pressionando-o até que ele sentiu que não conseguia respirar novamente.

O filho de Fortis limpou as guelras da poeira antes de dizer:

— Ela salvou nossas vidas. Eu podia ver o perigo em que ela estava e podia sentir o cheiro de quão aterrorizada ela estava. Mas ela ainda fez isso. Se existe uma mulher que poderia sobreviver àquela explosão, é ela.

As palavras deveriam tê-lo feito se sentir melhor, mas não fizeram. Em vez disso, tudo o que elas o lembraram foi que ninguém poderia ter sobrevivido à explosão. Ninguém. E ele tinha tentado tanto fazer todo o possível para mantê-la segura.

Até que ela escolheu se colocar em perigo. Até que ela escolheu tirar

a própria vida para salvar tantos outros. E quem era ele para impedi-la de buscar essa honra?

Sentindo-se como um macho quebrado, ele assentiu para o mais novo antes de fixar os olhos no mais velho.

— Fortis, certifique-se de que todos que precisam sair saiam. Reúna nosso povo e deixe claro que eles não devem matar aqueles que permanecerem vivos.

— Eu vou. Até seu irmão chegar, todos eles estarão seguros.

Ele se virou de volta para a cidade e sentiu aquela dor afiada como uma adaga em seu peito. Ele não tinha percebido que doeria tanto perdê-la. Se ele soubesse, teria assumido o risco?

Daios entrou na escuridão da poeira cega, sentindo com a mão as bordas irregulares do metal. Elas raspavam as delicadas teias entre seus dedos, rasgando suas unhas. E através de toda a dor, ele sabia que faria isso mil vezes para ter as memórias dela vivendo em seu peito. Ele daria qualquer coisa para tocar os fios dourados de seu cabelo.

Chamas iluminavam tudo ao redor dele. Tudo o que ele conseguia ver, no entanto, era o jeito como os olhos dela enrugavam nas bordas quando ela sorria para ele. Como ela tinha visto através de toda a sua raiva e, em vez disso, confiava que ele não era um monstro. Não importava o quão mal-humorado ele tinha sido, não importava o quanto ele tinha tentado fazê-la odiá-lo.

Anya olhou para ele com afeição e amor desde o começo. Não como um bicho de estimação ou uma criatura estranha do mar. Mas como um homem que tinha visto muita coisa na vida, e ela sabia como era isso.

Havia ar acima dele. Chamas que também tremeluziam para a vida, mas ainda havia uma bolsa de ar.

Suas guelras pareciam congeladas quando ele enfiou a cabeça na sala. A explosão havia rasgado o chão de metal e inundado a maior parte da área. O chão havia se partido em dois, e parecia que de alguma forma

a sala inteira havia se inclinado. Parte dela ainda estava fora da água, bastante, na verdade. A inundação parecia estar sugando tubos que canalizavam a água mais para o fundo da cidade. Pelo som fraco de gritos, ele teve a sensação de que estava inundando os níveis mais baixos, e que havia algumas pessoas que não conseguiam sair.

Ele deveria sentir algum tipo de pena por eles. Afinal, ele estava apaixonado por uma de sua espécie e ainda assim... ele não sentia nada.

Emergindo da água, ele lançou seus olhos por toda a sala que ele lembrava ter paredes. Pelo menos, era o que parecia da perspectiva de Anya. Não havia mais paredes nesta sala. Apenas escombros quebrados e um teto que parecia que iria desabar a qualquer momento.

O chão estava tão rachado que havia um pequeno caminho de água que ele poderia usar para entrar mais fundo na sala, então ele o fez. Nadando lentamente pela corrente e evitando as áreas onde os fios tinham caído no mar e lançado cacos brilhantes e quentes no ar que queimaram quando tocaram sua pele pela primeira vez.

Sibilando, ele se virou em direção a um som enquanto algo se movia à distância. Metal estalava e havia o som mais fraco de um gemido.

Se alguém tivesse sobrevivido, ele os rasgaria membro por membro. A violência aliviaria a perda de seu amor. Ele se cobriria com o sangue de seus inimigos, pingando com ele em honra ao sacrifício dela.

Puxando-se para fora da água, ele expeliu tudo com força de suas guelras. Instantaneamente, tudo o que ele conseguia sentir era o cheiro de fumaça e fios queimados. Este lugar iria desabar a qualquer momento, então ele tinha que encontrar o corpo dela e sair.

Mas primeiro ele saciaria sua sede de sangue.

Agarrando a chapa de metal deformada e amassada, ele a arrancou da pessoa escondida embaixo dela. Dentes à mostra e luzes brilhando vermelho-sangue, ele sabia que era uma criatura iminente das

profundezas que aterrorizaria até mesmo as almas mais corajosas.

Mas não era um inimigo escondido sob o metal escuro e deformado. Era uma pequena mulher loira, enrolada em si mesma como se tivesse acabado de ser enfiada dentro de um ovo. Um presente dos deuses, parecia.

Toda aquela raiva vazou dele de uma só vez e ele não conseguia nem se segurar mais. Os músculos de sua cauda espasmaram. De repente, ele estava bem ali na frente dela. Segurando seu rosto com suas mãos, uma fria e metálica e a outra quente e viva.

— Anya? — ele sussurrou, sua voz tremendo porque ele juraria ter ouvido um gemido daquele canto. Ele pensou ter visto o peito dela se erguer com uma respiração. — Kalon? Por favor, me diga que você está viva.

Outro gemido, dessa vez enquanto ela rolava a cabeça. Havia sangue em seu rosto onde a lente havia se estilhaçado contra sua bochecha e testa. Mais linhas de sangue pontilhavam seu couro cabeludo onde Bitsy havia sido esmagada contra sua cabeça. A pequena androide não estava se movendo, e ele não tinha certeza se isso aconteceria novamente.

Arrastando-a para si, ele se encostou na parede e a puxou para seu colo. Enrolando sua cauda em volta dela, ele criou um escudo em seu corpo para que nem mesmo uma faísca de calor tocasse sua pele.

Ele estava tremendo. Tremendo com ela em seus braços tão forte, ele estava com medo de que o movimento a machucasse. Mas então ele a puxou para mais perto, pressionando a cabeça dela sob seu queixo e fechou os olhos com força enquanto lágrimas quentes escorriam por suas bochechas.

Balançando-a para frente e para trás, ele tentou controlar o que estava sentindo. Mas essas emoções se recusavam a ser domadas ou nomeadas de qualquer forma. Elas eram um tufão de loucura e

esperança, alívio e amor.

Tanto amor.

Tudo isso estremeceu por ele enquanto ele pressionava os lábios na cabeça dela enquanto ela lentamente acordava em seus braços. Ele a encontrou. Ele a encontrou antes que ela se perdesse e ele não sabia a que deus agradecer por poupá-la, mesmo que ela estivesse coberta de sangue e mesmo que ela não fosse a mesma. Ele não se importava. Se os ferimentos na cabeça a mudassem, ele a manteria segura pelo resto da vida.

Só saber que ela respirava era o suficiente para ele. Nada arriscaria isso novamente.

Sua respiração vinha em suspiros curtos enquanto ele se enrolava mais forte em volta dela. Aquele braço de metal não parecia certo, então ele se certificou de que estava mais longe da pele dela para não a esmagar acidentalmente.

Mais uma vez, ele pressionou os lábios nos cabelos dela, sentindo o gosto do sangue dela na boca.

— Acorde, minha kalon, — ele sussurrou, embora não reconhecesse o som de sua própria voz. — Você tem que acordar agora, meu amor. Temos que ir antes que esta cidade nos leve com ela.

Outro gemido, e então ele sentiu algo mudar no corpo dela. Uma tensão que ganhou vida quando ela acordou.

— Daios? — ela disse, embora seus olhos estivessem mal abertos.

Ele se inclinou para trás, tentando dar a ela espaço suficiente para respirar, mas também não querendo parar de tocá-la.

— Minha kalon, — ele disse novamente, sem fôlego de alívio. — É isso. Aí está você.

— Daios? — ela repetiu, aquela tensão aumentando cada vez mais. — Não consigo ouvir… Onde está Bitsy?

Ele não se sentiu bem em tirar nenhum caco de vidro da bochecha

dela. Ele não era um curador, nem nunca teve talento para ajudar os outros a passar pela dor. O simples pensamento dela com mais dor, causada por sua própria mão, fez seu estômago revirar.

Então, em vez disso, ele levantou as duas mãos para que ela pudesse ver o que ele disse.

— Quebrada.

— Quebrada? — ela sussurrou, e então seus dedos se agitaram para tocar os ferimentos em seu rosto. Ela fez um som terrível enquanto seus dedos deslizavam sobre os cacos do que restava. — O que aconteceu?

Segurando seu pescoço, ele voltou sua atenção para os escombros e então gesticulou:

— Você conseguiu.

— Eu consegui. — Ela repetiu as palavras mais uma vez antes de concordar. Ela parecia um pouco... chocada. — Eu destruí Alfa.

Ele a teria segurado em seus braços por mais horas, mas outra parte dos destroços se moveu e se deslocou. Uma grande parte do teto havia caído no canto de trás, e ele presumiu que era imóvel. Mas algo se moveu por baixo. Algo que gemeu e começou a xingar.

Envolvendo os braços um pouco mais forte em volta dela, ele se moveu em direção à água antes que qualquer outra pessoa que estivesse na sala os visse. Ele precisava levá-la para um lugar seguro. A água era segura. Era...

— Espere, — ela disse, sua voz um pouco alta demais. — Espere, Daios.

Aquele momento de hesitação, onde ele teria feito qualquer coisa que ela pedisse, foi o momento em que os escombros finalmente se dissiparam. Um homem estava de pé, coberto de poeira, fuligem preta e sangue próprio.

Um homem que parecia surpreendentemente familiar.

Cada barbatana se alargou em seu corpo, e ele mostrou os dentes

enquanto aquela raiva familiar crescia mais uma vez. Pela primeira vez em sua vida, ele encarou a versão viva do General.

E oh, ele nunca quis matar alguém tanto assim.

39

ANYA

Ela não conseguia tocar o próprio rosto. Anya não tinha certeza do que tinha acontecido, mas tinha a sensação de que sua mente ainda não estava inteiramente com ela. Pareciam cacos de vidro em sua bochecha, e ela não tinha certeza de como eles tinham ido parar ali.

Tudo o que ela sabia era que tinha acordado um pouco quente demais com braços ao redor dela que eram firmes e seguros. Ela sabia quem a estava segurando. Como não poderia?

Daios sempre foi o sonho. Ela queria sentir os braços dele ao redor dela, então é claro que ela tinha sonhado com eles. Aconchegada nos músculos do corpo dele e nas batidas constantes do coração dele, nada poderia machucá-la.

Em alguma parte de sua mente, ela sabia que estava sofrendo. Ela sentiu isso. E quando acordou o suficiente para perceber que talvez isso não fosse um sonho, ela sentiu o vidro em seu rosto. Ela também podia sentir a estranha sensação de pressão em seu crânio. Não, em cima de seu crânio.

Aquele sentimento de pânico começou a crescer em seu peito novamente. Ela não queria pensar que o sentimento era Bitsy, mas... O que seria? O que ela faria se sua androide fosse destruída? Ela não conseguia ouvir nada. Nem Daios. Nem o gemido do prédio ao redor dela. A explosão bem ao lado dela só tornou tudo muito mais difícil. Era apenas um silêncio opressivo que pesava sobre ela.

Ela não conseguia respirar. Ela também não conseguia ficar nos braços dele porque havia outra coisa que ela deveria lembrar, mas sua mente estava tão dispersa.

Anya não conseguia ficar parada assim. Ela não conseguia ficar nos braços dele quando precisava de um pouco de ar. Um pouco de espaço para processar que tudo em que ela confiava tinha sido tirado dela. Lutando, ela ignorou os sons frustrados dele até que conseguiu ficar de pé ao lado dele e apenas... respirar.

Mas o maldito ar estava cheio de fumaça porque ela tinha acabado de destruir sua *casa inteira* e estava *sangrando.*

Gotas de sangue quente escorriam por seus braços. Ela não conseguia parar de encará-las enquanto corriam por sua pele. Pela primeira vez desde que acordou, ela se perguntou se havia algo seriamente errado com ela. Anya não conseguia colocar peso algum na perna, mas se lembrava de ter sido esfaqueada ali quando tentava libertar as ondinos e então...

Uma sensação fria percorreu sua espinha enquanto ela se lembrava da outra parte importante de tudo isso. A parte mais importante, ela percebeu, considerando que ele agora estava de pé no lado oposto da sala.

De alguma forma, impossivelmente, o General ainda estava vivo. Ele estava de pé sobre pernas trêmulas, assim como ela. Dois pilares de cada lado da sala que estava desmoronando, mas de alguma forma eles estavam segurando tudo isso com seu ódio mútuo um pelo outro.

Ela podia ver a arma no chão bem na frente dele. Ele viu ao mesmo tempo que ela e inclinou a cabeça para o lado enquanto olhava para ela e para o ondino ao lado dela.

Claramente ele estava pensando a mesma coisa que ela. Ele tinha tempo para pegá-lo. Se ele fosse rápido. Mas ele tinha tanto sangue e sujeira cobrindo-o, e não seria tão fácil para ele fazer isso.

Ele disse algo, mas estava longe demais para que ela lesse seus lábios. A mão de Daios envolveu seu tornozelo, e quando ela olhou para ele, ele sinalizou algo próximo de “Ele quer você morta”.

Ela sabia. Por mais que doesse, ela sabia.

O General ficou ali, seus lábios ainda se movendo, mas ela não tinha ideia do que ele estava dizendo. Parte dela não queria saber. Ele estava vomitando palavras de ódio e honestidade absoluta de que não a queria. Ele nunca quis.

Ele já havia lhe contado tudo o que precisava dizer. O General acreditava que ela era menor por causa da mãe. Ele sempre pensou nela como nada além de uma substituta. Uma figura de proa que deveria ser igual à mãe, mas ela também não era facilmente controlada.

Ele a tirou da mãe na esperança de criar uma ferramenta com a qual pudesse fazer o que quisesse. Todas as memórias da infância dela foram subitamente contaminadas.

Eles nunca se deram bem. Ele não era um bom pai, mas ela sempre pensou que, no mínimo, ele tinha algum orgulho dela. Agora ela sabia que era tudo lavagem cerebral. Tudo isso era apenas uma maneira de ele controlá-la. Para manipulá-la para transformá-la na pequena boneca para que ele pudesse mover seus membros à vontade e manipulá-la para dizer as palavras que ele queria que ela dissesse.

Ela tinha sido uma tola por confiar nele, mas não conseguia mudar seu passado. Tudo o que podia fazer era continuar seguindo em frente de uma forma da qual se orgulhava.

— Cale a boca, — ela gritou, apertando a barriga para que as palavras saíssem tão alto quanto ela sabia como fazê-las. — Eu não quero mais ouvir nada do que você tem a dizer. Eu estou indo embora. Você pode ficar na sua cidade em ruínas para salvar o pouco que sobrou. Eu quebrei minha gaiola. E agora vou voar livre.

Como se tudo se movesse em câmera lenta, ela observou o General agarrar a arma tão perto dos pés. Ele a levantou e apontou diretamente para ela, e ela sabia que havia uma parte dele que queria vê-la sofrendo. Ele não mirou na cabeça dela. Ele mirou no peito dela, como se soubesse

que era onde doeria mais. Bem no coração partido e sangrando dela.

Ela não ouvia sons altos há muito tempo. Especialmente um tiro. Ela os ouvia quando ainda tinha audição, e quando era apenas uma criança.

Mas ela sabia como era esse som. Anya conseguia imaginar o som dele saindo da arma dele, e o ricochete de barulho que vinha depois. Apertando os olhos, ela esperou que a dor se juntasse ao resto que já havia queimado todo o seu corpo.

Mas essa dor nunca veio. Nem um pouco.

Abrindo os olhos, ela ficou surpresa ao encontrar Daios na sua frente novamente. Seus dentes estavam à mostra, aqueles olhos negros enxergando diretamente em sua alma enquanto ele se tornava um escudo vivo. Ele estremeceu novamente, inclinando-se para ela com um sopro de ar que cobriu seu rosto.

Ele não disse nada. Talvez porque não tivesse certeza se ela podia ouvi-lo. Tudo o que ele fez foi levantar a mão e tocar o dedo médio e o anelar na palma da mão.

— Eu te amo — ele disse, e ela não o havia ensinado a fazer esse sinal. De onde ele havia aprendido, ela nem conseguia imaginar.

— Você está bem? — ela sussurrou.

Ao seu rápido aceno, ela disse:

— Livre-se dele e depois me leve para casa.

Ele olhou fixamente nos olhos dela com uma expressão mais suave do que ela já tinha visto em seu rosto. Como se ele soubesse o quão horrível era para ela perguntar, e o quanto ela teve que lutar contra si mesma para dizer as palavras. Anya nunca pensou que ela seria a pessoa para ordenar que outra vida acabasse. Mas ela também sabia das repercussões de deixar o General viver.

Era a única coisa sobre a qual nenhum deles havia falado. E enquanto Daios a colocava atrás de uma das mesas de metal mutiladas e

então deslizava para dentro da água, ela repetiu todas as razões pelas quais essa era a escolha certa.

Se eles deixassem o General ir, então ele encontraria seus apoiadores entre aqueles que chegaram aos botes salva-vidas. Ele receberia uma grande entrada em qualquer uma das outras cidades, onde ele continuaria o que estava fazendo, e nada mudaria.

O General começou a gritar. Ela podia ver seus lábios se movendo e seu peito arfando com as palavras enquanto ele apontava a arma para a água. Ela recuou, sacudindo com uma violência que refletia sua raiva. Uma pequena parte dela estava com medo de que Daios fosse atingido, mas ela também sabia que seu ondino tinha feito isso muitas vezes. Lutar contra seu povo era o que ele fazia.

Se o General chegasse às outras cidades, eles teriam ainda menos chance de trabalhar com elas. Ela sabia que Beta já estava quieta considerando o ataque dos ondinos, e seu pai não havia enviado nenhuma ajuda depois. Eles não queriam nada com Alfa ou com as pessoas nela. O que só deixava Gamma, e isso era um problema. Por mais que ela fosse amiga de Ace há muito tempo, Gamma ainda era perigosa. As pessoas naquela cidade eram condenadas, aquelas que foram jogadas aos lobos e para uma cidade que funcionava inteiramente por conta própria.

Nenhum governo, ninguém para policiá-los. Era um lugar sem lei.

A água ondulava atrás do homem que ela costumava chamar de pai. Ele estava ali, pernas apoiadas como se estivesse preparado para qualquer coisa que o atacasse. Mas ele era apenas um humano.

E Daios era muito mais do que isso.

Um braço de metal surgiu da água. Ela observou cada dedo pousar nos restos do chão antes de se flexionar e, de repente, todo o volume de seu ondino se moveu como uma cobra atacando sua presa. Sua cauda chicoteava, músculos se contraindo, cada pedaço de sua força em

exibição total. Em um momento, tudo o que ela conseguia ver era a mais tênue sugestão de sua cabeça e então ele estava em seu pai.

A grande mão de metal segurava o pulso do pai. Então os ossos estavam... errados. A arma caiu do aperto do General, mas ele ainda lutava com a outra mão intacta. O General lutou mesmo quando caiu no chão com o peso do ondino enorme em cima dele.

Daios mostrou os dentes e todas as suas barbatanas se levantaram. Elas tremeram, vibrando com sua raiva enquanto ele olhava para o homem que havia causado tanta dor e ódio ao seu povo.

Ela sabia que ele queria fazer isso devagar. Ele queria levar seu tempo descascando a pele do homem que era responsável por tanta mágoa e dor. Mas quando Daios olhou para ela, pegando seu olhar através da névoa de fumaça e fogo, ele sacudiu o queixo como se dissesse para ela não olhar.

Mas Anya pensou que deveria. Ela deveria assistir e saber o que ele desencadeou porque ela foi quem pediu por isso. Ela disse a ele para cuidar de seu pai. Não, não seu pai. Seus pensamentos estavam tão confusos e seu coração estava acelerado em seu peito.

Então ela viu Daios levantar a mão e apalpar o rosto do General. Os músculos do peito e das costas dele flexionaram, sua cauda se enrolando como se para lhe dar significativamente mais poder e ela sabia...

Ela sabia o que ele ia fazer.

Ela virou o rosto para longe da visão, apertando os olhos fechados, mesmo sabendo que não ouviria o que aconteceu. Sua mente, no entanto, tocou para ela. O enorme ondino que sempre a protegera tinha acabado de esmagar o crânio de seu pai em sua mão.

Isso não deveria fazer sua respiração acelerar ou seu coração bater forte no peito. Ou talvez devesse. Ela disse a si mesma que esta era a primeira vez que o via realmente agir como um monstro, e ela não deveria o odiar por isso? Ela não deveria estar aterrorizada que ele

tivesse a capacidade de fazer isso? Ele poderia fazer isso com ela quando quisesse, e não havia nada que ela pudesse fazer para impedi-lo.

Anya não sabia quanto tempo ficou onde estava, congelada atrás daquela mesa amassada como se fosse o único escudo protegendo-a do mundo. Tudo havia mudado. Mais uma vez. Seu rosto e cabeça estavam em chamas, e ela não achava que havia uma parte de seu corpo que não estivesse machucada. Toda vez que ela inalava, havia uma sensação distinta de beliscão que a fazia ficar um pouco apavorada de que poderia ser uma costela quebrada.

Tudo isso era tão avassalador. Ela não conseguia pensar em tudo de uma vez ou poderia quebrar. Ou talvez fosse o ferimento na cabeça. Como ela deveria saber?

Mãos frias deslizaram por suas pernas, e ela abriu os olhos para vê-lo na água. Esperando que ela olhasse para ele. Aqueles olhos negros estavam cheios de tanta paciência e gentileza que fizeram lágrimas picarem seus olhos.

Ele olhou para ela como se ela tivesse pendurado a lua. Como se soubesse que o que tinha acabado de fazer a assustaria e que ele esperaria pacientemente por ela do outro lado.

E agora eles mal conseguiam se comunicar. Ela não podia pedir garantias a ele porque isso tinha sido tão assustador. Porque ela quase morreu e talvez eles nunca tivessem voltado a ficar juntos se ela não tivesse tido sorte. Ela queria ouvi-lo dizer que ele também estava bem, e que ela ficaria bem. Que juntos, eles iriam superar isso.

Em vez disso, tudo o que ela ouviu foi um zumbido fraco em seus ouvidos e tudo o que viu foi que os lábios dele estavam se movendo. Mas ela não conseguia lê-los naqueles lábios rachados. Talvez porque não fossem palavras de verdade para ela. Ela não conseguia ver onde as sílabas começavam ou terminavam. Ela não conseguia ler os lábios dele e não conseguia dizer o que ele queria que ela ouvisse ou dissesse ou...

Ele levantou as mãos dela dos joelhos, embalando-as enquanto dava um beijo em seus nós dos dedos. Tão gentilmente. Como se soubesse que ela estava frágil agora, e que ela sentia como se pudesse se estilhaçar em mil pedaços do que costumava ser ela mesma.

Ela quebrou. Anya estendeu a mão para ele, lágrimas escorrendo por suas bochechas enquanto as mãos dele deslizavam em volta de suas costas. Não havia um pingo de sangue nele porque ele tinha nadado para o lado dela e logo, não haveria sangue ou cinzas nela também.

Ele os conectou através do tentáculo respiratório, e mesmo isso foi mais gentil do que ela havia percebido que poderia ser. Ela mal sentiu o objeto deslizar em seu pescoço e quando ele respirou por ela, foi como se ele tivesse tirado muito do peso de seus ombros.

Com ele, ela não precisava fazer nada além de ficar em seus braços e deixá-lo assumir o fardo de tudo por ela.

Daios afundou na água com ela, suas mãos nunca parando enquanto alisavam para cima e para baixo sua espinha. O braço quente encontrou as vértebras em suas costas, segurando suas costelas enquanto sentia sua respiração enquanto a apertava contra seus corações. O frio de metal segurou a parte de trás de sua cabeça e segurou seu rosto contra o lado de seu pescoço.

Ela não estava aquecida o suficiente para nadar com ele. Não havia roupas de mergulho. Nada para ela se manter segura.

Mas então ela sentiu as barbatanas dele se dobrarem sobre seus quadris. Ele se enrolou em volta dela, enfiando os dedos dela em suas guelras que estavam quentes a cada respiração que ele dava por ambos. Ele se enrolou em volta dela tão firmemente que ela nem sentiu o frio do oceano.

E então ela sentiu os lábios dele pressionarem sua cabeça, e ela sabia que nada de ruim aconteceria. Ele a levaria para casa.

Estava feito. Tudo estava feito.

40

DAIOS

Daios os levou de volta ao domo mais rápido do que ele pensou ser possível. Com ela envolta em seus braços, ele sabia que seria uma jornada mais lenta só para ter certeza de que ela não congelaria em nenhum de seus membros. Mas pareceu um piscar de olhos para os dois estarem sentados no domo que estava cheio de pessoas mais do que nunca.

Mira andava entre os dois, um tubo na mão que liberava uma gosma que curava tudo o que tocava. Ela estalou as costelas quebradas de Anya e teve que arrancar os restos da androide da cabeça. Pelo menos Byte tinha um kit médico para essa dor também.

Arges e Maketes se arrastaram para o chão do domo para dar aos andarilhos das profundezas um espaço para discutir. Os outros estavam além de bravos com o que tinha acontecido.

Tantas palavras passaram por ele, e ele sabia que deveria prestar mais atenção do que estava, mas não se importou.

— Todos os casulos foram entregues com segurança em Gamma? — Maketes perguntou, aquele tablet em suas mãos apitando com palavras que Daios só podia supor que a amiga de Anya ainda estava em contato com ele.

— Sim, claro. Todos eles foram entregues com os habitantes vivos — disse Fortis, seu filho flutuando ao lado dele com uma expressão dura em suas feições. — Meu povo não aceitou nosso preço de sangue, se é isso que você está perguntando, Maketes. Eu seria honesto se tivéssemos assassinado alguém que merecesse.

Então ele só conseguia ouvir Mira repreendendo Anya, que não

conseguia ouvir uma palavra do que alguém dizia.

— O que você estava pensando, fazendo tudo isso sozinha? Você deveria ter armado as bombas e corrido. Essa é uma merda estúpida que eu teria feito e não gosto que mais ninguém faça isso.

Arges olhou por cima das cabeças de ambos, as guelras do pescoço balançando com diversão.

— Ah? Não é tão divertido quando outra pessoa faz isso?

— Se acalme. Estou tentando curá-la. Nenhum dos pacotes de medicamentos fará nada sobre os problemas de audição agravados, no entanto. Eu não sou uma curandeira. Não tenho ideia do que estou fazendo.

Se ela não sabia o que estava fazendo, então deveria deixar Daios fazer. Então, pelo menos, ele poderia ter certeza de que ninguém a estava machucando enquanto Mira despejava mais daquela gosma nas linhas ainda sangrentas que marcavam a cabeça de Anya.

Ela parecia... errada. Dissociada, ele poderia ter dito. Suas feições estavam muito mais pálidas do que ele já tinha visto, e seus olhos estavam um pouco vidrados demais. Ela parecia muito como se nem estivesse na sala.

Ele a queria aqui com ele. Ele queria saber que ela estava viva e bem e que não importava o que tivesse acontecido, ela não olhava para ele como se ele ainda fosse um monstro.

Afinal, ele matou o pai dela. Ou pelo menos, o homem que ela pensava ser seu pai. Ele ouviu enquanto ela contava a Mira e Arges tudo o que aconteceu no momento em que ele nadou com ela para a piscina da lua. Antes que o lugar inteiro estivesse estava lotado de pessoas e ela parou de olhar como se estivesse vendo o que estava acontecendo bem na sua frente.

— Estamos indo — ele anunciou. — Ou todos os outros estão indo embora.

— Com licença? — Mira disse, se virando com um olhar feroz no rosto e aquela ferramenta estranha de repente empunhada como uma arma. — Você não vai a lugar nenhum com ela. Ela precisa descansar.

— Então todos os outros entrem na água e continuaremos nossa conversa lá fora.

Arges piscou para ele.

— Vocês têm alguma discordância sobre como estamos fazendo as coisas agora?

— Eu tenho. — Ele apertou os braços em volta de Anya. — Ela precisa descansar. Você não está deixando-a descansar.

Todos se viraram para olhar para ela e devem ter visto a mesma coisa que ele viu. Uma mulher que agora estava um pouco fraturada e desgastada nas bordas. Todos precisavam dar espaço a ela.

Os andarilhos das profundezas foram os primeiros a afundar para fora da sala. Então Maketes, que deu a Anya um último olhar preocupado antes de desaparecer. Arges foi o último, seus olhos em ambos as humanas antes de olhar para Daios.

— Seja legal — ele disse, com a voz baixa e suave.

Daios mostrou os dentes em um rosnado e ignorou a risada do irmão. Ele se moveu ainda mais para perto de Anya, gentilmente puxando suas mãos trêmulas do colo e levando-as à boca.

— Eu queria poder te dizer o quanto eu te amo. Como sua luz trouxe mais maravilha e alegria para minha vida do que eu já senti nela. Eu fui um guerreiro a minha vida inteira, e antes de você, isso era tudo que eu era. Você me faz querer largar minhas armas e descobrir o que realmente significa viver.

Ele ignorou que Mira pressionou as mãos na boca e escorregou para dentro da água também. Ele tinha trabalho a fazer. Negócios a terminar que significariam que ele poderia deixar tudo isso para trás. Mas ele tinha que fazer isso primeiro.

Levou cerca de uma semana para ele terminar tudo. Seu povo decidiu voltar para Alfa e destruir a cidade inteira. A única fratura era fácil demais de consertar. Maketes ainda estava em contato com a amiga de Anya, então Ace enviou uma ajudinha para eles também. Ace alegou que havia câmeras prontas para transmitir tudo o que eles fizeram para todas as outras cidades. Então ele e todos os outros grandes Povos da Água destruíram a cidade, painel de vidro por painel de vidro.

Eles quebraram tudo nas pedras, deixando apenas escombros. Ele pegou o que queria, porque havia muitas coisas para salvar. Nada do que restasse seria dado aos humanos.

Joias, vestidos, tudo o que parecia útil, ele pegava. Ele até trouxe de volta um androide que parecia muito com Bitsy para Mira consertar. Com sorte, havia uma maneira de trazer a pequena androide de volta à vida.

E uma semana depois, quando tudo estava feito, ele sentiu que poderia retornar ao lado dela como um bom homem. Como o homem que havia mudado tudo para ela.

Ele não precisava mais lutar. Ele havia deixado aquela vida de lado. E Daios descobriu que estava bastante ansioso pelo que encontraria no futuro.

Enfiando a cabeça na piscina lunar, ele espiou pelo lugar escuro. Ainda era cedo. Mira provavelmente estava dormindo, mas ele sabia que eles tinham preparado outra cama pequena para Anya no quarto do jardim.

— Anya, — ele gritou, antes de jogar uma pedra naquele quarto, mas ele não precisava acordá-la. Ela estava esperando por ele. Como se sua alma soubesse que ele viria buscá-la hoje e ele não iria embora sem ela.

Ela parecia um fantasma, usando um vestido suave e claro que ele a havia dado. Ela disse que era para dormir, mas ele queria vê-la assim.

Com o luar fluindo através da água e transformando sua pele e o tecido em marfim. Ela escorregou no mar com ele sem fazer barulho, mas ele percebeu que havia um novo androide enrolado na cabeça dela.

— Meu presente funcionou? — ele perguntou, sua garra batendo no metal enquanto ele os puxava para a água.

Ela assentiu, então agarrou o tentáculo na base do crânio dele e o fixou em sua garganta. Agora que ele estava respirando por ela, ele não precisava se preocupar tanto. Ela estava segura em seus braços, bem onde deveria estar.

Ele demorou para deslizar pelas correntes, levando-a para uma área escondida do oceano, onde ninguém os incomodaria.

— Para onde você está me levando? — ela perguntou, sua voz leve como o ar.

— Achei que poderíamos aproveitar um pouco um do outro. — Ele tinha esperanças de mais, mas se fosse só abraçá-la, então ele ficaria feliz. — Tem uma coisa que eu quero te mostrar.

Eles não disseram mais nada, mas ele sabia que ela o havia entendido. Ele podia ver as palavras refletidas nas lentes dela.

Daios pensou que talvez ele devesse ficar um pouco preocupado por ela não estar dizendo nada. Ela tinha passado por muita coisa, e ele não queria ser aquele que a pressionava. Afinal, tinha sido... difícil para ambos. A distância. O conhecimento de que eles tinham conseguido fazer o que tinham se proposto a fazer.

Arqueando sobre um platô, ele parou nos arredores de uma área ventilada. Estava mais quente aqui, a água quase quente demais para ele. Mas ela conseguiria flutuar confortavelmente. E então havia as bolhas. Toda vez que uma ventilação era liberada, ela espalhava mil bolhas que, a essa hora do dia... Ah. Lá estava. Todas elas se transformavam em mil arco-íris no momento em que o sol as atingia.

— Linda, não é? — ele perguntou, sua boca contra o pescoço dela.

— Assim como você.

Ela soltou um pequeno som, um gemido que o encheu de esperança. Então, de repente, ela estava se contorcendo em seu braço, agarrando-o. Agarrando a mão dele e arrastando-a até a cintura, até os seios, até qualquer coisa que ela conseguisse que ele tocasse.

— Estou melhor agora, — ela sussurrou, seus lábios encontrando os dele e pressionando as palavras contra ele. — Estou esperando há uma semana e você se foi e eu... estou bem. Só preciso de você.

Ele gemeu, o som parte necessidade e parte alívio. Ele estava se sentindo da mesma forma, mas não tinha certeza se ela queria ser empurrada. Depois de todas as coisas que ele tinha feito, todas as coisas pelas quais ambos tinham passado, ele queria dar tempo a ela. Ele queria deixá-la respirar. Ele queria...

Ela.

Porra, ele só a queria.

Com o braço em volta dela, ele a arrastou contra seu peito para que seus seios fossem esmagados contra ele. Ele a beijou como se fosse um homem faminto. Tentando o seu melhor para pressionar em sua alma todas as coisas que ele teve medo de dizer na semana passada. Ele a queria. Ele precisava dela. Ela era tudo para ele, e ele desistiria do mundo inteiro se isso a fizesse feliz. Ele desistiria do próprio mar para vê-la sorrir.

Respirando com dificuldade, ele mordeu o lábio inferior dela.

— Preciso te ver, Kalon. Estou morrendo de vontade de te ver há muito tempo.

Ela não precisou que lhe dissessem duas vezes. Anya se contorceu em seus braços, puxando o tecido de sua camisola sobre sua cabeça. Ele não tinha visto nada parecido com ela antes. A beleza marfim de sua pele refletia as cores das mil bolhas atrás dela. A luz do sol brilhando através da água aquecia sua carne e a aquecia ainda mais ao seu toque.

Mas ainda melhor, além da curva suave de sua cintura e da bela maciez que cedia sob seus dedos, estavam as cicatrizes que marcavam sua cabeça. Como tranças, elas se enrolavam ao longo de um lado de seu crânio e mal beijavam onde seu rosto começava. Elas eram as marcas da fêmea que ele amava, e da força que ela possuía para sobreviver.

Ele tocou os dedos no pedaço de cicatrizes circulares abaixo do olho dela. Permanecendo onde a nova lente mal cobria antes que ele a levantasse em seus braços.

Ela engasgou, mas então sua cabeça caiu para trás quando as garras dele separaram suas lindas dobras.

— Olhe para você, — ele elogiou, sua boca já salivando. — Já tão molhada para mim, kalon. Deuses, esperei para te provar por tempo demais.

Ele permitiu que a água a impulsionasse para cima até que suas pernas estivessem emaranhadas em seus ombros. Com uma longa lambida, ele finalmente teve o gosto de sua companheira de volta em sua língua. Seus olhos reviraram em sua cabeça enquanto ele fazia isso de novo e ela soltou aquele pequeno gemido que sempre fazia seu coração disparar e seu sangue trovejar em seu corpo. Era disso que ele precisava. Era disso que ele estava sentindo falta a vida inteira.

Um gemido vibrou através dele, suas guelras se alargando enquanto ele lambia e chupava sua pele. Se ele pudesse rastejar para dentro dela, ele o faria. Ele planejava. Porra, ele precisava de anos para explorar a fêmea se contorcendo em seus braços.

Ele olhou para a longa linha do corpo dela. Ela levantou os braços acima da cabeça, todas aquelas curvas suaves para reivindicar se ele quisesse. As mãos dela estavam afundadas no cabelo, os emaranhados enrolados de ouro pegando na luz e, porra, ela era linda. Cada centímetro dela. Os olhos dela se fecharam com força, as bochechas apenas coraram levemente. Ela era tudo o que ele sempre quis e muito

mais.

— Você tem um gosto tão bom pra caralho — ele rosnou, afundando a língua profundamente dentro dela. Era disso que ele tinha descoberto que ela gostava. As pernas dela se prenderam na parte de trás do pescoço dele, apertando forte enquanto ele lentamente rolava todo o comprimento da língua dentro do corpo dela.

Quando ele a fez se contorcer com tanta força que ele temeu por seu coração, ele se afastou apenas o tempo suficiente para rosnar:

— Vou te encher, Anya. E então vou assistir meu esperma vazar dessa sua linda e pequena fenda. E você vai me levar, não é? Tudo de mim.

Ela choramingou, olhando para ele com aqueles olhos aquecidos. Ela assentiu, mas isso não foi o suficiente para ele. De jeito nenhum.

— Diga — ele rosnou.

— Sim — ela resmungou.

E então ele festejou. Ele lambeu, chupou e provou até que ela se desfez em seus braços. Até que suas garras minúsculas cravaram em seus braços e ela o arrastou para ainda mais perto ao mesmo tempo em que tentava afastá-lo.

O prazer batia forte em seu peito. Seus paus estavam tão duros que ele pensou que um único toque o deixaria louco, mas ele nunca tinha sido tão feliz em sua vida. Ele nunca soube que uma fêmea como ela *poderia* existir.

Ele pensou que a tinha deixado sem palavras até que aqueles olhos azuis quentes o olharam e ela de repente se contorceu. Trancando-se em volta dele, ela desceu pelo corpo dele até que ele estava posicionado exatamente onde queria penetrá-la.

— Não vou conseguir parar como da última vez — ele disse, sua voz ainda baixa e gutural. — Há dois por um motivo, minha kalon. A última vez foi só o começo.

— A última vez foi aprendizado — ela respondeu. Seu olhar era tão acalorado quanto o dele enquanto ela alcançava entre eles para segurá-lo. — Desta vez é para mim.

Ele não tinha a menor ideia do que ela queria dizer até que ela o guiou para dentro dela.

Cerrando os dentes, agora era ele quem tinha que fechar os olhos enquanto ela o deslizava para cima e para baixo em sua fenda molhada. Pelos deuses, ela era quente. Tão quente que o aquecia até as profundezas. Ele queria, não, precisava, mais do que isso. Ele queria estocar nela como ela o havia ensinado. Ele queria senti-la cercando-o e apertando-o enquanto ele se movia.

E então ela estava. Ela afundou os quadris sobre ele e o puxou para baixo até que ela esbarrou em suas escamas.

Ambos engasgaram com a intrusão. Ela era apertada pra caralho. Toda vez.

— Anya, — ele sibilou, enquanto ela se movia para cima e para baixo com os braços apoiados nos ombros dele.

Ela se moveu contra ele, rolando os quadris antes de soltar um longo suspiro. Suas bolhas se juntaram a todas as outras que as cercavam. Ela estava cercada por um caleidoscópio de cores e então disse algo que o deixou ainda mais chocado.

— Eu quero os dois. — Suas palavras saíram ofegantes, e ele jurou que ouviu errado.

— Ambos? — Isso não era algo que seu povo fazia. Eles gostavam de longos encontros sexuais, isso era certo. Dois eram melhores do que um para garantir que uma fêmea fosse fertilizada corretamente, pelo menos era o que as histórias diziam. Ele só gostava de poder ficar com ela por mais tempo do que um homem humano jamais conseguiria.

— Ambos — ela repetiu, o som tão certo que ele não conseguiu argumentar.

Como ela faria isso? Ele não tinha ideia do que ela queria dizer.

Até que ela de repente se afastou dele e segurou os dois paus dele em uma mão. As pontas roçaram uma na outra, uma muito mais quente depois do calor do corpo dela. Ele não conseguia falar. Ele não conseguia respirar. Tudo o que ele conseguia fazer era se segurar enquanto ela o apertava com força em seu pequeno aperto e então o alinhava.

— Anya, talvez devêssemos...

Ela afundou. Só as pontas dentro dela, suas pontas afiladas muito mais fáceis até que ela chegou na parte mais grossa.

Ele sibilou um longo suspiro, e ela olhou para ele, as pupilas dilatadas como se estivesse drogada.

— Porra.

Ele deveria dizer a ela para parar. Ele deveria dizer a ela que isso era perigoso, e ela ainda estava se curando, mas ela tinha acabado de introduzir ele para o próprio céu e quem era ele para negar esse presente? Então Daios segurou suas coxas com cada mão, segurando-a espalhada com aquela mão de metal, e suas teias pressionaram contra sua pele superaquecida.

— Olha como você me aceita bem, — ele murmurou, as palavras acaloradas mal compreensíveis. — Abra bem para mim.

— Daios, — ela choramingou, deslizando mais para baixo nele, mais dele empurrando para dentro de seu corpo.

— Eu sei, — ele sussurrou, seus quadris se movendo para ajudá-la. — Eu sei. Você está tão carente de mim, não está? Você precisa disso?

Ela assentiu, seu lábio inferior preso entre os dentes enquanto ela olhava para onde eles estavam unidos. Juntos, eles o trabalharam dentro dela. Centímetro por centímetro. Até que ele mal conseguia respirar porque estava muito apertado e ela estava choramingando a ponto de preocupação.

— Kalon? — ele perguntou, sua voz pouco mais que áspera.

— Você me preenche tanto — ela sussurrou.

— Observe-nos. — Ele segurou a parte de trás da cabeça dela, trazendo seu rosto para baixo para olhar para eles novamente. — Agora implore por mim.

Aquele gemido novamente quase o fez correr para o fim. Mas ele não faria isso, não quando ela precisava dele bem ali. Ele sabia disso. Ela sabia disso.

Então ela mordeu aquele pequeno lábio que ele queria capturar entre os seus e gemeu:

— Por favor.

Era tudo o que ele conseguia suportar.

Daios bateu nela. Ambos se curvaram um para o outro, testas pressionadas juntas com respirações irregulares enquanto se tocavam. Carne em escama. Coração em coração. Ele estava dentro dela, ambos os seus paus estavam dentro dela e ele não conseguia pensar, porra.

— Mova-se, — ela disse, aquela voz dolorida e áspera. — Mova-se agora, Daios.

E assim ele fez. Ele mergulhou dentro dela uma e outra vez, observando enquanto ela se contorcia em seus braços. Ele pressionou seu polegar naquela conta acima de onde eles se juntavam e a observou se despedaçar em seus braços. Ela apertou-se com tanta força em volta dele que ele viu estrelas, e ainda não era o suficiente. Nunca era o suficiente. Então ele bateu nela com mais força, cada centímetro dele a querendo, precisando dela, sabendo que esta era a única fêmea que seria para ele.

E quando ele veio, ele jurou que isso o mergulhou em outra existência. Uma onde nada jamais existiu além deles.

Enquanto desciam em espiral, ele se afastou para observar a evidência brilhante do amor deles brilhando na água. Pressionando um beijo na cabeça dela, ele a aninhou firmemente em seus braços.

Ele não sabia o que dizer, porque não era muito bom com palavras.

Então, em vez disso, ele levantou o sinal de “eu te amo” como Mira lhe ensinou quando ele perguntou se ela sabia alguma linguagem de sinais que Anya não lhe havia ensinado.

E todos os pedaços feios de sua alma se uniram novamente enquanto ela imitava o sinal e apertava suas mãos juntas. Inteiros. Porque ela o amava como ele não havia percebido que queria ser amado.

EPILOGO

ANYA

— E você acha que isso vai funcionar? — Anya perguntou, olhando para a monstruosidade na frente deles.

— Tenho certeza. — Mira flutuou ao lado dela, sustentada no alto pela cauda de Arges enquanto ele falava com os outros ondinos atrás delas. — Eu mantenho meu trabalho. Eu sei o que vai acontecer quando ligarmos o ar. Acho que essa vai ser a melhor coisa que já construí.

Talvez fosse.

Anya e Mira se davam bem o suficiente, mas o domo era pequeno. Tão pequeno que elas frequentemente se encontravam e às vezes isso ficava um pouco frustrante. Elas perceberam rapidamente que não poderiam viver juntas para sempre.

Anya passou muito tempo com Daios no oceano depois que eles perceberam o quão difícil seria. Ele não se importou. Mas dormir debaixo d'água e depender inteiramente dele para respirar por ela... era um pouco difícil. Ela sabia quando acordou que estava bem, mas os ataques de pânico de sentir que não conseguia respirar estavam realmente a afetando.

Sem mencionar a quantidade de vezes que ela engoliu um bocado gigante de água salgada e acabou tendo que engolir. Seu estômago não aguentava muito mais.

Foi quando Mira decidiu que iriam expandir. Havia muitos materiais sobrando de Alfa. Grandes pedaços de vidro e metal e grandes painéis que eles poderiam usar para criar mais espaço para viver aqui.

Mira queria manter o domo original para si mesma, então uma grande parte dos esforços deles foi para construir uma nova seção. Anya

estava pedindo a Ace esquemas que funcionassem, e Mira os pegou e soldou tudo junto. Uma vez que o interior estivesse pronto e houvesse ar fluindo dentro dele - algo que ela ainda não tinha certeza se seria possível - então Anya poderia entrar e fazer o que mais precisasse ser feito.

Haveria até uma piscina lunar em sua seção. Daios poderia visitá-la sempre que quisesse, e ela estava muito ansiosa para aproveitar seu companheiro sem estar debaixo d'água.

Mesmo agora, o pensamento aqueceu suas bochechas. Ele grunhiu atrás dela, o som tremendo contra suas costas enquanto seu braço apertava sua cintura. O de metal ele deixava de lado ultimamente, a menos que estivesse ajudando a construir a extensão do domo.

Caso contrário, eram só ele e ela.

O braço curto dele se juntou ao outro, e ela abraçou o toco com força contra a barriga.

— Pronta? — Mira gritou.

Todos gritaram e ela sentiu a alegria saindo de seu corpo junto com todos os outros. Ela sabia que eles estavam satisfeitos, mesmo que não funcionasse. Mesmo que eles não tivessem construído todo esse prédio conforme as especificações, pelo menos eles tinham tentado o melhor que podiam.

Ela prendeu a respiração e então observou as janelas drenarem a água. Eles teriam que testar se aquele ar era respirável, é claro, mas... não havia água naqueles cômodos.

Ela poderia entrar lá e decorá-lo como quisesse, viver do jeito que merecesse e fazer... qualquer coisa. Havia ar, o que significava que pelo menos mais quatro cômodos de espaço eram deles. Outro jardim para que não tivessem que racionar vegetais. Um quarto, um chuveiro grande para ambos compartilharem?

Algo retumbou em seu peito e então ela teve que pressionar as

mãos contra a boca porque não tinha certeza de que som tinha acabado de fazer.

Daios riu atrás dela, e um pouco da tensão diminuiu. Ele pressionou a boca no ombro dela enquanto sinalizava na frente dela,

— Você parece feliz.

Ela estava. Ela realmente, realmente estava.

Ela respondeu:

— Acho que nunca estive tão feliz.

E era verdade. Ela tinha fugido de sua gaiola. Liberdade era algo que ela nunca sonhou que seria assim. Ela estava tão feliz, o tempo todo. Explorando o oceano com ele. Beijando-o. Amando-o. Trabalhando para fazer amigos e fazendo tudo ao seu alcance para encontrar aventuras todos os dias.

Daios deu um tapinha na cabeça da androide e sinalizou:

— Como ela está?

Bitsy estava...

— Complicada — ela respondeu.

A androide ainda não tinha voltado a si. Claro, as funções funcionavam. Havia um pequeno disco rígido que havia sobrevivido à explosão e ao subsequente esmagamento contra o crânio de Anya. Mas ela sentia falta das pequenas piadas e gracejos que Bitsy colocava em sua lente a todas as horas do dia. Ela estava começando a entender um pouco disso, e Byte afirmou que Bitsy ainda estava lá. A androide só precisava de tempo para se curar.

Ela não tinha certeza de como um androide se curava, mas... Bem, ela não era de questionar. Se ela pudesse trazer Bitsy de volta algum dia, então ela continuaria a segurar a esperança de que um dia sua amiga retornaria.

— Androides são todos complicados — Daios resmungou, aconchegando-a um pouco mais forte contra seu peito.

— Suponho que sim.

Anya olhou para ver todos tão felizes. Mira e Arges estavam enroscados um no outro agora, e ele a jogou na água com uma risada enquanto eles se desprendiam de seu tentáculo de ar. Mira revirou os olhos, mas flutuou para baixo em seus braços gentilmente e sem problemas.

Alguns dos andarilhos das profundezas ficaram por ali, embora ela não tivesse certeza do porquê. Fortis e seu filho eram uma dupla notável, mas os dois eram assustadores enquanto andavam pelo acampamento.

E então Maketes. Ela tinha uma queda por aquele irmão de barbatanas amarelas. Ele ria o tempo todo, mas ela notou que o riso não estava alcançando seus olhos tanto quanto ela achava que deveria. Quando ela perguntou, ele apenas deu de ombros e gesticulou ao redor dele como se isso fosse uma explicação.

Se ela tivesse que adivinhar, estava começando a doer que ele era o único sem alguém aqui. Tantos pares acasalados. Bem, dois deles. E aqui estava ele, ainda o estranho.

Pelo menos ele tinha Fortis. Tanto quanto qualquer um tinha Fortis.

— Anya! — Mira gritou. — Vamos entrar!

Ela assentiu, querendo nada mais do que fazer isso. Mas então uma mensagem brilhou em sua lente e ela congelou.

Ela leu mais de três vezes, mal notando que Mira e todos os outros estavam dando a ela um olhar estranho. Então ela balançou a cabeça, tirou Bitsy e a entregou para Daios.

Ele também franziu a testa para as palavras, e então ela o observou lê-las novamente.

— Anya? — Mira perguntou, seu tom um pouco mais sério agora. — O que está acontecendo?

— Eu... — Ela não sabia o que dizer.

— Desembucha. Já tivemos mais coisas que deram errado em

nossas vidas do que a maioria das pessoas em um século. Quão ruim é isso?

— Não é ruim. — Ela pegou Bitsy de volta quando Daios ofereceu, olhando para ele como se ele pudesse responder por ela. — É só que... Ace.

Maketes reagiu como se tivesse sido atingido por um raio. Ele enrijeceu, seu corpo inteiro se iluminando com um brilho forte antes de perguntar rapidamente:

— O que há de errado com Ace?

— Nada, irmão. — Daios expeliu água das guelras da garganta, forte o suficiente para agitar o cabelo de Anya. — Ace tem falado com os líderes de Gamma e eles gostariam de uma audiência.

— Aqui? — Arges gesticulou ao redor deles. — Onde hospedaríamos achromos?

— Não, eles querem que enviemos um embaixador para a cidade deles. Para Gamma.

Mira já estava balançando a cabeça.

— Não, isso é uma armadilha. Nenhum de nós vai até sabermos mais sobre isso. Eu sei que Ace é sua amiga, Anya, mas não podemos confiar em ninguém que diz que pode consertar tudo por…

— Eu vou.

As palavras interromperam todos eles. Anya se virou com os outros para ver Maketes flutuando sozinho, suas mãos se torcendo na cintura. Ele suspirou antes de repetir, — Eu vou.

— Ir para onde? — Mira deixou escapar.

— Eu vou para Gamma. — Ele sorriu, aquele sorriso nunca alcançando seus olhos. — Eu sou o único que não tem nada a perder agora, você não acha? Além disso. Eu gostaria de conhecer Ace pessoalmente, se possível.

Anya focou em sua lente para ver que Bitsy já havia enviado aquela

mensagem para Ace. Tudo o que restava era mais uma mensagem de sua amiga, pairando no ar como se todos pudessem vê-la.

Mal posso esperar para conhecê-lo.